

# As Brumas de Avalon



## Livro 4

# Marion Zimmer Bradley

Tradução de Marco Aurélio P. Cesarino

# O Prisioneiro da Árvore

Dia após dia, nas distantes colinas de Gales do Norte, chuva era constante e o castelo do rei Uriens parecia mergulhar em névoa e umidade. As estradas estavam cobertas de lama, os atalhos, inundados pela cheia dos rios que desciam das montanhas e uma fria neblina apoderaram-se da região. Protegida por um manto e um espesso xale, Morgana sentiu que os dedos se enrijeciam ao manipular a lançadeira, que estavam lentos, quando tocavam o tear. Subitamente, levantou-se, deixando cair à lançadeira das mãos frias.

- Mãe, o que está acontecendo? - perguntou Maline, ignorando o ruído estridente no aposento tranqüilo.

- Há um cavaleiro na estrada - respondeu Morgana. Devemos estar preparadas para recebê-lo. - E assim, notando o olhar intrigado da nora, praguejou para si mesma.

Uma vez mais, deixou-se cair num estado quase hipnótico, absorvida no trabalho que executava nos últimos dias. Há muito tempo não tecia. Essa atividade, porém, parecia-lhe uma exceção, pois lhe perturbava o espírito, fazendo-a sucumbir a sua hipnótica e entorpecente monotonia.

Maline olhava para ela com aquele jeito meio desconfiado, meio exasperado que as súbitas visões de Morgana sempre provocavam. Não que acreditasse na existência de algo perverso, ou até mesmo mágico, que as envolvesse – aquele era simplesmente o estranho modo de ser de sua sogra. Ela entretanto, falaria sobre aquelas premonições ao sacerdote, que, uma vez mais, tentaria sutilmente indagar de onde provinham; teria então, de aparentar ingenuidade, fingindo não entender o que lhe perguntavam. Algum dia, muito cansada ou desprevenida, acabaria por revelar seus segredos ao padre. Então ele teria realmente do que falar...

Bem, o que fora feito fora feito; e agora não podia contar com qualquer auxílio. Ela mantinha um bom relacionamento com Pai Eian, que havia sido tutor de Uwayne. Ele era educado demais para ser um padre.

- Diga ao Pai que seu pupilo estará aqui na hora do jantar - disse Morgana, que, mais uma vez, percebeu que falara demais; ela sabia que Maline estava pensando no sacerdote e respondera ao seu pensamento, não a suas palavras. Saiu do quarto, deixando a jovem com os olhos arregalados de espanto.

Durante todo o inverno, que havia sido rigoroso, com chuva, neve e seguidas tempestades, nem um único viajante aparecera. Ela não se animou a fiar, o que faria com que as portas do transe fossem rapidamente abertas. Tecer, agora resultaria provavelmente no mesmo. Pôs-se a confeccionar laboriosamente, as roupas de todas as crianças da família, de Uriens ao mais novo bebê de Maline embora seus olhos; tivessem dificuldade em se fixar para introduzir o fio na agulha. Durante o inverno, não tivera acesso às ervas e plantas frescas, podendo fazer muito pouco com a fermentação de simples e outros medicamentos. Não tinha companhia - suas cortesãs eram as esposas dos soldados de Uriens, mais estúpidas do que Maline; nenhuma delas conseguia proferir mais do que um único verso da Bíblia e ficavam chocadas porque Morgana conseguia ler e escrever e conhecia um pouco de latim e grego. Tampouco podia sentar-se junto a sua harpa. E, assim, passou o inverno num frenesi de tédio e impaciência... o pior inverno, pensava ela, porque a tentação era sempre a de sentar-se, tecer sonhar, desligando-se completamente do mundo.

Seu desejo era seguir Arthur a Camelot ou Acolon, nas batalhas - ocorrera-lhe há três anos quando Acolon poderia passar tempo suficiente na corte para que Arthur o conhecesse e pudesse confiar nele. Acolon levava marca das serpentes de Avalon e isso podia vir a constituir uma ligação preciosa com Arthur. Sentia sua ausência com se fosse uma dor constante; na sua presença ela era com ele sempre a vira - grande sacerdotisa, confiante em seus próprios anseios e em si mesma. Mas esse era um segredo entre eles. Pelas longas e solitárias estações, Morgana experimentava temores e dúvidas permanentes; ser que ela então não passava da imagem que Uriens fazia dela - uma rainha solitária cujo corpo envelhecia enquanto a mente e a alma secavam e murchavam?

Mesmo assim, manteve a mão firme no trabalho doméstico, como uma camponesa ou uma cortesã a que todos poderiam recorrer em busca de conselho e sabedoria. Diziam pelo país afora: A rainha é sábia. Nem mesmo o rei age sem seu consentimento. Os membros da Tribo e os Velhos vi-nham de longe para venerá-la; por isso, decidiu não ir tão freqüentemente ao antigo templo.

Ao chegar a cozinha, iniciou os preparativos para um jantar festivo - ou algo parecido -, como se estivessem chegando ao final de um longo inverno que houvesse bloqueado as estradas. Morgana retirou dos armários fechados um pouco do seu estoque de passas e frutas secas, bem como algumas especiarias, para cozinhar o que lhe restava de carne de porco. Maline diria ao Pai Eian que Uwayne era aguardado no salão para o jantar. Ela mesma transmitiria as notícias ao rei.

Subiu ao quarto de Uriens. Encontrou-o jogando dados preguiçosamente com um de seus soldados; o quarto cheirava a mofo e o ar estava saturado e parado. Ao menos seu longo repouso por causa da febre pulmonar livrou-me da necessidade de compartilhar o leito com ele. Teria sido tão bom, pensava Morgana, conformada, se Acolon tivesse passado este inverno em Camelot com Arthur; teríamos, contudo, assumido riscos perigosos, podendo até ser descobertos.

Uriens pousou o copo de dados e olhou para ela. Estava mais magro e abatido, devido ao prolongado combate contra a febre.

Alguns dias antes, Morgana pensara que ele não sobreviveria e tudo fez para salvá-lo. Em parte porque, a despeito de tudo o que se passara, amava-o e não queria vê-lo morrer. E, também, porque Avaloch seria seu sucessor no trono, quando ele morresse.

- Eu não a vi o dia inteiro. Senti-me sozinho, Morgana - queixou-se Uriens, com ar de reprovação. - Meu amigo Huw, aqui, não é tão interessante para que eu passe o tempo a distrair-me com ele.

- Por quê? - perguntou Morgana em tom de pilhéria. - Deixei-o propositadamente sozinho, por achar que na sua idade avançada talvez tivesse uma preferência especial por rapazes bonitos; se você não o quer, marido, isso significa que posso ficar com ele?

Uriens riu.

- Você está fazendo o pobre homem corar - observou-lhe, quase às gargalhadas. - Mas se você me abandona o dia inteiro, o que posso fazer, a não ser distrair-me um pouco e olhar languidamente para ele e para o cão?

- Muito bem, vim para dar-lhe as boas novas. Você dever ser levado para baixo, até o salão, para o jantar de noite. Uwayne está vindo para cá e chegará antes da hora do jantar.

- Deus seja louvado - comentou Uriens. - Pensei que morreria neste inverno sem ver de novo ao menos um de meus filhos.

- Suponho que Acolon retorne para participar dos festivais de verão. - Morgana sentiu uma fisgada de fome tão forte que chegou a sentir dor, ao pensar nas fogueiras de Beltane, que se realizariam dentro de dois meses apenas.

- O Pai Eian esteve comigo novamente, para que eu proíba os rituais - disse Uriens, irritado. - Estou farto de ouvir suas reclamações. Ele acredita que se derrubarmos o bosque de carvalhos o povo se contentar com a bênção das terras e não se dedicar mais às fogueiras de Beltane. Na verdade, parece que, cada vez mais, a velha prática vem se intensificando; cheguei a pensar que ela diminuiria, ano a ano, à medida que os camponeses fossem morrendo. Estava disposto a deixar que ela perecesse com o Povo Antigo, que não conseguia acostumar-se com os novos hábitos. Se, todavia, os jovens estão agora se voltando para os costumes pagãos, devemos fazer algo... até mesmo acabar com o bosque, se necessário.

Se você fizer isso, cometerei um assassinato, pensou Morgana embora mantivesse a voz controlada e gentil.

- Isso seria um erro. Os carvalhos fornecem boa alimentação para os porcos e para o povo da região; até mesmo aqui tivemos de usar farinha de milho fora da estação. Além disso, há centenas de anos o bosque permanece ali. As árvores são sagradas!

- Você está me parecendo pagã demais, Morgana.

- E pode afirmar que o bosque não é uma obra de Deus? - retorquiu ela. - Por que deveríamos punir as árvores inofensivas, só porque homens estúpidos as utilizam uma forma que Pai Ei não gosta? Pensei que amasse sua terra.

- Sim eu a amo - disse Uriens com evidente impaciência. - Mas Avaloch também crê que devemos corta-las. Assim os pagãos não teriam mais seu local de repouso. Naquele lugar, devemos construir uma igreja ou uma capela.

- Os Velhos são também seus vassalos – advertiu Morgana - e, quando jovem, você realizou o Grande Casamento com a terra. Você privaria o Povo Antigo do bosque que lhes dê alimento e abrigo, assim como da sua própria igreja, construída pelas misericordiosas mãos de Deus e não pelas do homem? Você os condenaria a morrer de fome e sede, se os ritos de Beltane se realizassem em terras devolutas?

Uriens fitou os pulsos enrugados. As tatuagens azuis haviam quase desaparecido e já não passavam de pálidas manchas.

- Têm razão os que a chamam de Morgana das Fadas. O Povo Antigo não poderia ter melhor advogado. Já que defende o refúgio deles, minha cara senhora, pouparei o bosque enquanto viver. Após minha morte, porém, Avaloch deve fazer o que desejar. Pode trazer-me os sapatos e o manto, para que eu possa jantar no salão como um rei e não como um velho senil de camisola e ceroulas?

- Certamente - concordou Morgana - mas não posso ajudá-lo a levantar-se. Huw ter de vesti-lo.

Quando o rapaz terminou seu trabalho; porém ela penteou os cabelos de Uriens e chamou outro soldado, que esperava uma ordem do rei. Os dois homens ergueram-no, fazendo uma cadeira com os braços e conduziram-no até o salão, onde Morgana colocara algumas almofadas sobre o assento, procurando certificar-se de que aquele corpo, velho e magro, ficasse bem acomodado.

Naquele momento ela podia ouvir o alvoroço dos servos e a chegada de cavaleiros ao pátio... Uwayne, pensou, mal conseguindo levantar os olhos enquanto o rapaz era escoltado até o salão.

Era difícil acreditar que aquele cavaleiro, tão alto e jovem, de largas espáduas e com um ferimento de guerra numa das faces, fosse o mesmo menino esquelético que se aproximara dela como um animal selvagem domesticado em seu primeiro ano de solidão e

desespero na corte de Uriens. Uwayne beijou a mão do pai e ajoelhou-se diante de Morgana.

- Meu pai. Querida mãe...

- É bom vê-lo em casa novamente, rapaz – disse Uriens: Os olhos de Morgana, todavia estavam voltados para o outro homem que o seguira até o vestíbulo. Por um momento, não conseguiu acreditar: era como estar vendo um fantasma - se ele estivesse realmente aqui eu o teria visto com a Visão... e logo entendeu. Venho tentando com tamanha dificuldade esquecer Acolon, para não enlouquecer.

Acolon era mais esguio do que seu irmão, além de não ser tão alto quanto ele. Seu olhar voou na direção de Morgana, num lance rápido e furtivo, ao curvar-se para cumprimentar o pai. Sua voz, porém estava inteiramente normal quando se dirigiu a ela:

- É bom estar novamente em casa, minha senhora. .

- É bom tê-los aqui - respondeu ela com firmeza -, a ambos. Uwayne, diga-me, como conseguiu essa horrível cicatriz no rosto? Desde a derrota do imperador Lúcio, pensei que todos os homens houvessem prometido a Arthur que nunca mais criariam problemas!

- O de sempre - sorriu Uwayne com certa leviandade. - Um bandido qualquer que se mudou para uma fortaleza deserta, distraíndo-se com a pilhagem da região e proclamando-se rei. Gawaine, o filho de Lot, acompanhou-me e nos ocupamos dele. Gawaine ganhou uma esposa: a moça é viúva e possui terras consideráveis. Quanto a isto - e tocou levemente a cicatriz -, agarrei o homem enquanto Gawaine lutava com ele - um vil bastardo que lutava com a mão esquerda - e o pus sob minha mira. Mesmo canhoto, preferiria escolher um bom espadachim para lutar comigo qualquer dia desses! Mãe, se você estivesse lá eu não teria um corte como este; e o cirurgião que o costurou tinha mãos de açougueiro! Acha que isso deformou tanto assim o meu rosto?

Morgana aproximou-se, tocando levemente a face golpeada do filho adotivo.

- Você é sempre lindo para mim, meu filho. Mas talvez eu possa fazer algo. . há uma inflamação aí e está inchando; antes de deitar-me, vou preparar-lhe uma cataplasma e logo se sentirá melhor. Isso deve doer.

- Sim - admitiu Uwayne - mas considero-me um homem de sorte por não ter contraído tétano, como um de meus homens. Que morte horrível! - exclamou estremecendo. - Quando a ferida aumentou, pensei que teria o mesmo destino e meu bom amigo Gawaine explicou-me que enquanto eu pudesse beber vinho não haveria perigo – e manteve-me, ao mesmo tempo, bem alimentado. Mãe, juro que estive bêbado por toda uma quinzena! - Deu uma gargalhada. - Daria todos os despojos do castelo daquele bandido por um pouco da sua sopa... Eu não podia sequer mastigar pão ou alimentos desidratados e quase morri de fome. E perdi três dentes...

Ela ergueu-se e observou o ferimento com atenção. - Abra a boca. Assim... - disse ela, acenando para um dos criados. - Traga para o senhor Uwayne um pouco de guisado e algumas frutas frescas - ordenou. - Você não deve fazer, por enquanto, nenhum esforço mastigando alimentos sólidos. Providenciarei isso após o jantar.

- Não vou contrariar suas ordens, mãe. Ainda dói horrivelmente e além disso há uma garota na corte de Arthur que eu não gostaria que me evitasse, como se minha aparência fosse demoníaca - sorriu. Esquecendo-se, porém, da dor de seu ferimento, comeu fartamente e todos riram enquanto contava histórias do reino.

Morgana não se atreveu a olhar para seu outro enteado. Durante toda a ceia, porém, podia sentir os olhos de Acolon sobre si, aquecendo-a como se estivesse sob o sol após um longo período de frio invernal.

Foi uma ceia divertida mas Uriens começava a sentir-se cansado e Morgana chamou a criadagem.

- Este é o primeiro dia que você deixa o leito, meu caro marido, não deve esforçar-se em demasia.

Uwaine levantou-se, pedindo:

- Deixe-me carregá-lo, pai. - Curvou-se e o suspendeu como se fosse uma criança. Acompanhando-o, antes de deixar o salão da ceia, Morgana voltou-se para Maline e recomendou-lhe :

- Cuide de tudo por aqui, Maline; farei um curativo em Uwaine antes de ir deitar-me.

Uriens foi rapidamente acomodado em seu próprio quarto e Uwaine permaneceu de pé, ao seu lado enquanto Morgana se dirigia a cozinha a fim de preparar a cataplasma para o ferimento. Ela precisou manter o cozinheiro acordado encarregando-o de ferver mais água no fogo da cozinha... Deveria ter em seu próprio quarto um braseiro e uma caldeira, se fosse realizar esse tipo de trabalho; por que não pensara nisso antes? Subiu as escadas e pediu a Uwaine que se sentasse para fazer a punção em seu rosto, utilizando-se de compressas umedecidas do vapor de ervas fermentadas. O rapaz gemeu profundamente, assim que a punção começou a drenar o pus da ferida infectada.

- Ah, como isso faz bem, mãe! Aquela garota da corte de Arthur não saberia como fazê-lo. Quando eu a desposar, a senhora lhe ensinaria um pouco de sua arte? O nome dela é Shana e ela é da Cornualha. Era uma das damas de companhia da rainha Isotta. Diga-me, mãe, por que Marcus se autodenomina rei da Cornualha? Pensei que Tintagel pertencesse a senhora.

- E pertence, meu filho, recebi-a de Ygraine e do duque Gorlois e não sabia que Marcus pretendia ali reinar. Marcus então, atreveu-se a proclamar Tintagel como sua?

- Não. A última notícia que tive foi de que não havia por ele nenhum paladino - completou Uwaine. - Sir Drustan, partiu para o exílio na Bretanha...

- Por quê? Ele não era um dos homens de confiança do imperador Lúcio? - perguntou Morgana. Essa conversa sobre as notícias do reino era como um sopro de vida na mortificação daquele lugar desolado.

Uwaine balançou a cabeça.

- Não... comentava-se que ele e a rainha Isotta haviam-se apaixonado. Dificilmente se pode culpá-la... a Cornualha é o fim do mundo; o duque Marcus está velho, senil e seus cortesãos dizem que também é impotente; uma vida muito dura para a pobre coitada, pois Drustan é bonito excelente harpista e ela é profundamente apaixonada por música.

- Você não tem outra novidade da corte a não ser perversidades e esposas alheias? - indagou Uriens, franzindo o cenho enquanto Uwaine ria.

- Bem, instrui Lady Shana no sentido de que seu pai enviasse um mensageiro até o senhor e penso que, amado pai, quando ele vier, você não o recusar. Shana não é rica mas não tenho grande necessidade de um dote. Ganhei o suficiente na Bretanha. Gostaria de mostrar-lhe parte do meu saque e tenho presentes também para minha mãe. - Suspendeu a mão para acariciar o rosto de Morgana, quando esta se aproximou para trocar a cataplasma. - Sei muito bem que você não é uma mulher como aquela distinta senhora Isotta, que não ser capaz de virar as costas a meu velho pai e de bancar a prostituta.

Seu rosto contraiu-se e ela debruçou-se sobre a caldeira de infusão de ervas, franzindo o nariz devido ao cheiro extremamente desagradável. Uwaine imaginava-a a melhor das mulheres e essa confiança lhe era agradável, ainda que se reconhecesse indigna dela.

Ao menos, nunca fiz com que Uriens parecesse um idiota, nem me exibi com qualquer amante diante dele...

- Mas você deveria ir a Cornualha, quando papai puder viajar - aconselhou Uwayne com seriedade, retraindo-se um pouco quando o calor da punção atingiu um novo foco do ferimento infectado. - Mãe, deveria haver um claro entendimento de que Marcus não pode reivindicar o que é seu. Faz tanto tempo que a senhora não aparece em Tintagel, que o povo das ruas deve ter esquecido que tem uma rainha.

- Tenho certeza de que não chegará a tanto - interrompeu Uriens. - Se, todavia eu estiver melhor neste verão, falarei com Arthur sobre esse problema das terras de Morgana, quando for até lá para o Pentecostes.

- E se Uwayne se casar na Cornualha – acrescentou Morgana, pode cuidar de Tintagel para mim. Você gostaria de ser meu castelão, Uwayne?

- Nada me daria tanto prazer, senhora exceto talvez dormir esta noite sem essas quarenta dores de dente diferentes na boca.

- Beba isto - Morgana colocou no vinho um de seus remédios de um pequeno frasco - e garanto que irá dormir.

- Creio que poderia dormir sem isso, cara senhora. Sinto-me tão feliz de estar em casa e em minha própria cama, sob os cuidados de minha mãe... - Uwayne abaixou-se para abraçar o pai e beijou a mão de Morgana.

- Contudo, tomarei seus remédios de bom grado. – Engoliu o vinho com o remédio e acenou para um dos soldados de Uriens, para que o conduzisse até seu quarto.

Acolon aproximou-se e abraçou o pai, dizendo:

- Também vou para o leito, senhora. Existem travesseiros por lá, ou o quarto está vazio e desarrumado? Estive por tanto tempo ausente de casa que imagino encontrar pombos empoleirados naquele velho quarto, onde eu costumava dormir com o Pai Eian martelando o latim em minha cabeça, dando-me palmadas no traseiro.

- Pedi a Maline para certificar-se de que tem tudo de que necessita - informou Morgana - mas vou verificar. Precisar de mim novamente esta noite, meu senhor? - perguntou, dirigindo-se a Uriens -, ou posso também me recolher?

Teve como resposta apenas um tênue ressonar e Huw disse-lhe, acomodando o velho nas almofadas:

- Vá, senhora Morgana. Se ele acordar durante a noite, cuidarei para que nada lhe falte.

Assim que saíram, Acolon indagou:

- O que aflige meu pai?

- Ele contraiu febre pulmonar neste inverno e já não é jovem.

- E você assumiu todo o fardo de seu tratamento - acrescentou Acolon. - Pobre Morgana... - e pegou-lhe a mão; ela contraiu os lábios ao ouvir sua voz serena. Algo pesado e frio, congelado em seu íntimo durante o inverno, começava a derreter-se, dando-lhe a sensação de desfazer-se em lágrimas. Abaixou a cabeça sem encará-lo.

- Então, Morgana... nem uma palavra ou um olhar para mim? - perguntou ele, inclinando-se e tocando-a; ela respondeu-lhe, cerrando os dentes:

- Espere.

E pediu a um dos servos que lhe trouxesse travesseiros novos e um ou mais cobertores.

- Se eu tivesse imaginado que viria, teria providenciado as melhores cobertas e travesseiros e uma cama de palha fresca.

Ele sussurrou-lhe :

- Não é palha fresca que quero em minha cama - mas ela recusou-se a olhá-lo enquanto as criadas preparavam a cama, trazendo água quente e a lamparina e

penduravam sua armadura e demais apetrechos. Assim que se retiraram ele acrescentou : - Posso ir ao seu quarto mais tarde, Morgana ?

Ela sacudiu a cabeça:

- Virei ao seu encontro... Tenho motivos para me ausentar de meu quarto durante a madrugada, pois desde que seu pai adoeceu vêm freqüentemente me buscar e você não deve ser encontrado - e pressionou-lhe rápida e silenciosamente os dedos. Era como se a mão de Acolon a queimasse. Acompanhada então, de um criado, fez as últimas rondas pelo castelo para certificar-se de que tudo estava trancado e em segurança.

- Deus lhe conceda uma boa noite, minha senhora - disse ele, fazendo uma reverência e saiu. Movendo-se cautelosamente ela atravessou em silêncio o vestíbulo, onde os soldados repousavam; ao longo da escada, passou pelo quarto onde Avaloch e Maline dormiam com as crianças – o mesmo quarto que o jovem Conn ocupara com seu tutor e os irmãos de criação, antes de o pobre rapaz sucumbir a febre pulmonar.

Na ala mais afastada ficavam o quarto de Uriens, que ela, agora, tinha reservado para si mesma, outro quarto, usualmente destinado aos hóspedes mais importantes e, no outro extremo, o quarto onde instalara Acolon. Caminhou furtivamente em direção aos aposentos dele, com a boca ressequida, desejando que Acolon tivesse o bom senso de deixar a porta entreaberta... As paredes eram velhas e pesadas e ninguém além dele deveria ouvi-la.

Olhou para dentro de seu próprio quarto; entrou rapidamente e desarrumou os lençóis. Sua serva, Ruach era velha e surda e durante o inverno Morgana a amaldiçoara por sua surdez e ignorância; porém, agora, isso lhe seria útil... Ainda assim, não deveria acordar pela manhã e encontrar o leito de Morgana intacto; mesmo velha, Ruach sabia que o rei Uriens não se sentia suficientemente bem para compartilhar seu leito com a rainha.

Quantas vezes disse a mim mesma que não me envergonho do que faço... mas ela não queria ver-se envolvida num escândalo, ou nada conseguiria. Odiava entretanto, a necessidade de sigilo e reserva.

Acolon deixara a porta entreaberta. Morgana entrou no quarto em silêncio, com o coração batendo violentamente e girou a maçaneta; viu-se arrebatada num impetuoso abraço que fez arder de desejo todo o seu corpo. Os lábios de Acolon colaram-se aos seus como se ansiassem por isso tanto quanto ela... Era como se toda a dor e a desolação do inverno desaparecessem e seu corpo se transformasse em gelo que se derretia... Parecia encher e transbordar. Apertou o corpo contra o de Acolon esforçando-se para não chorar. Sua resolução de que Acolon não devia ser mais do que um sacerdote da Deusa, de não permitir nenhuma ligação íntima entre eles, havia sido quebrada em face da selvagem voracidade que havia nela. Sentira um enorme desprezo por Gwenhwyfar, que escandalizara a corte e desonrara seu rei, já que ele não podia satisfazê-la. Agora, porém, nos braços de Acolon, todo o seu propósito se desfazia. Entregou-se a ele e deixou que a carregasse para o leito.

A madrugada já terminava quando Morgana despertou ao lado de Acolon, que permanecia profundamente adormecido; passou os dedos pelos cabelos dele, beijando-o com ternura e retirou-se do quarto. Permanecera acordada temia dormir demasiado e ser surpreendida ali, quando já fosse dia. Amanheceria em menos de uma hora. Esfregou os olhos congestionados. Em algum lugar lá fora, um cão latia uma criança chorava e era aflagada, os pássaros cantavam no jardim. Olhando por uma estreita fenda no muro, Morgana pensava: Na próxima lua, a esta hora, já seria pleno dia. Por um instante, apoiou-se ao muro, arrebatada pelas lembranças da noite anterior. Eu nunca soube, dizia para si mesma eu nunca soube o que é ser simplesmente mulher. Dei luz uma criança estive casada por catorze anos e tive amantes... mas nunca soube, nunca...



Sentiu uma pesada mão tocar-lhe o braço. A voz rouca de Avaloch perguntava -  
lhe:

- O que está fazendo aqui, garota espreitando a casa a esta hora?

Ele a tomara evidentemente, por uma das criadas, algumas das quais eram baixas e escuras, com o sangue dos Antigos.

- Deixe-me ir, Avaloch - disse-lhe ela, olhando para o rosto do enteado, oculto pela escuridão. Ele era grande e escuro, tinha barba abundante, olhos pequenos e encovados. Acolon e Uwayne eram homens bonitos e podia-se ver que Uriens, algum dia, também tinha sido belo. Mas não Avaloch.

- Ora, minha querida mãe! - espantou-se ele, recusando largá-la e arqueando-se exageradamente. - Repito, o que estava fazendo aqui a esta hora?

A mão dele permanecia em seu braço; ela retirou-a violentamente, como se um inseto a picasse.

- Devo agora prestar contas a você daquilo que faço? Esta casa é minha e desloco-me por ela como bem entendo, é minha única resposta. Ele me repugna tanto quanto eu a ele, pensou.

- Não brinque comigo, senhora - disse Avaloch.- Por acaso não sei em que braços passou a noite?

Respondeu-lhe rispidamente : .

- E você agora que se utiliza de magia e da Visão? Ele baixou a voz, dizendo-lhe em tom irônico:

- Evidentemente, deve achar aborrecido estar ligada a um homem com idade para ser seu pai mas eu jamais feriria os sentimentos do meu, contando-lhe onde sua esposa passa as noites, a não ser que... envolveu-a com o braço e puxou-a com força para junto de si. Inclinando-se; mordeu-lhe o pescoço e sua barba cerrada a arranhava, a não ser que passe algumas delas comigo.

Desvencilhou-se dele, tentando dizer-lhe em tom jocoso:

- Ora, vamos, Avaloch, por que iria perseguir sua madrasta, quando a Virgem da Primavera é sua e pode conquistar todas as do vilarejo, se quiser?.

- Mas eu sempre a vi como uma linda mulher - respondeu-lhe enquanto sua mão deslizava para acariciá-la escorregando pelo corpete meio solto de seu vestido. Ela desvencilhou-se novamente e o rosto dele crispou-se:- Por que bancar a ingênua donzela comigo? Foi Acolon ou Uwayne, ou ambos de uma só vez?

Encarou-o furiosamente.

- Uwayne é meu filho. Eu sou a única mãe de quem ele pode se lembrar!

- Devo acreditar que isso a impediria de agir, senhora Morgana? Era comum ouvir-se na corte de Arthur que você era a amante de Lancelote e que tentou afastá-lo da rainha e que dividia seu leito com o Merlim. Diziam, ainda, que não cessou de manter o amor proibido com seu próprio irmão, motivo pelo qual o rei a expulsou do reino, decidido a não mais se deixar desviar dos desígnios cristãos. Por que iria, justamente, recusar seu enteado? Uriens por acaso sabe que tipo de prostituta incestuosa ele tomou por esposa, minha senhora?

- Uriens sabe tudo sobre mim, inclusive coisas que jamais precisaria saber - respondeu Morgana, surpresa por sentir sua voz tão segura. - Quanto ao Merlim, éramos ambos livres e nenhum de nós devia nada às leis do reino cristão. Seu pai sabia disso e absolveu-me. Ninguém, a não ser ele, tem o direito de pronunciar-se sobre minha conduta desde então e quando ele o fizer eu lhe responderei, sem ser preciso fazê-lo diante do senhor, Sir Avaloch. Agora vou para meu próprio quarto e aconselho-o a fazer o mesmo.

- Então, a senhora invoca as leis pagãs de Avalon? - zombou Avaloch. - Meretriz, como se atreve a afirmar que é tão boa? - Agarrou-a com força; seus lábios colaram-se aos dela. Morgana fincou-lhe as unhas afiadas no ventre; Avaloch soltou um gemido e deixou-a desvencilhar-se, com um grito de cólera. Ela investiu furiosamente:

- Eu nada afirmo. Não preciso prestar contas de minha conduta a você e se falar com Uriens, dir-lhe-ei que você pôs as mãos em mim de forma pouco gentil para a esposa de seu pai e veremos em quem ele acreditar .

Avaloch grunhiu :

- Deixe-me dizer-lhe, senhora, que pode manobrá-lo como quiser mas ele está velho e no dia em que eu me fizer rei nesta terra esteja certa de que não mantereí o perdão concedido àqueles que nela viveram só porque meu pai não pôde esquecer que um dia ele abrigou as serpentes.

- Não me diga - respondeu ela ironicamente.- Primeiro, você faz propostas amorosas a esposa de seu pai e depois se vangloria de quão bom cristão ser quando esta terra lhe pertencer!

- Você me enfeitiçou primeiro, meretriz!

Morgana não conseguia conter o riso.

- Enfeitiçar você? E por quê? Avaloch, se todos os homens desaparecessem da Terra exceto você eu preferiria dormir com os animais da floresta! Seu pai pode ser bastante velho para ser meu avô mas eu preferiria dormir com ele a deitar-me com você! Pensa que tenho ciúmes de Maline todas as vezes que você desce ao vilarejo para vê-la cantar durante a época da colheita ou do festival da primavera? Se eu fizesse um encantamento, não seria para celebrar sua masculinidade e sim para destruí-la! Agora, tire as mãos de cima de mim e volte para o braços de quem quer que o deseje, porque se me tocar novamente, com um dedo sequer, serei obrigada a destruir sua virilidade!

Ele acreditava em seus poderes; isso ficou evidente pela forma como se despediu dela. O Pai Eian, porém, acabaria ouvindo algo a esse respeito e procuraria saber dela a verdade desses fatos, como também de Acolon e dos serviçais, voltando a Uriens para insistir em que ele cortasse o bosque sagrado e extinguisse o velho hábito. Avaloch não descansaria enquanto não conquistasse todo o reino. Odeio Avaloch! Morgana surpreendia-se por sentir que sua raiva era tísica, uma dor pungente no peito, um tremor que lhe percorria todo o corpo.

Um dia já tive orgulho de meus atos; uma sacerdotisa de Avalon nunca mente. Existe agora, porém, algo cuja verdade devo esconder. Até mesmo Uriens me olharia como uma esposa infiel, que partilha secretamente o leito de Acolon por mera luxúria... Chorava de ódio, ao lembrar-se das mãos quentes de Avaloch acariciando-lhe o peito e o braço. A partir desse instante; mesmo que Uriens acreditasse em suas palavras, cedo ou tarde acabaria sendo acusada e vingada. Ah, pela primeira vez em muitos anos, senti-me feliz e agora está tudo arruinado...

O sol começava a despontar. Os criados logo estariam de pé e ela devia ocupar-se dos preparativos para os afazeres do dia. Seria apenas um sonho? Uriens devia permanecer no leito; Avaloch, certamente, não incomodaria o pai nesse dia. Ela precisava ainda ferver algumas ervas medicinais para o ferimento do rosto de Uwayne e a raiz de um de seus dentes também deveria ser extraída.

Uwayne amava-a - não acreditaria de forma alguma nas acusações que Avaloch pudesse fazer contra ela. Sentiu uma fúria incontrolável arrebatá-la novamente o espírito, ao lembrar-se das palavras malditas: Foi Acolon ou Uwayne, ou ambos de uma só vez? Sou muito mais mãe de Uwayne do que se o tivesse dado a luz! Que tipo de mulher ele pensa que sou? Haveria, realmente, aquele rumor na corte de que teria praticado incesto

com o próprio Arthur? Como posso então em face disso, prazer Arthur para conhecer Gwydión, seu filho? Galahad é o herdeiro de Arthur mas meu filho também deve ser reconhecido, juntamente com a linhagem real de Avalon. É bom que não existam mais escândalos envolvendo-me, nem tampouco uma única suspeita de que eu tenha cometido incesto com meu enteado. .

Espantou-se um pouco consigo mesma. Mergulhara num ódio desenfreado quando soubera que seria mãe de um filho de Arthur e agora parecia-lhe algo natural; acima de tudo ela e Arthur jamais se haviam conhecido como irmãos. Uwayne, porém - com quem não possuía laço de parentesco - era um filho mais distante do que Gwydion; ela adotara Uwayne.

Mas nada poderia ser feito agora. Morgana foi à cozinha e ouviu o cozinheiro queixar-se de que todo o bacon acabara, que as despensas estavam praticamente vazias e que seria impossível alimentar a todos os recém-chegados.

- Então precisamos que Avaloch vá caçar hoje - concluiu Morgana, que abordou Maline nas escadarias, quando esta levava a taça matinal de vinho quente para o marido. Maline indagou :

- Eu a vi conversando com Avaloch, o que tinha ele para lhe dizer?. - e franziu um pouco a sobrancelha. Lendo os pensamentos da nora, como facilmente fazia com mulheres tão estúpidas, Morgana percebeu que ela a temia e invejava; Maline conjeturava como Morgana podia estar ainda tão bem conservada enquanto ela se sentia cansada e envelhecida pelos partos anteriores e como podia ter cabelos negros tão acetinados, quando ela, Maline, ocupada com as crianças, jamais encontrava tempo para pentear e trançar os seus, para deixá-los brilhantes.

Morgana respondeu francamente, desejando, contudo, ferir os sentimentos da nora:

- Falávamos de Acolon e de Uwayne. Mas as despensas estão quase vazias e Avaloch precisa ir caçar um javali.

- Subitamente, vislumbrou o que deveria fazer e por um instante permaneceu imóvel, ouvindo Niniane dizer-lhe em pensamento e memória: Acolon deve suceder a seu pai e sentia a própria voz replicando. Maline mantinha-se parada a sua frente esperando que ela terminasse o que estava dizendo enquanto Morgana rapidamente recuperava o controle dos sentidos. - Diga-lhe que é preciso sair à caça de um javali, hoje mesmo, se puder, ou amanhã, senão acabaremos com todo o suprimento de farinha que nos resta.

- Irei certamente falar-lhe, mãe. Ele ficará contente em ter uma desculpa para se ausentar. - Pelo tom lamuriante de Maline, Morgana percebeu, aliviada, que para ela não podia haver nada pior.

Pobre mulher; casada com aquele porco. Magoada, lembrou-se exatamente do que Avaloch lhe dissera: No dia em que for o rei desta terra, não mantereí o perdão concedido àqueles que nela viveram só porque meu pai, um dia, abrigou as serpentes.

Essa era então, o objetivo de Morgana: certificar-se de que Acolon fosse o sucessor de seu pai, não para seu próprio bem ou por vingança mas por amor ao velho culto que ela e Acolon haviam trazido de volta a essa terra. Se tivesse, ao menos, meia hora para contar tudo a Acolon ele iria caçar com Avaloch e não duvido que resolveria o problema. E pensava então, fria e calculadamente: Devo manter as mãos limpas e deixar que Acolon cuide disso?

Uriens estava velho mas devia viver de um a cinco anos mais. Agora que Avaloch sabia de tudo ele trabalharia com Pai Eian para neutralizar qualquer influência que Acolon e Morgana pudessem ter e tudo o que tinham feito seria destruído.

Se Acolon quer este reino, terá de certificar-se disso. Se Avaloch for envenenado, serei eu que morrerei como feiticeira. Por outro lado, se encarregasse Acolon dessa missão, tudo seria muito semelhante àquela antiga balada que começava com o verso Dois irmãos foram caçar... ô

Devo avisar Acolon e deixá-lo agir a seu modo? Confusa e sem saber ainda o que faria, subiu ao encontro de Acolon no quarto de seu pai e logo ao entrar ouviu-o dizer:

- Avaloch vai caçar javali hoje, pois as despensas estão quase vazias. Irei com ele. Faz muito tempo desde que cacei pela última vez em meus próprios domínios.

- Não - interrompeu-o bruscamente Morgana. - Fique hoje com seu pai. Ele precisa de você e Avaloch tem muitos caçadores para ajudá-lo.

Ela pensava: De algum modo, devo dizer-lhe o que pretendo fazer e conteve-se por alguns instantes. Se Acolon soubesse o que havia planejado - mesmo que ela não tivesse ainda certeza da forma que sua necessidade tomaria -, jamais consentiria nisso exceto talvez em seu primeiro acesso de ódio ao ouvir o que Avaloch lhe dissera.

E se consentisse, pensava ela embora acreditasse conhecê-lo melhor do que ninguém embora minha fome pelo seu corpo pudesse me iludir e ele talvez seja menos honrado do que imagino - se ele consentisse em tomar parte nisto, tornar-se-ia um assassino de um parente próximo e seria amaldiçoado por isso. Não seria então, alguém em quem eu pudesse confiar quanto ao que deve permanecer em segredo entre nós. Avaloch é meu parente apenas pelo casamento: não existe qualquer laço de sangue a nos desonrar. Só existiria culpa se eu tivesse tido um filho de Uriens. Sentia-se agora feliz por jamais ter dado um filho ao marido.

- Deixe que Uwayne fique hoje com papai; a ferida de seu rosto ainda está cicatrizando; e ele deve ficar em casa, perto da lareira - disse Acolon.

Como posso fazê-lo entender? Não deve sujar as mãos; deve estar aqui quando as notícias chegarem... O que posso dizer-lhe para fazê-lo entender como isso é importante, talvez a coisa mais importante seja lhe pedir? A urgência e a impossibilidade de fazê-lo ouvir o que dizia seu íntimo tornaram mais áspera sua voz.

- Fará o que digo sem objeções, Acolon? Se estiver ocupada tratando do ferimento de Uwayne, não terei tempo para cuidar tão bem de seu pai e freqüentemente ele tem sido deixado aos cuidados da criadagem até bem tarde! E se Deus estiver comigo, seu pai tem mais necessidade do que nunca de você, antes que este dia termine...

Falava muito rápido, pensando que Uriens não entenderia suas palavras.

- Como sua mãe eu lhe peço - disse-lhe mas o que transmitia a Acolon, com toda a força de seus pensamentos era: Pela Mãe eu te ordeno... - Obedeça-me - acrescentou, afastando-se um pouco de Uriens, de modo que somente Acolon a visse e tocou a meia-lua desenhada em sua testa. O rapaz fitou-a, intrigado, de forma indagadora mas ela afastou-se sacudindo com negligência a cabeça e pensando que finalmente ele compreenderia o que não podia dizer-lhe. Franzindo a sobancelha ele respondeu-lhe:

- Certamente, se o deseja tanto assim. Não é nenhuma tarefa árdua ficar com meu pai.

Morgana viu Avaloch partir pela manhã com quatro caçadores e enquanto Maline se encontrava no salão inferior entrou furtivamente em seu quarto de dormir, procurando algo em meio a confusão de roupas sujas das crianças e dos mais jovens. Finalmente encontrou um pequeno bracelete de bronze que vira Avaloch usar. Havia também alguns objetos de ouro na arca de Maline mas não se atreveu a pegar qualquer coisa mais valiosa, de que poderiam sentir falta quando a criada de Maline viesse arrumar o quarto. Como havia pressentido, a criada chegou e, vendo-a, perguntou-lhe :

- O que deseja, senhora?

Morgana fingiu contrariedade:

- Não posso viver numa casa que é mantida como uma pocilga! Veja todas essas fraldas sujas; elas fedem a urina de criança! Leve tudo embora e dê a lavadeira, depois suba para limpar e arranjar este quarto, ou ser que terei de fazer a limpeza eu mesma?

- Não, minha senhora - disse a criada, apressando-se em pegar a roupa imunda que a patroa lhe atirava. Morgana escondeu o bracelete de bronze no corpete e desceu a fim de pegar água morna com o cozinheiro, para o ferimento de Uwayne; isso devia ser feito em primeiro lugar e de certo modo precisava dar algumas ordens para que pudesse ficar livre e sozinha durante a tarde... Pediu ao melhor cirurgião que trouxesse seus instrumentos e fez com que Uwayne se sentasse e abrisse a boca para que ela pudesse encontrar a raiz quebrada de um dos dentes. O rapaz suportou pacientemente a busca, portando-se de forma estóica (até que o dente se quebrou e teve de ser arrancado; felizmente estava dormente e inchado) e quando, por fim, o dente foi extraído completamente, Morgana pingou um pouco de seu mais forte entorpecente no ferimento do rosto e aplicou-lhe nova cataplasma. Finalmente, desincumbiu-se de tudo e Uwayne deitou-se na cama após ter bebido um grande gole de licor; resmungando, argumentou que cavalgara e até mesmo lutara quando se encontrava em piores condições do que aquela mas ela ordenou-lhe firmemente que se deitasse para que os medicamentos surtisser efeito completo. Assim, Uwayne também estaria a salvo do problema e livre de qualquer suspeita. E uma vez que Morgana mandara as criadas à lavanderia, Maline não as encontrou e começou a queixar-se.

- Se desejarmos novas roupas para o Pentecostes e se Avaloch quiser que seu manto fique pronto e como a senhora não gosta de fiar, mãe, devo tecer o manto de Avaloch, pois todas as servas estão esquentando as caldeiras de água para a lavagem ou movendo as pás do moinho...

- Oh, querida, havia-me esquecido... - fingiu Morgana. - Bem, não há como fugir disso, devo fiar um pouco, a não ser que você me deixe tecer. Melhor do que o bracelete, pensava ela, um manto feito para ele, sob medida, pela, própria esposa.

- A senhora o faria então, mãe? Mas a senhora tem ainda o novo manto do rei por fazer, no outro tear...

- Uriens não precisa dele tanto quanto Avaloch. Far-lhe-ei o manto. E quando eu terminar, pensou enquanto um tremor lhe atravessava o coração, não ter mais necessidade dele.

- Então eu fiarei - propôs Maline -, ser-lhe-ei muito grata, mãe, a senhora tece melhor do que eu. - Aproximou-se de Morgana e apertou-lhe carinhosamente a bochecha. - Sempre foi boa comigo, senhora Morgana.

Não sabe entretanto, o que estarei tecendo hoje, criança.

Maline sentou-se e pegou a roca de fiar. Por um momento ficou estática, pressionando as mãos sobre as costas..

- Não está se sentindo bem, nora?

- Não é nada, minhas regras estão quatro dias atrasadas. Temo que esteja novamente grávida e tinha pensado que poderia ter um bebê em outro ano - respondeu com um suspiro. - Avaloch possui muitas mulheres no vilarejo mas acredito que ele nunca perde a esperança de que eu possa dar-lhe outro filho para tomar o lugar de Conn! Ele não liga para as meninas, nem sequer chorou quando Maeva morreu no ano passado, assim que entrei em trabalho de parto. Quando soube que era outra menina, ficou realmente furioso comigo. Morgana, a senhora conhece alguma simpatia, poderia ensinar-me como gerar um menino da próxima vez que estiver grávida?

Morgana sorriu, trançando os fios na lançadeira. Depois, acrescentou:

- Pai Eian não vai gostar de você me pedir alguma simpatia. Ele lhe recomendaria rezar a Virgem Mãe por um filho.

- Ora, o filho dela foi um milagre e começo a pensar que se eu tiver outro menino, isso sim, seria outro milagre. Mas talvez seja apenas esse horrível mau tempo.

- Dar-lhe-ei um chá para isso - disse Morgana. - Se você está realmente grávida ele não lhe fará mal mas se for apenas um atraso provocado pelo mau tempo, suas regras logo virão.

- É uma de suas fórmulas mágicas de Avalon, mãe?

Morgana sacudiu a cabeça negativamente.

- E uma erva conhecida, nada mais. - Foi a cozinha e pôs a chaleira para ferver. Quando o chá ficou pronto, trouxe-o para Maline e recomendou-lhe: - Beba o mais quente que puder e agasalhe-se com o xale enquanto estiver fiando. procure manter-se aquecida.

Maline esvaziou a pequena caneca de barro, fazendo uma careta ao sentir o gosto:

- Ugh, é horrível!

Morgana sorriu:

- Deveria ter posto um pouco de mel, como faço com os chás que preparo para as crianças, quando têm febre.

Maline suspirou, pegando o fuso e a roca novamente:

- Gwyneth já está na idade de aprender a fiar; eu já o fazia quando tinha cinco anos.

- Eu também mas peço-lhe, deixe a lição para outro dia, porque enquanto eu estiver tecendo aqui, não quero barulho nem confusão.

- Bem, pedirei então a ama-de-leite que mantenha as crianças do outro lado, na galeria - disse Maline e Morgana tirou-a da mente, movendo a lançadeira lentamente através do tecido e certificando-se de que acompanhava o desenho. Era um pano xadrez marrom e verde, que não exigia esforços de uma boa tecelã; logo que contou automaticamente os fios, não precisou dedicar muita concentração aquilo que fazia... fiar teria sido melhor. Havia, porém enfatizado de tal modo sua aversão por essa tarefa, que se o fizesse voluntariamente nesse dia isso seria lembrado.

A lançadeira atravessava suavemente o tecido: verde, marrom, verde, marrom; de dez em dez carreiras, a outra lançadeira levantava-se, mudando a cor. Ela ensinara Maline a tingir nesse tom de verde, uma arte que aprendera em Avalon - verde das folhas tenras da primavera, marrom da terra e das folhas caídas onde o javali passara na floresta, a procura de grãos - enquanto a lançadeira deslizava pelo tecido, o pente ia cerrando as carreiras de fios. Suas mãos moviam-se automaticamente, para dentro, para fora e em diagonal, corriam pelo bastidor e pegavam a lançadeira do outro lado. Será que o cavalo de Avaloch escorregaria e cairia, fazendo com que Avaloch quebrasse o pescoço, livrando-lhe daquilo que devo fazer? Sentiu um frio repentino e estremeceu, decidida a esquecer tudo aquilo e concentrando-se na lançadeira a deslizar para dentro e para fora das carreiras, para dentro e para fora, deixando que as imagens florescessem e tornassem forma, vendo Acolon no quarto de Uriens a jogar dados com o pai, Uwaine adormecido, as voltas com a dor do ferimento do rosto até mesmo em sonho - agora entretanto, iria cicatrizar... talvez um javali contra-atacasse e os caçadores de Avaloch fossem muito lentos e não chegassem a tempo de ajudá-lo...

Eu disse a Niniane que não mataria. Nunca diga dessa água não beberei. . uma imagem veio-lhe a mente e era o Poço Sagrado de Avalon, a água brotando com a

primavera. A lançadeira rilhava a cada movimento, verde e marrom, verde e marrom, como os raios do sol caindo sobre as folhas verdes na terra marrom; onde as brisas primaveris corriam alegres, brincando com o bosque marrom... a lançadeira começava a disparar, mais e mais rápida e o mundo começava a escurecer ante seus olhos... Deusa! Por onde corre a senhora na floresta com a vida passageira do cervo... todos os homens estão em suas mãos e todas as bestas...

Anos atrás ela tinha sido a Virgem Caçadora, abençoando o Galhudo e ordenando-lhe que seguisse o cervo, para que, se a Deusa assim o quisesse; o conquistasse ou morresse. Ele retornara... agora já não era mais aquela Virgem exercendo todo o poder da Caçadora. Como Mãe, com o poder absoluto da fertilidade, invocara as palavras mágicas para levar Lancelote a cama de Elaine. A maternidade para ela, todavia, terminara no sangue derramado pelo nascimento de Gwydion. Sentava-se agora ali com a agulha nas mãos e invocava a morte, como a sombra da Velha Ceifeira. Todos os homens se encontram em suas mãos, para viver ou morrer, Mãe...

A lançadeira palpitava vertiginosamente; aparecendo e desaparecendo de sua vista, verde, marrom, verde, como as folhas e o labirinto da floresta, por onde corriam os animais... o javali farejando e fungando, farejando por toda parte com suas longas presas, a porca com seus filhotes pulando ao redor, para dentro e para fora de um arvoredo... a lançadeira soltou-se de suas mãos e ela não viu mais nada, apenas ouviu o resfolegar do suíno na floresta.

Ceridwen, Deusa, Mãe, Velha Ceifeira, Grande Corvo... Senhora da Vida e da Morte... Grande Porca, devoradora de seus jovens... Eu a chamo eu a invoco... se for realmente o que ordena, cabe a senhora levá-lo até o fim... o tempo corria célere a sua volta; chegou a uma clareira, onde o sol queimava suas costas enquanto corria com o Gamo-Rei. Movia-se no meio da floresta, suavemente, fungando: sentiu-se reviver, ouvindo os caçadores galopando e gritando: Mãe! Grande Porca...

Morgana percebia num ponto distante de sua mente que suas mãos continuavam a se mover com segurança, verde e marrom, marrom e verde mas, com as pálpebras caídas, não podia ver o quarto ou as carreiras que tecia; apenas os córregos esverdeados por entre as árvores, a lama e as folhas mortas durante o inverno, que estalavam sob seus pés como se caminhasse sobre as quatro patas na fragrante relva... sinto a vida da Mãe, lá, por entre as árvores... atrás dela ouviam-se os grunhidos e guinchos dos porquinhos, as presas vasculhando a terra em busca de raízes escondidas e outros grãos... marrom, verde, verde e marrom...

Semelhante a um choque em seus nervos, como algo que lhe atravessasse o corpo, ouviu o som do galope na floresta, os gritos longínquos... estava sentada, completamente imóvel diante do tear, fazendo carreiras marrons alternadas com o verde, ponto por ponto; somente seus dedos tinham vida mas, com uma crescente sensação de terror e um ímpeto de cólera, continuou deixando que a vida do suíno corresse pelo seu corpo...

Deusa! Não deixe o inocente sofrer... os caçadores nada são para você... Ela não tinha como ajudar; olhava, aterrorizada e estremeceu ao sentir cheiro de sangue, sangue de seu companheiro... sangue derramado do grande javali mas isso não lhe dizia coisa alguma. Como o Gamo-Rei ele deve morrer... quando sua hora chegar, seu sangue deve derramar-se sobre a terra. Atrás dela, ouvia os guinchos dos porquinhos assustados; subitamente, sentiu a vida da Grande Deusa correr em suas entranhas e Morgana já não sabia se era ela ou a Grande Porca. Ouviu seu próprio grunhido, como ocorrera quando em Avalon, levantara as mãos e incorporara os fluidos da Deusa. Atirou a cabeça para trás, guinchando desesperadamente, ouvindo os gritos de seus filhotes, que davam pequenos

coices, pulando sobre sua cabeça, correndo em círculos... verde e marrom sob seus olhos, uma lançadeira insignificante e imperceptível nos dedos automáticos... então enfurecida pelos estranhos odores de sangue e ferro e vendo-se repentinamente diante de um inimigo sobre duas pernas que cheirava a aço, sangue e morte, percebeu que seu próprio corpo caía. Ouviu gritos e sentiu a quente punhalada metálica enquanto o vermelho lhe embaçava os olhos através do marrom e do verde da floresta. As presas caíam, o sangue escorria e esguichava enquanto a vida lhe saía do corpo numa dor lancinante, até que nada mais viu ou sentiu... e a lançadeira continuava sob seu controle, tecendo: marrom, verde, marrom, sobre a agonia em seu ventre. O vermelho escorria através de seus olhos e seu coração batia violentamente; ainda ouvia os gritos do quarto em silêncio, onde não havia outro ruído a não ser o dos movimentos que faziam girar a roca... Permaneceu em silêncio em transe exausta. Seu corpo caiu sobre o tear e ali permaneceu, imóvel. Depois de algum tempo, ouviu Maline falar mas não se mexeu nem lhe respondeu.

- Ah! Gwyneth, Morgana, mãe, você está doente? Oh, céus, sempre que começa a tecer sobrevêm esses acessos. Uwaine! Acolon! Acudam, a mãe desmaiou! Morgana sentia a mulher esfregar-lhe incansavelmente as mãos e chamar seu nome. Ouviu também a voz de Acolon, sentindo que ele a levantava, carregando-a nos braços. Não podia mover-se ou falar - deixou que a deitassem na cama e lhe trouxessem vinho para reanimá-la. Sentia o líquido a lhe escorrer pela garganta, queria dizer que estava bem e que a deixassem em paz mas ouviu sua própria voz soltar um pequeno gemido. Tratava-se ainda da agonia que a dilacerava, sabendo que a Grande Porca a libertaria, com sua morte. Deveria, porém, sofrer primeiro os espasmos fatais... e mesmo que permanecesse ali, cega, desacordada e agonizante, podia ouvir o som da trompa de caça e sabia que estavam trazendo Avaloch de volta para casa, morto em seu cavalo, assassinado pela porca selvagem que o atacara momentos antes de ele ter matado o javali. Por seu turno ele matara a porca - morte e sangue, renascimento e fluxo de vida dentro e fora da floresta, como os movimentos da agulha...

Algumas horas se passaram. Ainda não podia mexer sequer um músculo sem sentir uma opressiva e terrível dor. Não escaparei totalmente impune dessa morte mas as mãos de Acolon estão limpas... Levantou os olhos até ele. Estava inclinado sobre ela, preocupado e apreensivo. Ficaram a sós por um momento.

- Já pode falar agora, meu amor? - sussurrou-lhe.

- O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça em sinal de que não podia falar mas sentiu-lhe as mãos tocá-la com ternura, bem-vindas. Sabe o que fiz por você, querido?

Ele curvou-se sobre ela e beijou-a. Nunca saberia quão próximo tinham estado de ser descobertos e derrotados.

- Devo retornar para junto do pai - disse-lhe afetuosamente e com certo embaraço. - Ele está chorando e diz que, se eu tivesse acompanhado meu irmão ele não teria morrido! Meu pai sempre me culpa por isso. - Seus olhos negros pousaram sobre os dela, transparecendo neles uma sombra de inquietude. - Foi você quem me ordenou que não fosse. Você previa isso com sua magia, bem-amada?

Morgana encontrara um fio de voz em meio a dor de sua garganta.

- Foi o desígnio da Deusa para que Avaloch não destruísse o que já fizemos aqui. - Tentou, com grande dificuldade, mover um dedo, para traçar a serpente tatuada na mão que lhe tocava o rosto.

- Morgana, você tem alguma participação nisso?

Sua expressão mudou, tornando-se subitamente assustada.



Ah, deveria ter previsto como ele me olharia, assim que soubesse. .

- Como pode dizer isso? - suspirou. - Estive tecendo durante todo o dia, as vistas de Maline, dos serviçais e das crianças... Foi a Sua vontade e o Seu trabalho, não o meu.

- Mas você sabia, não? - Lentamente, seus olhos encheram-se de lágrimas, confirmando a pergunta e Acolon inclinou-se para beijar-lhe os lábios.

- Que assim seja. Era a vontade .da Deusa – disse ele e retirou-se.

Havia um recanto na floresta onde um riacho corria livremente por entre as rochas, desaguando num lago profundo; Morgana sentou-se ali numa pedra lisa, mirando a água, fazendo Acolon acomodarse ao seu lado. Ali ninguém os veria exceto os velhos camponeses e estes jamais trairiam sua rainha.

- Meu querido, todos estes anos trabalhamos juntos, agora diga-me, Acolon, o que você pensa que estamos fazendo?

- Senhora, fiquei contente em saber que tinha um objetivo - respondeu ele - e não quis fazer-lhe mais perguntas. Se você quisesse apenas um amante - disse-lhe, levantando os olhos para ela e pegando-lhe a mão - existiriam outros que o poderiam ser em meu lugar, mais familiarizados com tais jogos... Amo-a muito, Morgana e fico agradecido e honrado de que tenha me escolhido, mesmo que seja para fazer-lhe companhia e dar-lhe carinho. Não foi isso, todavia, que me aproximou de você, um sacerdote de uma sacerdotisa. - Ele hesitava e sentou-se, remexendo a areia com uma das botas. Finalmente, continuou: - Também imaginei que haveria mais propósito nisto do que o simples desejo de uma sacerdotisa em restaurar os rituais neste reino, ou sua necessidade de atrair sobre nós as rotas lunares. Orgulho-me de tê-la auxiliado nisso e de ter participado da mesma magia, senhora. Verdadeiramente, você é dona destas terras, sobretudo para os antigos camponeses que a vêem como a encarnação da Deusa. Durante algum tempo, pensei apenas que havíamos sido chamados para restaurar aqui o velho culto.. Mas agora penso, não sei por quê - e tocava nas serpentes que se enroscavam em seus punhos -, que por estas estou fatalmente ligado a essa terra, para sofrer e talvez para morrer, se preciso for.

Eu o usei, pensava Morgana, tão sordidamente como Viviane sempre fez comigo...

Ele acrescentou :

- Bem sei que, mais de uma vez em cem anos, aquele velho sacrifício é exigido. Ainda quando estas - tocou novamente com as pontas dos dedos as serpentes que lhe envolviam o punho foram colocadas aqui, ocorreu-me que talvez fosse o escolhido pela Senhora para aquele antigo sacrifício. Nos últimos anos estive pensando que isso não passava de uma fantasia de duendes. Mas se estou para morrer. . - e sua voz confundiu-se com as ondas do lago mortal. Era muito cedo; ainda podiam ouvir pequenos ruídos secos dos insetos sobre a relva. Morgana não disse mais nada, percebia que ele tinha medo. Ele devia ultrapassar os obstáculos do medo sem nenhuma ajuda, mesmo que ela... ou Arthur, ou Merlim, ou qualquer outro estivesse observando aquele último teste. E se tivesse de enfrentar o teste final, devia prosseguir por vontade própria.

Por fim, Acolon perguntou:

- Foi decidido então, senhora, que eu deveria morrer? Havia pensado que, se um sacrifício de sangue é ordenado... então, quando Avaloch caiu como presa dela...- Morgana via os músculos contraírem-se em seu rosto; ele retesou o maxilar e engoliu em seco. Permaneceu calada, até que seu coração sucumbiu a piedade. Por algum motivo, ouvira a voz de Viviane em sua mente! tempo virá em que você me odiar tanto quanto agora me ama... e novamente sentiu uma onda repentina de amor e de dor. Mantinha,

ainda, o coração feito pedra; Acolon era mais velho do que Arthur quando este subira ao trono. E ainda que a morte de Avaloch tivesse sido realmente um sacrifício de sangue, derramado em oferenda a Deusa, mesmo assim o sangue de um outro não poderia redimir ninguém mais, nem tampouco a morte de Avaloch livraria seu irmão da obrigação de enfrentar a sua.

Por último, sua respiração tornou-se difícil.

- Então que se cumpra! Encarei a morte diversas vezes em batalha. Posso jurar a Ela mesmo diante da morte e sei que acreditar em mim. Fale-me sobre a vontade Dela, minha senhora.

Morgana estendeu a mão e apertou a dele, dizendo:

- Não creio que sua morte ser exigida, nem certamente o altar do sacrifício. O teste ainda é necessário: e a morte sempre espreita junto as portas de uma prova como esta. Você estaria mais seguro se soubesse que também eu enfrentei a morte da mesma forma? E ainda estou aqui, ao seu lado. Conte-me: você fez o juramento diante de Arthur?

- Não sou um de seus cavaleiros - declarou Acolon. - Você viu Uwayne jurar-lhe fidelidade mas não eu embora tenha lutado voluntariamente ao lado de seus homens.

Morgana ficou contente embora soubesse que teria usado até mesmo o juramento de um Cavaleiro contra Arthur, nesse momento.

- Ouça-me, meu querido - começou ela. - Avalon foi traída duas vezes por Arthur e somente de Avalon pode um rei governar toda esta terra. Tentei por diversas vezes lembrar a Arthur seu juramento. Mas ele jamais me ouvir e ainda mantém em seu poder a Excalibur, a espada encantada, a espada das Sagradas Insígnias e com ela a bainha mágica que confeccionei para ele.

Ela viu o rosto de Acolon empalidecer.

- Você diz a verdade quando afirma que derrubar Arthur?

- Não, a não ser que continue se recusando a cumprir seu juramento até o fim. Ainda posso dar-lhe todas as oportunidades de tornar-se aquele que prometeu ser. E o filho de Arthur ainda não está preparado para o desafio. Você não é criança, Acolon e tem sido preparado para reinar, não para vir a ser o chefe dos druidas, malgrado estas... - e tocou levemente com a ponta dos dedos as serpentes que lhe envolviam o pulso. - Então diga, Acolon de Gales, se todos os planos falharem, você ser o defensor de Avalon e desafiar o traidor para conquistar a espada que ele usurpou?

Acolon suspirou profundamente.

- Desafiar Arthur? Você fez uma boa pergunta, Morgana, quando quis saber se eu estava reparado para morrer.

E fala comigo por meio de enigmas. Eu não sabia que Arthur tinha um filho.

- Trata-se de um filho destinado a Avalon e aos fogos primaveris - afirmou Morgana. Há muito tempo superara a vergonha que sentia disso. Sou uma sacerdotisa, não preciso dar contas do que faço a nenhum homem mas não consegui obrigar-se a encontrar os olhos de Acolon. - Preste atenção e lhe contarei tudo.

Ele sentou-se em silêncio, ouvindo-a falar sobre a coroação na ilha do Dragão e o que aconteceu depois; quando, porém, contou como havia fugido de Avalon e sobre o nascimento de Gwydion ele retirou a sua da mão dela envolvendo os pequenos dedos nos seus.

- Ele venceu seu próprio teste - continuou Morgana - mas é jovem e inexperiente: ninguém imaginava que Arthur trairia seu juramento. Arthur também era jovem mas foi coroado quando Uther estava velho e moribundo e os homens procuravam por toda parte um rei da linhagem de Avalon. A estrela de Arthur, agora está brilhando e sua fama é

grande e mesmo com todos os poderes de Avalon atrás de si, Gwydion jamais poderia desafiar o pai para conquistar o trono.

- Por que acredita que posso desafiar Arthur e arrebatá-lo a espada Excalibur, sem ser morto por um de seus homens? - perguntou Acolon. - E não existe lugar algum neste mundo onde eu possa desafiá-lo sem que esteja acompanhado.

- Isso é verdade mas você não precisa desafiá-lo neste mundo. Existem outras esferas que não pertencem a este mundo e dentro de uma delas você pode arrebatá-lo a espada Excalibur, a qual ele já perdeu o mínimo direito, como também a bainha mágica que o protege de todos os perigos. Uma vez desarmado, tornar-se - um homem como qualquer outro. Tenho visto seus Cavaleiros - Lancelote, Gawaine, Gareth - desarmá-lo em plena luta, durante os exercícios de esgrima. Sem sua espada, Arthur é presa fácil. Ele não é o maior guerreiro, nem precisa ser, com aquela espada e aquela bainha. E uma vez que Arthur esteja morto...

Ela precisou interromper o que dizia e firmar a voz, sabendo que tinha incorrido na maldição do parente assassino, a mesma maldição que evitara jogar sobre Acolon, quando Avaloch morrera. .

- Uma vez morto Arthur - repetiu, por fim, com firmeza - estou próxima de seu trono. Reinarei como Senhora de Avalon e você ser meu consorte e duque de guerra. É bem verdade que, a seu tempo, você também ser desafiado e deposto como Gamo-Rei... Mas antes que chegue esse dia, deverei tê-lo como rei ao meu lado.

Acolon deu um suspiro.

- Nunca imaginei ser rei mas se você assim o ordena, minha senhora, devo fazer a vontade Dele e a sua. Quanto a desafiar Arthur para conquistá-lo a espada...

- Não quis dizer que você o faria sem toda a ajuda que eu possa oferecer. E com que outro objetivo fui iniciada na magia durante todos esses árduos e cansativos anos? Por que motivo eu o fiz meu sacerdote? Existe alguém mais poderoso do que eu que poder ajudar-nos em sua prova.

- Você fala daquelas mágicas esferas? - perguntou-lhe Acolon, quase num sussurro. - Não compreendo o que você diz.

Isso não me surpreende; não tenho idéia do que pretendo fazer nem do que digo, pensou Morgana mas reconheceu a estranha turvação que lhe invadia a mente como aquele estado em que se realizava a poderosa magia. Devo agora acreditar na Deusa e deixá-la guiar-me. Não apenas a mim mas aquele que está ao meu lado e que tomar a espada das mãos de Arthur.

- Acredite em mim e obedeça. - Levantou-se, movendo-se em silêncio na ponta dos pés, procurando por... o que era mesmo que procurava? Perguntou a si mesma e ouviu sua própria voz, distante e estranha: - Os pés de avelã crescem nesta floresta, Acolon?

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente e ela o seguiu até um pequeno arvoredo repleto de frutos e flores que brotavam em profusão nessa época do ano. Os porcos-selvagens que ai se escondiam tinham devorado as últimas nozes; os restos de cascas estavam espalhados sobre a relva seca da floresta. Novos brotos ainda se abriam em direção a luz, onde novas árvores nasceriam, o que significava que a vida da floresta iria perpetuar-se.

Flor, fruto e semente. E todas as coisas retornam e crescem e procuram a luz e por fim entregam-se novamente a proteção da Senhora. Mas ela, que trabalha sozinha e silenciosa no coração da natureza, não pode exercer seus mágicos poderes sem a força Dele, que corre junto do gamo e sob o sol do verão explora a riqueza do seu ventre. Por trás da aveleira, Morgana fitava Acolon e enquanto uma parte de seu pensamento tinha consciência de que aquele homem era seu amante e o sacerdote por ela escolhido, dava-se

conta, agora, de que ele consentira num teste que estava acima de tudo aquilo que, sozinha, pudesse controlar.

Desde que os romanos tinham vindo para aqueles vales em busca de poder e riquezas minerais, o bosque das avelãs permanecera um lugar sagrado. Numa das suas extremidades havia um lago, situado entre três árvores sagradas: a aveleira, o salgueiro e o amieiro - um encantamento mais antigo do que a magia da árvore. A superfície do lago era oculta, de certa forma, pelos galhos secos e p folhas mas a água era límpida e sombria, assumindo a cor marrom da floresta. Assim que se debruçou sobre a água, viu seu próprio rosto refletido e apanhou um pouco dela com a mão, umedecendo o rosto e os lábios. Por trás de seus olhos, o rosto refletido deslocou-se e mudou de expressão. Morgana viu os misteriosos e profundos olhos da mulher que pertencia a um mundo mais antigo do que este e algo dentro de seu ser mergulhou no terror do que neles observara.

Repentinamente, o mundo transformara-se em torno deles - ela acreditava que essa antiga terra misteriosa estava situada nos confins de Avalon, não ali, nas remotas fortalezas da Gales do Norte. Uma vez mais, uma voz sussurrou em seus ouvidos: Estou por toda parte e onde as avelãs se refletem sobre o lago sagrado, ali estarei. Ouviu Acolon soltar um grito de espanto e admiração e virou-se para ver a rainha do mundo das fadas, que os seguia - de pé e em silêncio -, com seus reluzentes trajes, trazendo sobre a cabeça uma coroa de vime trançado.

Foi Ela que falou, ou a Senhora?

Existe outra prova além da corrida do gamo - e tudo se passava como se uma trompa soasse estranha e distante, através do bosque - ou era o próprio bosque? Nesse instante, as folhas se sacudiram e estalaram com as súbitas rajadas de vento, fazendo alguns galhos balançar e partir. Uma onda de medo corria através do corpo e do sangue de Morgana. Ele se aproxima...

Virando-se lenta e relutantemente, constatou que não estavam sozinhos na floresta. L no limite entre os mundos ele estava a espera...

Em nenhum momento perguntou a Acolon o que ele vira. . : ela vislumbrava apenas a sombra dos chifres coroados, as brilhantes folhas de ouro e carmim onde estavam, próximos a um tronco enfeitado pelos primeiros botões da primavera, os olhos escuros... ela se escondera com ele numa parte da floresta como essa mas agora ele não tinha vindo por sua causa e Morgana sabia disso.

Nesse instante, tanto ela quanto a Senhora deveriam manter-se de lado. Ainda que leves, os passos dele tocavam as folhas a sua passagem e intensificavam o vento, provocando, através de toda a floresta, correntes de ar. Os cabelos de Morgana caíram-lhe na testa e ela sentiu seu manto voar ao vento. Ele era alto e negro, parecendo, de certo modo estar vestido com os mais ricos trajes e coberto de folhas. Ao mesmo tempo ela podia jurar que, de tão lisa e nua, a pele dele cintilava atrás deles. Ele moveu-se erguendo uma das mãos. Como se fosse impelido; Acolon avançou vagarosamente em sua direção, passo a passo... E ao mesmo tempo era como se o próprio Acolon estivesse sendo coroado e coberto com folhas e chifres, brilhando sob a imóvel e estranha luz da fada. Morgana sentia-se arrebatada pela ventania; percebia que entre as árvores da floresta existiam formas e faces que não podia distinguir claramente; essa prova não lhe cabia mas ao homem ao seu lado. Parecia-lhe que de l vinham gritos e toques de trompa; haveria cavaleiros flutuando no ar, ou seria a batida de seus cascos martelando o solo da floresta com tanto ruído que a impedia de pensar? Estava consciente de que Acolon não permanecia mais ao seu lado. Ficou agarrada ao tronco da aveleira, lívida; não sabia nem jamais saberia o que acontecera: não lhe cabia saber de que forma ocorreria a coroação de

Acolon, pois não tinha o poder de dar ou saber. Invocara os poderes do Galhudo com o auxílio da Senhora e ele se fora por onde ela não mais podia prosseguir.

Nunca soube quanto tempo permaneceu ali, agarrada ao tronco da aveleira, com o peito dolorosamente imprensado contra a árvore, até que o vento amainou e Acolon retornou para junto dela. Ficaram os dois ali, sozinhos sob a oliveira, ouvindo apenas o estrondo do trovão que vinha do alto de um céu ao mesmo tempo escuro e límpido, onde as bordas do sol incandesciam como metal em brasa, por detrás do disco escuro do eclipse lunar. As estrelas brilhavam, contra a falsa noite. O braço de Acolon a cercava.

Ele suspirava:

- O que é isso, o que é isso?

- É o eclipse. - Sua voz era mais firme do que podia esperar. Sentiu as batidas de seu coração voltarem ao normal, ao ser enlaçada pelos braços mornos e vivos de Acolon. O chão já se tornara novamente quase firme sob seus pés, a terra firme do bosque. Quando olhou para dentro do lago, viu pedaços de galhos partidos pelo vento incomum que devastara a mata. Em algum lugar, um pássaro queixava-se da súbita escuridão e a seus pés um porquinho rosado enroscava-se na relva seca. Uma luz então, começou a aproximar-se com tamanha intensidade, que percebeu uma sombra afastar-se do sol. Viu Acolon atraído pela claridade e gritou rispidamente: - Cubra os olhos, você pode ficar cego, agora que a escuridão se foi!

Ele virou-se e colou o rosto ao dela. Seus cabelos estavam desfeitos pelo vento, um vento que não era deste mundo. Uma folha cor de sangue, grudada a eles, provocou um arrepio em Morgana, assim que se puseram debaixo dos únicos frutos intocados da árvore.

Acolon sussurrou :

- Ele se foi... e Era... ou era você? Morgana, isso aconteceu? Tudo o que houve foi real?

Olhando para seu rosto espantado ela notou alguma coisa em seus olhos, algo que não observara antes - o toque do sobrenatural. Retirou a folha carmesim pegada em seus cabelos, mostrando-a para ele.

- Você, o portador das serpentes... tem alguma pergunta a fazer?

- Ah... - Morgana viu o tremor percorrer o corpo dele. Ele bateu com violência na folha, deixando-a cair silenciosamente sobre a relva e disse-lhe com um grito sufocado: - Pareceu-me estar viajando pelo infinito, por sobre o mundo e vendo coisas que nenhum mortal jamais viu...

- Atirou-se sobre ela e com cega ansiedade arrancou-lhe o vestido e atirou-a ao chão. Ela deixou-o agir como quis e permaneceu estonteada enquanto ele a penetrava cegamente, tomado por uma força que dificilmente compreendia. Pareceu-lhe que enquanto permanecia silenciosa sob aquela forte pressão, o rosto dele era novamente coberto com os chifres ou as folhas avermelhadas; ela nada tinha a ver com aquilo era apenas a terra passiva sob a chuva e o vento, os trovões e os raios. Era como se um clarão lhe pressionasse o corpo para dentro da terra. .

A escuridão se foi e as estrelas que irradiavam forte luminosidade em pleno dia tinham desaparecido; as delicadas e humildes mãos de Acolon ajudaram-na a levantar-se e a arrumar o vestido amarrotado. Curvou-se para beijá-la, dar-lhe alguma explicação ou pedir desculpas mas ela sorriu e pôs os dedos sobre os lábios dele.

- Não, não... já basta. - A floresta estava novamente em silêncio e em torno deles só havia os sons normais do calmo dia.

Disse-lhe, ternamente:

- Devemos voltar, meu amor. Sentirão nossa falta e todos começarão a gritar e comentar a respeito do eclipse, como se fosse uma estranha maravilha da natureza.- Ela havia visto nesse dia algo muito mais estranho do que um eclipse. A mão de Acolon pousava sólida e fria sobre a dela.

Ele balbuciou algumas palavras enquanto caminhavam:

- Nunca imaginei que você fosse tão parecida com Ela, Morgana...

- Mas eu sou Ela. Morgana, porém, não proferiu as palavras em voz alta. Ele era um iniciado; deveria ter sido mais bem preparado, talvez, para esta prova. Mesmo assim enfrentara-a como devia e fora aceito por alguma coisa além dos seus próprios poderes.

Uma pancada fria atingiu-lhe o coração e ela virou-se para ver seu amado e sorridente rosto. Ele tinha sido aceito. Mas isso não significava que triunfara; queria dizer somente que devia esperar pelo teste final e que aquilo fora apenas o começo.

Não me senti assim quando, como Virgem da Primavera enviei Arthur - que não sabia ser Arthur - para seu teste. Oh, Deusa, como eu era jovem então, como éramos ambos jovens... misericordiosamente jovens, pois não sabíamos o que está vamos fazendo. E agora, que estou bastante velha para saber o que faço, onde encontro coragem para mandá-lo encarar a morte ?

Às vésperas do Pentecostes, Arthur e sua rainha receberam, para um jantar reservado, todos os convidados que possuíam algum laço de família com o trono. No dia seguinte, haveria o grande banquete anual para todos os reis, súditos de Arthur e de seus Cavaleiros; Gwenhwyfar, todavia, vestindo-se cuidadosamente, sentia que esta seria a maior provação. Fazia muito tempo que aceitara o inevitável. Seu marido e senhor iria, no dia seguinte, tornar público e irrevogável por meio de um Ato o que era conhecido há muito tempo. Galahad seria feito paladino e Cavaleiro da Távola Redonda. Ah, durante anos ela soubera disso - sim mas naquele tempo Galahad era apenas um garotinho cabeludo que crescia em algum lugar dos domínios do reino Pellinore. Quando pensava nisso, ficava até mesmo satisfeita; o filho de Lancelote, segundo sua própria prima Elaine - morta recentemente durante um parto - era um digno herdeiro do rei. Mas ela sentia que ele, agora, a evitava de modo insuportável para uma rainha que amadurecera e para quem a vida fora infrutífera.

- Você está angustiada - disse Arthur olhando-a enquanto ela colocava o diadema sobre os cabelos. - Desculpe-me, Gwenhwyfar, pensei que este fosse o melhor meio para conhecer o rapaz, já que preciso fazê-lo, uma vez que está para me suceder no trono. Devo dizer a todos que está indisposta? Não precisa vir, pode encontrá-lo uma outra hora.

Gwenhwyfar apertou os lábios com força:

- Melhor agora do que mais tarde.

Ele lhe tomou a mão.

- Não tenho visto Lancelote com tanta freqüência. Será bom encontrá-lo novamente para conversarmos.

Seus lábios moviam-se de um modo que ela sabia não ser espontâneo.

- Pergunto-me se isso acontecer. Você não o odeia?

Arthur sorriu com dificuldade.

- Éramos tão jovens naquele tempo! É como se tudo tivesse acontecido num outro mundo e Lance fosse apenas um velho e dileto amigo, quase um irmão, como Cai.

- Cai também é seu irmão - disse Gwenhwyfar - e seu filho Arthur é um dos seus mais fiéis cavaleiros. Creio que ele poderia criar um herdeiro mais bem preparado do que Galahad.

- O jovem Arthur é um bom homem e um leal companheiro. Mas o sangue de Cai não é real. Deus sabe, todos esses anos desejei que Ectório tivesse sido, de fato, meu próprio pai... Mas ele não é; eis tudo, Gwen. - Hesitou por alguns instantes. - Jamais havia tocado no assunto, desde o último e horrível Pentecostes. - E acrescentou:

- Ouvi falar que o outro rapaz, o filho de Morgana, se encontra em Avalon. Gwenhwyfar retirou a mão como que para evitar um choque.

- Não !

- Providenciarei para que você não precise nunca encontrá-lo - prometeu-lhe sem olhar para ela mas sangue real é sangue real, é preciso fazer alguma coisa por ele. Não pode ocupar meu trono, os sacerdotes não o aceitariam.

- Oh! - disse Gwenhwyfar - se os sacerdotes o aceitassem, suponho que você proclamaria como seu herdeiro o filho de Morgana.

- Existirão aqueles que terão dúvidas de que ele o seja - voltou Arthur. - Você gostaria que eu tentasse explicar a eles?

- Deveria mantê-lo então, longe da corte - murmurou Gwenhwyfar, pensativa. Não sabia que minha voz se torna tão áspera quando fico furiosa. - Em que lugar deste reino existe alguém que tenha sido eleito druida em Avalon?

Ele respondeu secamente:

- O Merlim da Bretanha é e sempre foi um de meus conselheiros, Gwen. Aqueles que defendem Avalon são sempre meus súditos. Está escrito: Outra ovelha tenho eu que não é deste rebanho... ô

- Uma piada irreverente - observou Gwenhwyfar, moderando a voz -, muito pouco adequada para as vésperas do Pentecostes.

Arthur prosseguiu :

- Antes do Pentecostes havia sempre o solstício de verão, meu amor. No mínimo já não existem hoje as fogueiras acesas em homenagem ao solstício, nem mesmo na ilha do Dragão ou, até onde meu conhecimento alcança em nenhum lugar a menos de três dias de cavalgada de Camelot - a exceção de Avalon.

- Os padres enviaram guardas a ilha de Glastonbury, tenho certeza - afirmou Gwenhwyfar -, o que significa que ninguém poder ir ou vir daquela terra...

- Seria muito triste se isso se perdesse para sempre - comentou Arthur. - Como também é triste para os camponeses perder suas próprias festas... O povo das aldeias talvez não tenha necessidade dos antigos rituais. Ah, sim, agora me lembro: existe apenas um único ser em todo o universo capaz de salvar-nos mas aqueles que vivem em tão estreita comunhão com a natureza talvez precisem de algo além da salvação...

Gwenhwyfar ia falar mas conteve-se. Kevin não passava de um velho e disforme aleijado; e um druida, bem como o Dia dos Druidas, parecia-lhe agora tão remoto quanto o tempo dos romanos. Além disso, Kevin era menos conhecido na corte como Merlim da Bretanha do que como um soberbo harpista. Os sacerdotes não o consideravam um homem bom e gentil como Taliesin; a língua de Kevin era rápida e agressiva durante as discussões. Mesmo assim, o conhecimento que ele possuía de todos os antigos costumes e as leis gerais era maior do que o do próprio Arthur e este recorria a sua ajuda sempre que as leis e costumes de outrora eram questionados e não podiam ser postos de lado.

- Se esta não fosse uma reunião tão estritamente familiar eu ordenaria ao Merlim que tocasse para nós esta noite.

Arthur sorriu, dizendo-lhe:

- Posso mandar chamá-lo mas não se pode ordenar a um músico como ele que fique, nem mesmo sendo o rei. Posso convidá-lo a jantar conosco e solicitar-lhe que nos honre com uma canção.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

- O rei passa então a implorar a um súdito que o satisfaça em vez de seguir o caminho natural?

- Deve haver um equilíbrio para todas as coisas - disse ele. - Uma das lições que aprendi em meu governo é a de que em determinados assuntos, um rei não pode obrigar mas sim suplicar que façam alguma coisa. Talvez seja essa a razão pela qual a dinastia dos Césares se extinguiu, pois caíram naquilo que meu tutor costumava chamar de hubris, achando que poderiam dominar fora da esfera legítima de um rei... Bem, minha querida, nossos convidados nos esperam. Você está suficientemente bela?

- Está zombando novamente de mim. Bem sabe quanto estou envelhecida.

- Você é pouco mais velha do que eu - sorriu Arthur - e meu criado me diz que ainda sou um homem conservado.

- Ah mas isso é diferente. Os homens não envelhecem da mesma forma que as mulheres. - E acrescentou, fitando-lhe o rosto levemente mareado pelos anos: - Um homem na aurora da vida.

Tomando-lhe novamente a mão, o rei afirmou:

- Seria pouco conveniente ter uma donzela por rainha ao meu lado. Você é adequada para mim. - Ao se dirigirem à porta, o camareiro aproximou-se e murmurou algo para Arthur, que comunicou a Gwenhwyfar:

- Teremos outros convidados a nossa mesa. Gawaine enviou uma mensagem avisando que sua mãe chegou e não temos outra escolha a não ser convidar também Lamorak, uma vez que é seu consorte e companheiro de viagem. Há muitos anos não vejo Morgause, Deus o sabe mas ela também é minha parenta. Também teremos Morgana e Uriens, com seus filhos...

- Será certamente uma festa em família.

- Sim, com Gareth e Gawaine; Gaheris encontra-se na Cornualha e Agravaine não poderia deixar o reino de Lot - disse Arthur. Por sua vez, Gwenhwyfar sentiu-se picada por um velho ressentimento. Lot tinha tido tantos filhos!

- Bem, meu querido, nossos convidados estão reunidos no pequeno saguão. Não devemos descer para recepcioná-los?

O grande salão da Távola Redonda era o domínio de Arthur - um lugar para homens, onde guerreiros e reis se encontravam. O saguão, todavia, a pedido de Gwenhwyfar, fora decorado por Gaul com cortinas, cavaletes e bancos e ali ela se sentia de fato uma rainha. A cada dia que passava, tornava-se mais míope; a primeira vista, pensou enxergar um aposento cheio de luz, distinguindo as listras coloridas dos vestidos das senhoras e as capas de peles usadas pelos homens. Mais adiante, uma grande figura se destacava, de mais de um metro e noventa de altura e bastos cabelos ruivos: era Gawaine. Viera reverenciar o rei e, levantando-se, apertou o primo num forte abraço de urso. Gareth procedeu da mesma forma embora com modéstia e Cai veio dar-lhe pequenas palmadas nos ombros, chamando-o de Garanhão e perguntando-lhe sobre os filhos, ainda muito novos para virem a corte. Gareth informou que Lady Leonora ainda estava acamada após o último parto e que permanecia no castelo, ao norte da muralha romana. Seriam oito ou nove, agora? Gwenhwyfar tinha visto Lady Leonora somente duas vezes, porque sempre - segundo Gareth - estava grávida ou as vésperas de um novo parto, ou ainda amamentando o último filho. Gareth já não era tão bonito quanto antes mas mantinha-se em forma, como sempre, à medida que Gawaine e Gareth envelheciam, a semelhança entre ambos tornava-se mais acentuada. Nesse instante Gareth foi abraçado por um homem esguio, de cabelos encaracolados com mechas acinzentadas, a quem Gwenhwyfar beijou na boca; Lancelote em nada mudara com o passar dos anos, apenas tomara-se mais belo.



Uriens não possuía qualquer imunidade mágica contra o tempo. Parecia, realmente, muito velho, ainda que pudesse andar e exibisse alguma força. Seus cabelos estavam totalmente brancos e Gwenhwyfar ouviu-o contar a Arthur que se recobrou recentemente de uma pneumonia e que perdera o filho mais velho, naquela primavera, atacado por um porco-do-mato.

Arthur perguntou :

- Você ser então, o rei de Gales do Norte um dia, Sir Acolon? Bem, assim ser . Aquilo que o Senhor nos dá, também nos leva, assim dizem as Sagradas Escrituras.

Uriens abaixou-se para beijar a mão de Gwenhwyfar, que ficou na ponta dos pés para beijar-lhe o rosto. Ele vestira-se exageradamente de verde, com seu belo manto verde e marrom.

- Nossa rainha está cada vez mais jovem - observou ele, sorrindo e de bom humor.. Poder-se-ia pensar que tem vivido no país encantado, parente .

Gwenhwyfar deu uma risada.

- Talvez eu devesse pintar alguns traços no rosto, para que os bispos e padres não pensem que aprendi fórmulas mágicas impróprias para uma mulher cristã mas uma piada como esta é inconveniente as vésperas de um dia santo. Bem, Morgana - finalmente, pudera cumprimentar a cunhada com certo cinismo -, você parece mais jovem do que eu e bem sei que é mais velha. Qual é o seu segredo?

- Nenhum - respondeu-lhe Morgana com a voz aveludada. - Ocorre-me apenas que possuo tão pouco com que ocupar a mente, naquele fim de mundo, que o tempo para mim jamais parece passar. Talvez seja esse então, o motivo pelo qual não envelheço.

Ela aproximou-se mais e Gwenhwyfar só pôde distinguir pequenas marcas deixadas pelo tempo no rosto de Morgana; sua pele ainda era suave e lisa mas havia minúsculas rugas em torno dos olhos e as pálpebras caíam ligeiramente. A mão que estendera a Gwenhwyfar era fina e esquelética, fazendo com que os anéis dos dedos deslizassem, folgados. Gwenhwyfar pensava consigo mesma: Morgana é no mínimo cinco anos mais velha do que ela. E pareceu-lhe, de repente, que não eram mulheres de meia-idade mas aquelas mocinhas que um dia haviam se conhecido em Avalon.

Lancelote apressou-se em vir cumprimentar Morgana. Gwenhwyfar não teria acreditado que ela ainda pudesse ser dilacerada por esse incontrolável ciúme da paixão... Elaine agora já se foi... e o marido de Morgana está tão velho que certamente não participar de outro Natal. Ouviu Lancelote proferir uma divertida saudação e o riso abafado e doce de Morgana.

Mas ela não vê Lancelote como amante, seus olhos recaem sempre sobre os do príncipe Acolon - ele também é um bom partido... ora, seu marido tem duas vezes sua idade... e Gwenhwyfar reprovou-se por tais observações.

- Deveríamos ir para a mesa - sugeriu, voltando-se para Cai. - Galahad dever guardar as armas a meia-noite e talvez, como muitos jovens, queira repousar por algumas horas, senão ficar cansado.

- Não pretendo dormir, senhora - replicou o jovem e Gwenhwyfar voltou a sentir a mesma dor. Ela gostaria de ter esse alegre rapaz como filho. Ele tornara-se um homem alto e espadaúdo e tão forte quanto Lancelote jamais fora. Seu rosto parecia brilhar como o mármore e aparentava uma tranqüila felicidade.

- Tudo é tão novo para mim e Camelot é uma cidade tão linda ! Mal posso acreditar que seja real ! E cavalguei aqui com meu pai. Durante toda a vida, minha mãe falou-me dele como se fosse um rei ou um santo, quase imortal.

Morgana sorriu:

- Ora, Lancelote é tão mortal quanto qualquer um, Galahad e quando o conhecer bem, também saber disso.

Galahad inclinou-se gentilmente para Morgana:

- Lembro-me da senhora. Veio aqui e separou-nos de Elaine. Minha mãe chorava; minha irmã está bem, senhora?

- Há alguns anos não a vejo mas se não estivesse bem e eu saberia.

- Lembro-me somente de que fiquei furioso quando a senhora me disse que eu estava errado sobre todas as coisas. Parecia muito segura do que fazia enquanto minha mãe...

- Não duvido que sua mãe lhe tenha dito que sou uma feiticeira demoníaca. - Ela sorria, convencida como um gato, pensava Gwenthwyfar enquanto Galahad se ruborizava ao ouvi-la. - Bem, Galahad, você não é o primeiro a pensar assim. - Sorria também para Acolon, que lhe devolveu tão abertamente o sorriso que Gwenthwyfar ficou chocada.

- A senhora é realmente uma feiticeira? - perguntou Galahad bruscamente.

- Bem - respondeu-lhe novamente Morgana, com o mesmo ar felino -, não duvido que sua mãe tenha tido razões para acusar-me disso. Uma vez que ela já se foi, devo agora contar-lhe tudo, Lancelote. Elaine nunca lhe disse que me procurou, implorando-me que fizesse uma simpatia para que se apaixonasse por ela?

Lancelote virou-se para Morgana e pareceu a Gwenthwyfar que seu rosto se crispava, atingido por uma dor repentina.

- Por que lembrar dias tão distantes, querida amiga?

- Ora mas não o faço - desculpou-se Morgana.

Levantou os olhos por um momento, para encontrar os de Gwenthwyfar. - Achei que já era tempo de você parar de partir corações pelos reinos da Bretanha e da Gália. Então fiz aquele casamento e não me arrependo. Você tem agora um adorável filho, que é herdeiro do reino de meu irmão. Se não tivesse interferido, você teria permanecido solteiro e ainda estaria partindo todos os corações, não é mesmo, Gwen? - acrescentou com audácia.

Eu sabia disso. Mas não imaginava, porém, que Morgana o confessasse tão abertamente! Gwenthwyfar entretanto, usou de seu privilégio de rainha para mudar de assunto.

- Como está sua pequena Gwenthwyfar?

- Foi pedida em casamento pelo filho de Lionel - antecipou-se Lancelote - e um dia será a rainha da Bretanha Menor. O padre disse-nos que o parentesco existia mas que se poderia fazer uma exceção. Paguei razoável quantia a Igreja para que isso fosse esquecido, assim como também Lionel. A menina tem apenas nove anos e o casamento não se realizar senão daqui a seis anos.

- E sua filha mais velha? - perguntou Arthur:

- Sire ela está num convento.

- Foi o que Elaine lhe contou? - interrompeu Morgana. Havia novamente em seus olhos um toque de malícia.

- Ela se encontra no lugar de sua própria mãe em Avalon, Lancelote. Não sabia?

Ele respondeu-lhe com serenidade:

- É tudo a mesma coisa. As sacerdotisas da Casa das Moças assemelham-se muito as freiras da Sagrada Igreja, vivendo na fé e na castidade e servindo a Deus a sua maneira. - Voltou-se rapidamente para a rainha Morgause, que se aproximava deles: - Bem, tia, não posso afirmar que a senhora tenha sido intocada pelo tempo mas através dos anos tem sido gentilmente poupada.

Ela se parece tanto com Ygraine! Tinha apenas ouvido as pilhérias e rira delas mas agora bem posso compreender por que o jovem Lamorak está apaixonado por ela, por amor e não por ambição! Morgause era uma mulher forte e alta, de cabelos avermelhados, ainda bastos, que lhe caíam em tranças sobre o manto verde - uma extensa capa de seda com brocados, bordada de pérolas e fios de ouro. Tinha uma pequena tiara adornada com um reluzente topázio nos cabelos. Gwenhwyfar abriu os braços e enlaçou a parenta, dizendo-lhe:

- Parece-se muito com Ygraine, rainha Morgause, a quem muito admirei e de quem me lembro frequentemente.

- Se fosse mais jovem essa comparação me deixaria louca de ciúmes, Gwenhwyfar. Eu ficava doente, por saber que minha irmã Ygraine era mais bonita do que eu e tinha tantos reis e príncipes a seus pés. Lembro-me hoje, apenas, que era linda e educada e sinto-me lisonjeada em saber que me pareço com ela. - Voltou-se para Morgana e Gwenhwyfar observou que esta se perdia no imenso abraço daquela mulher... Por que será que sempre temera Morgana? É apenas uma criatura pequena, como todas as outras e rainha de um reino esquecido... O vestido de Morgana era de simples lã escura e ela não trazia outro ornamento a não ser um colar de metal retorcido no pescoço e anéis e braceletes de prata. Negros e abundantes como sempre, os cabelos haviam sido trançados de forma simples e presos em um coque na nuca.

Arthur levantou-se para abraçar a irmã e a tia. Gwenhwyfar tomou as mãos de Galahad entre as suas.

- Você deve sentar-se ao meu lado, compatriota.

- Ah, sim! Este era o filho que deveria ter dado a Lancelote ou a Arthur... - Assim que se sentaram ela lhe disse: - E agora você veio para conhecer seu pai. Descobriu, como disse Morgana, que ele não é um santo mas apenas um homem adorável ?

- Ora mas o que existe ainda de santo em nossos dias? - perguntou Galahad com os olhos faiscantes.- Não consigo imaginá-lo apenas como homem, senhora; é certamente mais do que isso. Ele é também o filho de um rei e tenho certeza de que, se escolherem o melhor, dentre os filhos mais velhos ele reinará na Bretanha Menor. Creio que um homem é feliz se seu pai também é herói. Tive algum tempo para conversar com Gawaine, que desprezava seu pai e não o levava em consideração mas homem algum falou de Lancelote a não ser com admiração!

- Imagino então, que você o vê sempre como um herói imaculado - sugeri Gwenhwyfar. Colocara Galahad entre ela e Arthur, como convinha ao herdeiro adotado pelo reino; Arthur preferira colocar a rainha Morgause próxima a ele, tendo entre ambos Gawaine e perto deste, Uwayne, amigo e protegido de Gawaine, como Gareth fora de Lancelote, quando jovens.

Sentados a mesa vizinha estavam Morgana e o marido, além de outros convidados; eram todos parentes mas ela não podia enxergar o rosto deles com clareza. Esticou o pescoço e apertou os olhos para ver melhor, reprovando-se pela cegueira - cerrar o cenho torná-la-ia feia - e esfregou as pálpebras para ver melhor. Não entendia por que, nesse momento, o antigo medo de espaços abertos que sentia quando menina havia-se transformado em tal miopia. Por acaso temia o mundo tal como era, porque não podia realmente vê-lo?

Perguntou a Arthur, sentado ao lado de Galahad, que comia com voraz apetite de um menino ainda em crescimento:

- Você convidou Kevin para jantar conosco?

- Ah! sim mas ele enviou-nos uma mensagem, dizendo que não poderia vir. Já que não pode ir também a Avalon, talvez passe o dia santo à própria maneira. Convidei

igualmente o bispo Patrício mas está de vigília na igreja durante o Pentecostes. Ele o encontrará lá a meia-noite, Galahad.

- Creio que ser declarado rei deve ser um pouco como tornar-se padre - opinou Galahad com clareza; mas conversas tornaram-se tão amenas que a voz juvenil de Galahad podia ser ouvida de uma ponta a outra da mesa. - Ambos juraram servir a Deus e aos homens e cumprir o que é justo.

Gareth afirmou:

- Senti algo parecido, pai. Deus concorda com o que o senhor sempre vê.

- Sempre desejei que meus Cavaleiros fossem homens dedicados a lei - respondeu Arthur. - Não peço que sejam homens devotos, Galahad mas que sejam homens bons.

Lancelote dirigiu-se a Arthur:

- Talvez esses garotos vivam num mundo onde seja difícil tornar-se bom - e pareceu a Gwenthwyfar que ele estava triste.

- Mas o senhor é bom, pai - disse Galahad. - Em todas as partes deste reino comenta-se que o senhor é o melhor cavaleiro do rei Arthur.

Lancelote balançou cabeça, confuso.

- Ah, sim, como aquele herói saxão que perdeu um dos braços lutando contra o monstro do lago. Meus atos e proezas foram transformados em canções, porque a verdadeira história não é tão excitante para ser narrada junta da lareira durante o inverno.

- Mas o senhor matou o dragão, não foi? - insistiu Galahad.

- Ah, sim e era uma fera terrível, acho. Mas seu padrasto fez tanto quanto eu, ao matarmos o monstro - arrematou Lancelote. - Gwenthwyfar, querida, nunca jantamos tão bem quanto a sua mesa.

- Extremamente bem - disse animadamente Arthur, dando palmadas na barriga. - Se festas como esta fossem freqüentes eu seria tão gordo quanto qualquer um daqueles reis beberrões da Saxônia. E amanhã é Pentecostes e haverá outra festa para mais gente ainda. Não sei como minha rainha consegue isso!

Gwenthwyfar sentiu-se orgulhosa com o comentário.

- Esta festa é minha, a de amanhã será para o prazer de Sir Cai e para tanto as carnes já estão assando nos fornos. Mas Uriens não está comendo nada...

Uriens sacudiu a cabeça, dizendo:

- Talvez a asa de uma daquelas aves. Desde que meu filho morreu, jurei a mim mesmo que jamais comeria um pedaço sequer de carne de porco.

- E sua esposa o acompanha nesse juramento? - quis saber Arthur. - Como de hábito, Morgana faz de tudo, menos abster-se de comer. Aliás, não entendo por que você é tão miúda e magra, minha irmã!

- Não encontro dificuldade em abster-me de comer carne de porco.

- Sua voz ainda continua tão doce como sempre, querida irmã? Já que nosso amigo Kevin não pôde juntar-se a nós, talvez você pudesse cantar ou tocar...

- Se eu soubesse de sua vontade, não teria comido tanto. Não posso cantar agora. Mais tarde, talvez.

- Então você, Lancelote - disse Arthur.

Lancelote deu de ombros e fez sinal a um dos servos para que lhe trouxesse a harpa.

- Kevin cantar amanhã, não tenho o talento dele. Extrai as palavras de um poeta saxão. Disse uma vez que eu poderia conviver com os saxões mas não com o que eles chamavam de música. Por isso, quando estive entre eles no ano passado, ouvi esta

canção e emocionei-me, tentando, com meus poucos conhecimentos, traduzi-la para o nosso idioma. - Deixou o assento para pegar a pequena harpa.

- Esta canção é para o senhor, meu rei - ofereceu ele -, porque narra a tristeza que senti quando permaneci longe da corte e do meu senhor mas a música é saxônia. Imaginava, antes disso, que todas as canções deles falassem de guerra, batalhas e conquistas.

Começou a tocar uma melodia triste é harmoniosa; seus dedos não eram tão hábeis como os de Kevin mas a canção melancólica tinha um poder especial, que gradualmente os tranqüilizou. Com a voz rouca de um cantor experiente ele entoou:

"Qual a tristeza que se iguala aquela de quem está, só?  
 Vivi um dia na companhia de um rei que muito amava,  
 E meu braço pesava, com o peso dos anéis que me dava,  
 E meu coração se oprimia com o ouro de seu amor;  
 A face de um rei é como o sol para os que vivem ao seu redor,  
 Agora, contudo, meu coração vazio está,  
 E erro sozinho pelo mundo.  
 Os bosques florescem,  
 As árvores e os prados crescem livremente,

Sou como o cuco, dentre todos os cantores o mais triste,  
 Chora a angústia solitária do exílio,  
 E meu coração andarilho vagueia  
 Em busca daquilo que nunca mais vi;  
 Todos os rostos são iguais para mim, se não posso ver o do meu rei,  
 Assim como todos os países se parecem, .  
 Quando não posso ver as terras felizes pelos prados do meu país  
 Ergo-me então, seguindo meu coração errante, .  
 Buscando as alegres campinas que me são familiares,  
 Quando não posso ver a imagem de meu rei  
 E o peso em meu braço não passa de uma tira dourada,  
 Quando o coração está vazio, sem o peso do amor  
 Vou seguindo a vagar  
 Pelos caminhos dos peixes,  
 E pela rota da grande baleia  
 E além do país das ondas .  
 Com ninguém para acompanhar-me  
 A não ser a lembrança daqueles que amei  
 E as canções que outrora cantei com o coração  
 E o lamento do cuco na memória."

Gwenhwyfar não conteve as lágrimas, baixando a cabeça, assim como Arthur, que cobrira os olhos com as mãos. Morgana permaneceu imóvel e Gwenhwyfar podia ver as lágrimas deslizarem-lhe pelo rosto, formando pequenos sulcos. Arthur levantou-se e foi ao encontro de Lancelote, abraçando-o e falando-lhe com a voz embargada:

- Mas agora você está novamente com seu rei e amigo, Galahad.

O antigo rancor dilacerava o coração de Gwenhwyfar. Cantou seu rei e não sua rainha e seu amor. Seu amor por mim nada mais foi do que uma parte do seu amor por Arthur. Ela fechou os olhos para evitar vê-los se abraçando.

- Isso foi maravilhoso - aplaudiu Morgause, com voz terna. - Quem poderia imaginar que um saxão grosseiro pudesse fazer uma música como essa! Deve ter sido Lancelote, naturalmente, que...

Lancelote balançou negativamente a cabeça, dizendo:

- A música é deles. E a letra é apenas um reflexo de sua existência...

Uma voz, que parecia ecoar como a de Lancelote, interrompeu gentilmente :

- Mas também existem músicos e poetas entre os saxões, tanto quanto guerreiros, minha rainha. - Gwenhwyfar voltou-se para ver quem falava. Era um rapaz vestido de preto esguio e de cabelos negros, que ela distinguia apenas como um borrão através das lágrimas. Sua voz entretanto, ligeiramente marcada com o sotaque do país do norte, ainda soava como a de Lancelote, com o mesmo timbre e intensidade.

Arthur pediu-lhe que se aproximasse:

- Está sentado à minha mesa alguém que não conheço e, numa festa de família, isto é justo, rainha Morgause. . ?

Ela levantou-se e respondeu:

- Pensei apresentá-lo ao senhor antes que viéssemos para a mesa mas estava ocupado, conversando com velhos amigos, meu rei. Este é o filho de Morgana que foi criado em meu reino. Chama-se Gwydion.

O jovem aproximou-se e o reverenciou:

- Rei Arthur - disse numa voz morna, um eco da de Lancelote. Por um momento Gwenhwyfar sentiu-se invadida por uma esfuziante alegria; certamente aquele era o filho de Lancelote e não o de Arthur mas lembrou-se então, de que a tia de Morgana, Viviane era também mãe de Lancelote.

Arthur abraçou o rapaz, falando-lhe numa voz tão trêmula que só podia ser ouvida a menos de três metros de distância:

- O filho de minha mais amada irmã deve ser recebido como um filho em minha corte, Gwydion. Venha e sente-se ao meu lado, jovem.

Gwenhwyfar olhou para Morgana. Havia em seu rosto manchas avermelhadas, como se tivessem sido pintadas e ela mordida os lábios com certa aflição. Morgause não a tinha preparado então, para ver o filho ser apresentado ao pai... não, ao rei? Gwenhwyfar reprovava-se por tal pensamento; não havia razão para pensar que o menino não tivesse idéia de quem era seu pai. Se tivesse alguma vez se olhado num espelho, não teria dúvida de que era filho de Lancelote, sem que ninguém lhe dissesse.

Já não é um menino. Deve ter aproximadamente vinte e cinco anos; é um homem.

- Este é seu primo, Galahad - disse Arthur e este lhe apertou a mão num gesto impulsivo.

- Seu parentesco com o rei é mais próximo do que o meu, primo, tem mais direito a este lugar que estou ocupando - exclamou, com infantil espontaneidade. - Espero que não me odeie.

Gwydion sorriu :

- Como sabe que não, primo?

Por um momento Gwenhwyfar sentiu-se sacudida por uma sensação indefinida enquanto observava o sorriso do rapaz. Sim ele era sem dúvida filho de Morgana e tinha o mesmo sorriso felino que ela por vezes mostrava! Os olhos de Galahad brilharam e ele então percebeu o tom de zombaria daquelas palavras. Gwenhwyfar podia adivinhar as idéias transparentes de Galahad: Este é o filho de meu pai; Gwydion é meu irmão, um bastardo da rainha Morgana? Parecia também ferido, como se sua alegre oferta de amizade houvesse sido repelida.

- Não, primo - tornou Gwydion -, não é verdade o que você está pensando.

Sentindo-se sufocada, Gwenhwyfar adivinhava que ele possuía até mesmo o excitante sorriso de Lancelote, que dava àquele rosto moreno e sombrio um brilho estonteante, como se um raio de sol o inundasse, transformando-o totalmente.

Galahad respondeu defensivamente:

- Eu não quis... eu não disse...

- Não - voltou gentilmente Gwydion -, não disse nada mas tudo o que você e todos os que se encontram nesta sala estão pensando é óbvio!

Elevou um pouco a voz, aquela voz tão semelhante de Lancelote, quase inteiramente invadida pelo suave acento do país do norte.

- Em Avalon, primo, nossa linhagem provém da genealogia materna. Pertencemos a antiga linhagem real de Avalon e isso quase basta. Seria uma arrogância para qualquer homem proclamar-se o pai de uma criança nascida de uma grã-sacerdotisa de Avalon. Como qualquer homem, é claro, gostaria de saber quem foi meu pai e o que você pensou já foi dito antes que sou filho de Lancelote. Essa semelhança tinha sido observada anteriormente, sobretudo entre os saxões, onde passei três anos aprendendo a ser guerreiro - acrescentou. - Sua reputação entre eles ainda é muito lembrada, Sir Lancelote! Não conseguiria contar quantos homens disseram que não era nenhuma desgraça ser filho bastardo de um herói como o senhor, Excelência!

O sorriso dele era como uma cópia surpreendente do homem que encarou nesse momento e Lancelote também parecia confuso.

- Mas, afinal, precisava dizer-lhes que aquilo que pensavam não era verdade. De todos os homens deste reino que poderiam ser meu pai, um eu sei que não é. Dessa forma devo informar-lhe que esta é apenas uma semelhança de família, nada mais. Sou seu primo, Galahad, não seu irmão! - Recostou-se preguiçosamente na cadeira. - O fato de todos os que nos vêem pensarem assim o deixaria muito embaraçado? Não podemos andar por aí, todavia, contando a verdade a todo mundo!

Galahad parecia confuso.

- Não me importaria se você fosse realmente meu irmão, Gwydion.

- Deveria ter sido então, ó filho de seu pai e, talvez, também... herdeiro do rei - disse Gwydion e subitamente ocorreu a Gwenhwyfar que ele realmente sentia prazer em ver o mal-estar das pessoas a mesa; que ele era o filho de Morgana apenas por aquele toque de malícia.

Morgana, com seu timbre de voz aveludado que podia ser ouvido tão claramente mesmo sem falar alto, interrompeu-o:

- Não me seria de nenhuma forma desagradável se Lancelote fosse seu pai, Gwydion.

- Não, suponho que não, senhora - respondeu Gwydion. - Perdoe-me, senhora Morgana. Sempre chamei a rainha Morgause de minha mãe.

Morgana riu.

- Se lhe pareço uma mãe improvável, Gwydion, você me parece um filho também improvável. Sinto-me imensamente feliz por esta festa familiar, Gwenhwyfar - continuou. - Teria me confrontado com meu filho, sem ser avisada, na grande festa de amanhã.

E Uriens acrescentou:

- Creio que qualquer mulher se orgulharia muito de um filho como esse e seu pai, seja quem for, meu jovem Gwydion, perdeu juízo não o chamando para junto de si.

- Ah, não acredito nisso. - disse Gwydion. Gwenhwyfar pensava enquanto via a fraca cintilação dos seus olhos encarando os de Arthur: Ela deve ter alguma razão para

afirmar que não sabe quem é seu pai mas está mentindo. Isso a fez sentir-se mal. Até que ponto ela se sentiria pior, se ele encarasse Arthur e lhe perguntasse por que ele, seu filho, também não era seu herdeiro?

Avalon, aquele lugar maldito! Achava que ele deveria ser engolido pelo mar, como o reino perdido de Ys, conforme a antiga lenda, do qual jamais se ouviu falar novamente.

- Mas esta é a noite especial de Galahad - lembrou Gwydion - e não quero roubar-lhe as atenções. Você fará vigília por suas armas esta noite, primo?

Galahad balançou a cabeça afirmativamente.

- É o costume dos Cavaleiros de Arthur.

- Eu fui o primeiro - informou Gareth - e trata-se de um bom costume. Creio que o melhor caminho para um leigo é tornar-se padre e jurar que sempre servir a seu rei, a sua terra e a seu Deus com suas armas. - Deu uma risada. - Que garoto tolo eu fui, Sir Arthur, poderia perdoar-me ter recusado sua oferta de sagrar-me cavaleiro por suas próprias mãos e em vez disso, pedir a Lancelote que o fizesse?

- Perdoá-lo, meu jovem? Eu o invejo - sorriu Arthur. - Pensa que nunca soube que Lancelote foi o melhor guerreiro de nós dois?

Cai pediu a palavra pela primeira vez e seu rosto marcado e sombrio contorceu-se num sorriso.

- Eu disse ao garoto que ele era bom combatente e que se, tornaria um grande cavaleiro mas certamente não era um cortesão!

- Tanto melhor - concluiu Arthur emocionado. - Deus sabe que eu tinha muitos deles! - Inclinando-se para a frente, acrescentou: - Você preferiria que seu pai o sagrasse cavaleiro, Galahad? Ele já o fez com muitos de meus cavaleiros...

O rapaz baixou a cabeça, dizendo:

- Senhor, cabe a meu pai decidir. Parece-me, todavia, que tal honraria provém de Deus e não importa quem a conceda. Não pretendo dizer que o senhor não tenha o poder, apenas que o juramento é prestado em sua honra mas sobretudo na de Deus.

Arthur concordou, dizendo:

- Sei o que você quer dizer, meu menino. Isso acontece também com o rei: ele promete proteger seu povo mas a promessa não é feita ao povo e sim a Deus.

- Ou - interrompeu Morgana - para a Deusa e em seu nome; como símbolo de sua terra o rei deve governar. - E olhou diretamente para Arthur enquanto falava. Ele desviou os olhos e Gwenhwyfar mordeu os lábios...

Morgana lembrar novamente a Arthur que ele havia prometido fidelidade a Avalon - maldita! Isso, porém, pertencia ao passado e Arthur tornara-se um rei cristão, sob nenhuma outra autoridade a não ser Deus.

- Estaremos todos rezando por você, Galahad. Que se transforme num grande cavaleiro e que um dia se torne um bom rei - desejou Gwenhwyfar.

- Assim enquanto você estiver prestando juramento, Galahad - lembrou-lhe Gwydion - estará realizando, de certo modo, o mesmo tipo de Casamento Sagrado que o rei, outrora, costumava fazer. Mas você vai não passará, talvez, por duras provas.

O rosto do jovem enrubescceu.

- Meu senhor Arthur subiu ao trono provando seu valor na guerra, primo mas agora não há meios para que eu seja testado desse modo.

- Você poderia pensar em algo - sugeriu Morgana - e se está para governar Avalon, tanto quanto os domínios cristãos, seu dia chegará, Galahad.

Ele cerrou os lábios com firmeza.



- Que esse tempo esteja muito distante. Certamente meu senhor viverá por muitos e muitos anos e através deles, todos os velhos aldeões que ainda crêem no senhor, deverão manter-se fiéis e banir os costumes pagãos.

- Não creio - disse Acolon, falando pela primeira vez. - O bosque sagrado ainda é preservado e nele os velhos hábitos têm sido praticados desde o princípio do mundo. Não contrariamos a Deusa negando sua adoração, a menos que Ela se volte contra Seu povo e lhe queime as colheitas ou apague o sol que nos dá vida.

Galahad ficou estupefato.

- Mas esta é uma terra cristã! Os padres não lhe vieram mostrar que os velhos deuses maléficos entre os quais o Demônio predominava, agora não têm mais qualquer poder? O bispo Patrício contou-me que todas as árvores sagradas haviam sido cortadas!

- Não o foram - insistiu Acolon - e não o serão enquanto meu pai viver ou eu depois dele.

Morgana tentou dizer algo mas Gwenthwyfar viu Acolon apertar-lhe o pulso. Ela sorriu-lhe e manteve-se calada.

Foi Gwydion que disse:

- Não em Avalon enquanto a Deusa permanecer viva. Reis vêm e reis partem mas a Deusa viverá para sempre.

Que pena, pensava Gwenthwyfar que este belo jovem seja pagão! Bem, Galahad é um cavaleiro cristão, bom e piedoso que se tornar um rei cristão! Enquanto tentava convencer-se disso, uma vertigem invadiu-a repentinamente.

Como se o pensamento de Gwenthwyfar o perturbasse, Arthur inclinou-se para a frente em direção a Gwydion evidentemente confuso:

- Você veio a corte para ser um de meus cavaleiros, Gwydion. Não preciso dizer-lhe que o filho de minha irmã é bem-vindo entre meus homens.

- Devo admitir que o trouxe para isso - confessou Morgause - mas não sabia do grande cerimonial de Galahad. Não lhe roubaria o brilho desta ocasião. Uma outra hora será mais apropriada para isso.

Galahad então, confessou ingenuamente:

- Não imaginava compartilhar minha vigília e juramentos com meu primo.

Gwydion riu.

- Você é muito generoso, caro parente mas pouco sabe da arte de reinar. O herdeiro do rei deve ser proclamado sem que ninguém compartilhe com ele a mesma cerimônia. Se Arthur nos sagrar cavaleiros ao mesmo tempo e sendo eu o mais velho, além de parecer-me tanto com Lancelote... pois existem boatos suficientes sobre minha origem... isso não deve obscurecer tanto sua sagração. Nem - acrescentou sorrindo - minha presença.

Morgana deu de ombros.

- Irão sempre falar mal do filho do rei, de qualquer forma, Gwydion. Deixe-os resmungar um pouquinho!

- Uma outra coisa, ainda - insistiu Gwydion. - Não tenho a menor intenção de depositar minhas armas em qualquer igreja cristã.. Pertença a Avalon. Se Arthur me aceitar entre seus cavaleiros apenas pelo que sou, tudo estará bem; se não, também estará bem.

Uriens ergueu os velhos e desengonçados braços, pondo a mostra as serpentes desbotadas.

- Eu me sentei a Távola Redonda sem o juramento cristão, meu enteado.

- Eu também - disse Gawaine. - Conquistamos nossas honras de cavalaria, todos nós que lutamos naqueles dias e jamais tivemos necessidade de tal cerimônia. Alguns

de nós nunca as teriam conseguido, se para se tornar cavaleiro fosse preciso uma disputa por juramentos como agora.

- Até mesmo eu, que sou um grande pecador - acrescentou Lancelote -, hesitaria, de alguma forma em fazer tais promessas.

- Deus proíbe-me de duvidar disso - disse Arthur, sorrindo com profunda afeição para seu amigo. - Você e Gawaine são os grandes pilares de meu reino. Se perdesse um de vocês, creio que meu trono ruiria e despencaria do alto de Camelot!

Ergueu a cabeça no momento em que uma porta se abriu numa das extremidades do salão. Um padre entrou, vestindo hábito branco, acompanhado de dois rapazes, também de branco.

- Seja abençoado, meu senhor.

Arthur também se ergueu e abraçou seu herdeiro.

- Deus o abençoe, Galahad. Vá fazer sua vigília.

O rapaz curvou-se e virou-se para abraçar o pai; Gwenhwyfar não conseguia ouvir o que lhe dizia Lancelote. Ela ergueu a mão e Galahad inclinou-se para beijá-la.

- Dê-me sua bênção, senhora.

- Sempre que você quiser, Galahad - concordou Gwenhwyfar.

Arthur acrescentou :

- Nós o veremos na igreja. Deve ficar sozinho durante a vigília mas faremos companhia a você por algum tempo.

- O senhor me dá uma honra imensa, meu rei. O senhor não fez vigília quando foi coroado?

- Ele também a fez - disse Morgana sorrindo - mas sua vigília foi muito diferente desta.

Enquanto todos se dirigiam a igreja, Gwydion tropeçou quando caminhava ao lado de Morgana. Ela observou-lhe os movimentos - não era tão alto quanto Arthur que possuía o porte dos Pendragons mas parecia alto a seu lado.

- Não esperava encontrá-lo aqui, Gwydion.

- Não imaginava que a senhora estivesse aqui, mãe.

- Soube que você lutou nesta guerra entre os aliados saxônios de Arthur. Não sabia que havia se tornado guerreiro.

Ele deu de ombros, indiferente.

- Teve pouca oportunidade de saber mais sobre mim, senhora.

Sem ter noção do que iria dizer, até perceber-se falando, perguntou-lhe abruptamente:

- Odeia-me por tê-lo abandonado, meu filho?

Ele hesitou.

- Talvez por algum tempo quando era mais jovem - admitiu por fim. - Mas sou filho da Deusa e isso me obrigou a voltar-me tanto para a Verdade que não pude olhar para os pais terrenos. Não lhe tenho rancor agora, Senhora do Lago.

Por um momento o caminho em torno dela tornou-se confuso; era como se o jovem Lancelote a acompanhasse.

Seu filho tomou-a gentilmente pelo braço.

- É preciso ter cuidado, a trilha por aqui é irregular.

Ela perguntou-lhe:

- Como estão todos em Avalon?

- Niniane está bem. Tinha alguns laços de amizade por lá mas não agora.

- Você viu a irmã de Galahad, a donzela chamada Nimue? - Franziu o cenho, tentando lembrar-se de quantos anos Nimue teria agora. Galahad tinha dezesseis anos então Nimue deveria ter mais ou menos catorze era quase uma moça.

- Não a conheço - disse Gwydion. - A velha sacerdotisa dos oráculos... Raven, não é?, levou-a para a reclusão e o silêncio. Nenhum homem deve ver seu rosto.

Não entendo; por que Raven fez isso? Um tremor repentino atravessou-lhe as entranhas mas disse apenas:

- Como está Raven então? Ela está bem? - Não soube que tivesse mudado desde a última vez que a vi, durante os rituais. Parecia mais velha do que os grandes carvalhos. Nunca tive com ela um diálogo reservado.

Morgana insistiu:

- Nem existem homens vivendo lá, Gwydion. Passei doze anos lá como virgem e ouvi sua voz apenas meia dúzia de vezes. - Ela não quis mais referir-se à Avalon ou pensar nisso, tentando manter um timbre normal de voz e desviando-se do assunto: - Então você teve um aprendizado de guerra com os saxões?

- É verdade e também na Bretanha. Passei algum tempo na corte de Lionel. Ele pensava que eu fosse filho de Lancelote e queria que o chamasse de tio. Não o contrariei. Não causar nenhum dano a Lancelote ser considerado capaz de assumir a paternidade de um bastardo ou algo parecido. E como fizeram com o bom Lancelote, os saxões que servem Ceardig deram-me um nome. Chamavam-no de Flecha-de-Duende. Qualquer homem que alcance alguma vitória recebe um pseudônimo daquela gente. Chamavam-me de Mordred que em nossa língua significa algo assim como Conselheiro da Morte ou mesmo Conselheiro do Mal e não creio que seja uma saudação!

- Não é muito difícil, no Conselho, tornar-se mais astucioso do que um saxão mas diga-me: qual o motivo de vir aqui, antes do tempo combinado?

Gwydion respondeu-lhe, indiferente:

- Senti que deveria conhecer melhor meu rival.

Morgana olhava, temerosa, a sua volta.

- Não diga isso em voz alta!

- Não tenho motivos para temer Galahad. Não me parece que ele viverá bastante para chegar a governar.

- Isso é uma Visão?

- Não preciso de Visão para dizer-me que alguém mais forte do que Galahad se sentará no trono do Pendragon. Mas se isso a tranqüiliza, Senhora, juro-lhe pelo Poço Sagrado que Galahad não morrerá pelas minhas mãos. Nem - acrescentou em seguida, vendo-a estremecer - pelas suas.

Pousou a mão por alguns instantes sobre as de Morgana que estremeceu novamente ao sentir um toque tão suave.

- Venha - disse-lhe ele; parecendo a Morgana que sua voz era tão compassiva quanto a de um padre concedendo absolvição. - Vamos ver meu primo com suas armas. Não é justo que alguma coisa estrague este momento grandioso de sua vida. É possível que ele não tenha muitos outros.

Como Morgause viesse freqüentemente a Camelot, nunca importunava a criadagem. Consciente, agora, de que era uma das rainhas cortesãs de Arthur e mãe de três dos seus mais recentes cavaleiros, teria um lugar favorito nos jogos que festejavam esse dia e se sentaria ao lado de Morgana na igreja; no final da cerimônia, Galahad tornar-se-ia cavaleiro; ele estava ajoelhado nesse instante entre Arthur e Gwenhwyfar, pálido e sério mas tomado de viva excitação.

O bispo Patrício que viera de Glastonbury para celebrar em Camelot a missa do Pentecostes, punha-se agora de pé, com suas vestes brancas entoando:

- Em seu nome oferecemos este pão, o corpo do Criador...

Morgause pôs a mão roliça sobre a boca escondendo um bocejo. Participava com freqüência de cerimônias cristãs, sem jamais pensar nelas; nem mesmo eram tão interessantes quanto os cultos em Avalon, onde passara a infância. Desde que fizera catorze anos, porém, pensava que todos os deuses e todas as religiões eram jogos nos quais homens e mulheres faziam exercícios mentais mas nenhum deles se assemelhava a vida real. Durante o Pentecostes entretanto, assistia respeitosamente a missa, para agradar a Gwenhwyfar - afinal ela era sua anfitriã, além da Grande Rainha e parenta próxima. Nesse momento, acompanhando o restante da família real, caminhou até o altar para receber o pão santificado. Morgana, atenta ao seu lado, foi a única dentre todos os familiares que não se aproximou do altar da comunhão; Morgause pensava desdenhosamente que Morgana era uma grande tola. Não só alienava o povo, como o mais piedoso dentre os vassalos a chamava de feiticeira e bruxa e até de coisas piores: E, afinal, que diferença isso fazia? Uma mentira religiosa era tão boa quanto outra, ou não? O rei Uriens tinha mais noção, agora, do que lhe era conveniente. Morgause não acreditava que ele fosse mais religioso do que o gato de estimação de Gwenhwyfar. Ela vira as serpentes de Avalon tatuadas em torno de seus braços. Juntamente com seu filho Acolon, Uriens dirigiu-se ao altar para receber a hóstia.

Quando a oração final teve início, incluindo a bênção dos mortos, Morgause percebeu lágrimas em seus olhos. Também sentia falta de Lot - sua grande disposição, sua firme lealdade a ela; dera-lhe enfim, quatro adoráveis filhos. Gawaine e Gareth ajoelharam-se perto dela, junto aos familiares do próprio Arthur - como sempre, Gawaine estava próximo de Arthur e Gareth, com o enteado de Morgana, Uwayne. Morgause ouviu Uwayne chamar Morgana de mãe e notou como esta se dirigia a ele num tom de voz genuinamente maternal, coisa que jamais pensara que ocorresse com Morgana.

Com o farfalhar de tecidos daquele pesado vestuário e de ruídos secos provocados pelas espadas embainhadas, os servos de Arthur levantaram-se e caminharam em direção ao pórtico da igreja. Gwenhwyfar então, mesmo abatida era uma linda criatura, com suas brilhantes tranças douradas que lhe caíam sobre os ombros e o manto preso num reluzente cinturão de ouro. Arthur também parecia esplêndido. A Excalibur jazia em sua bainha, ao lado dele - a mesma bainha de veludo vermelho que usara por mais de vinte anos. Pensou que Gwenhwyfar poderia ter bordado outra, mais bela, durante seu tempo livre nos últimos dez anos.

Galahad ajoelhou-se diante do rei; Arthur tomou das mãos de Gawaine uma bela espada, dizendo:

- Para você, meu querido enteado e filho adotivo entrego esta espada. - Fez um sinal a Gawaine que a colocou na delgada cintura do rapaz. Galahad ergueu os olhos, com um sorriso quase infantil, dizendo em voz alta:

- Agradeço ao senhor, meu rei. Eu a usarei sempre e tão-somente a seu serviço.

Arthur pousou as mãos sobre a cabeça de Galahad.

- Sinto-me honrado em tê-lo na companhia de meus Cavaleiros, Galahad e concedo-lhe a Ordem da Cavalaria. Seja sempre fiel e justo, servindo sempre ao trono e as causas justas. - Pediu que se levantasse, abraçando-o e beijando-o. Gwenhwyfar fez o mesmo e toda a corte retirou-se em direção ao imenso pátio fronteiro, transformado em arena.

Morgause viu-se caminhando entre Morgana e Gwydion, seguidos de perto por Uriens, Acolon e Uwayne. O pátio tinha sido decorado com pilares de madeira envoltos em fitas coloridas e flâmulas e os mestres-de-cerimônias dos jogos terminavam os últimos preparativos das raiais de combate. Viu, também, Lancelote com Galahad, abraçando-o e dando-lhe um escudo protetor liso. Morgause indagou:

- Lancelote também irá competir?

Acolon respondeu-lhe:

- Não creio. Disseram-me que seria o juiz! Ele já venceu os jogos diversas vezes. Cá entre nós ele já não é tão ágil quanto antes e seria muito pouco condizente com a dignidade de um defensor da rainha ser derrubado de seu cavalo por algum pirralho arduamente transformado em Cavaleiro. Ouvi comentarem que foi derrotado por Gareth mais de uma vez e também por Lamorak.

Morgause sorriu:

- Gosto de Lamorak, porque evita gabar-se daquela vitória. Poucos homens resistiriam a vangloriar-se de ter derrota do Lancelote numa dessas batalhas simuladas!

- Não - acrescentou calmamente Morgana - creio que muitos jovens cavaleiros ficariam decepcionados ao descobrirem que Lancelote já não é o rei das arenas. Ele é o herói deles.

Gwydion sacudiu a cabeça.

- Você quer dizer que os jovens gamos abstêm-se de desafiar o cavaleiro considerado Gamo-Rei entre eles?

- Creio que nenhum dos cavaleiros mais velhos se atreveria a isso - disse Acolon - e entre os jovens existem alguns com suficiente capacidade ou experiência para desafiá-lo. Se o fizessem ele ainda lhes mostraria uma artimanha ou outra.

- Eu não ousaria - explicou Uwayne, com voz serena. - Não acho que exista algum cavaleiro em toda a corte que não admire Lancelote. Gareth poderia derrotá-lo a qualquer momento mas não lhe faltará com o respeito durante o Pentecostes e tanto ele quanto Gawaine tem lutado entre si em pé de igualdade. Certa vez, numa época como essa, bateram-se por mais de uma hora e em um momento, Gawaine arrebatou-lhe a espada das mãos. Não sei se poderia fazê-lo melhor, num simples duelo mas deve permanecer como seu rival enquanto viver. Tentarei fazer o possível para desafiá-lo qualquer dia desses.

- Desafiá-lo, algum dia - disse, rindo, Acolon - eu fiz isso e ele me tirou toda a vaidade em apenas cinco minutos! Ele está envelhecendo mas mantém toda a sua força e habilidade.

Acolon tomou a mão de Morgana e a do pai, ao sentarem-se nos lugares que lhes eram reservados.

- Com sua permissão, descerei para inscrever-me nas competições antes que seja tarde.

- Também vou. - E Uwayne inclinou-se para beijar a mão do pai. Ao voltar-se para Morgana, pediu-lhe: - Não tenho esposa, mãe. Poderia dar-me alguma prenda para que eu possa participar das competições?

Morgana sorriu-lhe com indulgência e ofereceu-lhe uma fita que retirou de uma das mangas. Ele a prendeu no braço, dizendo-lhe: - Conseguí desafiar Gawaine para uma prova de força.

Gwydion virou-se para ela com um sorriso sarcástico nos lábios, perguntando-lhe:

- Por que, minha senhora, não pede o retorno do favor que fez? Gostaria de perder assim tão facilmente sua honra?

Ouvindo o que Acolon dizia, Morgause riu e vendo o rosto de Morgana iluminar-se, pensou consigo mesma: Uwayne é, de longe, seu filho, muito mais do que Gwydion; Acolon, todavia, claro está, é mais do que isso. Não acredito que o rei o saiba - nem mesmo que suspeite.

Lamorak os alcançou e Morgause sentiu-se grata e lisonjeada - havia muitas garotas bonitas no pátio e poderia obter qualquer favor que desejasse de uma delas. Mesmo assim, antes de todas elas e acima de toda a Camelot, seu jovem acompanhante voltava sempre para cortejá-la e ajoelhar-se diante dela.

- Minha senhora, poderia usar uma prenda durante a batalha?

- Com muito prazer, meu querido. - E Morgause entregou-lhe uma rosa do ramallete que tinha no peito. Ele beijou a flor e ela estendeu a mão para que ele a beijasse, conscientemente orgulhosa de que seu jovem cavaleiro era um dos homens mais perfeitos entre todos os que ali se encontravam.

- Lamorak parece enfeitado pela senhora - disse Morgana e embora Morgause tivesse concedido esse favor diante toda a corte, sentiu um rubor subir-lhe as faces, ao ouvir a voz enfática da sobrinha.

- Você acredita mesmo que tenha alguma necessidade de mágicas ou simpatias, parenta?

Morgana riu.

- Eu devia ter empregado outra palavra. Homens jovens parecem mais atraídos por um rosto jovial e pouca coisa além disso...

- Ora, Morgana, Acolon é mais jovem que você e certamente você o cativou a ponto de não desejar mulheres mais jovens que ele ou, quem sabe, mais livres. Não posso censurá-la, minha querida. Casou-se contra a vontade e seu marido bem poderia ser seu avô.

Morgana estremeceu.

- Por vezes penso que Uriens sabe disso. Talvez se sinta feliz por eu possuir um amante que entretanto, me mantém a seu lado.

Com alguma hesitação - pois jamais perguntara a Morgana sobre assuntos íntimos desde o nascimento de Gwydion - Morgause indagou-lhe:

- Você e Uriens estão brigados?

Morgana novamente manifestou o mesmo ar de indiferença de antes:

- Acredito que Uriens não se importa tanto com o que faço para chegarmos a brigar.

- Você gosta de Gwydion? - perguntou Morgause.

- Ele me assusta - admitiu Morgana. - De qualquer forma, seria difícil não me sentir encantada por ele.

- E o que mais você pretende? Ele possui a beleza de Lancelote e seus poderes mentais e também é muito ambicioso.

- Como é estranho que você possa conhecer meu filho melhor do que eu - replicou Morgana e havia tanta mordacidade em suas palavras que a primeira reação de Morgause foi a de dar-lhe uma resposta agressiva. Morgana abandonara o próprio filho, por que isso iria surpreendê-la agora? Mas deu-lhe uma ligeira palmada na mão e acrescentou, com uma pequena dose de crueldade:

- Ora, minha querida, uma vez que um filho tenha crescido longe do colo de sua própria mãe, creio que qualquer um pode conhecê-lo melhor do que ela! Tenho certeza de que Arthur e seus Cavaleiros, ou mesmo o seu Uwayne enfim, todos conhecem Gawaine melhor do que eu mesma, se bem que ele não seja um homem difícil de se conhecer... ele é um homem inteiramente comum. Se você tivesse conhecido seu filho desde pequeno, ainda

assim não compreenderia Gwydion. Confesso francamente que nem eu mesma o compreendo!

Morgana respondeu-lhe apenas com um sorriso forçado.

Virou-se para observar a arena, onde se iniciavam os primeiros eventos: os bobos da corte e outros palhaços dançavam, dando divertidas cambalhotas, agitando bexigas de porco como se empunhassem armas e vistosos estandartes pintados estavam suspensos como escudos enquanto os espectadores riam as gargalhadas com os saltos desajeitados. Ao término de sua apresentação, ajoelharam-se para reverenciar Gwenhwyfar que numa exagerada paródia do gesto simbólico com o qual distribuiria mais tarde os prêmios atirou-lhes doces e biscoitos. Todos avançaram sobre eles, para maior diversão e aplausos dos presentes, até que saíram, dando pinotes em direção ao suculento jantar que os esperava na cozinha.

Um dos mestres-de-cerimônias avisou que o primeiro jogo seria uma demonstração simulada de um combate entre o campeão da rainha, Sir Lancelote do Lago e o campeão do rei, Sir Gawaine do reino de Lot e das ilhas. Foram recebidos com vibrantes aplausos logo que entraram na arena... Lancelote, com o corpo esguio, a pele morena e ainda muito bonito, a despeito das rugas e dos cabelos grisalhos, fez com que Morgana quase perdesse o fôlego.

Sim, pensava Morgause fitando o rosto de sua parenta, ela ainda o ama, mesmo depois de todos esses anos. Talvez não se dê conta disso mas é a pura verdade.

O combate assemelhava-se a uma dança elaboradamente coreografada em que os dois se moviam um ao redor do outro enquanto as espadas e escudos produziam rangidos metálicos com seus golpes secos. Morgause não podia distinguir qual deles levava vantagem e quando finalmente abaixaram as espadas, curvaram-se diante do rei e abraçaram-se. Eram igualmente aclamados e aplaudidos, sem a mínima sombra de favoritismo.

Tiveram início então, os jogos dos cavaleiros: demonstrações de cavalgada simulada em que um homem montava um cavalo selvagem para domá-lo diante dos presentes. Morgause tinha vagas lembranças dos tempos em que Lancelote realizara tal façanha, talvez por ocasião do casamento de Arthur. Tudo isso parecia já muito distante. Depois dessa apresentação, haveria dois duelos a cavalo, com lanças rombudas que poderiam derrubar um dos cavaleiros e provocar-lhe um desagradável tombo. Um deles, ao cair, sentiu profunda fisgada numa das pernas, sendo carregado, gemendo de dor, talvez com uma perna quebrada: Esse foi entretanto, o único imprevisto mais sério embora Morgause tivesse assistido a diversas contusões, dedos esmagados, homens caindo desacordados, além de um outro cavaleiro que escapara por pouco de ser escoiceado por um cavalo mal treinado. Gwenhwyfar distribuiu prêmios no final e Morgana também foi chamada por Arthur para entregar alguns deles.

Acolon conquistara um dos prêmios da cavalgada e, ao aproximar-se do pódio para recebê-lo das mãos de Morgana, Morgause assustou-se, ao ouvir um grito abafado embora perceptível, de censura em algum ponto indefinido da platéia.

Alguém gritava, com voz abafada mas perfeitamente audível!

- Bruxa! Prostituta!

Morgana corou, sem deixar que as mãos tremessem ao entregar a taça a Acolon. Arthur sussurrou para um de seus criados :

- Encontre o responsável por isso! - E o homem (saiu as carreiras embora Morgause estivesse certa de que, no meio de tal multidão, aquela voz jamais seria reconhecida.

Voltando ao seu lugar no início da segunda metade do espetáculo, Morgana parecia pálida e furiosa; Morgause notou que suas mãos tremiam e que sua respiração estava ofegante.

- Querida, não ligue para isso - disse-lhe. - O que você pensa que dizem a meu respeito, quando atravessamos um ano de parcas colheitas ou alguém é justicado, quando teriam preferido que escapasse a sua sentença?

- Acredita que me preocupo com o que a gatinha pensa de mim? - perguntou Morgana com desdém. Morgause percebia entretanto que aquela indiferença era apenas aparente. - Sou suficientemente amada em meu próprio país.

O segundo turno dos jogos iniciou-se com uma demonstração da arte das lutas romanas, realizada por alguns camponeses saxões. Eram homens corpulentos e cheios de pêlos, não apenas no rosto mas por todo o corpo seminu; rosnavam e retesavam-se, soltando gritos enrouquecidos e atracando-se em meio a um estalar generalizado de ossos. Morgause inclinou-se para a frente, vivamente interessada na força daqueles machos; Morgana, contudo, desviou o rosto, demonstrando um completo desinteresse.

- Ora, vamos, Morgana, você está ficando tão puritana quanto a rainha. Que cara! - Morgause colocou as mãos em pala acima dos olhos para ver melhor o que se passava na arena. - Creio que o duelo simulado está prestes a começar. Olhe! Não é Gwydion? O que pode ele estar fazendo ali?

Gwydion havia pulado para a arena e, afastando-se do mestres-de-cerimônias que corria em sua direção, gritou com voz suficientemente clara e forte para ser ouvido de um extremo ao outro da arena:

- Rei Arthur!

Morgause notou que Morgana se atirara para trás, branca como a morte, agarrando-se com ambas as mãos nos braços da cadeira. Afinal, o que ele queria? Estaria, por acaso, prestes a fazer uma cena qualquer para pedir-lhe esclarecimentos de quem realmente era filho, diante de quase toda a gente de Arthur?

O rei levantou-se e Morgause imaginou que também estivesse confuso embora sua voz soasse clara:

- O que deseja, sobrinho?

- Ouvi dizer que é costume, durante esses eventos, consentir num desafio, se o rei concordar. Perguntaria, nesse instante, se por acaso Sir Lancelote não gostaria de enfrentar-se comigo num duelo!

Lancelote dissera uma vez - e disso se lembrava Morgause - que tais desafios poderiam ser sua ruína; todos os jovens cavaleiros gostariam de bater-se um dia com o paladino da rainha. A voz de Arthur tornara-se grave.

- É um de nossos costumes mas não posso responder por Lancelote. Se ele concordar, não poderei contrariá-lo. Mas você deve desafiá-lo pessoalmente e acatar sua decisão.

Morgana dizia para si mesma:

- Ora, que demônio! Não desconfiava do que tinha em mente... - Mas essa idéia não lhe desagradava totalmente.

O vento começara a levantar uma nuvem de poeira que flutuava, refletindo a seca claridade do chão de terra do pátio. Gwydion caminhou até a outra extremidade da arena, onde Lancelote estava sentado num banco. Morgause não conseguia ouvir o que os dois conversavam mas Gwydion voltou-se violentamente para a platéia e gritou:

- Senhores! Sempre me disseram que o dever de um paladino é o de enfrentar todos aqueles que vêm desafiá-lo! Senhor, peço que Lancelote aceite agora meu desafio,



ou me entregue seu alto posto de comando! Ele o mantém por sua destreza nas armas ou por algum outro motivo, meu senhor e rei?

- Pensei - comentou Morgause, voltando-se para Morgana - que seu filho ainda fosse muito jovem para sujar as calças de areia, Morgana!

- Por que reprová-lo? Por que não culpar Gwenhwyfar por tornar o marido tão vulnerável? Todos neste reino sabem que ela concede favores a Lancelote e nem ao menos a chamam de bruxa ou prostituta quando se apresenta em público.

Lancelote, contudo, sentado abaixo delas, levantou-se e caminhou lentamente em direção a Gwydion; ergueu uma das mãos enluvadas e esmurrou-o violentamente.

- Pois você acaba de me dar motivo para calar sua língua insolente, jovem Gwydion. Vejamos então quem foge da luta!

- Vim até aqui para isto - disse Gwydion, imóvel pela pancada que recebera e pela resposta de Lancelote enquanto um fio de sangue lhe escorria pelo rosto. - Dar-lhe-ei até mesmo o privilégio de sangrar-me primeiro, Sir Lancelote. É justo que um homem da sua idade tenha uma certa vantagem.

Lancelote chamou um de seus escudeiros para que viesse ocupar o lugar de juiz na arena. Inúmeros comentários espalhavam-se pela platéia enquanto Lancelote e Gwydion apanhavam suas espadas e faziam reverência diante do rei que deu início ao confronto. Morgause pensava: - Se existe alguém naquela multidão que ainda tem dúvidas de que sejam pai e filho, deve ser cego.

Os dois homens apontaram as espadas um para o outro. Eram quase da mesma altura; a única diferença entre eles era apenas o peitoral e a armadura já enferrujada de Lancelote e as roupas novas e coloridas de Gwydion. Giravam, um diante do outro, cautelosamente, até avançarem um sobre o outro. Por um momento Morgause esqueceu-se dos repetidos golpes desfechados que se tornavam rápidos demais para que os pudesse acompanhar. Podia ver que Lancelote assumia a mesma atitude do rapaz, avançando ferozmente sobre ele e desfechando-lhe um violento golpe. Gwydion foi atingido em um dos lados de sua armadura mas a força do golpe fora tamanha que o fez tropeçar, perder o equilíbrio e cair de costas no chão. Ele se levantou novamente. Lancelote pôs de lado a espada para vir em seu auxílio. Morgause não conseguiu ouvir claramente o que ele disse mas parecia ser um gesto bem-intencionado, algo assim como: - Já basta, meu rapaz?

Gwydion apontou para o filete de sangue que escorria do punho de Lancelote, provocado por um pequeno corte que ele fizera. Sua voz era perfeitamente audível.

- Você me sangrou primeiro e eu o sangrei depois. Quer decidir o confronto com mais sangue?

Uma onda de comentários e de protestos começou a vir de todas as partes da platéia; o primeiro sangue derramado em duelos dessa natureza, caso as partes envolvidas lutassem com armas cortantes, supunha terminado o conflito.

Erguendo-se de sua cadeira, Arthur gritou:

- Isto é uma festividade e este é um duelo amistoso, não uma guerra! Não quero demonstrações de ressentimentos aqui, a menos que se façam com punhos e clavas! Continuem, se assim desejarem mas eu os previno: se isso for a sério, os dois serão punidos!

Ambos se ergueram, procurando posições mais vantajosas; avançaram então, simultaneamente e Morgana, com a respiração entrecortada, percebeu a ferocidade de tudo aquilo. Parecia-lhe que a qualquer momento um dos dois atingiria fatalmente o escudo de proteção, desfechando um golpe certeiro! Um deles caíra de joelhos - uma saraivada de golpes contínuos atingia-lhe o escudo, as espadas chocavam-se com violência, até que um dos dois foi gradativamente esmagado contra o solo... Gwenhwyfar ergueu-se, gritando:

- Não quero que isso continue!

Arthur bateu com o cetro no chão da arena; como de costume; uma luta deveria encerrar-se imediatamente quando isso ocorresse mas nenhum dos dois o viu e os escudeiros tiveram de separá-los. Gwydion permanecia impassível e ereto, sorrindo enquanto atirava o elmo ao chão. O escudeiro de Lancelote teve de ajudar seu senhor a seus pés; ele respirava com dificuldade, suave e um fio de sangue lhe escorria pelo rosto. Havia grande tumulto e vaias, mesmo entre os outros cavaleiros que assistiam ao duelo; Gwydion nada acrescentara a sua popularidade, humilhando o herói de sua gente.

Virou-se, contudo, para o velho cavaleiro e disse-lhe:

- Sinto-me honrado, Sir Lancelote. Vim para esta corte como um estranho, nem ao menos como um dos Cavaleiros de Arthur e sou-lhe grato pela lição de esgrima. - Seu sorriso era o perfeito reflexo do de Lancelote. - Obrigado, senhor.

Lancelote tentou lembrar-se de onde vira aquele mesmo sorriso. Isso exagerava a semelhança entre eles, quase a ponto de tornar-se uma caricatura.

- Você se portou bravamente, Gwydion.

- Então - suplicou Gwydion, ajoelhando-se diante dele, sobre a areia do pátio -, imploro-lhe, senhor, que me conceda a ordem da cavalaria:

Morgause prendeu a respiração. Morgana sentou-se como que petrificada. De onde os saxões estavam, porém, houve uma explosão de alegria.

- Ainda por cima, astuto! Esperto, esperto! Como podem agora recusá-lo, rapaz, uma vez que enfrentou o combate com o grande paladino deles?

Lancelote olhou para Arthur. O rei estava sentado, paralisado e lívido mas depois de alguns instantes assentiu com a cabeça. Lancelote fez um sinal a seu escudeiro que lhe trouxe uma espada. Lancelote tomou-a e colocou-a em torno da cintura de Gwydion.

- Use-a sempre a serviço do rei e em favor de todas as causas justas - foram suas palavras. Estava profundamente sério. Toda a simulação e o desafio haviam desaparecido do rosto de Gwydion; tinha uma aparência grave e suave. Seus olhos ergueram-se para Lancelote e Morgause notou-lhe o tremor dos lábios..

Uma súbita simpatia por ele tomou conta de Morgause - um bastardo, nem ao menos reconhecido; ele era muito mais estrangeiro do que Lancelote havia sido. Quem poderia censurar Gwydion quanto ao estratagema pelo qual obrigara seus familiares a aceitá-lo? Pensava consigo mesma: - Deveríamos tê-lo conosco há muito tempo na corte de Arthur, se este o tivesse reconhecido em segredo, mesmo que não pudesse fazê-lo em público. O filho de um rei não deveria ter de fazer isto.

Gwydion - não, Mordred, lembrou-se Morgause; para nomear um cavaleiro havia um ritual tão sério quanto o batismo - levantou-se e devolveu afetuosamente o abraço de Lancelote. Sua voz embargou-se quando ele disse:

- Ganhei, agora, o prêmio deste dia, quem quer que seja considerado o vencedor destes jogos, senhor Lancelote..

- Não - sussurrou tranqüilamente Morgana, ao lado de Morgause -, não o entendo. É a última coisa que eu poderia esperar dele.

Houve uma longa pausa até que os Cavaleiros se preparassem para a demonstração final de batalha. Alguns saíram para beber água ou comer apressadamente um pedaço de pão; outros se reuniram em pequenos grupos, perguntando-se sobre qual lado tomariam nos jogos finais. Os demais foram ver seus cavalos. Morgause desceu até o pátio onde alguns homens haviam permanecido e Gareth entre eles - o rapaz sobressaía-se dos outros por quase uma cabeça de diferença, tornando-se facilmente reconhecível. Ela

pensou que ele estivesse conversando com Lancelote mas quando se aproximou descobriu que seus olhos a tinham enganado; ele encarava Gwydion e sua voz parecia irritada. Conseguiu ouvir apenas as últimas palavras: - que mal ele fez a você? Transformá-lo num idiota diante de toda a gente...

Gwydion deu uma risada:

- Se seu primo precisa de proteção diante de todos os compatriotas, Deus ajude Lancelote, quando cair nas mãos dos saxões ou dos povos do norte! Vamos, irmão, não duvido que ele possa preservar sua própria reputação ! É tudo o que você tem para dizer-me depois de todos esses anos, irmão, repreendendo-me por ter magoado alguém a quem você muito ama?

Gareth riu envolvendo Gwydion num abraço apertado, dizendo-lhe :

- Você continua o mesmo jovem descuidado. O que aconteceu para obrigá-lo a fazer isso? Arthur teria feito você cavaleiro, se lhe tivesse pedido!

Morgause lembrou-se: Gareth não sabia toda verdade sobre a origem de Gwydion; sem dúvida, queria dizer: porque você é filho da irmã dele.

Gwydion concordou.

- Estou certo disso ele é sempre generoso com seus parentes. Ele teria feito de você um cavaleiro, Gareth, por amizade a Gawaine mas você também não seguiu aquele caminho, irmão de criação. - Balançou a cabeça. - E creio que Lancelote me deve algo por todos os anos em que venho exibindo seu rosto!

Gareth sacudiu os ombros, pesarosamente.

- Bem, parece-me que ele não guarda nenhum rancor; logo, suponho que também eu deva perdô-lo. Agora você comprovou que ele tem um grande coração.

- Ah, sim - disse afetuosamente Gwydion - ele realmente o tem! - E ergueu então, a cabeça, ao ver Morgause. - Mãe, o que está fazendo aqui? Em que posso servi-la?

- Vim apenas para cumprimentar Gareth, que ainda não falou comigo hoje - explicou Morgause e o homenzarrão inclinou-se para beijar a mão da mãe. Ela perguntou-lhe: - De que modo você irá lutar na batalha simulada?

- Como sempre - explicou Gareth -, luto ao lado de Gawaine, com os homens do rei. Você tem um cavalo de batalha, não tem, Gwydion? Ir lutar então do lado do rei? Podemos dar-lhe um lugar.

Gwydion respondeu-lhe com o sombrio e enigmático sorriso que lhe era característico:

- Uma vez que Lancelote me sagrou cavaleiro, suponho que deva lutar com a artilharia de Sir Lancelote do Lago e ao lado de Acolon em nome de Avalon. Mas não participei das festividades de encerramento durante o resto do dia, Gareth.

- Por que não? - perguntou-lhe o outro, passando a mão pelo ombro do rapaz e olhando-o de cima, como sempre o fizera. Morgause pensava num Gareth mais jovem olhando para o irmão menor. - Isso é esperado de todos os que são feitos cavaleiros! E você sabe que Galahad lutará conosco.

- E de que lado ele ficar? - perguntou Gwydion - Do de seu pai Lancelote ou do rei, que o fez herdeiro de seu reino? Não é um teste cruel para sua fidelidade?

Gareth parecia transtornado.

- Como então, você dividiria as forças para a batalha simulada, a não ser pelos dois maiores cavaleiros entre nós? Pensa que tanto Lancelote quanto Arthur acreditam que esta seja uma prova de lealdade? Arthur não irá em pessoa tomar parte nisso, de modo que nenhum homem terá de escolher com qual dos dois lutar pelo seu rei mas Gawaine tem sido seu escudeiro desde que ele foi coroado! Você está querendo provocar outro escândalo? Você?

Gwydion deu de ombros.

- Já que não pretendo juntar-me a nenhuma das duas forças...

- Mas o que irão pensar? Que você é um covarde, que foge da luta...

- Lutei várias vezes nos regimentos de Arthur e não ligo para o que venham a dizer - retrucou Gwydion - mas se você quiser, diga-lhes que meu cavalo ficou manco e que não pretendo maltratá-lo ainda mais, o que é uma desculpa aceitável.

- Eu poderia emprestar-lhe um dos cavalos de Gawaine - insistiu Gareth, perplexo - mas se você procura uma boa desculpa, faça o que quiser. Mas por quê, Gwydion? Ou devo chamá-lo agora de Mordred?

- Pode chamar-me do que desejar, meu irmão.

- Você não me dirá, contudo, por que evita a luta, Gwydion?

- Ninguém, a não ser você, poderia proferir essa palavra impunemente mas já que você me pergunta eu direi por quê. É pelo seu bem, caro irmão.

Gareth fitou-o com seriedade.

- O que em nome de Deus, você quer dizer?

- Conheço pouco sobre Deus e não procuro saber mais - explicou Gwydion postando-se a frente de Gareth. - Já que você saberá um dia, irmão, pois tem idade suficiente para isso, sou portador da Visão...

- Ora mas o que é isso? - perguntou Gareth com impaciência. - Tem tido algum pesadelo onde eu caio fulminado pela sua lança?

- Não, não brinque com isso - pediu Gwydion e Morgause teve a sensação de que o sangue lhe congelava nas veias, ao vê-lo erguer o rosto para Gareth, pareceu-me que... - engasgou, como se sua garganta se fechasse para as palavras que pudesse proferir. - Parecia-me vê-lo morto no chão e eu ao seu lado e que você não mais falaria comigo; eu soube que era por minha causa que você ali jazia, sem o sopro da vida.

Gareth deu um breve assobio, quase imperceptível. Logo depois entretanto, bateu-lhe no ombro, dizendo:

- Ora mas eu não acredito muito em sonhos e visões, meu jovem. E do destino homem algum pode escapar. Não lhe ensinaram isso em Avalon?

Para Morgause, a batalha final de esgrima sempre fora algo incompreensível; sua cabeça começou a doer com o sol e ansiava pelo fim da solenidade. Também estava faminta e podia sentir, a distância, o cheiro da carne assada nos fornos.

Gwydion sentou-se ao seu lado e explicou-lhe as sutilezas da guerra, da qual pouco entendia e pela qual não se interessava.

Ao final das solenidades, havia numerosos pequenos prêmios a serem distribuídos e quando todos tinham sido entregues, os cavaleiros foram batizados com jatos d' água dos pés a cabeça por seus escudeiros e trocaram seus trajes por outros mais leves. Morgause acompanhou as demais senhoras da família real até um aposento posto a sua disposição, onde poderiam se recompor enxugando o suor e retirando a poeira a que tinham ficado expostas na platéia.

- O que você acha? - perguntava Morgause. - Lancelote ganhou um inimigo?

Morgana discordou :

- Não creio. Não os viu abraçando-se?

- Pareciam pai e filho - comentou Morgause. - Antes fossem.

O rosto de Morgana, porém, permanecia impassível.

- Já se passaram longos anos para falarmos sobre isso, tia.

Morgause refletiu por alguns instantes: Talvez ela tenha esquecido que sei de quem ele realmente é filho. Diante da impassível calma de Morgana, pôde apenas dizer:

- Você gostaria que eu a ajudasse com suas tranças? - E pegou a escova enquanto a sobrinha se virava. - Mordred - tagarelou ela enquanto trabalhava. - Bem, é inegável que mostrou bravura aqui, Deus é testemunha disso! Conquistou um lugar por seu próprio valor e audácia e já não precisa implorar por um a Arthur, apoiado na sua linhagem. Os saxões deram-lhe um bom nome mas eu não sabia que tinha tanto de guerreiro. Certamente ele tentou roubar o brilho do dia! Ainda que Galahad tenha obtido o prêmio, ninguém comentará nada a não ser o gesto audacioso de Mordred.

Uma das damas de companhia da rainha veio na direção delas :

- Senhora Morgana, Sir Mordred é seu filho? Nunca soube que tivera um filho.

Morgana respondeu-lhe com firmeza:

- Eu era muito jovem quando ele nasceu e Morgause o criou. Quase cheguei a esquecer esse fato.

- Como deve estar orgulhosa dele! E ele é tão forte, não? Tão bonito quanto o próprio Lancelote - disse, sorrindo, a mulher com os olhos brilhando.

- Não é mesmo?... - concordou Morgana, num tom de voz tão cortês que somente Morgause que a conhecia bem, percebeu que estava furiosa. - Foi um fato embaraçoso para ambos, ousou dizer. Mas Lancelote e eu somos primos em primeiro grau e quando eu era ainda menina parecia-me muito mais com ele do que com meu próprio irmão. Nossa mãe era alta e ruiva como a rainha Morgause aqui presente mas a senhora Viviane pertencia ao povo antigo de Avalon.

- Quem é o pai dele então? - perguntou a mulher e Morgause viu que as mãos de Morgana crispavam-se ao seu lado. Respondeu, contudo, com um sorriso amável:

- Ele é filho de Beltane, como o Deus chama todas as crianças encontradas no bosque. Sem dúvida, você se lembra de que, quando menina eu era uma das donzelas da Senhora do Lago.

Tentando ser gentil, a mulher murmurou:

- Havia-me esquecido... Então eles ainda preservam os velhos rituais por lá?

- Enquanto deles tiverem conhecimento - suspirou tranquilamente Morgana. - E a Deusa concorda em que assim o façam até o fim dos tempos.

Como havia pretendido, isso bastou para calar a mulher e Morgana virou-se para Morgause:

- Está pronta, parenta? Desçamos para o salão.

Ao saírem do quarto ela suspirou profundamente, com um gesto de irritação e alívio.

- Estúpidas tagarelas... ouça o que dizem ! Será que nada mais fazem a não ser bisbilhotar?

- Provavelmente, não - debochou Morgause. - Seus maridos e pais cristãos certificam-se de que elas não tenham nada com que ocupar a cabeça.

As portas que davam para a grande câmara da Távola Redonda, onde a festa do Pentecostes teria lugar, foram fechadas, para que todos entrassem ao mesmo tempo.

- A cada ano que passa, Arthur nos oferece mais cerimônias - excitou-se Morgause. - Suponho que agora se proceda a uma grande procissão e a um cerimonial de entrada.

- O que você espera? - perguntou Morgana. - Hoje não existem mais guerras ele precisa estimular de algum modo a imaginação de seu povo e é bastante inteligente para fazer isso por meio de grandes comemorações em benefício próprio. Ouvi dizer que foi o Merlim quem o aconselhou a agir assim. A gente do povo e também os nobres, gostam de espetáculos e os druidas não ignoram isso desde que acenderam as primeiras fogueiras em Beltane. Gwenhwyfar precisou de muitos anos para fazer deste um grandioso feriado de

fogos em todos os recantos do mundo cristão. - E esboçou o primeiro sorriso realmente sincero que Morgause vira em seu rosto o dia inteiro. - Até mesmo Arthur sabe que não pode enganar sozinho seu povo com uma missa e uma festa se não houver nenhuma grande maravilha para ser vista. Não duvido que Arthur e o Merlim encontrarão, de certa forma, os meios de produzi-la! Pena não poderem fazer hoje o eclipse!

- Você observou o eclipse em Gales do Norte? Minha gente ficou assustada - contou Morgause - e não duvido que aquelas tolas damas de companhia de Gwenhwyfar tenham cacarejado e gritado como se o mundo estivesse próximo do fim!

- Gwenhwyfar adora cercar-se de jovens tolas - escarneceu Morgana. - Embora ela mesma não seja realmente tola, prefere aparentá-lo. Pergunto-me: - como pode tolerar tudo isso?

- Você deveria demonstrar maior paciência com elas - advertiu Morgause embora Morgana desse de ombros.

- Não ligo para o que os estúpidos possam pensar de mim.

- Não consigo imaginar como você viveu no reino de Uriens como rainha por tanto tempo e não aprendeu mais sobre a arte de ser rainha! A despeito do que pensam os homens sobre uma mulher esta deve depender da boa vontade de outras mulheres. O que mais você aprendeu em Avalon?

Morgana, com voz sufocada, respondeu-lhe:

- Em Avalon, as mulheres não são ignorantes!

Morgause, contudo, conhecia-a demasiadamente bem para saber que seu tom irritado conciliava sofrimento e solidão

- Morgana, por que não retorna a Avalon?

Ela baixou a cabeça, sabendo que, se Morgause se dirigisse a ela com ternura, não suportaria a dor e começaria a chorar.

- Minha hora ainda não chegou. Ordenaram-me que ficasse ao lado de Uriens...

- E Acolon?

- Oh sim e de A colon. Eu deveria saber que seria reprovada por isso...

- Sou a última a poder criticar - interrompeu Morgause - mas Uriens não viverá por muito tempo...

Com o rosto tão frio quanto sua voz, Morgana disse-lhe :

- Assim pensei naquele dia, anos atrás, quando nos casamos. Parece-me que ele viver tanto quanto o próprio Taliesin e Taliesin, ao morrer, havia passado dos noventa anos.

Arthur e Gwenhwyfar chegaram ao salão real e dirigiram-se lentamente aos lugares que lhes eram reservados. Arthur esplendidamente vestido com trajes brancos; Gwenhwyfar, a seu lado, com finas vestes de seda e adornada de jóias. Quando os portões se abriram eles foram os primeiros a entrar, hierarquicamente seguidos de Morgana, por ser irmã do rei, com o marido e os filhos, Acolon e Uwaine; depois, de Morgause e seus familiares, por ser tia do rei; de Lancelote e sua família e, finalmente, de outros cavaleiros - um a um, que se postaram em volta da Távola Redonda para ocupar seus lugares. Alguns anos antes, um artesão pintara com tinta dourada e vermelha o nome de cada Cavaleiro no alto do espaldar de sua cadeira habitual. Agora, ao dirigir-se ao seu lugar, Morgause observou que no assento mais próximo do rei, reservado durante os últimos anos ao seu herdeiro, havia sido pintado o nome de Galahad. Mas ela o examinava apenas com o canto dos olhos. Já nos grandes tronos onde Arthur e Gwenhwyfar iriam sentar-se, havia dois estandartes brancos, como aqueles anteriormente usados pelos bobos na arena e neles tinham sido desenhadas estranhas figuras, caricaturas de mau gosto - um dos estandartes

retratava um cavaleiro em pé sobre duas figuras coradas, insinuando uma demoníaca semelhança com Arthur e Gwenhwyfar; o outro, uma pintura obscena que fez até mesmo Morgause que não era de forma alguma puritana, corar, pois retratava uma mulher miúda e de cabelos negros, nua, num imenso abraço com um medonho demônio cornudo. E, a sua volta, indiferentes a uma estranha e repulsiva prática sexual estavam espalhados grupos de homens nus.

Gwenhwyfar gritou, quase sufocada:

- Deus e Maria nos protejam!

Arthur, mortalmente atingido, voltou-se para os servos e vociferou:

- Como veio isto... isto... - as palavras fugiam-lhe da boca enquanto apontava para os desenhos - parar aqui!

- Senhor - balbuciou o camareiro - não estavam aqui quando terminamos de preparar o salão. Tudo estava em seus lugares, até mesmo as flores que dispusemos atrás do trono da rainha...

- Quem esteve por último nesta sala? - perguntou Arthur.

Cai deu um passo a frente.

- Meu senhor e irmão, fui eu. Vim para certificar-me de que tudo estava em ordem e juro por Deus, que agora nos vê, que tudo tinha sido preparado para homenagear meu rei e sua rainha! E se achar o cão danado que esteve aqui para trazer estas coisas, farei assim com sua cabeça! - E fez com as mãos o gesto típico de torcer o pescoço de uma galinha.

- Olhe para sua rainha! - gritou rispidamente Arthur. As mulheres acorreram aos gritos enquanto Gwenhwyfar desmaiava. Morgana ajudou-a a levantar-se, pedindo-lhe numa voz grave:

- Gwen, não lhes dê essa satisfação! Você é rainha. Por que se importar com o desenho feito por algum idiota num estandarte? Controle-se!

Gwenhwyfar chorava.

- Como podem... como poderiam eles... como poderia alguém odiar-me tanto?

- Não há quem viva sem ser ofendido por algum estúpido - disse Morgana, ajudando-a tomar seu lugar. A mais obscena de todas as bandeirolas, todavia, não tinha sido pendurada e Gwenhwyfar se afastou, como se tivesse tocado em algo asqueroso. Morgana lançou-a ao chão. Havia taças de vinho na mesa. Morgana fez um sinal para que uma das criadas de Gwenhwyfar enchesse uma delas e a desse a rainha.

- Não deixe que isso a perturbe, Gwen... creio que aquilo era para mim. Dizem por aí que levo demônios para a cama e não ligo.

Arthur ordenou:

- Levem essa porcaria para fora daqui e queimem-na; tragam madeiras perfumadas e incenso para expulsar o cheiro desagradável do mal. - Os lacaios acorreram para obedecer-lhe e Cai prometeu:

- Nós encontraremos o autor desses desenhos. Sem dúvida, é algum dos servos que dispensei e que voltou para me aborrecer porque me vangloriei da decoração do salão este ano. Homens, tragam vinho e cerveja e beberemos em primeiro lugar contra a vergonha e a confusão provocadas pelo maldito verme que tentou arruinar nossa festa! Vamos deixá-lo escapar? Ora, não! Pois venham, bebam a honra de Arthur e de sua rainha?

Um novo estado de espírito reinou no ar, transformando-se numa saudação generalizada enquanto Arthur e Gwenhwyfar se inclinavam para agradecer. Os convidados tomaram seus lugares e Arthur disse:

- Tragam-me agora alguns suplicantes.

Morgause observava a entrada de um homem com uma queixa sobre limites que lhe pareceu estúpida. A seguir, um senhor que se lastimava porque um de seus vassalos abatera um cervo em suas terras.

Morgause, que estava próxima de Gwenhwyfar, inclinou-se para a frente e murmurou para a rainha:

- Por que Arthur cuida pessoalmente desses casos?

Algum de seus intendentos poderia dar conta disso e ele não perderia seu tempo.

Gwenhwyfar murmurou :

- Já pensei nisso uma vez. Mas ele ouve um ou dois casos como esses, durante o Pentecostes, para que o povo não pense que se ocupa apenas dos nobres ou de seus próprios Cavaleiros.

Ora, pensava Morgause, isso era muito sensato. Havia mais dois ou três suplicantes como aqueles e enquanto a comida era servida, malabaristas e acrobatas entretinham as pessoas e um homem realizava algumas mágicas, fazendo aparecer ovos e passarinhos nos lugares mais insuspeitos. Morgause achou que agora Gwenhwyfar estava mais calma e não acreditava que fosse encontrar o autor dos desenhos. Um deles retratava Morgana como prostituta e isso era muito grave; mas o outro parecia-lhe mais sério, pois mostrava Lancelote em posições eróticas com ambos: rei e rainha. Algo acontecera naquele dia, além da humilhação pública do paladino da rainha, refletiu Morgause. Aquilo, porém, poderia ser contornado pelo afeto que ele demonstrara em relação ao jovem Gwydion - ou Mordred - e a falta inequívoca de qualquer ressentimento entre ambos depois. A despeito entretanto, da popularidade de Lancelote junto ao rei e seus Cavaleiros, não havia dúvidas de que alguém odiava Gwenhwyfar por sua óbvia parcialidade para com seu paladino.

- Que está se passando agora? - perguntou a Gwenhwyfar.

A rainha esboçou um sorriso; o que quer que fosse, assim que soaram as trompas do lado de fora, algo lhe agradara.

Os portões foram abertos; as trompas soaram novamente, as rudes trompas saxônicas. Imediatamente três corpulentos saxões usando peitorais e braceletes de ouro nos braços cobertos de peles e couros, portando grandes espadas e pontudos elmos, bem como argolas de ouro, na cabeça, avançaram lentamente pelo salão da Távola Redonda, cada qual com seu próprio cortejo.

- Arthur, meu senhor - disse um deles. - Sou Alderic, senhor de Kent e de Anglia e estes são meus irmãos, os reis. Viemos para perguntar se devemos algum tributo ao mais cristão de todos os reis e promover um tratado permanente com o senhor e sua corte, para sempre!

- Lot ficaria totalmente confuso neste momento - observou Morgause - mas Viviane sentir-se-ia satisfeita com um acontecimento como esse. - Morgana, porém, nada respondeu.

O bispo Patrício levantou-se, indo ao encontro dos reis saxões para saudá-los. Disse para Arthur:

- Meu senhor, após intermináveis guerras, isso me traz uma grande alegria. Rogo que receba estes homens como seus vassalos e aceite seu juramento como prova de que todos os reis cristãos devem tornar-se irmãos.

Morgana empalideceu mortalmente. Tentou erguer-se e dizer algo mas Uriens olhou-a de soslaio e ela manteve-se atrás dele. Morgause comentou, de boa fé:

- Lembro-me de quando os bispos se recusavam até mesmo para enviar alguém para cristianizar os bárbaros. Lot contou-me que haviam jurado jamais se encontrar com os saxões como amigos, nem mesmo após a morte e que nunca lhes enviariam



missões de cortesia. Que fossem todos para o inferno! Mas enfim, trinta anos já se passaram!

Arthur declarou :

- Desde que subi ao trono, desejei ardentemente pôr fim as guerras que devastaram esta terra. Vivemos em paz por muitos anos, senhor bispo e agora são bem-vindos, bons senhores, à minha corte e à minha companhia.

- É nosso costume - afirmou um dos saxões e Morgause observou que não era Alderic, pois este se vestia com uma capa azul e a de Alderic era marrom - prestar juramento diante do aço das espadas. Podemos prestar fidelidade sob a cruz de sua espada, senhor Arthur, como sinal de que nos encontramos como cristãos, sob o mesmo Deus que nos governa a todos?

- Que assim seja - concordou Arthur serenamente e desceu dos estrados para postar-se na frente deles. Sob a luz de numerosas tochas e candeieiros, a Excalibur reluziu como um raio, assim que ele a ergueu. Levantou-a diante de si e uma grande sombra trêmula, a sombra de um cruz, cobriu toda a extensão do salão enquanto os reis se ajoelhavam.

Gwenhwyfar parecia satisfeita; Galahad transbordava de alegria. Morgana, contudo estava pálida de ódio e Morgause podia ouvi-la sussurrar a Uriens:

- Ele atreveu-se a desviar a espada de Avalon para tais usos! Como sacerdotisa de Avalon, não ficarei sentada, testemunhando isso em silêncio! - Fez menção de erguer-se mas Uriens segurou-lhe o pulso com força. Ela tentou reagir silenciosamente mas sentia-se tão velha quanto Uriens e este tinha sido guerreiro, ao passo que ela era uma frágil mulher; por alguns instantes, Morgause pensou que ele, partiria os pequenos ossos do pulso da esposa mas ela não gritou nem gemeu. Mordeu-o e tentou desvencilhar-se, até que disse alto o suficiente para que Gwenhwyfar certamente a ouvisse: - Viviane morreu deixando sua missão inacabada. E eu nada pude fazer enquanto crianças ingênuas se tornavam adultas e eram sagradas cavaleiros e Arthur caia nas mãos dos padres!

- Senhora - disse Acolon, inclinando-se sobre sua cadeira - por favor! Não destrua este dia santificado ou irão tratá-la como os romanos trataram os druidas. Fale em particular com Arthur, discuta com ele, se acha que é o seu dever. Estou certo de que o Merlim ir ajudá-la!

Morgana baixou os olhos. Seus dentes rangiam.

Arthur abraçou os reis saxões, cumprimentando-os e levando-os a seus lugares junto a seu trono.

- Seus filhos, se se mostrarem dignos, serão bem-vindos entre meus Cavaleiros. - E pediu aos servos que trouxessem presentes: espadas e finas adagas, um rico manto para Alderic. Morgause apanhou um doce embebido em mel e colocou-o entre os dentes cerrados de Morgana.

- Há muito que está em jejum, Morgana. Coma isso. Você está linda e vai desmaiar na cadeira!

- Não é a fome que me deixa pálida - sussurrou Morgana mas pôs o doce na boca. Bebeu um pouco de vinho, também e Morgause percebeu que as mãos lhe tremiam. Num de seus pulsos havia marcas escuras deixadas pelos dedos de Uriens.

Morgana então, levantou-se. Com voz calma, tranqüilizou Uriens:

- Não se preocupe, meu bem-amado marido. Nada direi para ofender Arthur ou a você. - Virou-se então para Arthur: - Meu senhor e irmão! Posso pedir-lhe um favor?

- Minha irmã e esposa de meu fiel súdito, Rei Uriens, pode pedir o que desejar - concedeu Arthur de forma original.

- A mais humilde de suas servas, senhor, pede uma audiência. Pergunto-me se ela me será concedida.

Arthur franziu a sobrancelha mas logo recobrou o mesmo tom da pergunta.

- Esta noite, antes de irmos nos deitar. Eu a receberei em meu próprio quarto, com seu marido, se você desejar.

Eu gostaria, pensou Morgause, de ser uma mosca na parede do quarto, durante essa audiência!

No quarto que Gwenthwyfar reservara ao rei Uriens e sua família, Morgana, mais uma vez, penteava preguiçosamente os cabelos com os dedos. Pediu a criada para trazer-lhe roupas novas. Uriens queixava-se de que comera e bebera demais e não pensava em participar da audiência.

- Vá para a cama então. O que tenho a dizer para Arthur nada tem a ver com você.

- Nem tanto. Eu também fui educado em Avalon. Pensa que sinto prazer em ver as coisas sagradas postas ao serviço do Deus cristão que nos despojaria de toda a sabedoria do mundo? Não, Morgana, não é só você, como sacerdotisa de Avalon quem deveria expor sua indignação diante disso. É o reino de Gales do Norte eu mesmo como seu rei e Acolon, que é indicado para suceder-me quando eu me for.

- Meu pai tem razão, senhora. - Acolon olhou para ela e continuou: - Nosso povo confia em que não o trairemos, nem deixaremos os sinos das igrejas tocarem sobre seus bosques sagrados... - E por instantes pareceu-lhe que embora nenhum dos dois se houvesse mexido estavam juntos num dos bosques sagrados, reunidos diante da deusa. Uriens, é claro, nada vira. Ele insistia: - Faça com que Arthur saiba, Morgana, que o reino de Gales do Norte não cairá docilmente sob o poder dos cristãos.

Morgana deu de ombros.

- Como quiser.

Fui uma tola, pensava; era sacerdotisa em sua coroação, dei um filho a Arthur; devia ter-me utilizado do poder que possuía sobre a consciência do rei e tornar-me a mais poderosa por trás do trono e não Gwenthwyfar. Enquanto rastejava como um animal, lambendo feridas, perdia o controle sobre Arthur. Naquela época, poderia ter dado ordens mas agora tenho de implorar sem ter ao menos o poder da Senhora.

Virou-se ao ouvir batidas na porta; um dos criados foi abri-la e Gwydion entrou. Ainda trazia a espada saxônia que Lancelote lhe dera em sua sagração como cavaleiro mas retirara a armadura e vestia um rico manto escarlate; ela não imaginara que seu filho pudesse parecer tão elegante.

Viu seus olhos brilharem em sua direção.

- Lancelote deu-a a mim. Estávamos bebendo no salão quando recebi a notícia de que o rei desejava ver-me em seus aposentos... Expliquei-lhe que minha túnica estava cheia de lama e manchada de sangue e ele me disse que éramos do mesmo tamanho e que poderia emprestar-me um de seus trajes. Quando vesti o manto, recebi-o em seguida de presente, pois Lancelote acha que ele fica melhor em mim e que eu ganhei poucos prêmios durante minha cerimônia, enquanto o rei presenteou Galahad regiamente. Será que ele sabe que Arthur é meu pai? Por acaso fez algum comentário?

Uriens piscou e pareceu surpreso, sem nada dizer entretanto. Acolon meneou a cabeça, dizendo-lhe:

- Não, irmão. Lancelote é o mais generoso de todos os homens, isto é tudo. Quando Gareth veio para a corte, sem o conhecimento de seus familiares, Lancelote ofereceu-lhe roupas e armas, para que ele estivesse vestido de acordo com a estação. E se

você perguntasse se Lancelote apreciava ver seus presentes no corpo de rapazes bem-feitos... bem, já se cogitou disso há algum tempo. A verdade é que não conheço homem algum em toda a corte, jovem ou velho, que tenha ouvido de Lancelote uma única palavra que não fosse cortês.

- É mesmo? - perguntou Gwydion e Morgana podia vê-lo receber essa pequena informação e guardá-la, como ouro em bolsa de avarento. - Agora me lembro da história de uma festa na corte de Lot, quando Lancelote era jovem. Algo sobre uma balada que compôs quando lhe puseram a harpa nas mãos e pediram-lhe que tocasse; cantou sobre alguma façanha de Roma ou dos tempos de Alexandre, não sei por quê e sobre o amor dos companheiros de cavalaria, que se tornou motivo de zombaria. Desde então, suas canções são todas sobre a beleza de nossa rainha, ou contos de cavalaria, de aventuras e dragões.

Morgana não conseguiu suportar o desprezo em sua voz. Disse-lhe:

- Se você veio pedir um presente por sua sagração, falaremos assim que eu tiver visto Arthur mas não agora.

Gwydion olhou para seus sapatos. Era a primeira vez que ela o vira despojado de sua auto-afirmação e ousadia.

- Mãe, o rei mandou chamar-me também. Devo ir em sua companhia?

Ela passou a gostar um pouco mais dele, por confessar desse modo sua própria vulnerabilidade.. .

- Arthur não tem boas intenções com relação a você mas, se quiser, pode vir conosco à sua presença ele não poderá fazer-lhe nenhum mal, a não ser mandá-lo embora e dizer que prefere falar com você em particular.

- Então venha, irmão - disse Acolon, tomando de tal forma o braço de Gwydion que este podia ver as serpentes tatuadas em seus pulsos: - O rei deve ver primeiro esta senhora e nós dois a seguiremos...

Ao lado de Uriens, Morgana desejou que Acolon se tornasse amigo de seu filho e o reconhecesse como irmão. Ao mesmo tempo, sentiu o corpo estremecer e Uriens tomou-lhe as mãos.

- Está com frio, Morgana? Pegue seu manto...

No interior dos aposentos reais um fogo estava aceso e Morgana ouvia o som de uma harpa. Arthur sentara-se num banco de madeira revestido de almofadas. Gwenhwyfar costurava com uma estreita fita, que brilhava com seus fios dourados. O servo anunciou cerimoniosamente:

- O rei e a rainha de Gales do Norte, seu filho Acolon e Sir Lancelote.

Gwenhwyfar levantou a cabeça ao ouvir o nome de Lancelote, depois riu.

- Não é verdade que são muito parecidos? Sir Mordred não é aquele que vimos sagrar-se cavaleiro hoje?

Gwydion inclinou-se para a rainha sem nada dizer. Nessa reunião em família, contudo, Arthur não era o único a quebrar o protocolo.

- Sentem-se. Deixem-me pedir vinho.

Uriens disse :

- Já bebi muito vinho hoje, Arthur, o suficiente para fazer flutuar um navio no cais ! Nada para mim, obrigado. Talvez os rapazes tenham melhor disposição para isso.

Gwenhwyfar virou-se para Morgana mas esta sabia que, se não falasse naquele momento, Arthur iniciaria sua conversação com os homens e pediria que esperasse sentada num canto com a rainha e se mantivesse calada, ou que conversasse em voz baixa sobre assuntos femininos, como bordados, servos, quem engravidara na corte...

Ela fez um sinal ao servo que trouxe o vinho:

- Quero uma taça. - E lembrou-se com amargura dos tempos em que, como sacerdotisa de Avalon, orgulhava-se de beber tão somente do Poço Sagrado. Ela o sorveu, dizendo: - Sinto-me profundamente magoada com a chegada dos enviados saxões, Arthur. Não... - fê-lo calar-se quando tentou falar. - Não falo como uma mulher que se intromete nos assuntos de Estado. Sou a rainha de Gales do Norte e duquesa da Cornualha e tudo o que concerne ao reino também me diz respeito.

- Então você estaria lutando pela paz - admirou-se Arthur. - Trabalhei a vida inteira, parece-me, até que me tornei muito velho para segurar uma espada, visando acabar com as guerras com os saxões. Naquela época, acreditava que a guerra terminaria se os levássemos de volta aos mares de onde vieram. Mas paz é paz e se ela é conseguida por meio de tratados então que assim seja. Existem outras maneiras de se lidar com um touro que não seja a de assá-lo para o jantar. Torna-se igualmente eficaz castrá-lo e fazê-lo puxar o arado.

- Ou salvá-lo, para fecundar suas vacas? Ir pedir a seus súditos e reis que casem suas filhas com os saxões, Arthur?

- Isso também, talvez. Os saxões nada mais são do que homens... Lembra-se da canção que Lancelote cantou? Eles têm os mesmos anseios pela paz, também vivem em terras devastadas e queimadas muitas e muitas vezes. Você acha que deveria lutar até que o último deles estivesse morto ou fora de combate? Pensei que as mulheres ansiassem pela paz.

- Também luto pela paz e a saúdo, mesmo com os saxões mas o senhor os obriga a renegarem seus Deuses também e aceitarem o seu próprio, assim como os fez jurar diante da cruz?

Gwenhwyfar assistia a tudo com muita atenção.

- Não existem outros deuses, Morgana. Eles concordaram em pôr de lado os demônios que adoravam e a quem chamavam deuses, isso é tudo. Agora veneram o único e verdadeiro Deus e o Cristo enviado em Seu nome para salvar a humanidade.

Gwydion disse:

- Se realmente acredita nisso, minha senhora e rainha então para a senhora essa é a verdade: todos os deuses são um deus e todas as deusas, uma deusa. Mas pretende, por acaso, proclamar uma única verdade para todos os povos do mundo?

- Você chama a isso presunção? Essa é a única verdade - respondeu Gwenhwyfar - e chegar o dia em que todos os homens em toda parte, a reconhecerão.

- Temo por minha gente quando ouço isso - disse o rei Uriens. - Prometi a mim mesmo proteger os bosques sagrados, assim como meu filho, depois de mim.

- Por quê? Pensei que o senhor fosse cristão, meu senhor de Gales do Norte...

- E sou mas não negarei a existência de um outro Deus.

- Mas não existem tais deuses - retrucou Gwenhwyfar.

Morgana abriu a boca para falar mas Arthur impediu que o fizesse:

- Já basta, já basta! Não os chamei aqui para discutirmos teologia! Se têm paciência para isso existem muitos padres que os ouvirão e poderão discutir tal coisa com vocês. Podem ir e convertam-nos se puderem! O que a trouxe aqui para falar comigo; Morgana? Apenas sua desconfiança da boa-fé dos saxões, com ou sem o juramento da cruz?

- Não - e enquanto falava notou que Kevin estava presente no quarto, sentado nas sombras com sua harpa. Isso era bom; o Merlim da Bretanha poderia testemunhar esse protesto em nome de Avalon! - Chamei o Merlim por testemunha; você os fez prestar um juramento sobre a cruz e transformou a espada sagrada de Avalon, a Excalibur, a grande

espada das Sagradas Insígnias, na sua cruz para o juramento! Senhor Merlim, isso não é uma blasfêmia?

Arthur respondeu rapidamente:

- Foi apenas um gesto simbólico, para atrair a imaginação de todos, Morgana, um gesto como esse também foi feito por Viviane quando me pediu que lutasse pela paz, em nome de Avalon, com aquela mesma espada.

Merlim tomou a palavra com sua voz grave:

- Morgana, minha querida, a cruz é um símbolo mais antigo que o Cristo e desde então venerada onde havia seguidores do Nazareno. Existem padres em Avalon trazidos aqui pelo patriarca José de Arimatéia, que trabalhou ao lado dos druidas...

- Mas foram padres que não tentaram dizer que seu deus é o único Deus - atalhou furiosamente Morgana - e não duvido que o bispo Patrício os silenciaria se pudesse, para depois pregar seu próprio sermão de intolerância!

- O bispo Patrício e seus seguidores não estão em questão aqui, Morgana - tornou Kevin. - Deixe os não-iniciados pensarem que os saxões juraram pela cruz do sacrifício e pela morte de Cristo. Nós também temos um Deus sacrificado, seja porque o vejamos na cruz ou no feixe de cevada, que deve perecer na terra e ser novamente erguido da tumba aos céus.

Gwenhwyfar disse :

- Seus deuses sacrificados, senhor Merlim, foram apenas enviados aos homens para que se preparassem quando Cristo morresse pelos pecados do mundo.

Arthur movia impacientemente a mão.

- Quietos, todos vocês! Os saxões juraram pela paz sobre um símbolo significativo para eles...

Morgana interrompeu-o.

- Foi de Avalon que você recebeu a espada sagrada e por Avalon fez um juramento para preservar e proteger os Mistérios Sagrados! E, agora, transforma a espada dos Mistérios na cruz da Morte, a força para os mortos! Quando Viviane veio para a corte, veio para pedir que você cumprisse até o fim as promessas que fez a Avalon. E foi então, esmagada! Agora vim para terminar aquele trabalho inacabado e pedir a espada sagrada de Excalibur que você pensa usar a serviço do seu Cristo!

Gwenhwyfar interrompeu-a.

- Dia virá em que todos os falsos deuses perecerão e todos os símbolos pagãos serão postos a serviço de um único e verdadeiro Deus e seu Cristo.

- Não falei com você, sua tola! - investiu furiosamente Morgana - e este dia terá de passar sobre meu cadáver! Vocês, cristãos, têm santos e mártires. Você acredita que Avalon também não os tenha? - Enquanto falava, começava a suar, sabendo que, sem o perceber, falava por meio da Visão e lá havia o corpo de um cavaleiro vestido de negro em cujo peito reluzia uma bandeira com uma cruz... Quis voltar-se embora não pudesse fazê-lo e ali em companhia deles, atirar-se nos braços de Acolon.

- Você exagera tudo, Morgana! - disse Arthur e deu um sorriso forçado que a tranqüilizou, afugentando o medo e a Visão.

Ela ergueu-se e percebeu que, pela primeira vez em muitos anos, falara investida de todo o poder e autoridade de uma sacerdotisa de Avalon.

- Ouça-me, Arthur da Bretanha! Assim como a força e o poder de Avalon o puseram no trono, igualmente a força e o poder de Avalon podem arruiná-lo! Pense em como profanou as Sagradas Insígnias! Jamais pense em pô-las a serviço de seu Deus cristão, pois cada elemento do Poder traz consigo a própria maldição.

- Basta! - Arthur levantou-se, com o rosto crispado. - Irmã ou não, não tente dar ordens ao rei de toda a Bretanha.

- Não falo a meu irmão - retorquiu ela - mas ao rei! Avalon colocou-o no trono, Arthur, Avalon deu-lhe aquela espada que você desrespeitou e em nome de Avalon peço-lhe que a devolva as Sagradas Insígnias! Se deseja usá-la apenas como uma espada, chame então seus ferreiros para fazerem outra !

Houve um estranho silêncio e por alguns instantes pareceu-lhe que suas palavras haviam penetrado grandes espaços vazios ecoando entre os mundos e que bem longe em Avalon, os druidas houvessem acordado e até mesmo Raven se agitara e blasfemava contra a traição de Arthur. O primeiro som que ouviu, contudo, pareceu ser o de um riso nervoso.

- Que bobagens você está dizendo, Morgana! - Era Gwenhwyfar quem falava. - Sabe que Arthur não pode fazer isso!

- Não interfira, Gwenhwyfar. - E Morgana voltou-se, mortalmente ameaçadora. - Não tem nada a ver com você exceto pelo fato de que você o incitou a quebrar o juramento de Avalon. Cuidado!

- Uriens - gritou Gwenhwyfar - vai ficar parado como uma estátua e deixar que sua rebelde esposa fale assim com o Grande Rei?

Uriens tossiu e sua voz soou tão nervosa quanto a de Gwenhwyfar:

- Morgana, talvez você não esteja sendo razoável... Arthur fez um ritual simbólico por motivos políticos, para satisfazer a imaginação do povo. Se ele o fez com uma espada de mágicos poderes, tanto melhor. Os Deuses podem cuidar deles mesmos, minha querida. Você pensa que a Deusa precisa do seu auxílio para proteger-se?

Naquele momento, se Morgana tivesse alguma arma nas mãos, teria matado Uriens. Ele a apoiara antes; por que desertava agora dessa maneira?

Arthur argumentou :

- Morgana, já que você está tão fora de si, deixe-me dizer algo somente para seus ouvidos: não foi minha intenção profaná-la. Se a espada de Avalon também serve como cruz para juramento, isso não significa que os poderes de Avalon estão reunidos em benefício dessas terras? Foi o que Kevin me explicou...

- Ora ele é um traidor, desde que concordou que Viviane fosse sepultada fora da Ilha Sagrada.

- Que assim seja, pois de qualquer maneira - disse Arthur - concedi aos reis saxões o que pretendiam: jurar pela minha espada!

- Mas ela não é a sua espada! - retorquiu Morgana, com veemência. - É a espada de Avalon! E se você não a utiliza como prometeu em seu juramento então que seja posta nas mãos de alguém que cumpra sua promessa.

- Espada de Avalon ela sempre foi, por mais de uma geração. - Arthur não tinha ressentimentos de Morgana; pôs a mão sobre o cabo da Excalibur, como se alguém fosse tomá-la dele naquele exato momento. - Uma espada pertence aquele que a utiliza e conquistei o direito de chamá-la minha expulsando todos os inimigos desta terra! Eu a conquistei na batalha e ganhei estes domínios no monte Badon.

- E tentou submetê-la ao domínio do Deus cristão - retorquiu Morgana. - Agora em nome da Deusa, ordeno que a devolva ao Santuário do Lago!

Arthur deu um longo suspiro. Disse, por fim, com voz pausada:

- Se a Deusa quer de volta a espada então que venha Ela mesma tomá-la de minhas mãos. - Sua voz tornou-se suave: - Minha querida irmã, rogo que não discuta comigo em nome daqueles a quem chamamos Deuses. Você mesma disse que todos os Deuses são Um Deus.

E ele jamais compreenderá que o que acaba de dizer é um erro, pensava Morgana, desesperada. Invocara a Deusa mais uma vez, para que, se quisesse de volta a sua espada, viesse tomá-la. Que assim seja então. Senhora, posso ser sua mão. Relaxou ligeiramente a cabeça, dizendo:

- Deixo para a Deusa a decisão final quanto ao emprego de sua espada. E quando Ela acabar com você, Arthur, será tarde para arrepender-se por não ter preferido entender-se comigo... - Afastou-se então, para sentar-se ao lado de Gwenhwyfar.

Arthur dirigiu-se a Gwydion:

- Sir Mordred eu o teria feito um de meus Cavaleiros a qualquer hora que desejasse. Tê-lo-ia feito pelo amor de Morgana e pelo meu próprio; você não precisava obrigar-se a fazê-lo cavaleiro pela astúcia.

- Pensei que, se o tivesse feito sem uma boa desculpa como essa - disse Gwydion -, isso daria margem a comentários desagradáveis. Perdoará meu artifício então, senhor?

- Se Lancelote o perdoou, não vejo razão para rancores e uma vez que não alimento por você nenhum ódio, gostaria que permanecesse junto a mim. Reconheço-o como meu filho, Mordred. Até alguns anos atrás, não sabia de sua existência, Morgana nada me contara sobre o que aconteceu após a coroação. Suponho que saiba que para os padres e os bispos sua própria existência significa um sacrilégio.

- Acredita nisso, senhor?

Arthur fitou-o nos olhos.

- Ah, há momentos em que acredito numa coisa; há outros, porém em que creio noutra, como todos os homens. Não importa no que acredito. O fato é que não posso reconhecê-lo diante de todos embora você seja um filho que qualquer homem, quanto mais um rei. sem filhos, ficaria contente e orgulhoso de ter. Galahad deve herdar meu trono.

- Se ele viver para isso - interrompeu-o Gwydion.

E sob o olhar surpreso de Arthur, acrescentou calmamente:

- Não, senhor, não estou ameaçando sua vida. Juro-lhe por todas as coisas mais sagradas do mundo, pela cruz ou pelo carvalho, pelo Poço Sagrado ou pelas serpentes que trago - e mostrou os pulsos - e que o senhor trazia antes de mim, que a Deusa envie serpentes vivas como estas para matar-me se algum dia eu erguer a mão contra meu primo Galahad... Mas eu o vi morrer honrosamente em nome da cruz que ele venera.

- Deus nos livre de todo o mal! - gritou Gwenhwyfar.

- Certamente, senhora. Mas e se ele não viver para ascender ao trono? Meu pai e meu rei, o senhor é um guerreiro e um cavaleiro e não mais do que um mortal; o senhor poderá viver muito mais que o rei Uriens:. E então?

- Se Galahad morrer antes de subir ao trono, que Deus o proteja do mal - disse Arthur -, não terei escolha. Sangue real é sangue real e você tem o do Pendragon e o de Avalon. Se um terrível dia como esse chegar, presumo que até os bispos prefeririam vê-lo no trono a ter de abandonar essa terra ao mesmo caos que temiam quando Uther morreu.

Levantou-se e manteve as mãos sobre os ombros do filho encarando-o nos olhos.

- Haveria alguma coisa mais que eu pudesse dizer-lhe, meu filho? O que está feito não se pode mudar. Direi apenas que gostaria, de todo o coração, que você tivesse sido filho de minha rainha.

- Eu também - concordou Gwenhwyfar erguendo-se para abraçá-lo.

- E não irei tratá-lo como um plebeu - prometeu Arthur. - Você é filho de Morgana, Mordred, duque da Cornualha, Cavaleiro da Távola Redonda entre os reis saxões.

Deve ter o poder de promover a justiça do rei e coletar minhas taxas e rendas, retendo uma considerável quantia para manter seus vassallos como um chanceler do rei deve fazê-lo. E, se quiser, concedo-lhe permissão para casar com a filha de um dos saxões, que lhe dará seu próprio trono, mesmo que você nunca venha a subir ao meu.

Gwydion meneou a cabeça e respondeu:

- O senhor é generoso.

Sim, pensou Morgana e isso manterá Gwydion longe do seu caminho enquanto e a menos que tenha necessidade dele. Arthur era astucioso na arte de reinar! Ela ergueu a cabeça.

- Você tem sido muito generoso com meu filho, Arthur; será que eu poderia novamente abusar de sua bondade?

Arthur pareceu contrariado mas disse-lhe em seguida:

- Peça-me algo que eu possa concretizar, minha irmã e terei grande alegria em satisfazê-la.

- Você fez de meu filho duque da Cornualha mas ele ainda pouco conhece das terras de lá. Ouvi dizer que o duque Marcus tem reivindicado como seu todo aquele país. Poderia acompanhar-me até Tintagel e investigar esse assunto e essa pretensão?

O rosto de Arthur desanuviou-se; seria tudo um pretexto para levantar novamente o problema da espada Excalibur? Não, meu irmão, jamais o farei de novo diante desta corte; quando eu estender novamente as mãos para a Excalibur, isso ocorrerá em meu próprio país e no lugar da Deusa.

- Há tantos anos não vou a Cornualha que mal posso me lembrar dela - confessou Arthur - e não posso deixar Camelot até o solstício de verão passar. Permaneça, contudo, aqui em Camelot como minha convidada e então iremos juntos a Tintagel e veremos se o duque Marcus ou qualquer outro homem criado por Deus, irá disputar a reivindicação de Arthur e de Morgana, duquesa da Cornualha. - Virou-se para Kevin, dizendo-lhe: - E agora basta de coisas sérias. Meu caro senhor Merlim, não gostaria de pedir-lhe para cantar para mim diante de toda a corte mas em particular, nos meus próprios aposentos e em companhia apenas de minha família. Posso pedir-lhe o favor de uma canção?

- Será um grande prazer para mim - disse Kevin - se a senhora Gwenhwyfar não fizer qualquer objeção. - Voltou os olhos na direção da rainha mas esta permaneceu em silêncio e então ele apoiou a harpa contra o ombro e começou a tocar.

Morgana sentou-se calmamente ao lado de Uriens, ouvindo a música. Mais um presente que Arthur encomendara para sua família - a música de Kevin. Gwydion permanecia atento ao que ouvia, de mãos pousadas nos joelhos, silencioso e maravilhado, o que a fez pensar: Nisso, pelo menos, posso dizer que é meu filho. Uriens ouvia com respeito e atenção; Morgana ergueu os olhos por um momento e encontrando os de Acolon, cogitou consigo mesma: Devemos, de certa forma, tentar encontrar-nos esta noite, nem que eu seja obrigada a dar a Uriens uma poção que o faça dormir; existem muitas coisas que devo dizer-lhe... e então baixou rapidamente os olhos. Ela não era melhor do que Gwenhwyfar...

Uriens segurava-lhe a mão entrelaçando os dedos nos dela envolvendo-lhe os pulsos por completo; sentiu-o tocar nos hematomas que lhe provocara naquele dia e em meio a dor, sentiu repulsa. Ela iria para sua cama, se ele o desejasse; ali, naquela corte cristã ela seria sua propriedade, como um cavalo ou um cão que ele pudesse machucar ou surrar a vontade!

Arthur traía a ela e a Avalon; Uriens tomara-a igualmente por mentirosa. Kevin também a enganara...



Acolon, porém, não lhe seria infiel. Ele deveria governar em nome de Avalon, o rei. Viviane previra que esse dia chegaria; e depois de Acolon, Gwydion - rei druida, rei de Avalon e de toda a Bretanha.

E por trás do rei, a rainha, governando em nome da Deusa, como nos velhos tempos... Kevin ergueu a cabeça e os olhos deles se encontraram. Morgana estremeceu, sabendo que deveria aplacar suas idéias. Ele tem a Visão e é um homem de Arthur. Ele é o Merlim da Bretanha; e entretanto é também meu inimigo!

Kevin, porém, disse ternamente:

- Já que esta é uma festa familiar e também eu gostaria de ouvir boa música, poderia pedir como pagamento que a senhora Morgana cante? - E Morgana foi tomar o lugar dele, sentindo o poder da harpa nas mãos.

Devo enfeitiçá-los, pensava ela, para que não vejam mal algum e pôs-se a tanger as cordas do instrumento.

Quando ficaram a sós no quarto, Uriens comentou:

- Não sabia que os domínios de Tintagel estavam em disputa.

- As coisas que você desconhece, meu marido, são tantas quanto os grãos que alimentam os porcos - disse ela com impaciência. Como poderia um dia imaginar que suportaria as tolices desse homem? Era gentil, sim; nunca fora grosseiro com ela mas sua estupidez irritava-a como uma lixa. Quisera ficar sozinha, para pensar em seus planos estudá-los com Acolon e em vez disso, precisava acalmar aquele velho idiota!

- Eu devia adivinhar o que você estava planejando - disse Uriens e sua voz parecia triste. - Estou aborrecido porque não me consultou sobre sua insatisfação com os acontecimentos de Tintagel. Sou seu marido e devia ter-me contado tudo em vez de chamar Arthur! - O mau humor em sua voz insinuava também certo ciúme e ela lembrou-se naquele instante estática, de que aquilo que ocultara durante todos esses anos viera a luz: quem fora o pai de seu filho. Poderia Uriens entretanto, pensar realmente que, passado um quarto de século; ainda tivesse um poder daquele tipo sobre seu irmão por alguns poucos estúpidos cristãos acharem aquilo pecado. Bem, se não é bastante perspicaz para perceber o que acontece diante de seus olhos por que deveria explicá-lo, palavra por palavra, como numa lição infantil?

Ainda impaciente ela disse:

- Arthur está desgostoso comigo porque acha que uma mulher não deveria discutir com ele dessa forma. Entretanto, pedi sua ajuda e não acreditará que me revolto contra ele.

- Nada mais acrescentou. Como sacerdotisa de Avalon, podia mentir mas não havia necessidade de dizer toda a verdade. Deixou Uriens pensar, se o fizesse, que somente ela desejava mover guerra contra Arthur.

- Como você é astuta, Morgana - admitiu ele, segurando-lhe o pulso.

Ela pensou esquivando-se, que o marido já esquecera que fora ele quem a machucara. Sentiu os lábios tremerem, como se fosse uma criança. Pensava: Quero Acolon, quero descansar em seus braços e ser acariciada e confortada por ele mas neste lugar como podemos seguir nossos planos ou mesmo nos encontrar e conversar em segredo? Derramou lágrimas de ódio. A força era agora seu único conforto; força e conciliação.

Uriens saíra do quarto para espairecer e voltou, bocejando:

- Ouvi o vigia gritar meia-noite. Devemos ir para a cama, minha querida. - E começou a despir seu manto de gala. - Está muito cansada, meu amor?

Ela não respondeu, sabendo que se o fizesse começaria a chorar. Ele tomou seu silêncio por consentimento e aproximou-se, fazendo carinho em seu pescoço enquanto a empurrava para a cama. Ela tolerou-o pacientemente, tentando lembrar-se de alguma

simpatia ou erva para pôr fim a virilidade daquele homem velho - maldito! Pela idade que tem, há muito tempo deveria ter acabado com isso. Talvez todo aquele vigor fosse resultado de uma feitiçaria. Perguntaria a si mesma, mais tarde, por que não se dirigiu a ele, simplesmente, com indiferença, deixando-o possuí-la, sem mesmo pensar naquilo, como já havia feito tantas vezes durante esses longos anos... Que valor tinha isso agora, por que iria importar-se ainda com ele, verdadeiro animal carente, fungando entre suas saias ?

Dormiu profundamente, sonhando com uma criança que encontrara em algum lugar e que precisava amamentar, embora seus seios estivessem secos e terrivelmente doloridos... Acordou sentindo ainda essas dores. Uriens partira para caçar com alguns homens de Arthur, como tinha combinado alguns dias antes. Sentiu-se mal e enjoada: Comi demais, pensou, mais do que usualmente faço em três dias. Não admira que esteja doente. Quando, porém, levantou-se para vestir-se, os seios ainda estavam irritados e doloridos. Parecia-lhe que os mamilos pequenos e marrons estavam róseos e intumescidos.

Deixou-se cair fulminada na cama, como se as pernas houvessem quebrado. Ela era estéril! Sabia que se tornara estéril. Disseram-lhe, após o nascimento de Gwydion, que provavelmente jamais conceberia outra vez e desde aqueles dias nunca ficara grávida de homem algum. Além disso estava próxima dos quarenta anos, já tendo ultrapassado o período fértil. Naquele momento, porém estava certa de estar grávida. Pensava nessa possibilidade há muitos anos. Suas regras haviam aumentado irregularmente e em certa ocasião houve ausência de menstruação durante meses, o que a fez pensar que não mais viriam. Sua primeira reação foi de medo; chegara tão perto da morte quando Gwydion nasceu...

Uriens certamente se sentiria orgulhoso com essa suposta prova de virilidade. Só que, na época em que essa criança foi concebida ele estava doente, com pneumonia; havia uma pequena possibilidade de que fosse seu filho. Teria sido gerada por Acolon no dia do eclipse? Pois então, seria uma criança destinada ao Deus, desde quando este se aproximara deles no bosque das avelãs.

O que poderia fazer com uma criança uma mulher velha como eu? Mas talvez se torne uma sacerdotisa para Avalon, que governará depois de mim, quando o traidor for arrancado do trono onde Viviane o colocou...

Lá fora caía uma chuva fina, tornando tudo cinza e úmido. O pátio das competições do dia anterior estava encharcado e lamacento, com estandartes espalhados por toda parte e faixas pisoteadas na lama; um ou dois servos reais preparavam-se para partir e, levando bacias e sacos de roupa, arrastavam-se na direção das margens do lago.

Bateram na porta; a voz de um dos criados era leve e reverente:

- Rainha Morgana, a Grande Rainha pediu que a senhora e a rainha Morgause lhe façam companhia na refeição da manhã. E o Merlim da Bretanha perguntou se a senhora poderia recebê-lo aqui ao anoitecer.

- Irei ver a rainha. Diga ao Merlim que o receberei. - Ficou dividida entre ambas as decisões mas não se atreveu a contrariar nenhuma das duas especialmente naquele momento.

Gwenhwyfar nunca seria nada mais que sua inimiga. Era ela a responsável por Arthur ter caído nas mãos dos padres, por ter traído Avalon. Talvez, pensou Morgana esteja tramando a queda da pessoa errada; se pudesse, de algum modo, conseguir com que Gwenhwyfar deixasse a corte, mesmo para ir com Lancelote ao seu castelo, agora que ficou viúvo e pode legalmente possuí-la... mas devo desistir dessa idéia.

Arthur provavelmente pediu-lhe para pôr fim a sua disputa comigo, pensava friamente. Ele também sabe que não pode concordar em brigar com seus súditos e se Gwenhwyfar e eu estivermos brigando, Morgause tomará certamente meu partido. Se uma

briga familiar fosse muito séria, Arthur perderia o apoio de Uriens, assim como também o dos filhos de Morgause. Ele não pode nem pensar em perder o apoio de Gawaine, Gareth e os homens do norte...

Morgause já se encontrava no aposento da rainha; o cheiro de comida fez com que Morgana voltasse a sentir mal-estares, porém ela se controlou, com uma vontade férrea.

Todos sabiam que era frugal e isso não seria muito notado. Gwenhwyfar veio beijá-la e por um momento Morgana sentiu renascer a verdadeira ternura que tinha por ela. Por que deveríamos ser inimigas? Já fomos amigas um dia, há muitos anos... Não era Gwenhwyfar em si, que ela odiava mas os padres, que tanta influência exerciam sobre ela.

Aproximou-se da mesa, aceitando mel e um pedaço do pão fresco, sem todavia comê-lo. As damas de companhia de Gwenhwyfar eram umas beatas idiotas. Elas saudaram Morgana com dhares curiosos e uma aparente demonstração de cortesia e prazer.

- Seu filho, Sir Mordred, como ele é educado, deve ter muito orgulho dele! - disse uma delas mas enquanto partia o pão e o levava aboca, Morgana observou serenamente que mal o vira desde que deixara de amamentá-lo.

- O filho de meu marido Uriens é que é de fato meu filho e é do seu nobre talento que tenho mais orgulho, pois o acompanho desde garotinho. Mas você sente mais orgulho de Mordred, como seu próprio filho, não é mesmo, Morgause? - disse Morgana.

- Mas então, o filho de Uriens não é também seu filho? - perguntou alguém.

- Não. Ele tinha nove anos quando me casei com o senhor de Gales do Norte.

Uma das damas procurou abafar o riso, pensando que se fosse Morgana, procuraria ter mais cuidado com seu outro enteado bonito, Acolon, não? Morgana pensou, cerrando os dentes: Devo matar essa estúpida? Mas não, as damas de companhia de Gwenhwyfar nada mais faziam a não ser perder tempo com tolos gracejos e piadas.

- Agora, diga-me - perguntou-lhe Alais, que fora sua camareira quando Morgana também fazia parte da corte de Gwenhwyfar e de quem Morgana fora madrinha de casamento: - ele não é realmente filho de Lancelote?

Morgana arqueou as sobrancelhas.

- Quem? A última esposa do rei Uriens dificilmente a perdoaria por essa afirmação, querida.

- Você sabe o que quero dizer. - Alais conteve o riso. - Lancelote era filho de Viviane e você foi criada por ela. E quem poderia censurá-la? Diga-me agora a verdade, Morgana, quem foi o belo pai daquele rapaz tão forte? Não há ninguém mais que poderia ter sido, ou estou enganada?

Morgause riu e disse-lhe, tentando diminuir a tensão:

- Ora estamos todas apaixonadas por Lancelote, é claro, pobre Lancelote, quanta responsabilidade!

- Você não está comendo nada, Morgana - observou Gwenhwyfar. - Posso mandar vir algo especial da cozinha, se isso não lhe agrada. Uma fatia de carne de carneiro? Um vinho melhor do que esse?

Morgana meneou a cabeça e colocou um pedaço de pão na boca. Será que tudo isso já ocorrera anteriormente? Ou, quem sabe, tivesse sonhado. Sentiu uma forte vertigem, pequenos pontos cinza que dançavam diante dos olhos. Se a rainha de Gales do Norte desmaiasse devido aos sintomas de gravidez elas teriam muitos motivos para se distraírem nos incontáveis dias de tédio. Suas unhas crispavam-se e tentou, de certo modo, fazer com que a vertigem retrocedesse um pouco.

- Bebi demais na festa de ontem. Há vinte anos você sabe que não tenho boa cabeça para beber vinho, Gwenthwyfar.

- Ah, era um vinho dos bons, também - disse Morgause, com um toque de avidez nos lábios e Gwenthwyfar respondeu-lhe cortesmente que lhe enviaria um barril daqueles, quando ela partisse. Morgana, todavia, feliz por terem-na esquecido e com uma grande dor de cabeça que lhe comprimia a testa como o laço de um torturador, sentiu o olhar interrogativo de Morgause incidir sobre ela.

A gravidez era algo que não poderia ser escondido. Não é por que deveria sê-lo? Estava legalmente casada; quem riria, se o velho rei de Gales do Norte e sua rainha de meia idade se transformassem em pais em idade avançada, apenas o riso seria bem-intencionado. Morgana sentia que estava prestes a perder o autocontrole e iria explodir de raiva. Sentia-se como uma daquelas distantes montanhas de fogo, nos países do norte, sobre as quais Gawaine certa vez lhe falara.

Quando todas as senhoras se retiraram e ela ficou a sós com Gwenthwyfar, a rainha tomou-lhe a mão, dizendo-lhe quase num rogo:

- Desculpe-me, Morgana mas você me parece doente. Talvez deva retornar a cama.

- Talvez sim - concordou, pensando: Gwenthwyfar jamais imaginaria o que está errado comigo; se isso acontecesse com ela, seria muito bem-vindo, mesmo agora!

A rainha corou diante do olhar furioso de Morgana.

- Desculpe-me; não quis que minhas damas de companhia a provocassem daquela forma. Você deveria tê-las impedido, minha querida.

- Acha que dou importância ao que dizem? São como pardais piando e acreditam-se tão certas do que fazem - murmurou Morgana, com um desprezo tão intenso quanto sua dor de cabeça. - Mas quantas, dentre suas companheiras, sabem realmente quem é o pai de meu filho? Você fez Arthur confessar. Confidenciou também isso a todas as suas damas de companhia?

Gwenthwyfar pareceu assustada.

- Não creio que haja muitas que o saibam. Certamente aquelas que lá estavam, ontem a noite, quando Arthur o reconheceu. E também o bispo Patrício. - Ela encarou Morgana, enquanto esta pensava, absorta: Como os anos a trataram generosamente; tornou-se até mais amável e eu venho murchando como uma sarça...

- Parece tão fatigada, irmã! - insistiu Gwenthwyfar, ocorreu a Morgana que, a despeito de todas as antipatias, havia também amor. - Vá e descanse, querida. - Ou será que é porque restaram tão poucas dentre nós que passaram juntas a juventude?

O Merlim também envelhecera e os anos não haviam sido tão generosos com ele quanto com Gwenthwyfar; tornara-se ranzinza, arrastava-se com uma bengala e seus dedos e braços, com a flacidez dos músculos, lembravam galhos de uma velha árvore retorcida. Parecia ser também um daqueles duendes de que falam as lendas que vivem nas montanhas. Somente os movimentos de suas mãos ainda eram precisos e carinhosos, a despeito dos dedos compridos e esqueléticos. Seus gestos graciosos fizeram-na lembrar-se dos velhos tempos, de seu longo aprendizado de harpa, da linguagem, dos movimentos e do diálogo das mãos.

Estava carrancudo. Recusou a oferta de vinho ou refresco que ela lhe fez e deixou-se cair sobre uma cadeira sem pedir permissão, como de hábito.

- Creio que você está errada, Morgana em atormentar Arthur a respeito da Excalibur.

Ela ouviu a própria voz ecoar de forma áspera e irritada:

- Não peço sua aprovação, Kevin. Não tenho dúvidas de que, não importa qual seja o uso das Sagradas Insígnias, você concordará sempre.

- Não posso ver nisso nada de errado: todos os deuses são um, como teria dito Taliesin e se nos reunirmos a serviço do Uno...

- Mas é contra isso que luto - disse Morgana. - O deus deles seria Uno - e apenas único - e apagaria todas as referências a Deusa a quem servimos. Ouça-me, Kevin, será que você não vê como isso limita a sabedoria do mundo, a existência de um único Ser em vez de muitos? Acho que foi um erro converter os saxões em cristãos. Creio que os antigos padres que viveram em Glastonbury tinham razão: Por que não poderiam existir muitos caminhos, os saxões seguindo o deles, nós, o nosso; os seguidores de Cristo a cultuá-lo se o quisessem, sem restringir a crença dos outros?

Kevin meneou a cabeça.

- Minha querida eu não sei. Parece existir uma profunda transformação na visão que os homens hoje possuem do mundo, como se uma única verdade pudesse negar outra ou, não sendo a verdade de uns, a outra se tornasse uma mentira.

- Mas a vida não é tão simples assim.

- Eu sei e você também sabe, que na plenitude do tempo, Morgana, os próprios padres irão descobri-lo.

- Mas, se eliminarem todas as outras crenças do mundo, será tarde demais.

Kevin suspirou.

- Há um desígnio que nenhum homem e nenhuma mulher podem impedir, Morgana e creio que estamos encontrando esse dia. - Ele ergueu uma das mãos esqueléticas e tomou a dela; ela pensava, consigo mesma que jamais o ouvira falar-lhe tão gentilmente. - Não sou seu inimigo, Morgana. Conheço-a desde que era uma donzela. E depois... - interrompeu-se e ela pôde ver-lhe o pescoço enrugado enquanto ele engolia em seco. - Amo-a muito. Desejo-lhe somente o bem. Houve um tempo, ah, sim, muitos anos se passaram mas não esqueço quanto a amei e como me sentia privilegiado quando podia falar de amor com você... Nenhum homem pode combater as marés ou as crenças. Talvez, se tivéssemos evitado converter os saxões, isso tivesse sido feito por aqueles mesmos padres que construíram a capela, onde eles e Taliesin podiam trabalhar lado a lado. Nossa própria intolerância impediu-nos disso, o trabalho foi entregue a fanáticos como Patrício que em seus êxtases vêem o Criador apenas como o Pai vingador de seus soldados e não a Mãe adorada, protetora dos campos e da terra... Eu lhe digo, Morgana, são as marés que irão varrer os homens como se fossem palha.

- O que está feito está feito - disse Morgana. - Mas qual a resposta?

Kevin inclinou a cabeça e ocorreu a Morgana que o desejo dele era encostá-la em seu colo; não, nesse momento, de homem para mulher mas como se ela fosse a Deusa-Mãe que poderia acalmar seu medo e seu desespero.

- Talvez - disse ele com a voz embargada -, talvez não haja resposta alguma. Talvez não exista um deus ou uma deusa e estejamos lutando por estúpidas idéias. Não brigarei com você, Morgana de Avalon. Mas não ficarei sentado, de braços cruzados, vendo-a afundar novamente este reino na guerra e no caos; respeito a paz que Arthur nos deu. Um pouco de sabedoria, de canção e de beleza deve permanecer entre nós, antes que o mundo mergulhe na escuridão. Eu lhe afirmo, Morgana, que vi a escuridão que se aproxima. Em Avalon, talvez, devamos manter a secreta sabedoria mas já se foi o tempo em que podíamos disseminá-la através do mundo. Pensa que tenho medo de morrer, se alguma coisa em Avalon puder sobreviver entre os vestígios da humanidade?

Comovida, Morgana levantou lentamente a mão para tocar-lhe o rosto e enxugar-lhe as lágrimas; deteve-a, contudo, num súbito estremecimento. Seus olhos ficaram

injetados - havia tocado uma caveira pegajosa e pareceu-lhe que sua própria mão era a fina e macilenta mão da Velha Ceifeira. Ele também percebeu isso e fitou-a, pálido, por um rápido e terrível momento. Tudo se foi novamente e Morgana ouvia a própria voz tornar-se rouca.

- Então você colocaria tudo em jogo para que todas as armas de Avalon sejam a espada vingadora de Cristo?

- Estas são as armas dos Deuses - disse Kevin - e todos os deuses são um só. Eu teria preferido ter a Excalibur em um mundo em que os homens a seguissem a tê-la escondida até o fim em Avalon. Já que eles a seguiram, assim, que importância tem que deuses eles invocam?

Morgana continuou séria.

- É isto que eu evitarei até a morte. Cuidado, Merlim da Bretanha: você fez o Grande Casamento e prometeu a si mesmo morrer pela preservação dos Mistérios. Acautele-se para que o não-cumprimento desse voto não seja exigido de você!

Os lindos olhos do bardo fitaram os dela.

- Ah, minha senhora e minha Deusa eu lhe imploro, pense em Avalon, antes de agir! Realmente, acho que está na hora de você retornar a Avalon. - Kevin pousou a mão pobre a dela. Ela não a recolheu. A voz saiu-lhe entrecortada pelas lágrimas que lhe pesaram durante todo o dia.

- Eu... eu desejo o meu retorno, porque esperei demais por isso, tanto que agora não me atrevo a ir para lá. Jamais deverei voltar para lá, a menos que seja para jamais deixá-la.

- Você vai voltar, porque eu vi isso - insistiu Kevin. - Mas eu, não. Eu não sei por quê, Morgana, meu amor, mas sinto que nunca mais beberei do Poço Sagrado.

Ela olhou para aquele corpo feio e desfigurado, as mãos delicadas, os belos olhos e pensou: Um dia eu amei este homem. A despeito de tudo, ainda o amava e o amaria até o dia em que ambos estivessem mortos; conhecera-o desde o começo dos tempos e juntos adoraram sua Deusa. Os dias transcorreram e parecia que eles estavam fora do tempo que ela lhe dera vida, que o derrubara como a uma árvore e que ele nascia novamente de um grão, que morria ao seu desejo e que ela o pegava em seus braços e o trazia de volta a vida... O antigo drama da paixão encenado diante de druidas ou cristãos revivia sobre a terra. E poderia ele rejeitar isso?

- Se Arthur vai renegar seu voto, não deverei retirá-lo de suas mãos?

Kevin lembrou-lhe:

- Um dia, a Deusa se ocupou dele a sua maneira. Mas Arthur é rei da Bretanha pelo desejo Dela. Morgana de Avalon eu lhe digo; tenha cuidado! Ousa erguer o rosto contra os destinos que guiam este país?

- Faça o que a Deusa destinou-me a fazer!

- A Deusa ou sua própria vontade, orgulho e ambição para aqueles a quem você ama? Morgana, novamente lhe digo, tome cuidado, pois pode ser bem possível que o dia de Avalon já se tenha passado e seu dia se tenha ido com o da Ilha Sagrada.

Então o autocontrole a que ela se havia obrigado arrefeceu:

- E você ousa chamar a si mesmo Merlim da Bretanha? - gritou ela, com voz estridente. - Vá, maldito traidor! - Ela pegou sua roca e atirou-lhe a cabeça. - Vá! Desapareça de minhas vistas e maldito seja para sempre! Vá!

Dez dias depois o rei Arthur, com sua irmã, a rainha Morgana e seu marido, Uriens de Gales, iniciou a cavalgada para Tintagel.

Morgana tivera tempo para tomar uma decisão e achara um momento para falar a sós com Acolon no dia anterior.

- Espere-me as margens do lago, certifique-se de que nem Arthur nem Uriens o vejam. - Ela estendeu-lhe a mão em despedida mas ele puxou-a e beijou-a repetidamente.

- Senhora, não posso suportar a idéia de deixá-la arriscar-se desta forma.

Por um momento ela aconchegou-se a ele. Estava tão cansada, tão cansada de ser sempre forte, de fazer as coisas certas, quando era necessário! Mas ele jamais deveria suspeitar de sua fraqueza!

- Não há como evitá-lo, meu amor. De outra forma não haveria outra resposta senão a morte. Você não pode subir ao trono com o sangue de seu pai nas mãos. E quando sentar-se no trono de Arthur, com o poder de Avalon como sustentáculo e a Excalibur nas mãos então poderá mandar Uriens para sua própria terra, para lá governar por quanto tempo Deus o desejar.

- E Arthur?

- Não pretendo que Arthur sofra mal algum - disse Morgana com firmeza. - Não o mandaria matar. Mas ele viverá por três dias e três noites no país das fadas e quando voltar, cinco anos ou mais terão se passado, Arthur e seu trono serão uma lenda na memória dos velhos e o perigo de o governo cair nas mãos de um padre já terá passado.

- Mas se, de algum modo ele encontrará a saída...

A voz de Morgana falhou.

- O que será do Gamo-Rei quando o jovem gamo estiver adulto? Terá de acontecer com Arthur o que sua sina decretou. E você terá sua espada. - Traição, pensou ela e seu coração bateu mais forte, enquanto cavalgavam através da lúgubre manhã cinzenta. Uma leve neblina subia do lago. Eu amo Arthur. Não o trairia mas ele traiu primeiro o juramento que fez a Avalon.

Ela ainda estava nauseada e o movimento do cavalo piorava seu estado. Ela não podia lembrar-se de quando estivera tão enjoada assim, a não ser quando carregava Gwydion - Mordred, pensou. No entanto era possível que, quando subisse ao trono ele escolheria governar sob seu próprio nome, o nome que tinha sido de Arthur e que não continha nenhum traço de influência cristã. E quando Kevin visse a coisa toda já realizada, não há dúvida de que também daria seu apoio ao novo rei de Avalon.

A neblina se adensara, facilitando a execução do plano de Morgana. Ela estremeceu e se encolheu dentro do manto. Precisava ser feito nesse momento, ou, quando margeassem o lago eles tomariam o rumo sul em direção a Cornualha. A neblina já estava tão espessa que ela mal podia distinguir as formas dos escudeiros que cavalgavam a sua frente; girando na sela, observou que os três homens que estavam atrás pareciam igualmente cansados. Mas o solo por um curto trecho do caminho estava claro embora acima deles a neblina fosse como uma espessa cortina branca, sem qualquer sinal do sol ou da luz do dia.

Ela esticou as mãos e levantou-se da sela enquanto murmurava palavras de encantamento que jamais ousara pronunciar. Sentiu um terror momentâneo - sabia que era apenas o frio que vinha do poder que se esvaia de seu corpo - e Uriens estremeceu, levantou a cabeça e resmungou, rabugento:

- Uma neblina como esta eu nunca tinha visto! Certamente nos perdemos e teremos de passar a noite às margens do lago! Talvez devêssemos buscar abrigo na Abadia de Glastonbury...

- Não estamos perdidos! - A neblina era tão espessa que ela mal podia ver o chão sob os cascos do cavalo. Oh, como donzela de Avalon eu não era tão orgulhosa de falar sempre a verdade! Será próprio de uma rainha mentir para servir a Deusa? - Conheço cada passo do caminho que estamos trilhando, podemos nos abrigar esta noite em um lugar próximo as margens e cavalgar pela manhã.

- Não podemos ter chegado tão longe - comentou Arthur -, uma vez que ouvi os sinos de Glastonbury soarem o ângelus.

- O som se amplia muito na neblina - replicou Morgana - e em uma neblina com esta ele se propaga mais longe ainda. Confie em mim, Arthur.

Ele sorriu adoravelmente para ela.

- Sempre confiei em você, querida irmã.

Oh, sim; sempre confiara nela, desde o dia em que Ygraine o colocara nos seus braços. No começo ela odiara aquela aberração; descobriu então, que Ygraine abandonara e traíra os dois e que devia cuidar dele e enxugou-lhe as lágrimas... Impaciente, Morgana endureceu o coração. Isso ocorrera há muito tempo. Desde então, Arthur fizera o Grande Casamento com a terra e o traíra entregando a terra, que ele jurara proteger, aos padres, que iriam expulsar os verdadeiros deuses que tinham alimentado o solo, tornando-o fértil. Avalon colocara-o no trono, através de suas mãos de sacerdotisa e agora... Avalon, por suas mãos, haveria de derrubá-lo.

Não o ferirei, Mãe... sim eu lhe tomarei a espada das Sagradas Insígnias e entregá-la-ei aquele que a sustentar em nome da Deusa mas jamais porei as mãos nele...

Mas o que será do Gamo-Rei quando o jovem gamo estiver adulto? Este era o procedimento próprio da natureza e não havia um jeito de modificá-lo por causa de seus sentimentos. Arthur encontraria sua sina, destituído dos encantamentos que possuía, através da bainha da espada que ela própria lhe fizera depois que fora dele no Grande Casamento, quando carregava, sem o saber, o seu filho no ventre. Frequentemente ela ouvira seus Cavaleiros falarem de sua vida encantada, de como ele podia ferir-se da pior maneira possível sem perder sangue suficiente para morrer. Ela não podia pôr a mão no filho de sua mãe e pai de seu filho. Mas o encantamento que ela lançara sobre ele após a perda de sua virgindade esse ela não retiraria e teria que ficar com ele, como a Deusa desejava.

A mágica neblina se adensara tanto em torno deles que Morgana mal podia ver o cavalo de Uriens. Sua face, aborrecida e sombria, pairava no meio das brumas.

- Você tem certeza de que sabe aonde está nos levando, Morgana? Nunca estive aqui antes, poderia jurar; não conheço a curva daquela colina...

- Juro que conheço cada passo do caminho, com ou sem neblina. - A seus pés Morgana podia ver as curiosas moitas, imutáveis desde aquele dia quando procurara a entrada para Avalon, o dia em que temera chamar a barca... Deusa, suplicava ela, mal movendo os lábios, faça com que os sinos não toquem enquanto procuro entrar, caso contrário a neblina se desfará e jamais encontraremos a entrada para esse país...

- Por aqui - gritou ela, segurando as rédeas e chicoteando o cavalo. - Siga-me, Arthur.

Ela cavalgava depressa em meio a neblina, sabendo que eles não poderiam segui-la no mesmo ritmo sob aquela escassa luz. Atrás de si, ouviu Uriens praguejar, com voz irritada e amortecida, ouviu Arthur falar tranquilizadamente com seu cavalo. De repente uma imagem surgiu na mente de Morgana: a do esqueleto de um cavalo arrastando seus próprios arreios... Bem, seria o que tinha que ser. A neblina começara a se desfazer e subitamente eles cavalgavam a luz do dia por entre as árvores manchadas. Uma luz verde-clara se infiltrava embora eles não pudessem ver o sol e ela ouviu o grito surpreso de Arthur.

Do interior da floresta, saíram dois homens, que gritaram, com voz clara:

- Arthur, meu senhor! É um prazer dar-lhe as boas-vindas aqui!

O rei fez o cavalo parar rapidamente, caso contrário teria pisoteado os homens.



- Quem são vocês e como sabem meu nome? - perguntou. - E que lugar é este?

- Ora, meu senhor este é o Castelo Chariot e nossa rainha há muito deseja tê-lo como hóspede.

Arthur parecia confuso.

- Ignorava que havia um castelo por estes lados. Devemos ter ido mais longe do que pensávamos por causa da neblina. - Uriens pareceu desconfiar de algo mas Morgana podia ver o encantamento familiar da terra das fadas cair sobre Arthur; assim, jamais lhe ocorria questionar, como em sonho, o que quer que acontecesse simplesmente aconteceria e não havia necessidade de perguntas. Ela, porém, precisava manter suas emoções sob controle.

- Rainha Morgana - disse um dos homens, pessoas escuras e bonitas que se pareciam com ancestrais ou uma versão de sonhos das pessoinhas escuras de Avalon -, nossa rainha a espera e vai recebê-la com alegria: E o senhor, rei Arthur, virá banquetear-se conosco...

- Depois desta longa cavalgada através da neblina, um banquete será bem-vindo - sorriu Arthur, de bom humor, deixando-se levar pelos homens para o interior da floresta.

- Você conhece a rainha destas terras, Morgana?

- Conheço-a desde que era jovem. E ela debochou de mim... e ofereceu-se para criar meu bebê no país das fadas...

- É estranho que ela nunca tenha vindo a Camelot para oferecer sua lealdade - disse Arthur, mal-humorado.

- Não me lembro mas me parece que ouvi algo sobre o castelo Chariot há muito, muito tempo... mas não consigo me lembrar. - E afastou tais pensamentos. - Bem, de qualquer forma estas pessoas me parecem amáveis. Cumprimente a rainha por mim, Morgana; sem dúvida, a verei neste banquete.

- Sem dúvida - concordou Morgana e viu os homens levarem-no. Preciso ficar calma; usarei as batidas do coração para pontuar o tempo, não perderei a conta, senão serei carregada e enredada em meus próprios encantamentos. . ela retesou-se para ir encontrar a rainha.

Ela não havia mudado era sempre a mesma, a mulher alta que, no entanto, se parecia um pouco com Viviane, como se ela e Morgana fossem parentes consangüíneas. E ela beijou-a e abraçou-a como tal.

- O que a traz de livre e espontânea vontade as nossas praias, Morgana das Fadas? - perguntou ela. - Seu cavaleiro está aqui, uma de minhas damas encontrou-o vagando ao longo das margens do lago, sem poder encontrar o caminho através da neblina...

Acolon apertou as mãos de Morgana; ela sentiu-as sólidas e reais entre as suas... Entretanto, não sabia nem mesmo então se eles estavam dentro ou fora do palácio, se o trono de vidro da rainha estava no interior de uma gruta maravilhosa ou em uma grande sala com voltas, mais magnífica que o salão da Távola Redonda em Camelot.

Acolon ajoelhou-se diante do trono e a rainha pressionou as mãos em sua cabeça. Ela levantou um de seus pulsos e as serpentes pareceram mover-se e retorcer-se em volta dos braços dele, rastejando e instalando-se nas palmas da rainha, que permanecia ausente, brincando com elas, afofando suas pequenas cabeças azuis.

- Morgana, você escolheu bem. Não creio que este trairia. Veja, Arthur desfrutou bem do banquete e lá está ele deitado... - E ela apontou para onde uma parede

parecia abrir-se totalmente e, sob a luz pálida, Morgana viu o irmão adormecido com um braço sob a cabeça e o outro em torno do corpo de uma jovem de longos e escuros cabelos que se parecia com a filha da rainha... ou com a própria Morgana.

- Ele pensará, é claro, que é você e que é um sonho que lhe foi enviado pelo mal - comentou a rainha, sorrindo - e logo que esteja longe de nós envergonhar-se-á de ter conseguido realizar o seu mais caro desejo... Não sabia disso, Morgana, minha querida? - E pareceu a Morgana que ela ouvira a voz de Viviane, como em sonho, acariciando-a. Mas foi a rainha que disse: - Assim dorme o rei, nos braços daquela a quem ele chamará até a morte... e o que acontecerá quando acordar? Você tomar-lhe-á a Excalibur e o jogará nu as praias, a procurar sempre por você na neblina?

Morgana lembrou-se de repente do esqueleto do cavalo deitado sob as árvores mágicas...

- Isso não - respondeu estremeando.

- Então ele deve permanecer aqui mas se realmente é tão piedoso quanto você diz e recitar as preces que o libertarão da ilusão esta desaparecerá e ele pedirá seu cavalo e a espada. O que faremos então, senhora?

Acolon disse inflexivelmente:

- Eu terei sua espada e se ele puder tirá-la de mim, que venha fazê-lo.

A donzela de cabelos escuros aproximou-se deles empunhando a Excalibur em sua bainha.

- Tirei-a dele enquanto dormia e por isso ele me chamou pelo seu nome...

Morgana tocou o punho da espada cravejado de pedras.

- Pense bem, criança - pediu a rainha - não seria melhor devolver as Sagradas Insígnias de uma vez a Avalon e deixar que Acolon trilhe seu próprio caminho como rei, apenas com a espada que conseguiu por si mesmo?

Morgana estremeceu. Parecia muito escuro no salão, ou gruta, ou o que quer que fosse e Arthur dormia a seus pés ou longe dela? Mas foi Acolon quem estendeu as mãos e agarrou a espada.

- Terei a Excalibur e a bainha - afirmou e Morgana ajoelhou-se a seus pés e atou-a a sua cintura.

- Assim seja, amor, carregue-a com mais lealdade do que ele, para quem fiz esta bainha. .

- Que a Deusa não permita que eu seja desleal a você; antes morrer - murmurou, com a voz embargada. Ele levantou Morgana e beijou-a; pareceu que eles se abraçaram até que a noite se foi e o sorriso doce e escarminho da rainha pareceu brilhar debilmente em torno deles.

- Quando Arthur pedir uma espada, deve receber uma... e algo como uma bainha, que não o impedirá, contudo, de derramar uma única gota de sangue... Dê isto aos meus ferreiros - ordenou ele a sua dama e Morgana a olhou como em um sonho: fora um sonho quando ela amarrara a Excalibur em torno da cintura de Acolon? A rainha e a donzela se foram e parecia que ela e Acolon estavam sozinhos na grande caverna e que era a época das fogueiras de Beltane. Ele tomou-a nos braços, sacerdote e sacerdotisa. E depois ambos não passavam de homem e mulher e parecia-lhe que o tempo parara e que seu corpo dissolvia-se no dele, como se ela não tivesse nervos, ossos ou vontade e o beijo dele era como fogo e gelo em seus lábios... O Gamo-Rei desafiá-lo-á e preciso prepará-lo.

Como, como poderia ela estar deitada com ele na caverna, com sinais pintados em seu corpo nu, como se explicava que seu corpo fosse jovem e macio e que, ao receber o corpo dele dentro do seu, tivesse sentido uma dor como se ele estivesse rompendo a virgindade que já entregará ao Galhudo havia uma vida atrás, de tal maneira

que veio a ele como virgem, como se sua vida passada não houvesse existido? Por que parecia haver uma sombra de cornos acima de suas sobrancelhas? Quem era esse homem que estava em seus braços e quanto tempo haviam passado juntos? Estava deitado pesadamente sobre ela, cansado, a doçura de seu hálito como mel para o seu amor; acariciou-o e beijou-a e quando ele se afastou um pouco, mal sabia quem era ele, se o cabelo que lhe tocava a face era claro ou escuro e parecia que as pequenas cobras rastejavam para os seus seios, que eram róseos, macios e quase infantis, ainda em formação. As pequeninas serpentes azuis emaranhavam-se em torno dos seus mamilos e ela sentiu um arrepio de maravilhosa dor e prazer nesse toque.

Percebeu então que, se realmente o desejasse, o tempo voltaria e se retorceria sobre si mesmo e ela poderia sair da caverna pela manhã com Arthur e usar seu poder para prendê-lo a ela para sempre e nada disso jamais teria acontecido... .

E então ouviu Arthur pedindo sua espada e gritando contra esses encantamentos. Muito longe e pequeno, como se o visse do céu, observou-o acordar e sabia que seus destinos, passado e futuro estavam em suas mãos. Se ele pudesse enfrentar o que ocorrera entre ambos, se ele chamasse seu nome e lhe implorasse que voltasse para seu lado, se ele admitisse para si mesmo que fora apenas a ela que amara todos esses anos e que ninguém mais estivera entre eles...

Então Lancelote terá Gwenhwyfar e eu serei a rainha de Avalon... mas rainha com uma criança para o consorte e ele, por sua vez, cairia sobre o domínio do Gamo-Rei...

Desta vez Arthur não fugiria dela com horror pelo que haviam feito ela não o afastaria com lágrimas infantis... Parecia, por um momento, que todo o universo esperava, ecoando, pelo que Arthur diria...

Ele falou e sua voz parecia soar como as trombetas do Juízo Final através de todo o país das fadas, como se até mesmo a trama do tempo tremesse e o peso dos anos sucumbisse.

- Jesus e Maria defendam-me de todo o mal - gritou ele. - Este é algum encantamento terrível, feito por minha irmã e sua feitiçaria! - Estremeceu e gritou: - Tragame minha espada!

Morgana sentiu uma dor lancinante no coração. Ela buscou Acolon e, outra vez, pareceu ver a sombra de chifres acima de suas sobrancelhas e de novo a Excalibur estava em torno de sua cintura - estivera sempre lá? - e as serpentes que haviam rastejado sobre seu corpo nu eram apenas escuras manchas azuis em torno do pulso do homem.

Ela explicou com firmeza:

- Veja eles estão trazendo uma espada parecida com a Excalibur, os ferreiros das fadas fizeram-na esta noite. Deixe-o ir se puder. Mas se não for possível, bem, faça o que tiver de fazer, amor. Que a Deusa o proteja. Eu o esperarei em Camelot, quando para lá você voltar em triunfo. - Ela o beijou e o despediu.

Nunca até aquele momento ela o enfrentara inteiramente: um deles deve morrer, irmão ou amante, a criança que ela segurara em seus braços, o Galhudo que fora amante, sacerdote e rei...

O que quer que advenha deste dia, pensou, nunca, nunca mais conhecerei um momento de felicidade, uma vez que um dos dois homens que amo deve morrer...

Arthur e Acolon haviam partido para onde não poderia segui-los; havia ainda Uriens a ser considerado e por um momento ela pensou na possibilidade de abandoná-lo no país das fadas. Ele vagaria satisfeito pelos salões encantados das florestas até morrer... Não. Tem havido muita morte, o que quer que aconteça, pensou Morgana e abandonou seus pensamentos para observar Uriens, que repousava imerso em sonhos. Agora estava sentado, ela caminhou até ele, que parecia alegremente bêbado e tonto.

- O vinho daqui é muito forte para mim - disse ele. - Onde você esteve, minha querida e onde está Arthur?

Mesmo agora, pensou, a fada-donzela trouxe a Arthur uma espada tão semelhante a Excalibur que ele acreditará que seja ela... Ah, Deusa eu devia ter mandado a espada de volta a Avalon, por que alguém mais deve morrer por ela? Mas sem a Excalibur, Acolon não poderia reinar como novo rei de Avalon... Quando eu for rainha esta terra terá paz e as mentes dos homens serão livres, sem padres para dizer-lhes em que acreditar ou o que fazer...

- Arthur teve de partir na nossa frente - mentiu gentilmente. - Venha, meu caro marido, temos de voltar a Camelot. - Ela percebeu que ele não a contestou, tal era o encantamento do país das fadas. Os cavalos lhes foram trazidos e o povo alto e belo escoltou-os a um lugar onde um deles lhes disse:

- Vocês podem, com certeza encontrar o caminho a partir daqui.

- Como a luz do sol se foi depressa! - exclamou Uriens enquanto uma neblina cinzenta parecia condensar-se rapidamente e cair em torno deles. - Morgana, por quanto tempo ficamos no país da rainha? Sinto-me como se tivesse tido febre ou estivesse encantado, vagando sob encantamentos...

Ela não respondeu. Ele também, pensou ela, tivera algum divertimento com as fadas-donzelas e por que não? Ela não se importava com o modo como ele se divertia, contanto que a deixasse em paz.

Uma aguda ânsia de vômito lhe fez lembrar que, jamais, desde que chegara ao país das fadas, pensara em sua gravidez e agora, quando tudo esperava por uma palavra sua, quando Gwydion tomasse o trono e Acolon reinasse ela estaria pesada e nauseada, grotesca... Certamente estava muito velha para ter um filho sem riscos. Já seria muito tarde para encontrar ervas que a livrariam dessa carga indesejada? Todavia, se ela desse a luz um filho de Acolon, agora que o reino passava a suas mãos, quão mais ele a valorizaria como sua rainha? Ela poderia sacrificar esse poder que tinha sobre ele? Um criança que eu poderia manter comigo, uma criança que eu poderia acalentar em meus braços, um bebê para amar.

Ela ainda podia lembrar-se da meiguice de Arthur quando bebê, seus bracinhos que lhe enlaçavam o pescoço. Gwydion lhe fora tirado, Uwayne tinha nove anos quando aprendera a chamá-la de mãe. Era uma dor aguda e uma ternura além do amor, debatendo-se em seu corpo, o desejo de segurar uma criança outra vez... A razão, porém, lhe disse que ela não podia em sua idade, sobreviver ao nascimento de uma criança. Ela cavalgava ao lado de Uriens como se sonhasse. Não, não poderia sobreviver ao nascimento dessa criança e no entanto sentiu que não podia suportar ter de matá-la antes de nascer.

Minhas mãos já estarão manchadas com o sangue de uma pessoa que amo... Ah, Deusa, por que me põe a prova assim? E pareceu que a Deusa esvoaçava diante de seus olhos, ora como a rainha das fadas, ora como Raven, solene e cheia de compaixão, ora como a Grande Leitoa que dilacerara a vida de Avaloch... e ela devorar a criança que carrego... Morgana sabia que estava a beira do delírio, da loucura.

Mais tarde, decidirei isso mais tarde. Agora meu dever é levar Uriens de volta a Camelot. Calculou o tempo que estivera no país das fadas. Não mais do que uma lua, supôs ou a criança far-se-ia mais fortemente presente... Esperava que tivessem sido apenas uns poucos dias. Não são poucos ou Gwenhwyfar perguntar-se-ia como haviam ido e vindo tão rápido; nem tantos ou seria tarde demais para fazer o que ela sabia que devia ser feito: ela não poderia dar a luz a essa criança e viver.

Chegaram a Camelot no meio da manhã; a jornada não fora, na verdade, muito longa. Morgana estava grata por Gwenhwyfar não estar presente e quando Cai

perguntou por Arthur ela lhe disse, mentindo desta vez, sem um momento de hesitação, que ele ficara preso em Tintagel. Se eu posso matar, mentir não é um pecado tão grande, pensou, distraída mas de alguma forma sentiu-se contaminada pela mentira ela era sacerdotisa de Avalon e valorizava a verdade de suas palavras...

Morgana levou Uriens para seu quarto; o velho homem parecia exausto e confuso. Ele está ficando muito velho para reinar. A morte de Avaloch foi um golpe mais duro para ele do que pensei. Mas ele também foi criado com as verdades de Avalon - o que será do Gamo-Rei quando o jovem gamo estiver adulto?

- Deite-se aqui, meu marido e descanse - aconselhou mas ele estava irascível.

- Devia ter partido para Gales do Norte. Acolon é jovem demais para reinar sozinho. Meu povo precisa de mim!

- Eles podem dispensá-lo por mais um dia - disse ela para tranquilizá-lo - e você estará mais forte.

- Eu estou fora já há muito tempo - argumentou ele. - E por que não fomos a Tintagel? Morgana, não me lembro por que partimos! Estivemos mesmo em um país em que o sol brilha sempre?

- Creio que você sonhou. Por que não dorme um pouco? Devo pedir algo para comer? Acho que você não se alimentou esta manhã...

Entretanto, quando lhe trouxeram a refeição, Morgana ficou enjoada apenas em olhá-la e sentir-lhe o cheiro. Ela afastou-se bruscamente, tentando ocultar a repulsa mas Uriens já a notara. .

- O que se passa, Morgana?

- Nada - disse, irritada. - Coma e descanse.

Mas ele lhe sorriu e estendeu-lhe a mão, puxando-a para a cama.

- Você esquece que já fui casado antes? Sei quando uma mulher está grávida.

- Ele estava exultante, isso era óbvio. - Depois de todos esses anos, Morgana, você está grávida! Isto é maravilhoso, um filho me foi tirado mas ganho outro! Podemos chamá-lo Avaloch se for homem, minha querida?

Morgana retorquiu:

- Você esquece minha idade. Não é provável que eu possa carregar esta criança por tempo suficiente para que ela viva. Não espere por um filho na sua idade avançada.

- Mas tomaremos muito cuidado com você. Deve consultar as parteiras da rainha e se a viagem para casa oferecer risco de abortar então você ficará aqui até que a criança nasça.

Ela queria atirar-lhe no rosto: o que o faz pensar que é seu filho, velho? Este filho é de Acolon, certamente. Mas não podia desfazer-se do medo que de repente a possuía de que, de fato, fosse filho de Uriens... filho de um velho fraco, um monstro como Kevin... Não, com certeza ela estava louca. Kevin não era um monstro mas sofrera ferimentos - queimaduras e mutilações na infância -, de modo que seus ossos se deformaram. Mas a criança de Uriens seria provavelmente torta, deformada, doentia e o filho de Acolon poderia ser saudável, forte... e ela já passara da época de ter uma criança; seria seu filho uma espécie de monstro? Algumas vezes, quando mulheres davam a luz em idade avançada era assim... Será que estava louca, para deixar-se levar e atormentar a mente com tais pensamentos?

Não. Ela não queria morrer e não havia esperança de dar a luz e sobreviver. De algum modo, precisava conseguir as ervas... Mas como? Não tinha confidente alguma na corte; nenhuma dama de Gwenhwyfar em quem pudesse confiar o suficiente para pedir-lhe

tais coisas e se de alguma forma viesse a baila que a velha rainha Morgana estava grávida de seu marido, ainda mais velho, isso seria motivo de riso!

Havia Kevin, o Merlim - mas ela mesma o rejeitara, atirando-lhe ao rosto seu amor e lealdade... Bem, devia haver parteiras na corte e talvez ela pudesse subornar uma delas para que se calasse. Contar-lhe-ia uma lamentável história de como o nascimento de Gwydion fora penoso, como temia em sua idade, ter outro filho. Elas eram mulheres entenderiam isso muito bem. E em sua própria sacola de ervas tinha uma ou duas que, misturadas com uma terceira, inofensiva por si só, produziriam o efeito esperado. Não seria a primeira mulher, nem mesmo na corte, a livrar-se de uma criança indesejada. Mas precisava fazê-lo secretamente ou Uriens jamais a perdoaria... Que importância isso teria, desde que o fizesse em nome da Deusa? Quando tudo viesse a tona ela seria rainha aqui, ao lado de Arthur - não, de Acolon - e Uriens estaria em Gales do Norte ou morto ou no inferno. .

Deixou Uriens dormindo e saiu do quarto na ponta dos pés; encontrou uma das parteiras da rainha, perguntou-lhe pela terceira erva, inofensiva e, voltando para o quarto preparou, ao fogo, a poção. Ela sabia que isso iria deixá-la mortalmente doente mas não havia como evitá-lo. A mistura de ervas era amarga como fel; ela a bebeu, fazendo uma careta, lavou a taça e guardou-a.

Se pudesse saber o que estava acontecendo no país das fadas! Se ao menos pudesse saber do desempenho de seu amante com a Excalibur... Sentiu-se nauseada mas estava demasiado inquieta para deitar-se em sua cama ao lado de Uriens; não podia suportar ficar sozinha com o homem adormecido nem fechar os olhos, com medo das imagens de morte e sangue que a atormentariam.

Após algum tempo, pegou a roca e o fuso e desceu para o salão da rainha, onde sabia que as mulheres - a rainha Gwenhwyfar e suas damas, até mesmo Morgause - estariam em seu eterno fiar e tecer. Fiar ainda lhe causava desagrado mas conseguiria manter-se calma e era melhor do que estar só. E se isso a levasse a Visão, bem, pelo menos estaria livre do tormento de ignorar o que ocorrera nas fronteiras do país das fadas com os dois homens que amava.

Gwenhwyfar deu-lhe as boas-vindas com um frio abraço e convidou-a a sentar-se perto do fogo em sua própria cadeira.

- Em que está trabalhando? - perguntou Morgana, examinando o fino trabalho de tapeçaria de Gwenhwyfar.

A rainha, orgulhosa estendeu o trabalho diante dela.

- É um pano para o altar da igreja. Aqui está a Virgem Maria com o anjo que vem anunciar-lhe que ela terá um filho de Deus. E lá está José maravilhado. Veja eu o fiz velho, velho com uma longa barba...

- Se eu fosse velho como José e minha mulher me dissesse, após ter estado com aquele belo anjo, que estava grávida eu teria alguma dúvida sobre esse anjo - disse Morgause, irreverente. Pela primeira vez Morgana imaginou se realmente era tão miraculoso assim o fato de essa virgem estar grávida. Quem sabe se a mãe de Jesus não estava pronta para explicar sua gravidez com uma hábil lenda sobre anjos... Mas afinal de contas em todas as religiões exceto naquela, uma donzela ser engravidada por um deus não era nada de tão estranho...

Eu mesma, pensou, a beira da histeria, pegando uma porção de lã e começando a rodar o fuso eu mesma entreguei a virgindade ao Galhudo e dei um filho ao Gamo-Rei. Será que Gwydion irá me colocar em um trono como Mãe de Deus?

- Você é tão irreverente, Morgause! - reclamou Gwenhwyfar e Morgana rapidamente cumprimentou-a pela finura de seus pontos e lhe perguntou quem desenhara o modelo para a figura da donzela com seu próprio rosto

- Eu a desenhei - disse a rainha, surpreendendo Morgana; ela jamais acreditara que a outra tivesse esse tipo de talento. - O bispo Patrício prometeu, também, que me ensinará a copiar letras em ouro e púrpura. Ele diz que tenho mão boa para isso, considerando que sou mulher... Jamais pensei que pudesse fazê-lo, Morgana, e no entanto sei que você fez aquela fina bainha que Arthur usa! Ele contou-me que você a bordou para ele com as próprias mãos.

E então um grande espaço abriu-se, como se estivesse diante dela; e enquanto a roca descia ao chão e o fio era torcido, teve a impressão de que tecia o rosto de Arthur enquanto ele vagava, com a espada na mão... E então ele se voltou e viu Acolon, com a Excalibur em punho... Ah, eles estavam lutando, ela não podia ver-lhes as faces nem ouvir as palavras que diziam um ao outro.

- É muito bonita. - Gwenhwyfar continuou a tagarelar como uma garotinha - Ofereci-me para fazer-lhe uma, várias vezes; ofendi-me com o fato de um rei cristão usar símbolos de paganismo, mas ele me contou que fora feito para ele por sua querida e amada irmã e que jamais se desfaria dela. É de fato, um belo trabalho... Você mandou fazer fios de ouro em Avalon para isso?

Eles lutavam selvagememente e parecia a Morgana, que observava, tonta, enquanto a roca descia, girava e subia, que não podia ouvir o barulho das espadas... Arthur deu um grande golpe que, certamente, teria matado Acolon se ele não o tivesse amparado com o escudo. A sua perna foi atingida - a ferida abriu-se sem sangrar, enquanto Arthur, atingido por um leve golpe, logo começou a perder sangue, que lhe fluía do braço em gotas carmesins. Ele pareceu-lhe atônito, amedrontado, procurando com um gesto rápido pela bainha... mas era a falsa bainha que oscilava ...

- Nossos ourives trabalham bem e o que fazem em prata e ouro, é incomparável. - O giro do fuso provocava-lhe enjôo. Quanto tempo levaria para que a náusea asfixiante da droga se apoderasse dela? O aposento fechado parecia confundir o cheiro das vidas abafadas e sem ar daquelas mulheres que teciam e cosiam, num trabalho infundo para que os homens fossem vestidos... Uma das damas em frente de Morgana, de Gwenhwyfar, em adiantado estado de gravidez, cosia roupas de bebê... outra trabalhava a barra de um pesado outro, manto para o pai, irmão, marido ou filho... e havia a fina costura que Gwenhwyfar fazia para o altar, a diversão de uma rainha que podia ter outras mulheres para costurar e fiar para ela.

Estavam agora mortalmente presos no mesmo lugar, lutando, com as espadas presas ao alto, uma contra a outra, enquanto se agarravam com a mão livre para conseguir uma vantagem... Acolon girou bruscamente e a espada de Arthur, a falsa Excalibur, feita pelo encantamento das fadas em uma só noite, partiu-se - ela viu Arthur girar numa desesperada tentativa de escapar do golpe mortal e chutar violentamente o adversário. Acolon encolheu-se em agonia e Arthur tomou-lhe a verdadeira Excalibur das mãos atirou-a tão longe quanto pode e jogou-se sobre o homem caído, arrancando-lhe logo a bainha. Assim que deitou as mãos sobre ela, o fluxo de sangue da ferida cessou, e por sua vez o sangue fluíu em abundância da ferida de Acolon.

A roca girava, girava; a roda afundava em direção ao chão e ela torcia o fio suavemente. Quando aprendera a fazer esse trabalho? Nem mesmo podia lembrar-se do tempo em que ela não conseguia fiar uma linha macia... Uma das suas mais antigas lembranças era de trabalhar sentada na muralha do castelo de Tintagel, ao lado de

Morgause e, naquela época, seu fio era mais regular do que o de sua tia, dez anos mais velha do que ela. Ela lembrou isso a Morgause, que riu ao admitir:

- Aos sete anos você tecia melhor do que eu!

Uma dor cruciante atravessou todo o corpo de Morgana; ela dobrou-se sob seu peso.

- Morgana! - gritou Morgause, prendendo a respiração. - Acudam! Morgana está doente, venham socorrê-la!

A roca girava, girava; descia em direção ao chão de pedra; então ela enrolou a linha no fuso, enquanto torcia uma porção de lã... Tal como tecia, assim ela manipulava a vida dos homens - era uma maravilha o fato de que uma das visões da Deusa era uma mulher tecendo... a partir do momento em que um homem vem ao mundo, nós tecemos sua mortalha. Sem nós, a vida dos homens seria de fato nua...

- Morgana! - gritou Gwenthwyfar - O que você tem?

A visão se fora. Embora ela tentasse, não podia ver os dois homens, nem quem vencera, se um deles morrera - era como se uma cortina escura se fechasse sobre ambos, com o soar dos sinos da igreja. No último instante da visão, vislumbrara os homens carregando a maca com os feridos

Parecia-lhe que, como no reino das fadas, ela olhava para a Abadia de Glastonbury, onde não podia segui-los por uma grande abertura e via Arthur adormecido ao lado agarrou-se as bordas da cadeira quando Gwenthwyfar veio com uma de suas damas, que se ajoelhou para levantar-lhe

- Ah, veja, sua roupa está encharcada de sangue... E este não é um sangramento comum.

Morgana, com a boca seca por causa da náusea, murmurou :

- Não... eu estava grávida e estou abortando... Uriens ficará zangado comigo. .

Uma das mulheres, uma matrona alegre e gorducha que devia ter mais ou menos a idade dela, manifestou-se:

- Hum, hum ! Que vergonha ! Então Sua Senhoria de Gales do Norte ficará zangado, não é? Bem, bem e quem o escolheu para ser deus? Devia ter mantido aquele bode velho fora de sua cama, senhora; é perigoso para uma mulher abortar na sua idade! Que vergonha aquele velho devasso pôr sua vida em risco dessa maneira! Então ele ficará zangado, não é?

Gwenthwyfar esquecendo sua hostilidade, andava ao lado de Morgana enquanto a carregavam esfregando-lhe as mãos, cheia de bondade.

- Oh, pobre Morgana, que coisa triste, quando tinha esperanças de viver tudo outra vez. Eu sei quanto é terrível para você, minha pobre irmã... - repetia, segurando-lhe as mãos frias, aninhando junto ao seio a cabeça de Morgana, sacudida pelos vômitos provocados pela terrível náusea que lhe sobreveio. - Mandei chamar Broca, a melhor de minhas parteiras, que tomará conta de você, pobre querida...

Parecia que a solidariedade de Gwenthwyfar ia sufocá-la. Desgastada pelas dores repetidas e lancinantes, sentia-se como se uma espada lhe tivesse atravessado as entranhas mas, ainda assim, não era tão ruim quanto fora o nascimento de Gwydion e ela sobrevivera a isso... Tremendo, vomitando, tentou manter-se consciente, para saber o que acontecia a sua volta. Talvez estivesse predisposta ao aborto, de qualquer forma... fora, certamente, muito rápido para tratar-se apenas da ação da droga! Broca veio examinou-a, cheirou o vômito, arqueou as sobrancelhas com ar de sabedoria e disse em voz baixa a Morgana :

- Senhora, devia ter tomado mais cuidado: essas drogas podem envenená-la. Tenho uma mistura que provoca os mesmos efeitos com muito maior rapidez e menos



sofrimento. Não se preocupe, não contarei a Uriens; se ele não tem juízo suficiente para não engravidar uma mulher da sua idade então o desconhecimento deste fato não lhe fará mal.

Morgana deixou-se tomar pela náusea. Sabia, depois de algum tempo, que não estava tão enferma quanto elas pensavam... Gwenhwyfar perguntou-lhe por fim se gostaria de ver um padre; ela meneou a cabeça e fechou os olhos, silenciosa e rebelde, sem se importar com viver ou morrer. Uma vez que Acolon ou Arthur tinha de morrer ela também se deixaria levar para as trevas... Por que não podia vê-los, em que lugar de Glastonbury estariam, qual deles voltaria?

Certamente os padres atenderiam Arthur, seu rei cristão; mas deixariam Acolon morrer?

Se Acolon deve partir para as trevas, deixai-o ir com o espírito de seu filho para acompanhá-lo, pensou ela enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. Ouviu em algum lugar distante a voz da velha Broca:

- Sim, acabou-se. Sinto muito, Majestade mas sabe tanto quanto eu que ela está velha demais para dar a luz uma criança. Sim, . meu senhor, venha e veja... - A voz estava rouca e áspera. - Os homens nunca pensam no que fazem, nem em toda a maldita confusão em que se metem as mulheres por causa do prazer deles! Não era muito cedo ainda para dizer se era menino mas ela já teve um menino saudável, não duvido que lhe desse outro, se estivesse suficientemente forte e jovem para levar a gravidez adiante!

- Morgana, querida, olhe para mim - implorava Uriens - Sinto muito, sinto muito mesmo que esteja doente mas não sofra, querida eu ainda tenho dois filhos, não a culpo...

- Ah, não a culpa, é? - disse-lhe a velha parteira, ainda agressiva. - é melhor não lhe dirigir uma palavra de censura, Majestade ela ainda está muito fraca e doente. Poremos uma outra cama aqui, assim ela poderá dormir em paz até se restabelecer. Aqui... - E Morgana sentiu um confortador braço de mulher sob sua cabeça; um medicamento quente e reconfortante foi posto em seus lábios. - Venha, querida, beba isto agora, tem mel e preparados para estancar o sangramento. Sei que está enjoada mas tente beber de qualquer modo, assim, boa menina...

Morgana engoliu a bebida agridoce, as lágrimas toldavam-lhe a visão. Por um momento parecia que ela era uma criança, que Ygraine a segurava e consolava durante alguma doença infantil.

- Mãe... - disse ela e até quando falava sabia que delirava, que Ygraine estava morta há muito tempo, que ela não era uma criança ou jovem mas velha, velha, velha demais para estar ali deitada daquela forma horrível e tão próxima da morte. - Não, Majestade ela não sabe o que está dizendo. Sim, sim, querida, fique quieta e tente dormir, colocamos tijolos quentes em seus pés e estar aquecida em um minuto...

Acalmada, Morgana flutuou em sonho. Parecia-lhe que era uma criança em Avalon, na Casa das Moças e que Viviane, junto dela, contava-lhe algo de que não podia lembrar-se direito, algo sobre como a Deusa tecia a vida dos homens. Ela lhe deu um fuso e ordenou-lhe que tecesse.

Contudo, o fio não saía liso mas emaranhado e com nós e por fim Viviane zangou-se com ela: - Ora, dê-me isto... - E ela entregou-lhe os fios partidos e o fuso; apenas não era mais Viviane mas o rosto da Deusa, ameaçadora e ela era muito, muito pequena... tecendo, tecendo com os dedos pequenos demais para segurarem a roca e a Deusa tinha o rosto de Ygraine...

Ela voltou a consciência um dia ou dois mais tarde, com a cabeça leve, uma dor grande e vazia no corpo. Pousou a mão sobre a região dolorida e pensou, amarga: Você poderia ter-me poupado alguma dor; devia saber que eu abortaria de qualquer modo. Bem, o que está feito está feito e agora preciso preparar-me para ouvir a notícia da morte

de Arthur, preciso pensar no que farei, quando Acolon voltar - Gwenhwyfar deverá ir para um convento, ou, se quiser, para além-mar, até a Bretanha Menor com Lancelote; não os reterei... Levantou-se, vestiu-se e embelezou-se.

- Devia ficar na cama, Morgana, ainda está muito pálida - recomendou-lhe Uriens.

- Não. Há estranhas mudanças a caminho, meu marido e temos que nos preparar para elas - disse ela e entrançou os cabelos com fitas escarlates e pedras preciosas.

Uriens, de pé perto da janela, observou:

- Olhe, os cavaleiros estão praticando seus jogos militares. Uwayne, acho, é o melhor de todos. Venha ver, querida, não acha que ele cavalga tão bem quando Gawaine? E aquele ao seu lado é Galahad. Morgana, não lamente a perda da criança. Uwayne sempre a considerará sua mãe. Eu lhe disse quando nos casamos que jamais a repreenderia por sua esterilidade. Teria recebido bem uma criança mas uma vez que não pode ser, bem, não temos do que lamentar-nos. E - continuou timidamente, tomando-lhe as mãos - talvez seja melhor assim... Não me dei conta de quão perto estive de perdê-la.

Morgana estava de pé junto a janela e ele envolveu-a nos braços enquanto ela sentia ao mesmo tempo repulsa e gratidão por sua delicadeza. Ele não precisava saber nunca, pensou, que o filho era de Acolon. Deixá-lo-ia orgulhar-se de que em sua idade avançada, ainda pudesse ser pai.

- Olhe - mostrou Uriens, inclinando a cabeça para ver mais longe -, quem está atravessando o portão?

- Um cavaleiro e um monge de hábito escuro sobre uma mula e um cavalo carregando um corpo... - Venha - e puxando-o pela mão -, temos que descer agora.

Pálida e silenciosa ela postou-se ao seu lado, no p tio, sentindo-se imponente e cheia de autoridade como futura rainha.

Pareceu-lhe que o tempo parara, como se eles estivessem de novo no país das fadas. Por que Arthur não estava com eles, se triunfara? Mas se este era o corpo de Arthur, onde estavam a pompa e a cerimônia devidas a morte de um rei? Uriens apoiou-a em seus braços mas ela afastou-se e agarrou-se ao batente de madeira da porta. O monge puxou o capuz para trás e perguntou:

- A senhora é a rainha Morgana de Gales do Norte?

- Sim, sou.

- Tenho então uma mensagem para a senhora. Seu irmão, Arthur está ferido em Glastonbury, onde está sendo tratado pelas irmãs mas vai recuperar-se. Enviou-lhe isto - acenou para a figura amortalhada sobre o cavalo - como um presente e pediu-me para dizer-lhe que ele tem a espada Excalibur e a bainha. - E enquanto falava, levantou o pano que cobria o corpo. Morgana, sentindo todas as forças do corpo esvaírem-se como água, viu os olhos vidrados de Acolon fitando o céu.

Uriens gritou, um grito profundo como a morte. Uwayne abriu caminho por entre a multidão aglomerada em torno dos degraus e, quando o pai caiu, abatido, sobre o corpo do filho, segurou-o e sustentou-o.

- Pai, querido pai! Ah, bom Deus, Acolon - disse sufocado e adiantou-se para o cavalo que trazia o corpo do irmão. - Gawaine, meu amigo, dê o braço a meu pai, preciso cuidar de minha mãe ela está desmaiando...

- Não - gritou Morgana. - Não! - Ela ouvia a própria voz como um eco, nem mesmo estava certa do que queria negar. Ela teria corrido para Acolon, jogando-se sobre seu corpo, gritando de desespero e dor mas Uwayne abraçou-a fortemente.

Gwenhwyfar apareceu na escada; alguém lhe explicou a situação com um murmúrio e ela desceu os degraus, olhando para Acolon.

- Ele morreu em rebelião contra o Rei Supremo - pronunciou claramente. - Não haverá ritos cristãos para ele! Deixem que o corpo seja consumido pelas aves de rapina e que a cabeça seja pendurada nos muros como a de um traidor!

- Não! Ah, não - gritou Uriens, chorando. - Eu lhe imploro, eu lhe imploro... rainha Gwenhwyfar, a senhora me conhece como um de seus mais leais súditos e meu pobre filho pagou por seus crimes... Eu lhe imploro, senhora, Jesus também morreu como criminoso entre ladrões e até mesmo para o ladrão pregado na cruz ao seu lado houve misericórdia... Mostre a misericórdia que Ele teria mostrado...

Gwenhwyfar pareceu não ouvir.

- Como está meu senhor Arthur?

- Ele está se recuperando, senhora mas perdeu muito sangue - informou o desconhecido monge. - Todavia, pede que a senhora não tema. Ele vai se recuperar.

Gwenhwyfar suspirou.

- Rei Uriens, por causa do nosso bom cavaleiro Uwayne, farei como deseja. Levem o corpo de Acolon para a capela e deixem-no ...

Morgana elevou a voz para protestar.

- Não, Gwenhwyfar! Enterre-o decentemente sob a terra, se você pode encontrar no coração tanta misericórdia para fazê-lo mas ele não era cristão, não lhe dê um funeral cristão. Uriens está tão cheio de dor que não sabe o que diz.

- Cale-se, mãe - pediu Uwayne, segurando-lhe os ombros firmemente. - Por mim e por meu pai, não faça escândalo aqui. Se Acolon não serviu a Cristo então precisa ainda mais da misericórdia divina para a morte de traidor que teve!

Morgana queria protestar mas a voz não lhe obedecia. Deixou-se levar para dentro por Uwayne mas logo se despreendeu de seus braços e caminhou sozinha. Sentia-se fria e sem vida. Apenas há algumas horas, parecia-lhe, deitara-se nos braços de Acolon no pais das fadas, atara a espada Excalibur à sua cintura... agora estava submersa até os joelhos em uma maré interminável, observando tudo lhe ser tirado de novo e o mundo fitá-la com os olhos acusadores de Uwayne e seu pai.

- Sim, sei que foi você que tramou esta traição - começou Uwayne - mas não tenho pena de Acolon, que se deixou levar por uma mulher! Tenha suficiente decência, mãe, para não arrastar meu pai em nenhum plano sórdido contra o rei! - Ele olhou-a, depois virou-se para o pai, que estava como que entorpecido, agarrando-se a uma peça da mobília. Uwayne fez o velho sentar-se em uma cadeira, ajoelhou-se e beijou-lhe as mãos. - Querido pai, ainda estou ao seu lado...

- Ah, meu filho, meu filho... - gritou Uriens, desesperado.

- Descanse aqui, pai, você tem que ser forte - pediu. - Mas agora deixe-me cuidar de minha mãe. Ela também está doente...

- Sua mãe, você diz! - gritou Uriens, levantando-se e olhando Morgana com implacável ira. - Nunca mais quero ouvir você chamar esta mulher miserável de mãe! Pensa que não sei que, com feitiçaria ela levou meu bom filho a rebelar-se contra seu rei? E agora, creio, com sua bruxaria, deve ter tramado a morte de Avaloch também; sim e a daquele outro filho que ela me daria. Três filhos meus ela enviou para a morte! Cuidado para que ela não o seduza e o traia com sua bruxaria e o leve a morte e a destruição ela não é sua mãe!

- Pai! Meu senhor! - protestou Uwayne, segurando a mão de Morgana. - Perdoe-o, mãe ele não sabe o que diz está solidário com a nossa dor. Peço aos dois em nome de Deus, que se acalmem, pois já tivemos muito sofrimento hoje...

Mas Morgana mal o ouvia. Este homem, este marido que ela jamais quisera era tudo o que lhe restava de seus planos destruídos. Devia tê-lo deixado morrer no país das fadas mas ali estava ele, cambaleante na plenitude da sua vida inútil enquanto Acolon estava morto, Acolon, que procurava trazer de volta tudo o que seu pai prometera e renegara, tudo o que Arthur jurara a Avalon e perjurara e nada restava a não ser aquele velho caduco...

Ela tirou o punhal de Avalon de suas ligas e brandiu-o em direção aos braços de Uwayne, que a seguravam. Atirando-se para a frente, levantou a adaga no alto; mal sabia o que pretendia fazer quando a abaixou.

Um punho de aço reteve o gesto, desviando o punhal. Era a mão de Uwayne, que quase lhe quebrou o pulso enquanto ela lutava.

- Não, solte-o... mãe! - implorou ele. - Mãe, o Demônio está em você? Mãe, olhe, é apenas o pai... Ah, Deus, não pode mostrar alguma comiseração por seu sofrimento? Ele não pretendia acusá-la ele está tão infeliz que não sabe o que diz; em seu juízo perfeito perceberia que o que está dizendo é tolice... Não a acuso... Mãe escute-me, dê-me a adaga, querida mãe...

Os gritos repetidos de Mãe e o amor e a angústia da voz de Uwayne finalmente a alcançaram, através das brumas que lhe toldavam a mente e os olhos. Ela deixou Uwayne tirar-lhe a pequena faca, notando, como se estivesse a milhares de léguas dali, que havia sangue em seus dedos onde a lâmina da adaga cortara enquanto lutavam. As mãos dele também estavam feridas e ele colocou os dedos na boca e chupou-os como se tivesse dez anos.

- Pai querido, perdoe-a - implorou Uwayne, inclinando-se para Uriens, que estava pálido como a morte. - Ela também está sofrendo, ela também amava meu irmão... Lembre-se de quanto ela esteve doente e que não devia ter deixado a cama hoje! Mãe, deixe-me chamar suas damas para levá-la de volta para a cama... Você vai querer isto - continuou ele entregando-lhe o punhal. - Sei que o recebeu de sua mãe adotiva, a Senhora de Avalon, contou-me isso quando eu era garotinho. Ah, pobre mãezinha - lamentou envolvendo-lhe os ombros com os braços. Lembrava-se de quando era mais alta do que ele, quando era um menino magro de ossos tão pequenos e frágeis quanto os de um passarinho. Agora ele estava mais alto do que ela, e a segurava gentilmente contra si. - Mãe querida, minha pobre mãezinha, vamos, não chore, sei que amava Acolon tanto quanto me amava... pobre mãe!

Morgana gostaria de poder chorar, deixar todo aquele sofrimento terrível e o desespero esgotarem-se em lágrimas, quando sentiu as lágrimas quentes de Uwayne caindo-lhe na testa. Uriens também chorava mas ela permanecia fria e sem lágrimas. O mundo, todo cinza, parecia desmoronar-se. Tudo o que olhava se tornava imenso e ameaçador e, ao mesmo tempo, pequeno e longínquo, como um brinquedo que ela pudesse pegar... Não ousava mexer-se; do contrário, tudo se dissolveria ao seu toque. Mal percebeu quando suas damas chegaram. Elas pegaram-lhe o corpo rígido e sem resistência, levantaram-na e levaram-na para a cama, tiraram-lhe a coroa real e o vestido que pusera, triunfante.

Alheia ao que a cercava, percebeu que sua roupa de baixo estava ensopada de sangue mas não pareceu importar-se. Muito tempo depois, voltou a si e notou que fora lavada e vestida com uma nova muda de roupas. Uriens estava deitado ao seu lado. Uma de suas damas cochilava sentada em um escabelo. Ela ergueu-se um pouco e olhou para o homem adormecido, cujo rosto estava inchado e vermelho por causa do choro. Era como se olhasse para um estranho.

Sim ele fora bom para ela, a seu modo. Mas agora que tudo passou e meu trabalho nesta terra está feito, nunca mais olharei para seu rosto enquanto viver, nem para o local onde repousar, depois de morto.

Acolon estava morto e seus planos, arruinados. Arthur ainda carregava a espada Excalibur e a bainha enfeitiçada que lhe dava uma vida encantada e uma vez que aquele a quem ela confiara aquela tarefa lhe falhara escapando para a morte onde ela não podia segui-lo ela própria teria de ser a mão de Avalon que golpearia o rei.

Movendo-se tão silenciosamente que não acordaria nem um pássaro adormecido, vestiu-se e amarrou a adaga de Avalon a cintura. Pôs de lado todas as finas roupas e jóias que Uriens lhe dera e enrolou-se em seu vestido mais simples, não muito diferente do traje de sacerdotisa. Apanhou sua pequena sacola de ervas e remédios e no escuro; Tateando, pintou a lua negra na testa. Pegou então, o manto mais simples que pôde encontrar - não o dela própria, bordado com fios de ouro e pedras preciosas mas um agasalho grosseiro de uma das criadas - e desceu as escadas silenciosamente.

Ouviu cânticos, vindos da capela; de alguma forma, Uwayne providenciara para que o corpo de Acolon fosse velado. Bem, não importava. Acolon estava livre, que importância tinha o tipo de representação ridícula que os padres faziam com o corpo desabitado? Nada tinha importância agora exceto reclamar a espada de Avalon. Virou as costas para a capela. Um dia, teria tempo para pranteá-lo; precisava prosseguir com a missão em que ele falhara.

Entrou no estábulo sem fazer barulho e encontrou seu cavalo; selou-o com mãos desajeitadas e conduziu-o para o pequeno portão lateral.

Estava muito tonta para subir na sela e por um momento hesitou, temendo cair. Devia esperar ou tentar chamar Kevin para ajudá-la. O Merlim da Bretanha jurara atender os desejos da Senhora. Mas ela também não podia confiar em Kevin, pois ele traíra Viviane entregando-a nas mãos daqueles padres que agora cantavam seus hinos sobre o indefeso corpo de Acolon. Murmurou algo para o cavalo, sentiu-o trotar sob ela e ao pé da colina parou para dar uma última olhada a Camelot.

Voltarei aqui mais uma vez ainda nesta vida e então não haverá uma Camelot para onde eu possa voltar. Apesar de proferir estas palavras, não sabia o que significavam.

Embora Morgana tivesse viajado muito para Avalon, apenas uma vez pisara na ilha dos Padres; a Abadia de Glastonbury, onde Viviane estava enterrada e em que Ygraine passara seus últimos anos era uma jornada tão estranha para ela quanto a travessia das brumas para as terras escondidas. Havia um barco e ela deu ao barqueiro uma moedinha para levá-la através do lago, perguntando-se o que faria o homem se ela se levantasse, como o fazia na barca de Avalon e pronunciasse o encantamento que a conduziria para as brumas e a levaria para Avalon... mas ela não o fez. Será apenas porque não posso? perguntou a si mesma.

O ar estava puro e fresco pouco antes de o sol nascer. Acima deles, o som dos sinos da igreja era suave e claro e Morgana podia notar uma longa fila de formas vestidas de cinza caminhando lentamente para a igreja. Os irmãos levantaram-se cedo para rezar e cantar seus hinos e por um momento ficou quieta, ouvindo. Sua mãe e de Arthur estava enterrada ali. Viviane também jazia ali, descansando ao som daqueles hinos. A musicista em Morgana, sempre rapidamente desperta escutava a canção suave, trazida pela brisa da manhã e ficou por um instante imóvel, com as lágrimas a queimarem-lhe os olhos; planejava ultrajar este solo sagrado? Deixe estar, deixe que haja paz, crianças... parecia murmurar-lhe a voz esquecida de Ygraine.

Agora todas as formas acinzentadas estavam na capela. Ouvira falar muito daquele mosteiro... Sabia que era uma irmandade de monges e que, a alguma distância dele, havia um convento onde viviam as mulheres que tinham prometido ser as virgens de Cristo até morrer. Morgana fez um muxoxo de desagrado; um deus que mantém seus homens e suas mulheres com os pensamentos no céu mais do que neste mundo que lhes foi dado para aprender e crescer espiritualmente, parecia-lhe estranho; e agora que ela realmente via homens e mulheres misturando-se dessa forma em adoração, sem desejar qualquer contato ou comunicação, sentia-se nauseada. Ah, sim, havia virgens sagradas em Avalon - ela própria fora reclusa, até a época propícia e Raven dera não só o corpo mas até a voz para o uso da Deusa. Havia sua filha adotiva, a filha de Lancelote, Nimue, escolhida por Raven para viver sem ser vista em completa solidão... mas a Deusa reconhecia que era uma escolha rara que não devia ser imposta a todas as mulheres que procuravam servi-la.

Morgana não acreditava no que algumas de suas companheiras de Avalon diziam, que os monges e as freiras apenas fingiam santidade e castidade para impressionarem os leigos com sua pureza. Por trás das portas fechadas de seus monastérios, praticavam todo tipo de libertinagens. Sim, ela desprezaria isso. Aqueles que haviam escolhido servir ao espírito em lugar da carne deviam fazê-lo sinceramente; a hipocrisia era sempre repulsiva. Mas o conhecimento de que, na realidade eles viviam dessa forma, de que a força genuína preferia a esterilidade à frutificação - isso lhe parecia uma terrível traição as próprias forças que davam vida ao mundo.

Tolos, limitando suas vidas e desejando desse modo que todas as outras se limitem no compasso mesquinho.

Mas não podia demorar-se ali. Deu as costas aos sinos da igreja e dirigiu-se para a casa de hóspedes, com a mente clamando pela Visão para que lhe mostrasse onde estava Arthur.

Havia três mulheres na casa de hóspedes - uma conversando ao lado da porta, outra mexendo urna panela de sopa de aveia na cozinha atrás da casa e ainda uma terceira porta de um quarto onde, podia sentir vagamente estava Arthur, profundamente adormecido. Mas as mulheres, com vestes e véus sombrios, moveram-se quando ela entrou; eram santas a sua própria maneira e tinham algo muito parecido com a Visão - em sua presença captavam algo ameaçador para suas vidas, o toque, talvez, da estranheza de Avalon.

Uma delas levantou-se e a confrontou, perguntando num murmúrio:

- Quem é você e para que veio aqui a esta hora?

- Eu sou a rainha Morgana de Gales do Norte e Cornualha - respondeu em sua voz baixa é autoritária e estou aqui para ver meu irmão. Ousarão proibir-me?

Sustentou o olhar da mulher, depois movimentou a mão no mais simples encantamento que lhe fora ensinado para dominar o interlocutor. A outra tombou para trás, incapaz de falar ou de proibir-lhe a entrada. Mais tarde; essa mulher contaria uma lenda sobre encantamentos e medo mas na verdade tudo não passava de simples domínio de uma vontade poderosa sobre outra que cedia, deliberadamente, a submissão.

Uma luz suave brilhava no quarto e, na penumbra, Morgana vislumbrou Arthur, barbado encovado, com os belos cabelos escurecidos pelo suor. A bacia jazia ao pé da cama... ele devia ter previsto aquela ação por parte dela e decidira não deixá-la fora de seu alcance. Ele segurava o cabo da Excalibur.

De algum modo, sua mente o avisou. Morgana estava desalentada. Ele também tinha a Visão; embora se parecesse tão pouco com o povo escuro da Bretanha era, ainda, da antiga linhagem real de Avalon e podia captar-lhe os pensamentos. Ela sabia que, se tentasse tomar-lhe a espada ele sentiria seu intento, acordaria e matá-la-ia; não tinha

nenhuma ilusão quanto a isso. Ele era um bom cristão, assim se julgava mas fora colocado no trono para matar os inimigos e de alguma forma mística, que Morgana mal compreendia, Excalibur confundira-se com a alma de Arthur, essência de sua realeza. Se não fosse assim, se fosse apenas uma espada ele desejaria devolvê-la a Avalon e mandaria fazer outra, melhor e mais poderosa... Mas Excalibur tornara-se para ele um símbolo patente e definitivo do que era como rei. Ou talvez seja a própria espada que se confunde com a alma e a realeza de Arthur e acabe por me matar se eu tentar tirá-la dele... Será que eu ousaria colocar-me contra o desejo de tal símbolo mágico ? Morgana adiantou-se e disse a si mesma para não ser fantasiosa. procurou a adaga; estava bem afiada e ela podia move-la quando preciso, tão rápido quanto uma cobra pronta para o bote. Via-lhe a pequena veia no pescoço e sabia que, se pudesse cortar rápida e profundamente a grande artéria ele estaria morto antes que pudesse emitir um grito.

Morgana já matara antes. Enviara Avaloch, sem hesitação, para a morte e nem três dias se haviam passado desde que matara a criança indefesa em seu útero... Esse que dormia diante dela era o maior traidor, sem dúvida. Um golpe, rápido e silencioso... Ah mas esta era a criança que Ygraine pusera em seus braços, seu primeiro amor, o pai de seu filho, o deus com chifres, o rei... Mate-o, tola! Você veio aqui para isto!

Não. Já tinha havido muita morte. Nascemos do mesmo ventre e eu não poderia encarar minha mãe no país além da morte, não com o sangue de meu irmão nas mãos, por um momento, sabendo que se movia a beira da loucura ela ouvia Ygraine chamando-a insistentemente: Morgana, eu lhe disse para tomar conta do bebê...

Parecia-lhe que ele se mexia no sono, como se também visse aquela voz; Morgana deslizou a adaga para a cintura, estendeu a mão e pegou a bainha. Isso, pelo menos, tinha o direito de levar - ela a fizera com as próprias mãos, os encantos que tecera nela eram seus.

Colocou a bainha sob o manto e dirigiu-se rapidamente escondida na escuridão que já se dissipava, para a barca. Quando o barqueiro remava de volta, sentiu uma comichão na pele e pareceu-lhe ver, como uma sombra, a barca de Avalon... na praia distante, todos a sua volta, a tripulação da barca de Avalon. Agora, rápido, rápido, precisava voltar para Avalon... mas o sol estava raiando e a sombra da igreja estendia sobre a água. De repente o sol inundou a paisagem, com o amanhecer, o repicar dos sinos penetrou por toda parte. Morgana ficou como que paralisada; em meio ao som ela não podia exortar as brumas nem pronunciar o encantamento.

Perguntou a um dos homens:

- Pode levar-me a Avalon? Depressa?

Ele respondeu estremecendo:

- Não posso, senhora. Já é difícil sem uma sacerdotisa a proferir o encantamento, quanto mais na aurora, meio-dia e ao cair da tarde, quando eles tocam os sinos para a prece. Não há meios de cruzar as brumas. Não agora. O encantamento já não abre caminho a essas horas; no entanto, se esperarmos até que os sinos silenciem, talvez possamos voltar.

Por que, Morgana perguntava-se, tem de ser assim?

Tinha a ver com o conhecimento de que o mundo era como era por causa daquilo em que os homens acreditavam que era... ano após ano, nestas últimas três ou quatro gerações, a mente dos homens se endurecera e passara a crer que havia um Deus, um mundo, um modo de descrever a realidade, que todas as coisas que se intrometessem no reino dessa grande unidade tinham de ser más e demoníacas e que o som de seus sinos e a sombra de seus lugares santos manteriam o mal afastado. E como mais e mais pessoas

acreditavam nisso, assim era e Avalon não passava de um sonho a deriva em um mundo quase inacessível.

Ah, sim ela ainda podia exortar as brumas... Mas não ali, não onde a sombra da torre da igreja se estendia sobre a água e o clamor dos sinos enchia de terror seu coração. Eles estavam em uma armadilha nas margens do lago! E agora ela estava consciente de que um barco atravessava o lago, saído da ilha dos Padres, para procurá-la. Arthur acordara e descobrira que a bainha fora retirada e agora iria persegui-la...

Bem, que ele a seguisse como pudesse, havia outros caminhos para Avalon, onde a sombra da igreja não impedia sua passagem. Subiu rapidamente na sela e começou a cavalgada ao longo das praias do lago, circulando-o; chegaria a um lugar em que, pelo menos no verão, poderia atravessar as brumas; o lugar onde ela e Lancelote haviam encontrado Gwenhwyfar perdida do convento. Não era o lago, mas um pântano e eles podiam então entrar em Avalon por trás, atrás do Tor.

Ela sabia que os homenzinhos escuros corriam atrás do seu cavalo, que eles podiam persegui-lo durante metade do dia se tivessem que fazê-lo. Mas então, ouviu ruídos de cascos... ela estava sendo perseguida, Arthur estava no seu encalço sem desistir e havia cavaleiros armados com ele. Enterrou os calcanhares nos flancos do cavalo mas era um cavalo para mulheres, não estava preparado para uma perseguição...

Ele tinha a Excalibur; podia sentir, como um brilho em sua mente, a relíquia sagrada de Avalon mas a bainha ele jamais tornaria a carregar. Segurou-a com ambas as mãos, rodopiou-a sobre a cabeça e lançou-a, com todas as suas forças, bem longe dentro do lago, onde a viu afundar nas águas profundas e impenetráveis. Nenhuma mão humana poderia recuperá-la - lá ela repousaria, até que o veludo e o couro apodrecessem e os fios de ouro e prata ficassem opacos e retorcidos e, por fim, sua magia se dissipasse para sempre deste mundo.

Arthur cavalgava em seu encalço, tendo na mão a Excalibur nua... Mas ele e seus acompanhantes se foram. Morgana escondeu-se em silêncio, no meio das árvores e sombras como se alguma parte essencial dela mesma tivesse partido para o país das fadas; enquanto ela estivesse ali, imóvel, oculta no silêncio de sacerdotisa, ninguém do mundo mortal poderia ver mais do que sua sombra...

Arthur gritou seu nome.

- Morgana ! Morgana ! - Uma terceira vez ainda ele a chamou, alto e colericamente; mas até as sombras estavam paradas e por fim, confuso de cavalgar em círculos - uma vez ele esteve tão próximo que ela pôde sentir o hálito de seu cavalo -, desistiu e chamou seus acompanhantes. Encontraram-no pendendo sobre a sela, com as ataduras a se encharcarem de sangue lentamente e levaram-no de volta por onde haviam vindo.

Então, Morgana levantou a mão e mais uma vez o som normal dos pássaros, do vento e das árvores voltou ao mundo.

Morgana fala...

Anos mais tarde, ouvi a história de como eu tomara a bainha através de bruxaria e como Arthur me perseguiu com cem cavaleiros, eu também com cem cavaleiros mágicos à minha volta; e quando Arthur se aproximou de mim, transformei-me e a meus homens em pedra... Algum dia, sem dúvida, acrescentarão que, quando tudo terminou, chamei minha carruagem puxada por dragões alados e voei para a terra das fadas.

Mas não foi assim. Não passou disso, pois o pequeno povo pode esconder-se nas florestas e tornar-se parte de uma árvore ou sombra e naquele dia eu era um deles,



como me haviam ensinado em Avalon e, quando Arthur foi levado por sua escolta, quase desmaiado por causa da longa perseguição e da ferida exposta, despedi-me dos homens de Avalon e cavalguei para Tintagel. Mas quando me aproximei de Tintagel, pouco me importava o que faziam em Camelot, porque eu estava mortalmente doente.

Não sei, nem mesmo agora, o que me curou; sei apenas que o verão se foi e as folhas começaram a cair enquanto eu permanecia acamada, atendida por meus criados que lá encontrara, sem saber ou importar-me se jamais me levantaria. Sei que estive febril, sentia uma exaustão tão grande que não podia levantar-me para comer, um peso na mente tão enorme que não me importava viver ou morrer.

Meus criados - um ou dois deles, lembro-me ainda dos dias em que vivia lá quando criança, com Ygraine - acreditaram-me enfeitiçada e pode até ser verdade: Marcus da Cornualha enviou-me suas homenagens e eu deduzi que a estrela de Arthur brilhava alto, pois sem dúvida ele acreditava que eu ali estava por vontade de Arthur e não o desafiaria nem mesmo por estas terras que acreditava suas. Há um ano eu teria rido disso ou compactuado com Marcus, prometendo-lhe terras aqui em troca de ele liderar um exército contra Arthur. E mesmo agora isso me passou pela mente mas com Acolon morto, nada parecia importar. Arthur tinha Excalibur... se a Deusa quisesse que lhe fosse tomada, Ela teria que vir e tomá-la Ela própria, porque eu falhara eu não era mais Sua sacerdotisa.

Creio que o que mais me magoou foi faltar a Avalon, foi Ela não ter estendido Sua mão para ajudar-me a realizar Seu desejo. A força de Arthur, dos padres e do traidor Kevin fora maior do que a magia de Avalon e não restara ninguém.

Não restara ninguém. Ninguém. Pranteei Acolon sem parar e a criança cuja vida mal começara antes de terminar atirada fora como lixo. Chorei, também; por Arthur, perdido para mim agora, meu inimigo e, inacreditavelmente, até por Uriens e pelos escombros da minha vida em Gales do Norte, a única paz que eu jamais conhecera.

Eu matara, afastara de mim ou levava a morte todos aqueles a quem amara no mundo. Ygraine fora-se e Viviane morrera, assassinada. Jazia entre os padres em meio a seus deuses de morte e condenação. Acolon fora-se, o sacerdote que eu consagrara para lutar a última batalha contra os padres cristãos. Arthur era meu inimigo; Lancelote aprendera a temer-me e a odiar-me e eu dera motivos para esse ódio. Gwenhwyfar me temia e me desprezava, até Elaine fora-se agora... e Uwayne, que fora como meu próprio filho, também me odiava. Não havia ninguém que se importasse com o fato de eu morrer ou viver; por isso eu tampouco me importava. .

As últimas folhas caíram e as assustadoras tempestades de inverno começavam a abater-se sobre Tintagel quando, um dia, uma das minhas damas veio me informar que um homem me procurava.

- Com este tempo? - olhei através da janela, onde uma chuva incessante caía do céu, tão cinzenta e desoladora quando o interior de minha mente. Que viajante atravessaria este tempo inclemente, lutando através das tempestades e da escuridão? Não, quem quer que fosse, não me importava saber. - Diga-lhe que a duquesa da Cornualha não recebe homem algum e mande-o embora.

- Na chuva em uma noite como esta? - Eu estava estarelecida com o protesto da mulher; a maioria deles temia-me como bruxa e eu estava contente de que fosse assim. Mas a mulher estava certa. Tintagel jamais deixara de oferecer sua hospitalidade quando estava nas mãos de meu falecido pai ou de Ygraine... então que fosse. Ordenei: - Dê ao viajante a hospitalidade devida a sua classe, comida e cama mas diga-lhe que estou doente e não posso recebê-lo.

Ela saiu e fiquei observando a chuva incessante e a escuridão, sentindo seu hálito frio através da fresta da janela, tentando encontrar meu caminho de volta a pacífica

monotonia em que então vivia e que me fazia sentir-me mais como eu mesma. Mas, após algum tempo, a porta abriu-se outra vez e a mulher voltou. Levantei-me, tremendo de raiva, a primeira emoção que me permitira sentir após várias semanas.

- Não a chamei e não permiti que voltasse ! Como ousa?

- Tenho uma mensagem para a senhora; uma mensagem a que não ousei dizer não, não quando um dos poderosos a envia... Ele disse: Falo, não com a duquesa da Cornualha mas com a Senhora de Avalon e ela não pode recusar-se a receber o Mensageiro dos Deuses, quando o Merlim busca audiência e conselho. - A mulher fez uma pausa e continuou: - Espero que a tenha transmitido certo... ele me fez repetir duas vezes, para ter certeza de que eu a decorara.

Agora, contra a minha vontade, fui assaltada pela curiosidade. O Merlim? Mas Kevin era homem de Arthur, certamente ele não viria ter comigo assim. Não se aliara ele a Arthur e aos cristãos, o traidor de Avalon? Mas, talvez, algum outro homem possuísse este cargo. Mensageiro dos Deuses, Merlim da Bretanha... E então pensei em meu filho, Gwydion, ou Mordred, como eu supunha dever pensar nele a partir de então; talvez fosse este o seu cargo, porque só ele pensaria em mim como Senhora de Avalon...

Depois de um longo silêncio, concedi:

- Diga-lhe que o verei. - Após um instante, acrescentei: - Mas não assim.

Mande alguém para vestir-me.- Sabia que estava muito fraca para vestir minhas roupas. Mas não receberia homem algum assim, fraca, doente e em meu quarto; eu, que era sacerdotisa de Avalon, daria um jeito de ficar de pé diante do Merlim, ainda que o que ele trouxesse fosse minha sentença de morte por ter falhado... Ainda sou Morgana!

Consegui levantar-me, vestir-me e calçar os sapatos, meu cabelo foi trançado e coberto com o véu de sacerdotisa; cheguei a pintar, depois que as mãos desajeitadas o borraram duas vezes, o símbolo da lua em minha testa. Minhas mãos - notei, sem curiosidade, como se elas pertencessem a outrem - tremiam e eu estava tão fraca que deixei a mulher dar-me o braço enquanto me arrastava para descer a escada íngreme. Mas o Merlim não devia notar minha fraqueza.

Cerrando os dentes com força, disse:

- Não sou nenhuma menina, harpista Kevin. Vejo que chegou a minha presença sob falsos pretextos. Agora diga o que tem a dizer e vá.

- Senhora de Avalon...

- Não o sou - disse eu e lembrei-me de que, da última vez que vira aquele homem expulsar-o da minha presença, gritara com ele, chamara-o de traidor. Não parecia importar; talvez o destino quisesse que dois traidores de Avalon se sentassem frente a frente, aqui diante deste fogo, pois eu também trai o juramento a Avalon... Como ousava julgar Kevin?

Um fogo fora aceso no salão; soltava um pouco de fumaça, como sempre ocorria aqui quando chovia e através da fumaça divisei a figura de um homem sentado ao pé do fogo, virado de costas para mim envolto em um manto cinza - mas ao seu lado jazia uma harpa alta, inconfundível para mim; por Minha Dama eu podia reconhecer o homem.

- Então o que você é? - perguntou ele mansamente. - Raven está velha e silenciosa há anos. Niniane jamais terá o poder para governar. Precisam de você!

- Da última vez em que nos falamos - interrompi-o -, você disse que os dias de Avalon estavam terminados. Por que então, deveria haver mais alguém para sentar-se no lugar de Viviane exceto uma garota que mal se encaixa em alto cargo esperando o dia em que Avalon desapareça nas brumas? - Senti um amargor queimar-me a garganta.

O cabelo de Kevin estava todo grisalho mas ele levantou o corpo estropiado quando cheguei.

- Então - disse eu -, ainda se chama Merlim da Bretanha, quando serve apenas a vontade de Arthur e desafia - Desde que você renegou Avalon pelo estandarte de Arthur, não fará sua tarefa mais fácil se ninguém reinar em Avalon exceto uma velha profetisa e uma sacerdotisa sem poderes...?

- Não sei como chamar-me agora - disse Kevin mansamente - exceto, talvez, por servo dos Deuses que são todos Um.

- Niniane é o amor de Gwydion e sua criação - tornou Kevin.- E ocorreu-me que suas mãos e sua voz são necessárias. Ainda que Avalon esteja fadada a perder-se nas brumas, você se recusará a perder-se com ela? Jamais a julguei covarde, Morgana.

- Por que veio então?

- De novo, não sei responder-lhe - disse, com a voz musical que eu amara tanto -, salvo talvez como pagamento de alguma dívida adquirida antes que estas colinas fossem levantadas, minha cara. Então, levantando os olhos para mim ele disse:

- Você morrerá aqui, Morgana, morrerá de dor no exílio.

Então ele elevou a voz para a criada:

- Sua senhora está doente! Sente-a!

Minha cabeça rodava e uma névoa cinzenta parecia envolver-me; a seguir vi-me sentada ao pé do fogo em frente a Kevin. A mulher saíra. - Virei o rosto.

- Para isto vim para cá. - E, pela primeira vez, soube que, de fato, viera para morrer. - Tudo o que tenho tentado fazer está arruinado, falhei, falhei... Deve ser seu triunfo, Merlim, que Arthur tenha vencido.

Ele disse:

- Pobre Morgana, pobre menina! - Pela primeira vez desde que a morte de Acolon me transformara em pedra, senti que podia chorar; cerrei os dentes para não fazê-lo, porque, se eu derramasse uma lágrima, sabia que tudo dentro de mim se derreteria e eu choraria e jamais pararia de chorar, até me transformar num verdadeiro lago de lágrimas...

Ele balançou a cabeça:

- Ah, não, minha cara, triunfo nenhum - insistiu ele. - Faça o que os Deuses me deram a fazer, nada mais, e você faz o mesmo. E, de fato, se sua sina deve ser ver o fim do mundo que conhecemos então, meu amor, deixe que esta sina nos encontre no lugar que nos foi apontado, servindo aquilo que nosso Deus nos deu para servir... minha tarefa é levá-la de volta a Avalon, Morgana, não sei por quê! Minha tarefa seria mais simples com apenas Niniane mas seu lugar é em Avalon, Morgana e o meu é onde os Deuses decretarem. E em Avalon você poder curar-se.

- Curar-me! - disse com desprezo. Eu não me importava com isso. Kevin olhou-me tristemente.

"Meu amor", ele me chamara. Pareceu-me então que ele era a única pessoa viva que me conhecia como eu era; diante de cada pessoa viva, até de Arthur eu usara um rosto diferente, procurando sempre parecer outra, melhor do que eu era; até para Viviane, para que ela me achasse digna de ser uma sacerdotisa... Para Kevin eu era Morgana, daquele modo e de nenhum outro. Ocorreu-me que ainda que eu lhe estendesse a mão como Mensageira da Morte ele não veria nada além de minha própria face, Morgana... Sempre sentira que o amor fosse outra coisa além disso era aquela queimação que eu sentia por Lancelote, por Acolon.

Por Kevin eu pouco sentira, a não ser aquela compaixão desprendida, amizade, gentileza; o que eu lhe dera pouco significara para mim e, todavia... e, todavia, somente ele pensava em vir até mim, importava-se se eu havia morrido ou não de dor. Mas como ele ousava quebrar minha paz, quando eu alcançara aquela profunda quietude além da vida? Afastei-me dele e disse:

- Não. - Não poderia voltar a vida outra vez, não poderia lutar e sofrer e viver com o ódio daqueles a quem um dia amara... Se eu vivesse, se eu voltasse a Avalon, teria de entrar em uma luta de morte contra Arthur, a quem eu amava e ver Lancelote ainda na prisão de amor de Gwenhwyfar. Eu não me importava com mais nada, não podia suportar mais nenhuma dor além daquela no coração. Não. Eu estava ali em silêncio e paz e não falava muito, sabia-o agora, para que transpusesse a própria paz...

A vertigem que estava próxima a morte se aproximava mais e mais; e este Kevin, este traidor, me levaria de volta?

Disse não outra vez e virei-me, cobrindo o rosto com as mãos.

- Deixe-me em paz, harpista Kevin. Vim aqui para morrer. Deixe-me agora.

Ele não se moveu, nem falou e sentei-me, quieta, com rosto encoberto pelo véu. Depois de algum tempo, certamente ele se levantaria e sairia, pois eu não tinha forças para ir até ele. E eu. . eu me sentaria ali até que me levassem de volta para a cama e então jamais me levantaria de novo.

E então, no silêncio, ouvi o som suave da harpa. Kevin tocava e depois pôs-se a cantar.

Eu ouvira uma parte daquela balada, pois ele a cantava freqüentemente na corte de Arthur. Versava sobre aquele bardo dos tempos antigos, Orfeu, que fez as árvores dançarem e as pedras dos planaltos levantarem-se e dançarem e todos os animais da floresta se aproximarem e se deitarem a seus pés, quando deviam dilacerá-lo com suas garras. Mas além disso ele estava cantando a outra parte, que era um Mistério e eu jamais ouvira. Cantou a maneira como o iniciado, Orfeu, perdera aquela a quem amava e como descera aos infernos e falara com os Senhores da Morte e implorara por ela. Foi-lhe dada permissão para ir as terras escuras e trazê-la de volta e ele a encontrara nos Planaltos Imortais.

E então sua voz falou do fundo da alma... e eu, com o que parecia ser minha própria voz implorei:

- Não tente trazer-me de volta, quando me resignei a ficar aqui e morrer: Aqui, nestas terras imortais, tudo está em repouso, sem dor nem luta; aqui posso esquecer o amor e o sofrimento.

A sala esvanecera-se ao meu redor, já não podia sentir o cheiro da fumaça da lareira, o hálito frio da chuva através da janela; não estava mais consciente de meu próprio corpo, doente e atordoada ali sentada. Parecia-me que estava num jardim cheio de flores inodoras e paz eterna, onde apenas o som distante da harpa quebrava o silêncio indesejado. E aquela harpa cantava para mim, indesejada.

Cantava o vento de Avalon, com o cheiro de botões de flores de macieira e o cheiro de maçãs maduras na sua estação; trouxe-me o doce frescor da bruma do Lago e os sons do veado correndo na floresta onde o povo pequeno ainda vivia e trouxe-me o verão impregnado de sol, quando eu me deitava junto as pedras, com os braços de Lancelote a minha volta e o sangue da vida correndo como seiva em minhas veias pela primeira vez. Então senti de novo nos braços a pesada suavidade de meu filho, seu cabelo macio contra meu rosto, seu hálito de leite doce e perfumado ou era Arthur em meu colo agarrando-se a mim, afagando com as mãozinhas minhas faces... De novo as mãos de Viviane tocaram minha testa numa bênção e senti-me como uma ponte entre a terra e o céu, ao erguer as mãos numa evocação... Ventos sopravam através da gruta em que eu dormia com o jovem gamo na escuridão do eclipse e a voz de Acolon chamou meu nome...

E agora não era apenas a harpa mas as vozes dos mortos e dos vivos que me chamavam:

- Volte, volte, a vida chama com todos os seus prazeres e dores... - E então uma nova nota chegou a voz da harpa.

- Sou eu que a chamo, Morgana de Avalon... sacerdotisa da Mãe...

Levantei a cabeça, não vendo mais o corpo retorcido de Kevin; onde ele estivera havia Alguém, alto e brilhante, com uma auréola como que iluminada pelo sol no rosto e em suas mãos reluziam a Harpa e o Arco. Prendi o fôlego diante do Deus enquanto a voz continuava a cantar...

- Volte a vida, volte para mim. . você jurou... a vida a espera além da escuridão da morte.

Lutei para recusá-la.

- Não é o Deus que pode comandar-me mas a Deusa...

- Mas - disse a voz familiar no silêncio daquela eternidade - você é a Deusa e sou eu que a chamo. .

E, por um momento, como nas calmas águas do espelho de Avalon, vi-me vestida e coroada com a coroa da Senhora da Vida...

- Estou velha, velha... pertença a morte, não a vida. - murmurei e, no silêncio, palavras ouvidas várias vezes em ritual ganharam subitamente vida nos lábios do Deus.

- ... Ela será jovem e velha como lhe aprouver... - Diante de meus olhos minha própria face espelhada estava de novo jovem e bela como a da donzela que chamara o jovem gamo para caçar o veado que corria... Sim eu era velha quando Acolon viera ter comigo e todavia o enviara para um forte desafio, com seu filho... E ainda que velha e estéril, a vida pulsava dentro de mim como na eterna cópula da terra e da Senhora... O Deus estava diante de mim, o Eterno que me convocara para a vida... Dei um passo e outro e então eu subia, vindo da escuridão, seguindo as notas distantes da harpa que cantava para mim, verdes colinas de Avalon, as águas da vida... e logo descobri que estava de pé estendendo as mãos para Kevin...

Ele depôs a harpa gentilmente, segurou-me e quase desmaiei nos seus braços. E por um momento as brilhantes mãos do Deus queimaram-me... E depois era apenas a voz doce, musical e meio zombeteira de Kevin que dizia:

- Não posso segurá-la, Morgana, como bem sabe.- Colocou-me delicadamente na cadeira. - Quando comeu pela última vez?

- Não me lembro - confessei; e subitamente tomei consciência de minha fraqueza mortal; ele chamou a criada e ordenou, com aquela voz gentilmente autoritária de druida e curandeiro:

- Traga pão e leite morno com mel para sua senhora.

Levantei a mão para protestar e a mulher pareceu-me indignada; lembrava-me agora de que por duas vezes ela tentara forçar-me a comer essas mesmas coisas. Mas saiu para cumprir a ordem e quando voltou Kevin pegou o pão, molhou-o no leite e alimentou-me com ele, delicadamente, um pouco de cada vez.

- Chega - disse. - Você jejuou por muito tempo. Mas, antes de dormir, tem que beber um pouco mais de leite com um ovo batido... eu lhe mostrarei o que fazer. Depois de amanhã, talvez estará forte o bastante para cavalgar.

E, de repente, comecei a chorar. Chorei, afinal, por Acolon, que estava morto; por Arthur, que agora me odiava e por Elaine, que fora minha amiga... e por Viviane, que jazia morta entre os túmulos cristãos e por Ygraine e por mim mesma, por mim mesma que passara por todas essas coisas... Ele disse outra vez:

- Pobre Morgana, pobre menina! - Abraçou-me de encontro ao peito ossudo e eu chorei e chorei até que, finalmente, me calei e ele chamou minhas criadas a fim de me levarem para a cama.

E, pela primeira vez em muitos dias, dormi. Dois dias mais tarde, cavalguei para Avalon.

Lembro-me pouco dessa jornada em direção ao norte, doente do corpo e da mente. Sequer me perguntei por que Kevin me deixara antes de chegar ao Lago. Cheguei aquelas praias ao pôr-do-sol, quando as águas do Lago pareciam púrpura e o céu estava todo em chamas; e de dentro do céu e das águas chamejantes apareceu a barca, pintada e ornada de preto; os remos afundavam-se no silêncio de um sonho. Por um momento pareceu-me que era o Barco Sagrado naquele mar sem praias de que não falarei, que a figura escura na proa era Ela; e que, de algum modo eu era a ponte do abismo existente entre o céu e a terra... Mas não sei se isso era real ou um sonho. As brumas caíram sobre nós e senti na alma aquele fluxo que me dizia que eu estava de novo em meu lugar.

Niniane me deu as boas-vindas na praia, tomando-me nos braços, não como a estranha que eu encontrara apenas duas vezes mas como uma filha saúda a mãe que não vê há muitos anos; então ela me levou para a casa onde outrora morara Viviane. Ela não chamou uma jovem sacerdotisa para servir-me desta vez mas cuidou de mim ela mesma, pondo-me na cama e trazendo-me água do Poço Sagrado; e quando a provei sabia que embora a cura fosse demorada eu ainda podia me restabelecer.

Eu conhecera suficiente poder. Estava contente de descarregar os fardos do mundo; já era tempo de passar isso aos outros e deixar que minhas filhas cuidassem de mim. Lentamente, lentamente, no silêncio de Avalon, recuperei as forças. Lá, afinal eu podia chorar por Acolon - não pela ruína de minhas esperanças e planos... Podia ver agora, que loucura eles tinham sido; eu era a sacerdotisa de Avalon, não uma rainha. Mas eu podia chorar o breve e amargo verão de nosso amor; podia sofrer, também, pela criança que não vivera o bastante para ver a luz e sofrer uma vez mais pelo fato de que fora eu quem a lançara nas trevas.

Foi um longo período de luto. Havia momentos em que eu me perguntava se choraria por toda a vida e jamais me livraria daquilo outra vez; mas, finalmente eu podia lembrar, sem chorar e recordar os dias de amor sem que a infinita dor brotasse como lágrimas das profundezas do meu ser. Não há sofrimento igual a lembrança do amor e a consciência de que ele se foi para sempre. Até em sonhos eu nunca mais vi seu rosto outra vez embora o desejasse, percebi, afinal, que era melhor assim, pois do contrário veria o resto de minha vida sonhando... E afinal chegou o dia em que eu podia olhar para trás e compreender que esse tipo de luta acabara, que meu amante e meu filho estavam na outra margem e até mesmo se eu pudesse, de alguma forma encontrá-los além dos portões da morte, nenhum de nós jamais saberia... Mas eu vivia, estava em Avalon e era meu dever agora ser Senhora ali.

Não sei quantos anos vivi em Avalon antes do fim. Lembro-me apenas de que flutuei numa enorme paz, além da alegria e do sofrimento, conhecendo apenas a serenidade e as pequenas tarefas cotidianas. Niniane estava sempre ao meu lado; reencontrei, também, Nimue, que se tornara uma donzela alta, silenciosa, de belos cabelos loiros, tão loiros quanto os de Elaine quando a conheci. Ela tornou-se para mim a filha que jamais conhecera e, dia após dia, vinha ter comigo e eu lhe ensinava todas as coisas que aprendera com Viviane em meus primeiros anos em Avalon.

Naqueles dias, ainda havia pessoas que tinham visto o Deus dos Espinhos Sagrados em seus primeiros florescimento para os seguidores de Cristo e adoravam seu deus cristão em paz, buscando não tirar a beleza do mundo mas amando-a como se Deus a tivesse criado. Naqueles tempos, vinham em grande número a Avalon para fugir dos

impiedosos e repressores da perseguição e intolerância. Patrício determinara novas formas de adoração, uma visão do mundo onde não havia espaço para a verdadeira beleza e mistério das coisas da natureza. Com estes cristãos, que vieram até nós para escapar à perseguição de sua própria espécie eu, finalmente, aprendi algo sobre o Nazareno, o filho do carpinteiro que obtivera a Divindade em sua vida que pregava uma lei de tolerância; então comecei a perceber que minha briga nunca fora com Cristo mas com seus padres tolos e mesquinhos que confundiam sua própria estreiteza com a grandeza d'Ele.

Não sei se foram três anos ou cinco ou até dez, antes do fim. Eu ouvia murmúrios do mundo exterior como sombras, como o eco dos sinos da igreja que, algumas vezes, ouvíamos até mesmo naquela margem do lago. Soube quando Uriens morreu mas não chorei por ele; para mim ele morrera havia vários anos mas desejei que tivesse encontrado um alívio para o seu sofrimento no final. Ele fora tão gentil comigo quanto pudera e merecia o descanso.

De quando em vez, algum rumor sobre os feitos de Arthur e dos Cavaleiros chegava até mim, mas na serenidade de Avalon isso não parecia ter importância; esses feitos eram como velhas histórias e lendas, de tal forma que eu nunca soube se eles falavam de Arthur, Cai e Lancelote ou de Llyr e dos filhos de Da'ana; ou quando as versões sobre o amor de Lancelote e Gwenhwyfar eram sussurradas ou da esposa de Marcus Isotta e o jovem Drustan, se eles não estavam, na verdade, recontando alguma velha lenda de Diarmid e Grainné dos velhos tempos. Não parecia fazer diferença, era como se eu já tivesse ouvido essas histórias havia muito tempo na minha infância.

E, numa primavera, quando a terra estava linda diante de nós e as primeiras macieiras de Avalon estavam cobertas de botões brancos, Raven quebrou o silêncio com um grito, com força, minha mente voltou-se para as coisas daquele mundo que eu esperava ter deixado para trás para sempre.

- A espada, a espada dos Mistérios se foi... agora querem a taça, olhem para tudo das Sagradas Insígnias... desapareceu, desapareceu, tirada de nós...

Morgana ouviu o grito enquanto dormia e, quando se dirigiu na ponta dos pés para o quarto onde Raven dormia, só e silenciosa como sempre, notou que as mulheres que a serviam estavam adormecidas e não tinham ouvido o grito.

- Mas não há nada a não ser silêncio, senhora - afirmaram-lhe. - Tem certeza de que não foi um pesadelo?

- Se foi um pesadelo então a sacerdotisa Raven também o teve - respondeu, olhando para as faces imperturbáveis das moças. Parecia-lhe que, com o passar dos anos, as sacerdotisas da Casa das Moças tornavam-se mais jovens e mais infantis... Como podiam confiar as coisas sagradas a meninhas assim? Donzelas cujos seios mal se haviam formado... o que podiam saber da vida da Deusa que era a vida do mundo?

De novo pareceu-lhe que um grito perturbador atravessava Avalon, criando pânico em toda parte mas quando Morgana lhes perguntou: Vocês não ouviram? - olharam-na de novo com espanto:

- Senhora, agora deu para dormir de olhos abertos? - Ela percebeu que não havia som no amargo grito de terror e sofrimento.

- Irei vê-la.

- Mas não pode fazer isso - começou a dizer uma delas mas recuou, boquiaberta, quando percebeu quem era Morgana e inclinou a cabeça enquanto a Senhora passava por ela.

Raven estava sentada na cama; os longos cabelos caíam a sua volta em louco desalinho, seus olhos pareciam selvagens com o terror; por um momento Morgana acreditou que, de fato, tratava-se de um pesadelo e que Raven vagava no mundo dos sonhos...

Logo, porém, abandonou essa idéia, pois ela estava bem acordada e sóbria. Raven suspirou fundo e Morgana soube que ela lutava para falar, para vencer os anos de silêncio, agora era como se sua voz não lhe obedecesse. Finalmente, com todo o corpo tremendo ela disse:

- Eu vi... eu a vi... traição, Morgana nos próprios lugares sagrados de Avalon... eu não podia ver-lhe o rosto. mas vi a grande espada Excalibur em suas mãos.

Morgana estendeu a mão, acalmando-a:

- Olharemos no espelho quando o sol nascer, não se inquiete, minha filha. - Raven ainda tremia: Morgana colocou a mão firmemente sobre a dela e a luz trêmula da tocha notou que sua própria mão estava cheia de veias e manchas escuras da idade, os dedos de Raven eram como cordas retorcidas ao redor dos seus, que eram finos e estreitos. Estamos velhas, pensou, nós duas, que chegamos aqui como donzelas para servir Viviane... Ah, Deusa, os anos passam...

- Mas preciso falar agora - murmurou Raven. - Tenho ouvido por tempo demais... Mantive silêncio até mesmo quando temia que isso acontecesse. . ouça o trovão e a chuva: uma tempestade se aproxima, uma tempestade que se abater sobre Avalon e a varrer na enchente e cair a escuridão sobre a terra...

- Cale-se, querida! Fique quieta - sussurrou Morgana colocando os braços a volta da mulher trêmula, imaginando se a sua mente não estaria perturbada, se aquilo tudo seria uma ilusão, um delírio, pois não havia trovão nem chuva; lá fora, a lua brilhava sobre Avalon e o pomar branco com botões reluzia sua luz. - Não tema. Ficarei aqui com você e de manhã olharemos no espelho e veremos se algo do que você vê é real.

Raven sorriu tristemente. Pegou a tocha de Morgana e apagou-a; na súbita escuridão, Morgana pôde ver, através; das fendas da grade, uma repentina luminosidade a distância. Silêncio e então, muito longe, uma trovoadas baixa.

- Eu não estou sonhando, Morgana. A tempestade virá e tenho medo. Você tem mais coragem do que eu. Viveu no mundo e conhece os sofrimentos reais, não sonhos... mas agora talvez eu deva adiantar-me e quebrar o silêncio para sempre... e tenho medo...

Morgana deitou-se ao seu lado, puxando a manta sobre ambas e tomou Raven, ainda trêmula, nos braços. Enquanto permanecia quieta, ouvindo a respiração da outra mulher, lembrou-se da noite em que levava Nimue até lá e como Raven viera até ela, dando-lhe as boas-vindas a Avalon... Por que me parece agora que, dentre todos os amores que já conheci esse é o mais verdadeiro... Ela segurava Raven gentilmente, alisando-lhe a cabeça, apoiada em seu ombro. Depois de um longo tempo, um grande estrondo de trovão aterrorizou-as e Raven murmurou.:

- Vê ?

- Calma, querida, é apenas uma tempestade. - E enquanto falava, a chuva caiu, tamborilando, trazendo um vento frio para dentro do quarto, abafando-lhe a fala. Morgana estava silenciosa, apenas com os dedos entrelaçados aos de Raven e pensou: É apenas uma tempestade mas parte do terror de Raven a contagiara e ela sentiu-se tremer também.

Uma tempestade cairá do céu e abater-se-á sobre Camelot, destruindo os anos de paz que Arthur trouxe para estas terras ...

Ela tentou evocar a Visão mas a trovoadas parecia afogar-lhe os pensamentos; ela podia apenas deitar-se próxima de Raven, dizendo para si mesma repetidamente: É apenas uma tempestade, uma tempestade, chuva, vento e trovão, não é a ira da Deusa. .

Após muito tempo, a tempestade amainou e ela acordou para um mundo recém-lavado, o céu pálido e sem nuvens, a água gotejando das folhas e escorrendo de



cada partícula de grama, como se o mundo tivesse sido imerso na água e não tivesse sido secado ou sacudido. Se a tempestade de Raven tivesse de cair de fato sobre Camelot, teria ela deixado o mundo assim tão bonito em seu despertar? Por qualquer razão ela não acreditou nisso.

Raven acordou e contemplou-a com os olhos arregalados de medo. Morgana propôs, calma e prática como sempre:

- Devemos encontrar Niniane e depois iremos até o espelho, antes do alvorecer. Se a ira da Deusa deve descer sobre nós, precisamos saber como e por quê.

Raven assentiu em silêncio mas quando estavam vestidas e prontas para sair, tocou o braço de Morgana.

- Vá procurar Niniane - murmurou, lutando por fazer sua voz, destreinada pela falta de uso, obedecer-lhe. - Chamarei Nimue. Ela também faz parte disso...

Por um momento Morgana ficou tão chocada que quase protestou; depois, com uma olhada para o céu pálido, a leste ela se foi. Talvez Raven tivesse visto, no pesadelo da profecia, a razão para que Nimue fosse levada até ali e mantida em reclusão. Lembrando-se do dia em que Niniane lhe contara sobre sua missão ela pensou: Pobre menina! Mas era a vontade da Deusa e elas estavam todas em suas mãos.

Enquanto caminhava silenciosamente pelo úmido pomar, percebeu que nada estava assim tão calmo e belo, afinal de contas... o vento arrancara os botões e o pomar estava adormecido sob um manto branco como neve; haveria poucas frutas naquele outono. Podemos plantar o grão e arar o solo. Mas apenas seus favores trarão os frutos para a colheita... Por que então me perturbo? Será como Ela quisier...

Niniane acordou e olhou-a como se estivesse louca. Ela não era uma verdadeira sacerdotisa, pensou Morgana; o Merlim falara a verdade - só fora escolhida por causa do seu parentesco com Taliesin. O tempo de parar de fingir quem era a verdadeira Senhora de Avalon talvez tivesse chegado e ela devia ocupar o lugar que lhe fora destinado. Morgana não queria ofender Niniane ou parecer que brigava pelo poder e destituir a jovem ela também tinha poder suficiente... mas nenhuma verdadeira sacerdotisa escolhida pela Deusa poderia ter dormido sem ouvir os gritos de Raven. Todavia, de algum modo esta mulher diante dela passara pelas provas que se faziam necessárias para tornar-se uma sacerdotisa; a Deusa não a rejeitara. O que lhe teria a Deusa destinado?

- Digo-lhe, Niniane eu vi e Raven também... Precisamos olhar no espelho antes do amanhecer!

- Não acredito muito em tais coisas - disse Niniane calmamente. - O que tem que vir virá com certeza... mas, se você quisier, Morgana, iremos juntas.

Silenciosas, como manchas negras no mundo branco e úmido elas se dirigiram para o espelho sob o Poço Sagrado. E enquanto caminhavam Morgana podia observar, como uma sombra no canto de seus olhos, o vulto alto e silencioso de Raven, sob o véu e Nimue, como uma pálida sombra, viçosa e pálida como a manhã. Morgana surpreendeu-se com a beleza da moça - nem mesmo Gwenhwyfar em todo o esplendor de sua juventude, fora tão bela. Sentiu uma pontada de pura inveja e angústia. Eu não tive esta dádiva da Deusa em troca de tudo o que precisei sacrificar... Niniane advertiu:

- Nimue é uma donzela. É ela que deve olhar no espelho.

As quatro formas refletiram-se na pálida superfície do lago contra o reflexo do céu, onde alguns fios rosa-claros começavam a anunciar a alvorada. Nimue aproximou-se da margem do lago, repartindo seu cabelo loiro com as duas mãos e Morgana percebeu-se vendo com sua mente a superfície de uma bacia de prata e a face hipnótica e estática de Viviane.

Nimue perguntou em voz indecisa e baixa:

- Que quer que eu veja, minha mãe?

Esperou-se que Raven falasse mas houve apenas silêncio.. Então Morgana quebrou o silêncio:

- Avalon foi violada e vítima de traição? O que aconteceu com as Sagradas Insígnias?

Silêncio. Ouviam-se os pássaros pipilando suavemente nas árvores e o som suave da água caindo do canal que enchia o poço para formar o lago. Abaixo delas, nas encostas, Morgana viu a branca devastação dos pomares arruinados e, no alto, as claras formas das pedras do Tor.

Silêncio. Afinal Nimue moveu-se e murmurou:

- Não consigo ver-lhe o rosto...' - O lago ondulou e parecia que Morgana podia ver a forma encurvada, movendo-se lentamente, com dificuldade, o aposento onde ela permanecera silenciosa atrás de Viviane, quando Taliesin colocou a Excalibur nas mãos de Arthur e ela ouviu sua voz proibindo. .

- Pode-se encontrar a morte ao se tocar nas Sagradas Insígnias despreparado... - Por um momento Morgana pôde ouvir a voz de Taliesin, não a de Nimue... mas ele tinha direito ele era o Merlim da Bretanha e ele tirou de seu esconderijo lança, cálice e prato e, ocultando as relíquias sagradas sob o manto, saiu e cruzou o lago até onde Excalibur brilhava na escuridão... as Sagradas Insígnias agora reunidas.

- Merlim! - murmurou Niniane. - Mas por quê?

Morgana sabia que seu rosto estava como pedra quando revelou :

- Uma vez ele falou comigo sobre isso. Ele disse que Avalon estava agora fora do mundo e que as relíquias sagradas tinham de estar no mundo para servirem ao homem e aos Deuses; não importando o nome que os homens lhes dessem...

- Ele haveria de profaná-las - disse Niniane com fervor - e acabaria colocando-as a serviço daquele deus que baniria todos os outros Deuses. .

No silêncio, Morgana ouviu o canto dos monges. Então a luz do sol tocou o espelho e transformou-o em um fogo que lhe inundava a cabeça e os olhos, queimando, ofuscando; no brilho do sol nascente parecia que o mundo queimava sob a luz da cruz chamejante... Ela fechou os olhos, cobrindo as faces com as mãos.

- Deixe-os ir, Morgana - sussurrou Raven. - A Deusa certamente cuidar do que é seu...

De novo ela podia ouvir o canto dos monges - Kyrie eleison, Christe eleison... Senhor, tende piedade, Cristo, tende piedade... As Sagradas Insígnias não passavam de símbolo, certamente a Deusa deixara isso acontecer-lhes como um sinal de que Avalon não precisava mais dessas coisas, de que elas deviam entrar no mundo e estar a serviço dos homens...

A cruz flamejante ainda queimava diante dos olhos de Morgana; ela os cobriu e deu as costas a luz.

- Nem mesmo eu posso ab-rogar o voto do Merlim. Ele fizera o grande juramento e contraíra o Grande Matrimônio com a terra, no lugar ocupado pelo rei; foi por isso excomungado é sua vida, condenada. Mas antes de lidar com o traidor preciso lidar com a traição. As Insígnias têm que voltar a Avalon, ainda que eu precise recuperá-las com minhas próprias mãos. Irei para Camelot ao amanhecer. - E subitamente ela viu seu plano completar-se quando Niniane murmurou :

- Devo ir também? É tempo de vingar a Deusa?

Ela, Morgana, lidaria com as Sagradas Insígnias. Tinham sido deixadas a seu cargo e se tivesse apenas tomado o lugar que lhe cabia em vez de rebelar-se na dor e

considerar seu conforto, isso jamais aconteceria. Mas Nimue devia ser o instrumento da punição do traidor.

Kevin nunca vira Nimue. Entre todas as que moravam em Avalon, o Merlim jamais pousara os olhos sobre aquela jovem que vivia em reclusão e silêncio. E como acontece quando a Deusa lança o castigo, seria a própria fortaleza do Merlim que o levaria a ruína.

Ela pensou lentamente, cerrando os punhos: Como pudera abrandar o coração para com aquele traidor?

- Deve, ir para Camelot, Nimue. Você é prima da rainha Gwenhwyfar e filha de Lancelote. Pedirá para viver entre suas damas e para manter em segredo, até mesmo do Rei Arthur, que alguma vez viveu em Avalon. Finja até, se for preciso, que se tornou cristã: E lá ficará conhecendo o Merlim. Ele tem uma grande fraqueza. Acredita que as mulheres o desprezam porque é feio e aleijado. E para a mulher que não lhe demonstrar medo ou repulsa ele fará qualquer coisa, dar-lhe-á a própria vida... Nimue - ela ordenou, olhando bem dentro dos olhos amedrontados da jovem -, seduza-o para a sua cama. Aprisione-o com tais encantos que ele será seu escravo, de corpo e alma.

- E depois - quis saber Nimue estremecendo -, o que acontecer então? Devo matá-lo?

Morgana teria falado mas Niniane interveio primeiro.

- A morte que poderia dar-lhe seria rápida demais para tal traidor. Encante-o e traga-o a Avalon, Nimue. E aqui ele deve ter a morte de um traidor perjuro na floresta de carvalhos.

Tremendo, Morgana sabia que fim o aguardava - ser esfolado vivo, depois enterrado ainda com vida na fenda do carvalho; então, a abertura seria fechada com varas e adobe, deixando apenas espaço suficiente para que sua respiração continuasse, pois, caso contrário ele morreria muito rápido... Ela inclinou a cabeça tentando esconder seu tremor. O sol ofuscante deixara as águas; o céu estava pontilhado das pálidas nuvens da alvorada. Niniane disse:

- Nosso trabalho aqui está feito. Venha, mãe. - Porém, Morgana livrou-se de suas mãos.

- Não ainda. Também preciso ir a Camelot. Preciso saber que uso o traidor deu as Sagradas Insígnias - suspirou; esperava jamais ter que sair de Avalon outra vez mas não havia outro jeito para o que precisava ser feito.

Raven estendeu as mãos. Ela tremia tão terrivelmente que Morgana receou que desmaiasse; então, com a voz debilitada, apenas um distante sibilar, arranhando como o vento os galhos mortos ela murmurou:

- Também devo ir... é minha sina não repousar onde todos aqueles que vieram antes de mim repousaram no país encantado... Eu a acompanharei, Morgana.

- Não, não, Raven - protestou Morgana. - Você, não! - Raven jamais saíra de Avalon em cinquenta anos... Certamente ela não poderia sobreviver a jornada! Mas nada que ela pudesse dizer abalaria a determinação da outra; estremecendo com terror ela estava inflexível: vira seu destino e precisava ir com Morgana a qualquer custo.

153

- Mas eu não vou viajar como Niniane o faria. Com pompas de sacerdotisa, na liteira de Avalon, cavalgando com grandiosidade até Camelot - argumentou: - Irei disfarçada como uma velha camponesa, como Viviane costumava fazer, com freqüência, nos velhos tempos.

Raven, porém, meneou a cabeça e disse:

- Em qualquer estrada na qual você possa viajar, Morgana eu também posso. Morgana ainda sentia um medo mortal - não por si mas por Raven. Contudo, concordou:

- Que assim seja então.

E aprontaram-se para viajar. Mais tarde, naquele dia, elas tomaram os caminhos secretos que saíam de Avalon. Nimue deixou-se conduzir com grandiosidade como parenta da rainha, cavalgando pelas estradas principais e Morgana e Raven envoltas nos trapos sombrios de mendigas, saíram de Avalon por estradas secundárias, andando até Camelot.

Raven era mais forte do que Morgana pensara; quando tomavam a estrada, dia após dia, devagar e a pé, algumas vezes parecia que ela era a mais resistente das duas. Elas pediam restos de carne nas fazendas, roubavam um pouco de pão deixado para um cão, dormiram uma vez numa vila abandonada e mesmo ao pé de um monte de feno por uma noite. E na última, pela primeira vez em sua jornada silenciosa, Raven falou.

- Morgana - disse ela -, amanhã é Páscoa em Camelot e temos que estar lá ao alvorecer.

Morgana teria perguntado por quê mas sabia que Raven não podia responder-lhe outra coisa a não ser que vira isso nos seus destinos. Por isso, respondeu:

- Então temos de partir antes da alvorada. Camelot não fica a mais de uma hora de caminhada. Podíamos ter continuado a andar e dormir sob as sombras do castelo, se me tivesse comunicado isso antes, Raven.

- Eu não podia. Tinha medo. - Morgana sabia que a outra mulher chorava na escuridão. - Estou tão assustada, Morgana, tão assustada! .

Morgana proferiu bruscamente :

- Eu disse a você que ficasse em Avalon!

- Mas eu tinha o trabalho da Deusa para fazer - sussurrou Raven - Em todos estes anos, morei sob o abrigo de Avalon e agora é Cetidwen, nossa Mãe, quem exige todo o meu ser em troca da proteção e segurança que obtive dela... Mas tenho medo, muito medo. Morgana, abraça-me, abraça-me estou tão assustada.

Morgana a segurou e beijou embalando-a como uma criança. Então, como tivessem penetrado juntas em um grande silêncio, apertou Raven contra si, tocando-a, acariciando-a, agarradas uma a outra como que em um frenesi. Nenhuma das duas falou mas Morgana sentiu o mundo estremecer em um ritmo estranho e sacramental ao redor delas, sem nenhuma luz exceto a do lado escuro da lua - de mulher para mulher, afirmando a vida sob as sombras da morte. Como donzela e homem, sob o fluxo da lua e as chamas de Beltane, afirmaram a vida na passagem da primavera e o cio que traz a morte no campo para ele e a gravidez para ela; assim, na sombra e escuridão do deus sacrificado, na lua negra, as sacerdotisas de Avalon, juntas, apelaram a vida da Deusa e silenciosamente ela lhes respondeu... Ambas estavam deitadas em silêncio nos braços uma da outra e o choro de Raven calara-se afinal. Estava como que morta e Morgana, sentindo-lhe o coração tornar-se lento até quase parar, pensou: Preciso deixá-la seguir para as sombras da morte, se essa for a vontade da Deusa... E não podia nem sequer chorar.

Ninguém notou as duas camponesas velhas no turbilhão e tumulto próximo aos portões de Camelot naquela manhã. Morgana estava acostumada a isso; Raven, que vivera muito tempo em reclusão na calma Avalon empalideceu e tentou esconder-se sob o xale. Morgana também mantinha o seu a sua volta - poderia haver quem reconhecesse a senhora Morgana, ainda que estivesse grisalha e sob as vestes de uma camponesa.

Um boiadeiro que transpunha o pátio com um bezerro esbarrou em Raven e quase a jogou ao chão, amaldiçoando-a quando ela apenas a olhara, desanimada. Morgana disse, rapidamente :

- Minha irmã é surda e muda. - E o rosto do homem transfigurou-se.

- Ah, pobre coitada. Olhe, suba por ali eles estão dando para todos um bom jantar, no final da sala do rei. Podem entrar por aquela porta e vê-los chegar. Hoje, o rei tem algo especial planejado pelos padres. Como vocês são do campo, não devem conhecer o caminho. Bem, todos por estes lados sabem que ele fez disso uma tradição: jamais comparece aos grandes banquetes, a menos que haja alguma coisa maravilhosa arranjada e ouvimos dizer que a de hoje será extraordinária.

Não duvido, pensou Morgana desdenhosamente mas apenas agradeceu ao homem no dialeto áspero do campo que ela usara antes e levou Raven para o salão inferior, que se enchia rapidamente - a generosidade do rei Arthur nos dias de festa era famosa e este seria o melhor jantar do ano para muitas pessoas. Sentia-se um cheiro de carne assada e a maioria das pessoas acotovelava-se a sua volta comentando sofregamente o fato. Quanto a Morgana, isso fazia apenas sentir-se nauseada e depois de olhar para o rosto pálido e aterrorizado de Raven, decidiu sair dali.

Ela não deveria ter vindo. Eu é que não vi o perigo para as Sagradas Insígnias; eu é que não percebi que o Merlim era um traidor. E depois que cumprir os seus desígnios, como conseguirei escapar para Avalon com Raven nestas condições?

Encontrou um canto em que não seriam notadas mas de onde podiam ver razoavelmente bem o que acontecia. No ponto mais alto do salão estava a grande mesa de centro, a Távola Redonda, já quase legendária no campo, com o grande trono para o rei e a rainha e os nomes dos Cavaleiros de Arthur pintados sobre os seus lugares costumeiros. Nas paredes estavam pendurados brilhantes estandartes. E após anos passados na austeridade de Avalon, tudo isso parecia grandioso e extravagante a Morgana.

Após muito tempo, houve um movimento, depois o som de trombetas em algum lugar e um murmúrio percorreu a multidão. Morgana pensou: Será estranho ver a corte daqui depois de ter feito parte dela tanto tempo! Cai abria as grandes portas do lado mais alto do salão e Morgana encolheu-se - Cai a reconheceria, qualquer que fosse sua roupa. Mas por que ele olharia em sua direção?

Quantos anos ela havia passado calmamente em Avalon? Não tinha idéia. Mas Arthur parecia-lhe até mais alto, mais majestoso, com o cabelo tão louro que ninguém poderia dizer se havia ou não fios prateados entre os cachos cuidadosamente penteados. Gwenhwyfar, também embora seus seios estivessem achatados sob o vestido elaborado, andava ereta e parecia mais magra do que nunca.

- Olhe como a rainha parece jovem - murmurou uma mulher ao lado de Morgana. - Arthur casou-se com ela no ano em que tive meu primeiro filho e olhe para mim.- Morgana olhou sua interlocutora, curvada e sem dentes:- Ouvi dizer que a irmã bruxa do rei, Morgana das Fadas, deu-lhe encantamentos para manterem a juventude...

- Com ou sem encantamentos - resmungou uma outra velha desdentada -, se a rainha Gwenhwyfar tivesse que limpar um estábulo noite e dia e dar a luz uma criança todo ano e amamentá-la em bons e maus tempos, não teria toda beleza, que Deus a abençoe! As coisas são como são mas eu gostaria que algum padre me dissesse por que ela tem tudo de bom e eu, toda a miséria!

- Pare de reclamar - disse a primeira. - Ficaré de barriga cheia hoje e poderá ver todas as damas e cavaleiros, sabe o que os velhos druidas costumavam dizer sobre a razão de as coisas serem como são. A rainha Gwenhwyfar tem vestidos finos, lindas jóias e a ocupação de rainha, porque ela foi boa em suas vidas passadas e a razão por que você e

eu somos pobres e feias é que somos ignorantes e um dia, se tomarmos cuidado com o que fazemos nesta vida, haverá um destino melhor para nós também.

- Oh, sim - resmungou a outra velha -, padres e druidas são todos iguais. O druida diz isso e o padre afirma que se cumprirmos nosso dever nesta vida iremos para o céu e viveremos com Jesus e nos banquetearmos com Ele lá e jamais voltaremos para este mundo infeliz! Tudo dá na mesma, o que quer que eles digam: alguns nascem na miséria e morrem na miséria e outros têm tudo!

- Mas ela não é tão feliz, ouvi dizer - disse uma outra do grupo de velhas sentadas juntas. - Com toda a sua realeza, não teve um único bebê e eu tenho um bom filho que trabalha na fazenda para mim e uma filha casada com o fazendeiro vizinho e uma outra que é criada das freiras em Glastonbury. E a rainha Gwenhwyfar teve de adotar Sir Galahad, filho de Lancelote e de sua prima Elaine, como herdeiro de Arthur!

- Oh, sim, isto é o que eles dizem - intrometeu-se uma quarta mulher - mas eu sei e você também, que quando a rainha Gwenhwyfar esteve ausente da corte, no sexto ou sétimo ano de seu reinado, algo assim, não ficaram contando os dedos, não é? A mulher de meu meio irmão era cozinheira aqui na corte e ele me contou que era comum ouvir dizer aqui que a rainha passava suas noites em uma outra cama que não era a de seu marido...

- Cale-se, velha mexeriqueira - aconselhou a primeira - Deixe um dos criados ouvir isso e será mergulhada no lago como castigo! Digo que Galahad é um bom cavaleiro e dará um bom rei, viva o rei Arthur! E quem quer saber quem é sua mãe? Acho que ele é um dos bastardos de Arthur: é louro como ele. E olhe, Sir Mordred... Todos sabem que ele é o filho bastardo do rei com alguma prostituta!

- Ouvi. coisa pior - contou uma das mulheres.- Dizem que Mordred é filho de uma das bruxas e que Arthur recebeu-o na corte em penhor por sua alma, para viver cem anos. Vocês irão ver ele não envelhecer, aquele Sir Mordred. Olhem Arthur: ele deve passar dos cinquenta e parece um homem de trinta !

Uma outra velha disse um impropério.

- O que me importa? Se o Demônio tivesse algo a ver com tudo isso, teria feito Mordred a imagem de Arthur e assim qualquer um poderia aceitá-lo como filho do rei! A mãe de Arthur era da antiga linhagem de Avalon... nunca viram a senhora Morgana? Ela também é morena e Lancelote, que é seu parente, saiu assim... Prefiro acreditar no que disseram antes, que Mordred é o filho bastardo de Arthur com a senhora Morgana! Bastava apenas olhá-los; a senhora Morgana era bem bonita a seu modo, pequena e morena.

- Ela não está entre as damas - notou uma das mulheres e a que conhecia uma cozinheira da corte afirmou com autoridade:

- Ora ela brigou com Arthur e foi-se para o pais das fadas mas todos sabem que na Noite de Todos os Santos, ela voa em volta do castelo numa vara de aveleira e qualquer pessoa que a veja fica cega.

- A Noite de Todos os Santos é conhecida nos países de língua inglesa como Dia das Bruxas. É o dia 31 de outubro, véspera de Todos Santos. (N. do T.)

Morgana enterrou o rosto no manto para esconder o riso. Raven, ouvindo, virou o rosto indignado para ela, que balançou a cabeça; deviam ficar quietas e não serem reconhecidas.

Os Cavaleiros sentavam-se em seus lugares costumeiro. Lancelote, quando se sentou, levantou a cabeça, olhando meticulosamente em volta da sala e por um momento pareceu a Morgana que ele a procurava, que seus olhares se encontraram - estremeando ela baixou a cabeça. Os camaristas moviam-se de um lado a outro do salão, servindo o

vinho para os Cavaleiros e suas damas e boa cerveja preta em copos de couro entre os camponeses amontoados no outro extremo do salão. Morgana levantou seu cálice e o de Raven e quando esta recusou, disse-lhe em um ríspido murmúrio:

- Beba isto! Parece morta e deve ficar bem forte para o que quer que venha a acontecer.

Raven levou a taça de madeira aos lábios e provou o líquido mas mal podia sorvê-lo. A mulher que dissera que a rainha Morgana era bonita a seu modo perguntou:

- Sua irmã está doente?

Morgana disfarçou :

- Ela está amedrontada; nunca viu a corte antes.

- Elegantes, não, os cavaleiros e as damas? Que espetáculo! E teremos um bom jantar logo - explicou a mulher a Raven. - Ei ela não ouve?

- Ela não é surda, é muda - Morgana apressou-se em dizer. - Acho que talvez só entenda um pouco do que eu lhe falo mas a ninguém mais.

- Agora que você falou nisso, noto que ela parece um pouco simplória - opinou uma outra mulher, acariciando Raven na cabeça como se fosse um animal. - Sempre foi assim? Que pena e tem que tomar conta dela. Você é uma boa mulher: Às vezes, quando as crianças são assim, seus pais as amarram a uma árvore como um cachorro mas você a traz a corte e tudo. Olhe o padre em seus trajes de ouro, o bispo Patrício; dizer que ele expulsou todas as cobras deste país... pense bem Acha que ele lutou com varas?

- É um modo de dizer que ele expulsou todos os druidas que eram chamados serpentes da sabedoria - explicou Morgana.

- Como alguém como você sabe dessas coisas? - zombou a interlocutora. - Ouvei dizer, com certeza, que eram cobras e, de qualquer modo, todos aqueles sábios, druidas e padres estavam unidos, não iriam brigar!

- É bem provável - concordou Morgana, não querendo chamar mais atenção para si, com os olhos fixos no Bispo Patrício. Atrás dele havia alguém com hábito de monge - uma figura corcunda, alquebrada, que se movia com dificuldade. - Céus! O que faz o Merlin na companhia do Bispo? - disse ela, deixando sua necessidade de saber o que acontecia ultrapassar o risco de atrair as atenções.

- O que está acontecendo? Eu pensei que eles tivessem ouvido a missa na capela esta manhã...

- Ouvei dizer - contou uma das mulheres - que, uma vez que a capela não dá para muita gente, haveria uma missa especial, aqui, hoje, para todos, antes de se comer a carne. Vejam, os homens do bispo estão cobrindo o altar com a toalha branca e tudo. Psiu... ouçam!

Morgana sentiu que enlouqueceria de raiva e desespero. Será que profanariam as Sagradas Insígnias para além de qualquer possibilidade de purificação, usando-as para celebrar missa cristã?

- Aproximem-se todos vocês - exortava o bispo - porque hoje a velha ordem dará lugar a nova. Cristo triunfou sobre todos os velhos e pretensos deuses que agora se curvam ao seu nome. Pois a verdade é a que Cristo falou para a humanidade: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele disse ainda: Nenhum homem pode chegar ao Pai, sem que seja em Meu nome, pois que não existe outro nome sob os céus que possa salvar-nos. E por esses símbolos, então, todas as coisas que eram devotadas a falsos deuses até que a humanidade conhecesse a verdade, serão agora devotadas a Cristo e ao serviço do Deus Verdadeiro.

Mas Morgana nada mais ouvia; de repente ela sabia o que eles estavam planejando fazer. Não! Estou comprometida contra Deusa. Não posso permitir esta

blasfêmia! Virou-se e tocou o braço de Raven; mesmo aqui, em meio ao salão cheio de gente, ambas se comunicavam pelo pensamento. Eles usariam as Sagradas Insígnias da Deusa para invocar a Presença daquele que é Uno... Mas o fariam no nome, o estreito nome, daquele Cristo que chama de demônios a todos os outros deuses, a menos que eles invoquem seu nome!

O cálice que os cristãos usam em sua missa é a invocação da água, até mesmo o prato que eles usam para pôr o pão santo é o prato sagrado do elemento terra. Agora, usando as antigas coisas da Deusa eles invocariam seu próprio deus restrito; no entanto em vez de água para a terra sagrada, vinda do riacho claro como cristal da Deusa eles haviam enchido o cálice com vinho!

O cálice da Deusa, oh, Mãe, é o cadinho de Ceridwen, onde todos os homens são nutridos e de onde todos os homens retiram as coisas boas deste mundo. Chamaram a Deusa, oh, vocês, padres obstinados mas ousariam enfrentá-la se ela para aqui viesse? Morgana cerrou as mãos na mais fervorosa evocação de sua vida. Sou Sua sacerdotisa! Usem-me, peço, como quiserem!

Sentiu o poder invadi-la, sentiu crescer, crescer, conforme ele lhe fluía através do corpo e da alma e a preenchia, ela não tinha mais consciência das mãos de Raven a segurá-la, a presença sagrada tomara-a como se fosse um cálice cheio de vinho sagrado...

Adiantou-se e viu Patrício, que, petrificado, recuou diante dela. Nada temia e embora soubesse que seria a morte tocar as Sagradas Insígnias sem estar preparado ela se perguntou em um canto remoto de sua mente mal desperta: Como conseguiria Kevin preparar o bispo? Traíra esse segredo também ?

Mais tarde, ouviu alguns dizerem que tinham visto o Cálice Sagrado sendo carregado ao redor do salão por uma donzela vestida com brilhante veste branca; outros disseram que tinham ouvido apenas um terrível vento devastador encher o salão e um som de várias harpas. Morgana só sabia que levantara o cálice entre as mãos, vendo-o brilhar como faiscante jóia, um rubi, um coração vivo e pulsante entre suas mãos... Ela adiantou-se para o bispo, que caiu de joelhos diante dela e murmurou:

- Bebam. Esta é a Sagrada Presença...

Ele bebeu e por um instante ela imaginou o que ele vira mas então o bispo caiu, quando ela continuou ou o próprio cálice moveu-se, levando-a consigo... não sabia dizer. Ouviu um som semelhante ao de várias asas batendo diante dela e sentiu o cheiro doce que não era nem de incenso nem de perfume... O cálice, alguns disseram mais tarde estava invisível; outros contaram que brilhava como uma grande estrela que cegava todos os olhos que o miravam... Todas as pessoas que estavam naquele salão viram seus pratos encherem-se com as coisas que mais gostavam de comer... Ela ouviu aquela lenda repetidas vezes, mais tarde, e, por aquele símbolo, sabia que aquilo que carregara fora o cadinho de Ceridwen. Mas para as outras lendas não tinha explicação e não necessitava delas. Ela é a Deusa e fará como quiser... À medida que se movia diante de Lancelote ela o ouvia murmurar com veneração:

- É você, Mãe? Ou estou sonhando?... - Levou a taça aos lábios, cheio de trasbordante ternura; nesse dia ela era a mãe de todos eles. Até Arthur ajoelhou-se diante dela tomando o cálice passou brevemente diante de seus lábios.

- Sou todas as coisas - Virgem e Mãe e Aquela que dá vida e a morte. Ignorem-me no perigo, vocês que chamam por outros nomes... Saibam que Eu sou única... De todos aqueles que estavam no salão, apenas Nimue, pensou, a reconheceu e a olhara com atônita surpresa; sim, Nimue fora criada para conhecer a Deusa em qualquer forma que tomasse.



- Até você, minha criança - murmurou com infinita compaixão e Nimue ajoelhou-se para beber, quando Morgana sentiu em algum lugar do corpo, o surgimento da luxúria e da vingança e pensou: Sim, isto também faz parte de mim...

Morgana desfaleceu, sentiu Raven ampará-la... Raven estava ao seu lado, segurando o cálice? Ou era ilusão? Estaria Raven ainda acuada em seu canto, levantando-a com o fluxo de força que extravasava delas passando para a Deusa que segurava o cálice... ? Mais tarde, Morgana jamais soube se, na verdade ela carregara o cálice ou se isso também fora parte da vista mágica que a Deusa engendrara... Entretanto, parecia-lhe que ela carregara o cálice em torno do salão, que todos os homens e mulheres se ajoelharam e beberam, que a doçura e a bênção a invadiram, que ela andara como se tivesse asas enormes... E então, o rosto de Mordred apareceu na sua frente.

- Não sou sua mãe, sou a Mãe de Todos...

Galahad estava branco, impressionado demais. Ele o vira como o cálice da vida ou como o santo cálice de Cristo? Será que isso importava? Gareth, Gawaine, Lucan, Bedivere, Palomides, Cai... todos os velhos Cavaleiros e muitos que ela não reconheceu e parecia que, afinal eles iam para algum lugar além dos espaços do mundo e todos aqueles que haviam estado entre eles, até mesmo os que haviam passado para além deste mundo, vieram comungar com eles na Távola Redonda neste dia - Ectório, Lot, mortos há anos no monte Badon; o jovem Drustan, assassinado pela ira invejosa de Marcus; Lionel; Bors; Balim e Balam de mãos dadas como irmãos atravessaram os portões da morte... todos aqueles que alguma vez se haviam reunido em torno da Távola Redonda, no passado e no presente, naquele dia e momento se reuniam ali, para além do tempo, iguais, afinal, diante dos sábios olhos de Taliesin. E então foi Kevin quem, ajoelhando-se diante dela, levou o cálice aos lábios...

Até você. Perdão tudo neste dia... o que quer que advenha nos tempos que estão por vir... Enfim ela levou o cálice aos lábios e bebeu. A água do Poço Sagrado era doce em sua boca e embora ela tenha percebido que naquele momento todos os outros que estavam ali comiam e bebiam, de alguma forma pareceu-lhe, quando mordeu o pão, que mastigava o suave pão de mel que Igraine assara para ela em sua infância em Tintagel.

Ela recolocou o cálice no altar, onde ele brilhava como uma estrela...

Agora! Agora, Raven, a Grande Magia! Foram necessárias todas as forças de todos os druidas para arrancar Avalon deste mundo mas agora não precisamos fazer tanto... O cálice e o prato e a lança devem partir... devem partir deste mundo para sempre, permanecer seguros em Avalon para nunca mais serem tocados ou profanados por padres de um deus intolerante que nega todas as outras verdades...

Ela sentiu o toque de Raven nas mãos e parecia-lhe que, além das mãos de Raven ela sentia outras mãos, desconhecidas... E no salão parecia que as grandes asas adejavam trazendo um momento final; então um forte vento varreu o salão e se foi. A luz branca do dia entrou no aposento e o altar estava nu e vazio e o pano branco estava, amarrotado e deformado. Ela podia ver o rosto pálido e aterrorizado do bispo Patrício.

- Deus nos visitou - murmurou ele - e hoje bebemos do vinho da vida pelo Santo Graal...

Gawaine pôs-se de pé.

- Mas quem roubou o vaso sagrado? - gritou ele. - Vimo-lo velado... Juro que irei procurá-lo e o trarei de volta a esta corte! E nesta busca devo levar doze meses e um dia, até que eu o veja mais claramente do que aqui.. .

Claro que tinha que ser Gawaine, pensou Morgana, sempre o primeiro a enfrentar o desconhecido! Todavia ele brincara sob seus cuidados. Galahad levantou-se, pálido, com os olhos brilhantes de excitação.

- Doze meses, Sir Gawaine? Juro que passarei minha vida, se preciso for, até que o Graal esteja claro diante de mim...

Arthur levantou a mão e tentou falar mas a febre os tomara a todos e eles gritavam, comprometendo-se na busca, todos falando ao mesmo tempo.

- Não existe agora nenhuma causa tão cara a seu, coração, pensou Morgana. As guerras foram vencidas, há paz no país. Entre as guerras, até os Césares tinham o bom senso de colocar suas legiões para construírem estradas e conquistarem novas terras. Agora esta busca eles pensam, os unirá de novo com o antigo fervor. Uma vez mais eles são os Cavaleiros da Távola Redonda mas isso os espalhar pelos quatro ventos... em nome do Deus, que você colocaria acima de Avalon, Arthur! A Deusa age como quer...

Mordred levantara-se e estava falando mas Morgana tinha olhos apenas para Raven, caída no chão. - sua volta as velhas camponesas estavam ainda conversando sobre a fina comida e bebida que tinham provado sob o encantamento do cadinho.

- Era vinho branco, rico e doce, tão fresco quanto mel e uvas... Jamais provei algo assim, a não ser uma vez, anos atrás...

- Eu ganhei bolo recheado com passas e um molho de rico vinho tinto... Jamais comi algo tão delicioso...

Raven, porém estava silenciosa, branca como a morte e quando Morgana inclinou-se para ela teve a certeza do que já percebera quando a vira deitada ali. O peso daquela Grande Magia fora forte demais para a mulher aterrorizada; agüentara firme; amparada pela Grande Magia, até que o Graal se fora para Avalon, derramando as próprias forças altruisticamente para fortalecer Morgana a serviço da Deusa e quando aquela força lhe foi retirada, sua vida fora-se com isto. Morgana segurou-a junto a si, com uma dor e desespero selvagens.

Matei-a também. Na verdade, na verdade, agora eu matei a última pessoa que amei. Mãe, Deusa, por que não podia ter sido eu? Nada mais tenho pelo que viver, ninguém para amar e Raven jamais causou dano a uma alma, nunca, nunca...

Morgana viu Nimue descer de seu lugar ao lado da rainha e falar com o Merlim. Seu olhar era doce e cálido e pousava a mão confiantemente no braço dele. Arthur conversava com Lancelote e as lágrimas corriam pelas faces de ambos; ela os viu abraçarem-se e beijarem-se como jamais o tinham feito desde que eram meninos. Arthur deixou então e desceu para o outro extremo do salão, movendo-se entre seus súditos.

- Está tudo bem, meu povo?

Todos lhe falavam sobre o banquete mágico mas quando ele chegou mais perto alguém chamou:

- Eis aqui uma velha surda é muda, meu senhor Arthur, morta; a excitação foi demais para ela!

Arthur encaminhou-se para onde Raven jazia sem vida nos braços de Morgana, que não levantou a cabeça. Iria reconhecê-la, gritar, acusá-la de bruxaria?

Sua voz era gentil e familiar mas distante. Claro, pensou ela ele não está falando agora com a irmã ou sacerdotisa ou uma igual ele não pôde mais do que uma assustada e maltrapilha camponesa de cabelos brancos.

- Sua irmã, minha boa mulher? Sinto muito que isso tenha acontecido em meio aos festejos mas Deus levou-a em um momento abençoado nos braços de um seus próprios anjos. Quer sepultá-la? Pode ser enterrada no terreno da igreja, se quiser.

As mulheres ao redor prenderam a respiração e Morgana sabia que esse era, de fato, o maior favor que ele poderia conceder. Mas com o manto ainda sobre a cabeça ela respondeu:

- Não.

E então, como se tivesse sido compelida a isso, olhou-o nos olhos. Eles haviam mudado tanto, os dois... ela estava velha e sofrida mas Arthur também mudara. Não era mais o jovem Gamo-Rei. .

Nem agora, nem nunca Morgana soube se Arthur a reconheceria. Seus olhos encontraram-se por um momento e ele disse gentilmente:

- Vai levá-la para casa então? Seja como quiser, mãe. Diga aos homens do estábulo para lhe darem um cavalo. Mostre-lhe isto. - E colocou um anel em suas mãos. Morgana inclinou a cabeça estreitando os olhos para deter as lágrimas e, quando os levantou outra vez, Arthur se fora.

- Vou carregá-la - ofereceu-se uma das mulheres e então uma outra também ajudou e elas levaram do salão o leve corpo de Raven. Morgana ficou tentada a olhar para trás, para o salão da Távola Redonda; pois sabia que jamais o veria outra vez, nem pisaria mais em Camelot.

Sua missão estava cumprida e ela voltaria a Avalon. Mas voltaria só. Desse momento em diante estaria sempre só.

Gwenhwyfar, observando os preparativos no salão, olhou o cálice com emoções confusas ao ouvir a voz macia do bispo Patrício dizer: Nenhum homem pode vir ter com o Pai exceto se o fizer em meu nome. Metade dela pensava: Este belo objeto devia ser dedicado, como Patrício o deseja, ao serviço de Cristo; até o Merlim veio finalmente para a cruz.

Mas a outra metade insistia, quase contra sua vontade: Não. Talvez fosse melhor destruí-lo, derreter o ouro, se necessário e moldar com ele outro cálice para o serviço do verdadeiro Deus. Pois esse pertencia a Deusa, como eles a chamavam e aquela mesma Deusa é a grande prostituta que desde o começo dos tempos era inimiga de Deus... Na verdade, os padres dizem que com a mulher viera o mal para o mundo e então ela ficou confusa, pois, seguramente, nem todas as mulheres podiam ser más - até Deus escolhera uma mulher para ter Seu filho e o próprio Cristo falou sobre o, céu para seus discípulos, suas irmãs e esposas...

Uma, pelo menos, traía aquele Deus. Sentiu o rosto suavizar-se quando olhou para Nimue - a filha de Elaine e muito parecida com a mãe quando jovem mas ainda mais bela, com algo do sorriso franco e da graça de Lancelote. Tão bela e doce era Nimue que ela não podia acreditar que algo de mau pudesse vir dela embora tivesse vivido desde a infância na casa da própria Deusa. E agora ela abjurara seu cargo e viera para Camelot, implorando para que ninguém soubesse que servira em Avalon, nem mesmo o bispo Patrício. Nem mesmo Arthur. Seria difícil, Gwenhwyfar pensou, negar qualquer coisa a Nimue e empenhara-se, de bom grado em manter o segredo da jovem.

Ela olhou além de Nimue para onde estava Patrício, pronto para carregar o cálice com as mãos. E então... e então, pareceu a Gwenhwyfar que um grande anjo, com as asas ocultas na sombra da forma brilhante, levantou nas mãos o cálice que brilhava como uma estrela. Era púrpura como um coração pulsante, um brilhante rubi... não era o azul do céu profundo e tinha o perfume das rosas de todos os jardins em que ela entrara. Um vento parecia soprar subitamente através do salão e embora eles estivessem em um culto santo, Gwenhwyfar sentiu que podia levantar-se de seu assento, correr para fora nas colinas, para os grandes espaços que pertenciam a Deus, sob o Seu

vasto céu. Ela sabia, sabia do fundo do coração que podia andar sem medo sob o céu aberto e nas colinas, porque, para onde quer que fosse, Deus estaria com ela. Sorriu, incrédula, ouviu a si mesma rindo alto e aquela pequena coisa há tanto aprisionada dentro dela perguntou-lhe, zangada: Em um culto santo? mas a verdadeira Gwenhwyfar respondeu, ainda rindo embora ninguém ouvisse: Se não puder ter o prazer em Deus então o que significa Deus para mim?

Depois, através do doce perfume e da felicidade, o anjo estava diante dela e o cálice em seus lábios. Trêmula ela bebeu, baixando os olhos mas logo sentiu um toque na cabeça e olhou para cima e viu não um anjo mas uma mulher com um véu azul, de grandes olhos tristes. Não havia som mas a mulher lhe disse: Antes que Cristo fosse, Eu sou e sou Eu quem lhe fez ser o que é. Portanto, minha amada filha esqueça toda a vergonha e seja feliz, pois você também tem a mesma natureza que eu!

Gwenhwyfar sentiu que todo o corpo e o coração eram pura felicidade. Ela não fora tão feliz desde que era criança. Mesmo nos braços de Lancelote, jamais conhecera esta bênção absoluta. Ah, se eu ao menos pudesse ter dado isto a meu amor! Ela sabia que o anjo ou qualquer Presença que a tivesse tocado, se fora e entristeceu-se com a retirada mas a felicidade ainda pulsava dentro dela; olhou para cima, com amor enquanto o anjo segurava o cálice flamejante contra os lábios de Lancelote. Ah, se ela ao menos pudesse lhe dar parte desta felicidade, meu amor!

As chamas brilhantes e o vento encheram o salão e depois veio o silêncio. Gwenhwyfar comeu e bebeu, embora jamais soubesse do quê, apenas que era doce e saboroso e entregou-se ao seu deleite. Certamente, o que quer que tenha estado entre nós hoje era santo...

O silêncio tombou sobre o salão; o aposento parecia nu e vazio a luz pálida do meio-dia e Gawaine levantara-se, gritando. E depois dele, Galahad.

- Juro que passarei toda a vida, se preciso for em busca do Graal, até que o veja claramente diante de mim.

O bispo Patrício parecia desanimado e ela lembrou-se de que ele era velho; e o altar onde o cálice repousara estava vazio. Ela levantou-se rapidamente de seu lugar e foi até ele.

- Padre - chamou, levando-lhe um cálice de vinho aos lábios. Ele bebeu e quando a cor começou a voltar-lhe ao rosto marcado, murmurou:

- Certamente algo santo esteve entre nós... Fui alimentado a mesa do Senhor pelo próprio cálice em que Ele bebeu naquela última noite antes da Paixão...

Gwenhwyfar começava a compreender o que acontecera - o que quer que tenha vindo até eles naquele dia pela vontade de Deus era uma visão. O bispo sussurrou:

- Viu, minha rainha, o próprio cálice de Cristo.

Ela foi gentil:

- Infelizmente, não, padre; talvez eu não fosse merecedora disso mas vi um anjo creio e por um momento acreditei que era a Mãe Santíssima de Deus que estava diante de mim...

- Deus nos deu a cada um uma visão - explicou Patrício. - Como rezei para que algo viesse até nós para inspirar todos estes homens com o amor da verdadeira visão de Cristo!...

Gwenhwyfar lembrou-se de um antigo provérbio: Toma cuidado com o que pedes em tuas preces, elas podem ser atendidas. Com certeza, algo inspirara esses homens. Um após o outro eles levantavam-se, prometendo passar um ano e um dia buscando o cálice e ela pensou: Todos os Cavaleiros da Távola Redonda estão agora espalhados aos quatro ventos.

E olhou para o altar onde o cálice estivera. Não, pensou, o bispo Patrício e Kevin, o Merlim estão errados tanto quanto Arthur. Não podem invocar Deus para servir a seus propósitos deste modo. Deus sopra sobre os propósitos humanos como um vento poderoso, como o rufar das asas do anjo que ouvi neste salão hoje e dilacera-os.

E, então, perguntou-se: O que há de errado comigo pensando em criticar Arthur ou mesmo o bispo pelo que fizeram? Todavia, com nova força, continuou: Por Deus, sim, eles não são deuses são homens apenas e seus propósitos não são sagrados! Olhou para Arthur, andando agora entre os camponeses e súditos no outro extremo do salão... algo acontecera, algum camponês caíra morto, talvez empactado demais pela alegria da Santa Presença. Ele voltou, parecendo triste.

- Gawaine, precisa ir... Galahad... ? Não, você, meu filho? Bors, Lionel... o quê, todos vocês?

- Meu senhor Arthur - chamou Mordred. Ele usava, como sempre, a cor púrpura, que lhe assentava muito bem e que exagerava, de maneira quase caricata, sua semelhança com Lancelote quando jovem.

A voz de Arthur era gentil:

- O que é, meu caro rapaz?

- Meu rei, peço permissão para não partir na busca. Embora a promessa sirva para todos os seus Cavaleiros, alguém deve ficar ao seu lado.

Gwenhwyfar sentiu uma crescente ternura por aquele jovem. Ah este é o verdadeiro filho de Arthur, não Galahad, todo sonhos e visões! Será que houve um tempo em que ela não gostava e desconfiava de Mordred? E disse, de todo o coração :

- Deus o abençoe, Mordred - e o jovem sorriu-lhe.

Arthur inclinou a cabeça e concedeu:

- Que assim seja, meu filho.

Foi a primeira vez que Arthur o chamou assim diante de outros homens; Gwenhwyfar percebeu sua perturbação por isso.

- Deus ajude a ambos, Gwydion - Mordred, quero dizer -, com tantos dos meus Cavaleiros espalhados pelos quatro cantos do mundo e só Deus pode dizer se voltarão ou não... - Estendeu a mão e segurou as de Mordred com força e por um momento pareceu a Gwenhwyfar que ele se apoiara no braço forte do filho.

Lancelote veio para seu lado e inclinou-se.

- Senhora, posso despedir-me de vocês?

Parecia a Gwenhwyfar que as lágrimas estavam tão prestes a aflorar quanto a alegria.

- Ah, amor, você tem de partir nesta busca? - E não se importou com quem pudesse ouvir suas palavras. Arthur também parecia perturbado, segurando as mãos do primo e amigo nas suas.

- Vai nos deixar, Lancelote?

Ele assentiu com a cabeça; havia algo sobrenatural e brilhante em seu rosto. Então a grande alegria também lhe fora concedida. Por que ele precisava partir para procurá-la? Certamente estava dentro dele também.

- Todos esses anos, meu amor, você disse que não era tão cristão quanto os outros. Por que precisa fugir de mim, partindo nesta busca?

Ela o viu lutar com as palavras. Finalmente, disse:

- Todos esses anos pensei se Deus não passaria de uma velha lenda passada pelos padres para nos amedrontar. Agora eu vi... - E umedeceu os lábios de novo com a língua, tentando encontrar palavras para algo que as transcendia. - Eu vi... algo. Se uma visão como esta pode ser mostrada, seja de Cristo ou do Demônio...

- Certamente - interrompeu Gwenthwyfar -, certamente veio de Deus; Lancelote.  
 - Assim o diz, pois o viu, você sabe - disse, segurando-lhe a mão contra o peito. - Não tenho certeza; pareceu-me que minha mãe escarnecia de mim, ou todos os deuses são Um, como Taliesin costumava dizer. Estou dividido entre a escuridão de nunca saber e a luz além do desespero que me diz... - E de novo ele hesitou, procurando palavras.  
 - Era como se um grande sino me chamasse; uma luz como as luzes distantes no pântano, dizendo Siga-o... E eu sei que a verdade, a verdade está lá, lá, além do meu alcance, se eu puder ao menos segui-la encontrá-la e romper o véu que a encobre... está lá e eu devo apenas alcançá-la, minha Gwenthwyfar. Você me negaria a busca, agora que sei que existe realmente algo digno de se achar?

Parecia que eles estavam sós no aposento e não na corte, diante de todos os homens. Ela sabia que poderia persuadi-lo em tudo mais mas quem pode ficar entre um homem e sua alma? Deus não achara apropriado dar-lhe esta certeza e alegria e ela não imaginara que ele precisava agora buscá-las, pois se ela sentisse que estavam lá, embora sem ter certeza, também passaria o resto de sua vida naquela busca. Estendeu as mãos para ele e, sentindo como se o abraçasse diante de todos os homens à luz clara do dia, permitiu.

- Vá então, meu amado e Deus recompense sua busca com a verdade que procura.

- Que Deus esteja sempre com a senhora, minha rainha e possa Ele fazer com que eu volte um dia para seu lado

Depois, voltou-se para Arthur mas Gwenthwyfar não ouviu o que disseram, percebeu apenas que abraçou-o como fazia quando todos eram jovens e inocentes.

Arthur levantou-se e com a mão pousada no ombro de Gwenthwyfar, viu-o sair.

- Às vezes creio - disse suavemente - que Lance é o melhor de nós. - Ela se virou para ele, com o coração cheio de amor por aquele homem bom que era seu marido e concordou:

- Também acho, meu amor.

Ele confessou, surpreendendo-a:

- Amo vocês dois, Gwen. Nunca pense, nunca, que você é menos do que qualquer coisa na terra. Estou quase contente de que não tenha me dado um filho - acrescentou, quase num sussurro -, pois então poderia pensar que a amo apenas por causa disso e agora posso confessar, amo você mais do que tudo exceto apenas pelo meu dever para com esta terra: onde Deus me fez rei. Você não pode ter ciúme disso...

- Não - disse ela com ternura. E, pela primeira vez, sendo absolutamente sincera ela admitiu sem reserva: - Eu o amo também, Arthur, nunca duvide disso.

- Nunca, por um momento, duvidei disso, meu querido amor. - Levantou-lhe as mãos e beijou-as, fazendo Gwenthwyfar de novo feliz. Que mulher teve tanto na vida? Ser amada por dois dos maiores homens dentro das fronteiras deste mundo?

Por toda parte os ruídos da corte aumentavam, outra vez exigindo atenção para as coisas cotidianas. Todos, parecia, haviam tido uma visão diferente - um anjo; uma donzela carregando o Graal; alguns, como ela, pareciam ter visto a Santa Mãe e muitos, muitos outros nada haviam visto, nada a não ser uma luz brilhante demais para ser suportada; encheram-se de paz e alegria e foram alimentados com as carnes e bebidas de que mais gostavam.

Agora circulava um rumor segundo o qual, pelos favores de Cristo, o que eles tinham visto fora o próprio Graal em que o Cristo bebera na última ceia entre seus discípulos, onde ele dividira o pão e repartira o vinho como se fosse o corpo e o sangue do antigo sacrifício. Será que o bispo Patrício escolhera aquele momento para difundir essa

lenda enquanto todos estavam confusos e nenhum homem sabia precisar o que realmente acontecera?

Gwenhwyfar lembrou-se de uma lenda que Morgana lhe contara e persignou-se: Jesus de Nazaré, diziam em Avalon, viera até ali na juventude para ser educado entre os sábios druidas em Glastonbury e depois de sua morte, seu pai adotivo, José de Arimatéia, viera e enterrara seus seguidores no solo onde florescia a sarça sagrada. Não seria possível que o próprio José tivesse trazido até ali o Cálice do Sacrifício? Certamente o que quer que tenha acontecido era algo santo... Com certeza esta era uma coisa santa, uma vez que, se não viera de Deus, não poderia ser nada além de um terrível encantamento e como poderia tal beleza, tal alegria, ser má?

Todavia, o que quer que o bispo tivesse dito, fora uma dádiva malévola, Gwenhwyfar pensou, tremendo. Um a um, os Cavaleiros levantaram-se e partiram em sua busca e agora ela olhava para um salão vazio. Eles haviam partido, todos os Cavaleiros exceto Mordred, que prometera ficar e Cai, que estava velho e caduco demais para partir. Arthur afastou-se de Cai - ela sabia que ele estivera confortando Cai por ele não ter podido partir na busca com os outros - e disse:

- Ah eu também devia ter partido com eles mas não pude. Eu não destruiria seu sonho.

Ela aproximou-se e serviu-o ela própria, de vinho e desejou, subitamente, que eles estivessem em seus próprios quartos, não ali, onde haviam sido deixados sós no salão da Távola Redonda.

- Arthur, você planejou o que aconteceu, você me disse que algo surpreendente estava planejado para a Páscoa...

- Sim - concordou Arthur, recostando-se, cansado, em sua cadeira - mas juro que não sabia o que havia sido planejado pelo bispo Patrício ou pelo Merlim. Sabia que Kevin levava para lá as Sagradas Insígnias de Avalon. - Pousou a mão sobre sua espada. - A espada me foi entregue a serviço do reino e de Cristo. Parece-me, como o Merlim disse, que o mais sagrado dos Mistérios do mundo antigo devia ser posto a serviço de Deus, uma vez que todos os deuses eram um, como Taliesin sempre nos ensinou. Nos velhos tempos, os druidas chamavam seu deus por outros nomes mas estas coisas pertencem a Deus e devem ser dadas a Ele. No entanto, não sei o que aconteceu no salão naquele dia.

- Não sabe? Você? Não lhe parece que presenciamos um verdadeiro milagre, que Deus, Ele próprio, veio diante de nós para mostrar que o Santo Graal deveria ser reclamado para Seu serviço?

- Às vezes, penso que sim - disse Arthur lentamente - e então, pergunto-me... não foi a magia do Merlim que nos encantou, de forma que tivéssemos a visão e assim pensássemos? Pois agora meus Cavaleiros se separaram de mim e quem sabe se jamais voltarão? - Levantou o rosto para ela, que notou que suas sobrancelhas estavam totalmente brancas e seus cabelos loiros, prateados.

Ele perguntou :

- Sabia que Morgana esteve aqui?

- Morgana? - Gwenhwyfar meneou a cabeça. - Não, não o sabia... por que não veio nos saudar?

Ele sorriu :

- Pergunta isso? Ela partiu de nossa corte sob o signo de meu grande desagrado. - Os lábios dele se apertaram e, de novo, sua mão buscou o punho da Excalibur, como que para assegurar-se de que ela ainda estava ali, ao seu lado. A espada pendia, agora, de uma bainha de couro, feia e grosseira; ela jamais ousara perguntar-lhe o que

acontecera com aquela que Morgana fizera para ele há tantos anos mas adivinhou naquele momento o que estava por trás daquela briga.

- Não sabia que ela se revoltou contra mim? Ela teria posto seu amante, Acolon, no trono em meu lugar...

Gwenhwyfar acreditava que jamais sentiria ódio por qualquer pessoa viva depois do dia da feliz visão; até mesmo agora, o que mais sentia era piedade por Morgana e também por Arthur, sabendo quanto ele amara e confiara na irmã que o traíra.

- Por que não me contou isso? Jamais confiei nela.

- Por isso mesmo - disse Arthur, pressionando-lhe a mão. - Pensei que não poderia suportar ouvi-la dizer que jamais confiara nela e que freqüentemente me avisara contra ela. Mas Morgana estava aqui naquele dia, disfarçada como velha camponesa. Ela parecia velha, Gwenhwyfar, velha, inofensiva e doente. Creio que veio disfarçada para dar uma olhada, talvez, no lugar onde antes teve uma alta posição, quem sabe, para ver o filho... Parecia mais velha que nossa mãe, quando morreu... - Calou-se, olhando para os próprios dedos e acrescentou, por fim: - Ora e assim está, como eu estou mais velho do que meu pai jamais chegou a ser, minha Gwenhwyfar... Não creio que Morgana tenha vindo para nos fazer mal e, se veio, isso certamente foi evitado pela santa visão... - Calou-se. Gwenhwyfar sabia instintivamente que ele não queria admitir que ainda amava Morgana e sentia sua falta.

Conforme os anos passam, há tantas coisas que não posso dizer a Arthur, ou ele a mim... mas, pelo menos, falamos hoje sobre Lancelote e do amor entre nós todos. E pareceu-lhe que, por um momento este amor era a grande verdade em sua vida e que o amor jamais podia ser pesado ou medido, tanto por este como por aquele outro mas era um fluxo eterno e interminável; quanto mais ela amava, mais amor tinha para dar, como fazia então para todos, como lhe fora dado por sua visão.

Sentia aquele impulso de amor e ternura até para com o Merlim.

- Veja, Kevin está com problemas para levar sua harpa. Devo mandar alguém para ajudá-lo, Arthur?

Arthur sorriu :

- Ele não precisa, pois Nimue está cuidando dele, veja.

E de novo ela sentiu-se invadir pelo amor; desta feita pela filha de Lancelote e Elaine - a filha dos dois seres que ela mais amara. As mãos de Nimue sob os braços do Merlim... como a velha lenda da donzela que se apaixonara por um animal selvagem das profundezas da floresta! Ah mas nesse dia até ela sentia amor pelo Merlim e estava contente que ele tivesse as mãos fortes de Nimue para ajudá-lo.

E conforme os dias se passavam na corte de Camelot quase vazia, Nimue tornou-se mais e mais a filha que ela nunca tivera. A moça ouvia com cortês atenção o que ela falava, lisonjeava-a sutilmente e era sempre rápida ao servi-la. Apenas em uma coisa Nimue desagradava a Gwenhwyfar: ela passava tempo demais ouvindo o Merlim.

- Ele agora pode chamar-se cristão, filha - a rainha avisou - mas no fundo continua um antigo pagão, comprometido com os ritos bárbaros dos druidas a que você renunciou... pode ver ainda as serpentes que ele usa tatuadas nos pulsos.

Nimue segurou os próprios pulsos acetinados.

- Ora, Arthur também as usa - protestou gentilmente - e eu também talvez as usasse, prima, se não tivesse visto a grande luz. Ele é um homem sábio e não existe em toda a Bretanha, nenhum homem que possa tocar harpa com tanta suavidade.

- E existe o encanto de Avalon para envolvê-la - juntou Gwenhwyfar, um pouco mais cortante do que pretendia.



- Não, não - disse Nimue. - Peço-lhe, prima, jamais lhe diga isto. Ele nunca viu meu rosto em Avalon ele não me conhece e eu não quero que ele pense que sou uma renegada daquela fé para esta...

Ela parecia tão perturbada que Gwenthwyfar disse, amável :

- Ora, se quiser, não lhe direi. Não disse nem mesmo Arthur que você veio de Avalon para nós.

- E eu gosto tanto de música e de harpa! - protestou Nimue. - Não tenho permissão para falar com ele?

Gwenthwyfar sorriu, indulgente:

- Seu pai também foi um bom músico. Uma vez ele disse que a mãe lhe colocara a harpa na mão como brinquedo, antes que ele tivesse idade suficiente para segurar uma espada de madeira e ensinou-lhe a tocar. Eu gostaria mais do Merlim se ele se limitasse a sua harpa e não buscasse ser um dos conselheiros de Arthur. - Então estremeceu e confessou: - Para mim este homem é um monstro!

Nimue disse pacientemente:

- Sinto muito vê-la contra ele, prima. Não é culpa dele. Tenho certeza de que preferiria ser tão belo quanto meu pai e tão forte quanto Gareth!

Gwenthwyfar inclinou a cabeça:

- Sei que não é caridoso... mas desde a infância tenho repulsa por aqueles que são desafortunados. Não tenho certeza se não foi a aparência de Kevin que me causou o aborto quando tive a última oportunidade de ter um filho. Se Deus é bom, tudo aquilo que vem dele deve ser belo, perfeito e o que é feio e aleijado, ser obra do Demônio.

- Não - contrapôs Nimue -, não me parece que seja assim. O próprio Deus enviou provações a seu povo nas Sagradas Escrituras, pois afligiu Jó com tumores e lepra, fez com que Jonas fosse engolido por um grande peixe. Várias vezes nos disseram que ele fez seus escolhidos sofrerem e até o próprio Cristo sofreu: Pode-se dizer que esta gente sofre porque é a vontade de Deus que eles sofram mais do que os outros. Talvez Kevin sofra esta aflição por algum pecado que cometeu em alguma outra vida antes desta.

- O bispo Patrício nos diz que esta é uma idéia falsa, que nenhum cristão deve acreditar nesta mentira abominável, a de nascermos e tornarmos a nascer. Se assim fosse, quando iríamos para o céu?

Nimue sorriu, lembrando-se de que Morgana lhe dissera: Nunca mais me fale sobre o que o padre Griffin lhe disse. Gostaria de dizer-lo agora a Gwenthwyfar mas retrucou, com gentileza :

- Oh, não, prima, pois até nas Sagradas Escrituras conta-se como os homens perguntavam a João Batista quem era ele. Alguns homens afirmavam que Jesus Cristo era Elias que voltara e ele disse: Digo-vos que Elias já esteve entre vós e vós não o reconheceste-o. E os homens perceberam, segundo as Sagradas Escrituras, que ele falava de João. E, assim, se o próprio Cristo acreditava que os homens reencarnavam, como pode ser errado que os homens acreditem nisso?

Gwenthwyfar perguntou-se como tantos conhecimentos das Escrituras haviam chegado até Nimue em Avalon. E lembrou-se de já ter notado que Morgana também sabia mais sobre as Sagradas Escrituras do que ela própria.

Nimue continuou:

- Talvez os padres não queiram que pensemos sobre outras vidas porque desejam que sejamos bons nesta. Muitos padres pensam que não falta muito tempo para que o mundo acabe e Cristo volte e assim receiam que os homens esperem por uma outra vida para serem bons, não tenham, portanto, tempo para obter a perfeição antes que Cristo

retorne. Se os homens soubessem que reencarnariam, por que trabalhariam tanto para serem perfeitos nesta vida?

- Isso me parece uma doutrina perigosa - protestou Gwenhwyfar -, pois se as pessoas acreditarem que todos os homens terão de ser salvos, afinal em uma ou outra vida o que poderia mantê-los longe do pecado nesta vida, para a esperança de que finalmente a misericórdia divina prevaleça.

- Não creio que o temor aos padres ou a ira de Deus ou qualquer outra coisa, impedirá a humanidade de pecar - atalhou Nimue - mas apenas quando tiverem adquirido suficiente sabedoria em todas as suas vidas eles saberão que pecar é inútil e que o mal tem de ser pago, cedo ou tarde.

- Oh! Cale-se, criança - pediu Gwenhwyfar. - Suponha que alguém a ouça dizer tais heresias! Embora verdade - admitiu depois de um momento - que, depois do dia da Páscoa, me parece que há infinita misericórdia no amor de Deus e, talvez, que Ele não se importe tanto com o pecado como alguns dos padres nos querem fazer crer e agora eu também talvez esteja dizendo heresias!

Nimue apenas sorriu outra vez, pensando: Eu não vim para a corte para iluminar Gwenhwyfar. Tenho uma missão mais perigosa e não é meu dever pregar-lhe a verdade; a de que todos os homens e todas as mulheres também um dia venham a obter a luz.

- Você não acredita que Cristo voltará, Nimue?

Não, pensou Nimue, não acredito que os grandes iluminados, como Cristo, retornem mais de uma vez e que, depois de muitas vidas passadas adquirindo sabedoria então partam para sempre na eternidade; mas creio que os divinos enviarão outros grandes mestres para pregarem a verdade a humanidade e que a humanidade sempre os receberá com cruz, fogo e pedras.

- Em que acredito não importa, prima, o que importa é a verdade. Alguns padres pregam que seu Deus é um Deus de Amor e outros, que Ele é mau e vingativo. Às vezes sinto que os padres foram enviados para punir as pessoas; uma vez que elas não ouvem as palavras de amor do Cristo, Deus lhes enviou os padres com suas mensagens de ódio e intolerância. - Ela então parou, pois não queria irritar Gwenhwyfar. Mas a rainha apenas admitiu:

- Bem, Nimue, conheci padres assim.

- E se alguns padres são maus - continuou Nimue -, creio que não é totalmente desarrazoado o fato de que alguns druidas possam ser bons.

Deve haver, pensou Gwenhwyfar, algum erro neste raciocínio mas não conseguirei descobri-lo.

- Bem, minha cara, talvez esteja certa. Mas desagrada-me vê-la com o Merlim. Embora saiba que Morgana o achava bom... dizia-se até, aqui na corte, que eles foram amantes. Frequentemente me pergunto como uma mulher tão exigente como Morgana se deixava tocar por ele.

Nimue não sabia disso e guardou essa informação na mente como referência. Fora assim que Morgana conhecera as suas fraquezas? E apenas comentou:

- De tudo o que aprendi em Avalon, o que mais amei foi a música e do que ouvi das Sagradas Escrituras o que mais me agrada é quando o salmista nos recomenda adorar a Deus com o alaúde e a harpa. E Kevin prometeu que me ajudaria a encontrar uma harpa, pois vim para cá sem a minha. Posso chamá-lo até aqui, prima?

Gwenhwyfar hesitou mas não pôde resistir a doce súplica contida no sorriso da jovem e concordou:

- Claro que pode, minha querida filha.

Depois de algum tempo, o Merlim veio e pareceu-lhe que o calor excessivo das juntas inchadas a queimava. Sentiu, por um momento, piedade e revolta. Certamente a Deusa já começa sua própria vingança! Este homem, com certeza, já sofreu bastante! Seu Cristo sofreu um dia na cruz; este homem foi crucificado em seu corpo alquebrado por toda uma vida!

No entanto, outros foram queimados por sua fé e não se deixaram alquebrar nem traíram os Mistérios. Ela endureceu o coração e pediu docemente:

- Senhor Merlim, por que não toca sua harpa para mim? - Não, pensou Nimue, eu preciso lembrar; agora ele é apenas Kevin, o Harpista, o traidor de Avalon. Atrás dele vinha um criado perto dele para sustentar Minha Dama, quando suas forças falham.

- Para a senhora - disse Kevin em sua voz sonora - tocarei o que desejar. Quisera eu ser o velho bardo que carregando Minha Dama podia tocar até que as árvores dançassem!

Agora ele é cristão e não existe lei alguma que diga que ninguém mais possa tocar a sua harpa; é mais simples do que manter um homem iniciado

- Oh, não - disse Nimue, dando um sorriso condescendente.- O que faríamos se elas viessem dançar aqui? Pois teríamos terra por todo o salão e nem todas as nossas criadas com esfregões e vassouras conseguiriam varrê-la! Deixe as árvores onde estão eu lhe peço e cante!

Ele caminhava com duas muletas, arrastando o corpo tortuoso atrás delas. Sorriu, porém, para as senhoras e disse:

- Devem considerar, minha rainha e minha senhora Nimue, que, de alguma forma, meu espírito se inclinou em reverência diante das senhoras, pois meu corpo já não é mais capaz de fazê-lo

O Merlim começou a tocar. Nimue sentou-se ao seu lado no chão, com os grandes olhos atentamente fixos nas faces de Kevin. Ele a olhava como um cão olha o dono - com humilde devoção e sincera atenção. Gwenhwyfar tomou essa emoção quase como devida. Ela própria tinha sido objeto de intensa devoção com tanta frequência que nunca havia pensado nisso - era simplesmente a homenagem que os homens prestavam a beleza. Talvez, no entanto ela devesse avisar Nimue, para evitar que a moça se influenciasse com isso. Entretanto, não podia conceber como Nimue conseguia sentar-se tão próxima daquele homem tão feio ou olhá-lo

Nimue sussurrou:

- Eu imploro, prima, que lhe permita sentar-se. Ele não pode ficar de pé por muito mais tempo. Gwenhwyfar aquiesceu com um gesto, feliz pela primeira vez de que sua visão deficiente lhe privasse ver claramente o corpo disforme. Por um momento, Nimue temeu que o criado de Kevin fosse de Avalon e a reconhecesse e talvez a saudasse mas era apenas um servo com vestimentas da corte. Como haviam podido Morgana ou a velha Raven prever um futuro assim longínquo, para enviá-la enquanto criança, a reclusão, de forma que quando ela chegasse a maturidade existisse uma sacerdotisa completamente treinada em Avalon a quem o Merlim não conhecia de vista? Ela compreendeu que era apenas uma garantia no grande trabalho do mundo enviada apenas com as armas da beleza e da virgindade intocada para executar a vingança da Deusa naquele homem que tinha traído todos eles.

Nimue tirou uma outra almofada da própria cadeira, colocando-a sob os braços do Merlim. Os ossos lhe despontavam sob a pele e, quando lhe tocou de leve os cotovelos com tamanha atenção.

Havia algo em Nimue que intrigava Gwenhwyfar. De alguma forma, a concentração da garota não era exatamente o que parecia. Não era o prazer de um músico

em face do trabalho de outro artista, nem era a admiração despida de uma jovem ingênua por um homem viajado e maduro. Não, pensou Gwenthwyfar e não era uma paixão súbita, também; isso ela poderia entender e, de uma certa forma, até simpatizar com essa emoção - ela própria conhecera o amor súbita e arrebatador que elimina todos os obstáculos. Ele havia se abatido sobre ela como um raio e arruinado todas as suas esperanças de que o casamento com Arthur fosse bom e desse certo. Tinha sido uma maldição; no entanto, sabia que era algo que brotava por si mesmo, sobre o qual nem ela nem Lancelote tinham qualquer poder. Ela aceitava isso e poderia ter aceitado esse sentimento se houvesse acontecido com Nimue - embora Kevin, o Merlim, não parecesse ser um objeto provável para tal paixão. Mas não era isso... ela não podia defini-lo mas sabia.

Mera luxúria? Era possível, da parte de Kevin - Nimue era bonita e embora o Merlim fosse muito circunspecto ela poderia inflamar qualquer homem; mas Gwenthwyfar não podia crer que Nimue tivesse se deixado arrebatado de tal forma, quando tinha permanecido cortês mas fria e inacessível, com todos os mais belos jovens cavaleiros de Gwenthwyfar.

De onde estava sentada, ao pé do Merlim, Nimue sentia que Gwenthwyfar a observava. Mas ela não tirou os olhos de Kevin. De algum modo eu o estou enfeitando. Seu propósito exigia que ela o tivesse completamente a sua mercê - seu escravo e sua vítima. E, de novo, sufocou um impulso de piedade. Este homem fez pior do que simplesmente revelar os Mistérios ou o ensinamento secreto; entregou nas mãos dos cristãos as relíquias sagradas, para que fossem profanadas. Impiedosamente, Nimue recusou-se a considerar seu pensamento seguinte, de que os cristãos não pretendiam profaná-las mas consagrá-las. Os cristãos não sabiam nada sobre as mais profundas verdades dos Mistérios. E, de qualquer forma, o Merlim traíra um juramento sagrado.

E a Deusa apareceu para evitar tal profanação... Nimue havia tido treinamento suficiente nos Mistérios para compreender o que presenciara; ainda agora sentia um frêmito ao pensar no que se havia passado entre os Cavaleiros naquele dia do banquete. Não havia compreendido inteiramente mas sabia que havia tocado a maior de todas as santidades. E o Merlim profanara isso. Não, ele precisava morrer como o cão que era.

A harpa estava muda. Kevin ofereceu:

- Eu tenho uma harpa para a senhora, se a senhora a aceitar. Modelei-a com as próprias mãos quando era menino em Avalon, logo que lá cheguei. Fiz outras e elas são melhores mas esta é boa e eu a carrego comigo há muito tempo. Se a aceitar ela será sua.

Nimue protestou que tal presente era muito valioso mas interiormente se rejubilava. Se ela possuísse algo tão valioso para ele, algo que moldara com as próprias mãos, trabalho, isso, como um cacho de seus cabelos ou uma gota de seu sangue, o ligaria a ela. Não havia muitos, mesmo em Avalon, que sabiam que a lei da magia fosse longe, que algo que tinha sido tão intimamente ligado a mente, ao coração e as paixões - e Nimue percebeu que a música era sua paixão mais profunda - retinha mais da alma do que um fio de cabelo retirado do corpo mantinha sua essência.

Ela pensou com satisfação: Ele mesmo, de livre e espontânea vontade, colocou a alma em minhas mãos. Quando ele lhe entregou a harpa ela a acariciou; pequena e toscamente construída como era, o suporte estava gasto e polido de tanto repousar contra seu corpo. Suas mãos haviam tocado as cordas com amor... até mesmo agora vagavam lentamente sobre ela com ternura.

Ela tocou as cordas, testando-lhes a sonoridade. Na verdade, o som da harpa era bom; ele, de alguma forma, conseguira aquela curva e estrutura perfeitas que faziam a armação ecoar com o tom mais suave. E se ele a tinha feito quando menino, com aquelas mãos mutiladas... De novo Nimue sentiu piedade. Porque ele não ficou com sua música e se manteve afastado dos altos interesses do Estado?

- O senhor é muito gentil para comigo. - Deixou a voz tremer esperando que ele pensasse que fosse paixão em lugar de triunfo... Assim logo ele será meu eu o possuirei de corpo e alma.

Mas era muito cedo. As grandes marés de Avalon, correndo-lhe no sangue, avisaram-na de que a lua estava se tornando cheia; tal magia só podia ser praticada na lua negra, apenas naquele período de calmaria quando a Senhora não derrama nada de sua luz sobre o mundo e seus secretos propósitos se dão a conhecer.

Ela não devia deixar sua paixão nem sua própria simpatia por ele crescerem além dos limites.

Ele me desejará na lua cheia; este encantamento que estou preparando é uma faca de dois gumes, uma corda com duas pontas... Eu o desejarei tanto quanto ele a mim, não posso evitá-lo. Para que um encantamento seja total, deve-se envolver tanto o encantador como o encantado e ela sabia, com um espasmo de terror, que esse encantamento que ela urdia funcionaria nela também; e recairia sobre ela. Não poderia fingir paixão e desejo; precisava senti-los também. Sabia, com um medo que lhe oprimia o coração, que mesmo que o Merlim ficasse indefeso em suas mãos, isso também aconteceria com ela em relação a ele. E o que seria de mim, ó Deusa, Mãe... Este é um preço muito alto a pagar... Retire de mim esta carga, não, não estou com medo...

- Bem, Nimue, minha cara - sugeriu Gwenhwyfar -, agora que tem uma harpa nas mãos, por que não toca e canta para mim?

Deixou os cabelos lhe encobrirem a face ao olhar timidamente para o Merlim e murmurou:

- Devo fazê-lo então?

- Eu lhe peço que toque. Sua voz é suave e posso prever o encantamento que suas mãos trarão as cordas..

Elas o farão de fato se eu for favorecida pela Deusa. Nimue tocou as cordas, lembrando-se de que não poderia executar qualquer canção de Avalon que ele lembrasse ou reconhecesse. Começou a tocar uma canção que era entoada enquanto os homens bebiam, que ela ouvira na corte, com palavras nada apropriadas para uma donzela; viu que Gwenhwyfar parecia escandalizada e pensou: Bom, se ela está chocada com meu comportamento inadequado a uma donzela, não questionará os meus motivos. Então tocou e cantou um lamento que tinha ouvido de um tocador de harpa do norte, a canção lamentosa de um pescador no mar, olhando para as luzes de sua casa na praia.

Ao fim da canção, levantou-se, olhando timidamente para ele.

- Agradeço-lhe pelo uso da harpa, Posso tomá-la emprestada de novo, para que minhas mãos mantenham sua habilidade?

- É um presente meu para a senhora. Agora que ouvi música que suas mãos podem fazer com ela, não poderia deixá-la pertencer a mais ninguém. Fique com ela, peço-lhe. Tenho muitas harpas.

- O senhor é muito gentil para comigo - murmurou - mas peço-lhe, agora que posso fazer música por mim mesma, não me abandone ou me prive do prazer de ouvi-lo.

- Eu tocarei para a senhora quando o desejar - prometeu Kevin e ela sabia que ele havia posto o coração nessas palavras. Ela arranjou um modo de encostar-se a ele enquanto se inclinava para a harpa.

E murmurou, suavemente, de modo que Gwenhwyfar não a ouvisse:

- Palavras apenas não poderão expressar minha gratidão. Talvez um tempo virá em que eu possa expressá-la mais apropriadamente.

Ele a fitou, com os olhos esgazeados e ela descobriu que retribuía esse olhar com a mesma intensidade. Um encantamento de dois gumes; de fato eu também sou uma vítima...

Ele saiu e ela sentou-se obedientemente perto de Gwenthwyfar, tentando atrair-lhe a atenção para longe do tear.

- Como você toca, Nimue! E não preciso perguntar onde aprendeu... Ouvi Morgana cantar esse lamento uma vez.

Nimue pediu, desviando o olhar:

- Conte-me algo sobre Morgana. Ela já havia partido de Avalon quando lá cheguei. Já havia se casado com o rei de Lot, creio.

- De Gales do Norte - emendou Gwenthwyfar.

Nimue, que já sabia disso tudo perfeitamente bem, não estava, no entanto, sendo inteiramente falsa. Morgana continuava a ser um mistério para ela, que ansiava por saber como a sacerdotisa se mostrara para aqueles que a conheciam no mundo.

- Morgana era uma de minhas damas de companhia. Ela me foi dada por Arthur no dia de nosso casamento. Claro que ele foi criado longe dela e também mal a conhecia...

Enquanto ouvia atentamente, Nimue, que fora treinada para ler emoções, percebeu que sob estas palavras Gwenthwyfar escondia sua animosidade para com a outra e que havia algo mais: respeito, medo e até mesmo uma espécie de ternura. Se Gwenthwyfar não fosse tão fanática e estupidamente cristã, teria amado muito Morgana.

Pelo menos enquanto Gwenthwyfar falava de Morgana, embora a condenasse como feiticeira perversa, não estava dissertando sobre aquela piedosa tolice que aborrecia Nimue até as lágrimas. Mas ela não podia dar as histórias de Gwenthwyfar toda a atenção. Sentava-se com uma atitude de interesse apaixonado, produzia sons de atenção ou espanto, mas, dentro de si, a mente permanecia em um turbilhão:

- Tenho medo! posso vir a ser a escrava e vítima do Merlim da mesma forma que ele seria meu... Deusa! Grande Mãe! Não sou eu mas Vós que podeis enfrentá-lo.

A lua estava no crescente; quatro noites se passariam até que ficasse completamente cheia e já podia sentir os movimentos do fluxo da vida. Pensou no olhar absorto e esgazeado do Merlim, nos olhos mágicos, na beleza de sua voz, e sentiu a dor e a agonia do desejo, ansiando por ser acariciada por aquelas mãos sensíveis, por sentir seu hálito quente contra a boca. Tudo nela doía, numa fome que, sabia, era pelo menos em parte um eco do próprio desejo e frustração dele; o elo mágico que criara entre eles significava que também ela devia ser atormentada pelos tormentos dele.

Quando a vida se tornar plena, ao arredondar da lua, então a Deusa receberá o corpo de seu amante... Não era de todo inacreditável. Ela era a filha do Paladino da Rainha e da melhor amiga do rei. Kevin, o Merlim, ao contrário de um padre cristão, não estava proibido de casar. A corte ficaria satisfeita com um casamento realizado em meios tão elevados, ainda que algumas senhoras ficassem chocadas de que ela pudesse entregar o corpo delicado a um homem que consideravam um monstro. Arthur sabia, com certeza, que Kevin não podia, após tudo o que tinha feito, voltar a Avalon, mas ele tinha um lugar na corte como conselheiro do rei. Além disso era músico de incomparável habilidade. Haverá um lugar para nós e a felicidade... quando a lua estiver cheia, plena de vida; ele semeará uma criança em meu ventre... E eu a carregarei com alegria... Ele não nasceu um monstro, sua deformidade é devida aos sofrimentos na infância... seus filhos serão belos... E então observou a si mesma, perturbada pelo poder de suas próprias fantasias. Não devia deixar-se enredar tão profundamente por esse encantamento. Devia negar-se embora a plenitude

da lua, fazendo o sangue correr rápido em suas veias, a mergulhasse em verdadeira agonia de frustração. Ela precisava esperar.

Como havia esperado todos esses anos... Há uma magia que vem com a renúncia da vida. As sacerdotisas de Avalon sabem disso quando se deitam nos campos de Beltane, invocando a vida da Deusa no próprio corpo e coração... Mas existe uma magia mais profunda que a da preservação do poder amaldiçoando o fluxo. Os cristãos sabiam algo sobre isso, quando insistiam em dizer que suas virgens sagradas deviam viver castamente e em reclusão, que elas podiam queimar com as chamas mais profundas desta força contida; que seus sacerdotes castos podiam derramar todo o poder contido nos seus Mistérios, tais como eram. Nimue sentira o poder na mais leve palavra ou gesto de Raven, que jamais desperdiçou palavras em algo trivial, nem sua força, que, quando despendida era tremenda. Ela freqüentemente se perguntava, sozinha no templo em Avalon, quando era proibida de se misturar com as demais donzelas ou ir aos ritos e sentia aquela força da vida nas veias com tanto rigor que as vezes rompia em choro histérico ou arrancava os cabelos e lacerava a pele... Por que a haviam destinado para isso, por que precisava suportar o terrível peso do desejo sem alívio? Mas confiara na Deusa e obedecera a seus mentores e agora eles lhe haviam confiado essa grande tarefa e ela não podia permitir que sua própria fraqueza a levasse a trai-los. Ela estava plena de poder, como as Sagradas Insígnias que representavam a morte, se tocadas sem preparações e todo esse poder era seu a fim de trazer o Merlim para Avalon... Precisava, porém esperar pela maré baixa e de novo pela maré alta; na lua negra precisava tomar o fluxo que viria do outro lado da lua... que não era fértil mas estéril, não de vida mas de magia negra mais antiga que a vida humana.

E o Merlim conhecia essas coisas; ele sabia da antiga maldição da lua negra e do ventre estéril... Precisaria estar tão completamente enfeitiçado por ela que nem sequer imaginaria por que se recusava na estação fértil e o procurava na estação da vazante. Nimue tinha uma vantagem: ele ignorava que ela sabia essas coisas, nunca a tinha visto em Avalon. No entanto, o laço os prendia a ambos e, se ela pudesse ler seus pensamentos ele podia ler os dela; precisava resguardar-se a cada momento; do contrário ele poderia ver seu íntimo e adivinhar seus propósitos.

Preciso cegá-lo de tal forma de desejo que ele esquecerá... esquecerá tudo o que lhe foi ensinado em Avalon. E, ao mesmo tempo, não podia deixar-se vencer pelo desejo dele, precisava conter sua própria paixão. Não seria fácil.

Começou a planejar no próximo artifício que usaria contra ele. Conte-me sobre sua infância, diria, conte-me como foi ferido. Simpatia seria um laço poderoso; sabia como devia tocá-lo com a ponta dos dedos... e sabia, com desespero, que estava procurando maneiras de estar perto dele e de tocá-lo, não por ser sua tarefa, mas por necessidade própria.

Seria possível usar esse encantamento sem que eu me arruine também ?

- A senhora não estava no banquete da rainha - murmurou o Merlim, olhando nos olhos de Nimue - e eu lhe fiz uma nova canção... A lua estava cheia e existe um grande poder na lua cheia, senhora...

Ela o olhou atentamente.

- Verdade? Eu sei muito pouco sobre essas coisas... É um mágico, meu senhor Merlim? Eu as vezes me sinto indefesa, com medo de que esteja usando magia em mim...

Ela tinha se escondido na lua cheia, certa de que, se ele a fitasse nos olhos naquele momento, seria capaz de ler seus pensamentos e talvez adivinhar seus propósitos. Agora que a força da maré mágica passara ela podia, quem sabe, proteger-se dele.

- Agora o senhor precisa cantar para mim sua canção. - Ela sentou-se, sentindo todo o corpo estremecer, ao ouvir as cordas da harpa vibrarem ao toque de seus dedos.

Eu não posso suportar isso, não posso... Preciso agir desta vez, assim que a lua esteja negra. Sabia que, se houvesse outra dessas marés ela sucumbiria a enchente de fome e desejo que estava construindo entre eles... e jamais seria capaz de trai-lo... E eu jamais seria capaz de trai-lo... Eu seria dele para sempre, nesta vida e além...

Ela estendeu as mãos, tocou a protuberância retorcida que eram os ossos de seu pulso e o toque excitou-a com a ansiedade. Só não podia imaginar, pela súbita dilatação de suas pupilas, pelo suave inspirar de sua respiração, o que havia causado nele.

Traição, pensou, sob as inexoráveis leis da fatalidade, traição que seria punida milhares de vezes pela Deusa, na vida após a vida; traído e traidor seriam punidos e postos juntos para o amor e o ódio por milhares de anos. Mas fazia isso sob o comando da Deusa, fora enviada para punir o traidor por sua traição... seria ela então, punida por sua vez? Se assim fosse então não havia justiça no reino dos deuses...

Cristo falou a verdade, o arrependimento inocenta todo pecado. Mas o destino e as leis do universo não podem facilmente ser deixados de lado. As estrelas em seus cursos não paravam porque alguém gritava: Parem!

Bem, se assim fosse, talvez ela houvesse traído o Merlim como parte do que fora feito por um deles, antes que a velha terra sob as ondas tivesse afundado no mar. Era sua sina e ela não ousava questioná-la. Ele parara de tocar e fechara as mãos suavemente sobre as dela; como se estivesse em estado de torpor ela pousou os lábios sobre os dele. Agora, agora é muito tarde para voltar atrás.

Não. Fora muito tarde para voltar atrás, quando inclinou a cabeça e aceitara a tarefa que Morgana lhe destinara. Fora muito tarde para voltar atrás quando proferira o juramento para Avalon.

- Conte-me mais sobre o senhor - sussurrou - quero saber tudo sobre o senhor...

- Não me chame assim. Meu nome é Kevin.

- Kevin... - E sua voz soou suave e terna enquanto roçava novamente os dedos nos braços dele.

Dia após dia ela tecia seu encantamento, com toques, olhares e palavras sussurradas, a medida que a lua minguava para a escuridão. Depois daquele primeiro e rápido beijo, contraiu-se de novo, como se ele a tivesse assustado. É verdade. Mas é mais como se eu tivesse assustado a mim mesma... Nunca, nunca em todos os anos de reclusão imaginara ser capaz de tamanha paixão, tamanha fome e sabia que seus encantamentos estavam aumentando esses sentimentos tanto nela quanto nele. Em determinado momento, provocado além de sua resistência por seus leves toques, pelo suave roçar dos cabelos dela em sua face, quando ela se inclinava sobre ele, Kevin virou-se, abraçou-a e a pressionou contra si e ela lutou realmente, sem dissimulação, temendo este momento.

- Não... não, não posso... está se esquecendo da sua posição. Eu lhe peço, deixe-me ir - gritou e quando ele apenas a puxou para mais perto enterrando a face em seus seios e cobrindo-os com beijos ela começou a chorar mansamente. - Não, não, tenho medo, tenho medo.

Ele a soltou e afastou-se, quase que entorpecido, com a respiração acelerada e difícil. Sentou-se com os olhos fechados, as mãos retorcidas pendidas em abandono. Depois de um momento, murmurou:

- Minha bem-amada, meu precioso pássaro branco, meu coração... perdoe-me, perdoe-me...



Nimue percebeu que agora poderia usar até mesmo o seu verdadeiro medo para seus próprios fins. E disse lamentosamente :

- Eu confiei no senhor...

- Não devia - lamentou ele roucamente. - Eu não passo de um homem e certamente não menos do que um. - Ela encolheu-se de medo, com a amargura do que ele disse a seguir. - Sou um homem de carne e osso e a amo, Nimue e você brinca comigo como se eu fosse um cãozinho de estimação e espera que eu seja dócil como um potro castrado... Pensa que, por ser aleijado, sou menos do que um homem?

Na mente dele, Nimue podia ver, claro como num espelho, a memória de um tempo em que ele dissera isso a primeira mulher que veio ter com ele e viu Morgana refletida em seus olhos e em sua mente, não a Morgana que ela conheceu, porém uma mulher misteriosa e fascinante, de voz macia mas terrível também, adorada e temida, porque, através do torpor da paixão ele podia lembrar-se de que, de repente, o raio se abateria...

Nimue estendeu as mãos para ele e sabia que elas tremiam e que ele nunca saberia por quê. Ela guardou os pensamentos cuidadosamente e disse:

- Eu nunca pensei isso. Perdoe-me, Kevin. Eu... eu não pude evitá-lo...

E é tudo verdade, Deusa, é tudo verdade. Mas não como ele crê. O que digo não é o que ele ouve. E no entanto, além de toda a piedade e todo o desejo, havia um fio de desprezo também. De outra forma eu não poderia suportar isto, fazer o que estou fazendo... mas um homem tão indefeso diante do desejo é desprezível... Eu também tremo estou dilacerada... mas não ficarei a mercê da fome de meu corpo...

Fora por isso que Morgana lhe dera a chave daquele homem, pusera-o inteiramente em suas mãos. Agora era chegada a hora de pronunciar as palavras que consolidariam o encantamento e o fariam dela, corpo e alma, pois só assim o levaria a Avalon e a condenação estabelecida.

Finja! Finja ser uma daquelas virgens fúteis que Gwenthwyfar tem em torno de si, com a mente entre as pernas!

Ela disse, hesitante:

- Sinto muito... eu sei que você é um homem de fato... sinto muito se tive medo... - Levantou os olhos para ele, com o olhar fixo através dos longos cabelos, temendo que Kevin olhasse bem dentro de seus olhos e ela deixasse escapar toda a sua duplicidade.

- Eu sei... eu... sei eu queria que você me beijasse mas você foi tão impetuoso que me assustei. Este não é o momento nem o lugar; alguém pode nos surpreender, então a rainha se zangaria e sou uma de suas damas e ela nos avisou de que não devíamos nos envolver com homens...

Será ele tão tolo para acreditar-me quando digo essas tolices sem sentido?

- Minha pobre querida! - Kevin cobriu-lhe as mãos com beijos contritos. - Ah eu sou um animal ao assustar você, eu a amo tanto... eu a amo tanto que não posso suportar! Nimue, Nimue, tem tanto medo assim da ira da rainha? Eu não posso... - Parou e respirou de novo com dificuldade. - Eu não posso viver assim... quer que eu me vá da corte? Nunca, nunca eu... - Parou de novo e então, segurando as mãos dela entre as suas, afirmou: - Não posso viver sem você. Preciso tê-la ou morrerei. Não terá pena de mim, amor?

Ela baixou os olhos, com um longo suspiro, observando-lhe a face contorcida, a respiração lenta. Por fim, murmurou :

- O que posso dizer?

- Diga que me ama!

- Eu o amo - ela sabia que sua voz soava como a de uma mulher sob o encantamento. - Você sabe que o amo.

- Diga-me que me dará todo o seu amor, diga. Ah, Nimue, Nimue, você é tão jovem e bela e eu, tão torto e feio, não posso acreditar que se importe comigo, até mesmo agora, creio que estou sonhando, que você, por alguma razão, me provoca assim para que possa divertir-se com o vil animal a seus pés como um cão...

- Não - jurou ela e rapidamente, como se tivesse medo de sua própria ousadia, inclinou-se e depositou um breve beijo em seus olhos, duas andorinhas dardejantes que iam e vinham.

- Nimue, você virá para o meu leito?

Ela murmurou :

- Estou assustada... podemos ser vistos e não ousar ser ão arrojada... podemos ser descobertos. - Fez beicinho, de modo infantil. - Se formos surpreendidos, os homens acharão que você é mais viril por isso e ninguém o admoestará ou envergonhará mas eu sou uma donzela, eles me apontarão como uma meretriz ou até pior...- deixou lágrimas lhe correrem pelas faces mas interiormente era toda triunfo. Eu o tenho agora seguro em minha rede...

- Eu faria qualquer coisa, qualquer coisa para protegê-la, para tranquilizá-la... - prometeu Kevin, com a voz trêmula de sinceridade.

- Sei que os homens gostam de gabar suas conquistas de donzelas - tornou ela. - Como saberei que não se gabará por toda a Camelot de que tem os favores de uma das damas da rainha e que a deflorou?

- Confie em mim, peço-lhe, confie em mim... O que posso fazer, que prova posso dar-lhe da minha sinceridade? Você sabe que sou seu, de corpo, coração e alma...

Nimue encolerizou-se. Eu não quero sua maldita alma, pensou, quase chorando de tensão e medo. Ele a tomou entre os braços e sussurrou:

- Como? Quando será minha? O que posso fazer para provar que a amo acima de tudo?

Hesitante, Nimue disse:

- Não posso levá-lo para a minha cama. Durmo em um quarto com outras quatro damas da rainha e qualquer homem que ali entrasse seria preso pelos guardas...

Inclinando-se de novo para cobrir as mãos dela de beijos ele disse:

- Meu pobre amor eu nunca lhe causaria embaraços. Tenho um lugar meu... um aposento próprio para um cão, porque nenhum dos homens do rei deseja dividir o alojamento comigo. Não sei se você ousaria ir até lá...

- Com certeza deve haver um modo - murmurou ela, mantendo a voz suave e terna. Maldito seja, como posso sugerir isso sem deixar cair a máscara de estupidez e inocência virginais... ? - Não posso pensar em nenhum lugar entre os muros do castelo onde estaríamos seguros e, no entanto... - Kevin permaneceu sentado. Nimue levantou-se e pressionou o corpo contra o dele, roçando os seios em sua testa.

Ele lançou os braços a volta dela e enterrou o rosto em seu corpo, agitado.

Então, propôs:

- Nesta época, é fresco, agradável e não há muita chuva. Ousaria sair comigo, Nimue?

Tão inocentemente quanto possível ela murmurou:

- Eu ousaria qualquer coisa para estar com você, meu amor.

- Então... hoje a noite.

- Oh - sussurrou ela, retraindo-se -, a lua está tão brilhante, nós seríamos vistos... Espere alguns dias, então, a lua terá desaparecido...

- Quando a lua se tornar negra... - Kevin vacilou, e ela sabia que aquele era o momento perigoso, o momento em que o peixe tão cuidadosamente fisgado poderia

escapar do anzol, libertando-se então. Em Avalon, as sacerdotisas fechavam-se em reclusão na lua negra e toda a magia era suspensa... Mas ele não sabia que ela era de Avalon.

Quem venceria seu medo ou seu desejo? Ela estava estática, apenas seus dedos agitavam-se entre os dele.

- Essa é a época mais nefasta... - disse ele.

- Mas temo ser vista... Você não sabe quanto a rainha ficaria zangada comigo se soubesse que fui ousada a ponto de desejar você... - contou, aconchegando-se mais a ele. - Certamente, você e eu não precisamos da lua para nos vermos...

Ele apertou-a mais, com a face entre seus seios, cobrindo-os com beijos famintos. E então murmurou:

- Meu amor, seja como quiser, seja na lua negra ou na lua cheia...

- E você me levará de Camelot depois Não quero sofrer humilhações...

- Sim, para qualquer lugar. Juro... juro por Deus, se você quiser.

Inclinando a cabeça para mais perto dele, ela acariciou os cabelos encaracolados e murmurou:

- O deus cristão não gosta dos amantes e odeia quando as mulheres se deitam com homens... Jure pelo seu Deus, Kevin, jure pelas serpentes a volta de seus pulsos...

Ele sussurrou:

- Juro. - O significado do juramento pareceu agitar o ar em torno de ambos.

Oh, tolo, você jurou a sua morte... Nimue estremeceu mas Kevin, com a face ainda oculta em seus seios e o hálito umedecendo-lhe o vestido estava alheio a tudo exceto ao corpo junto a si. Como um amante prometido ele tomou o privilégio de tocar, beijar e afastar-lhe um pouco o vestido para ter seus seios entre as mãos.

- Não sei como suportarei esperar.

- Não, nem eu - acrescentou ela, de todo o coração. Quisera que isso já estivesse concluído...

A lua não estaria visível mas sua mudança ocorreria exatamente duas horas após o pôr-do-sol, dali a três dias; ela podia sentir o retraimento do astro como uma doença no sangue, retirando-lhe a vida das veias. A maior parte desses três dias ficou em seus aposentos, dizendo a rainha que estava doente e isso não estava longe da verdade. Uma grande parte do tempo passou com as mãos na harpa de Kevin, meditando, sentindo o éter a sua volta e o elo mágico entre eles.

Uma época de maus presságios e Kevin o sabia, assim como ela; mas ele também estava tão cego pela promessa do amor que recebera para importar-se com isso.

O dia em que a lua enegreceria amanheceu; Nimue sentiu-o no corpo. Preparou uma poção de ervas que impediria o sangramento da lua negra de continuar - ela não queria desgostá-lo com a visão de seu sangue, nem assustá-lo ao lembrar-lhe os tabus de Avalon. Ela devia afastar o pensamento das realidades físicas do ato; com todo o seu treinamento, sabia que, na verdade era a virgem nervosa que fingia ser. Bem, melhor assim, não precisaria fingir. Poderia simplesmente ser aquilo que era - uma mulher entregando-se pela primeira vez ao homem que amava e desejava. E o que aconteceria depois disso, seria o que a Deusa lhe tinha ordenado.

Ela mal sabia como fazer o dia passar. Nunca o tagarelar das damas de Gwenhwyfar tinha lhe parecido tão sem sentido, tão insípido. De tarde, não podia evitar o turbilhão da mente e então, trouxe a harpa que Kevin lhe dera e cantou e tocou para elas; mas não foi fácil, precisava evitar todas as canções de Avalon, que flutuavam em sua mente.

Mas até mesmo o mais longo dos dias caminha para o pôr-do-sol. Lavou-se e perfumou o corpo e sentou-se perto de Gwenhwyfar no salão, apenas beliscando a comida, nauseada e pálida, desgostosa da grosseria dos conselheiros a mesa. Avistou Kevin sentado entre os conselheiros do rei, perto do sacerdote do palácio que confessava algumas senhoras. Ele a vinha aborrecendo, perguntando por que não buscava seus conselhos espirituais; quando ela lhe respondeu que não precisava disso ele a olhou com censura e reprovação, como se ela fosse a pior das pecadoras. Kevin. Quase podia sentir-lhe as mãos ansiosas nos seios e parecia que o olhar que ele lhe enviava podia ser ouvido.

- Hoje a noite, meu amor. Hoje a noite.

- Ah, Deusa, como posso fazer isso ao homem que me ama, que pôs toda a alma em minhas mãos?. . Jurei. Preciso manter meu juramento ou serei tão traidora quanto ele.

Quando se encontraram por um momento no vestíbulo do andar inferior, no momento em que as damas da rainha se recolhiam a seus aposentos ele lhe disse rápido em voz baixa :

- Ocultei nossos cavalos na floresta, além do portão. Depois - sua voz tremeu -, depois eu a levarei aonde quiser, senhora.

Você não sabe aonde o levarei. Mas era muito tarde para voltar atrás. Em meio as lágrimas, que não conseguia controlar ela disse:

- Ah, Kevin eu... eu o amo. - Ela sabia que era verdade. Enredara-se tão profundamente no coração dele que não sabia, não podia nem sequer imaginar como poderia suportar separar-se dele. Parecia-lhe que todo o ar da noite vibrava com a magia e que os outros deviam sentir de alguma forma esse tremor no ar e a escuridão que pairava a sua volta.

Ela precisava deixá-los pensar que novamente tinha partido em alguma missão no exterior. As damas que compartilhavam os aposentos com ela contou que prometera a esposa de um dos camareiros um remédio para dor de dente e que demoraria a voltar. Então, tomando seu manto mais escuro e pesado, prendendo o punhal de sua iniciação a cintura, sob as roupas, saiu sorrateiramente. Após um momento, ao passar por um canto escuro, tirou o pequeno punhal, guardando-o numa bolsinha presa a cintura - o que quer que ocorresse, Kevin não devia vê-lo.

Seu coração se partiria se eu faltasse a esse encontro, pensou; ele não sabia quão afortunado seria...

Escuridão. Não havia nem sequer sombras no pátio sem lua. Ela estremeceu escolhendo os passos cuidadosamente, sob a luz das estrelas. Após um momento, penetrou numa escuridão mais profunda e ouviu a voz dele, num murmúrio touco:

- Nimue?

- Sou eu, meu amor.

O que é mais falso, quebrar um juramento a Avalon, ou lançá-lo sobre Kevin ? Ambos são falsos... Uma mentira é alguma vez correta?

Ele tomou-lhe o braço e o toque de suas mãos fez com que seu próprio sangue se aquecesse. Estavam ambos profundamente envolvidos agora pela magia do momento. Ele a levou para fora dos portões, descendo a ladeira íngreme onde estava o antigo forte de Camelot, acima das montanhas circundantes. No inverno, ali corria um rio e a região era alagadiça; estava seco então espesso com o fértil crescimento das terras úmidas. Ele levou-a para um bosque.

Ah, Deusa eu sempre soube que entregaria a virgindade em um bosque... Mas não sabia que seria com toda, feitiçaria da lua negra...

Ele puxou-a para perto e beijou-a. Todo o seu corpo parecia estar queimando. Deitou-a sobre o manto que estendera sobre a grama. As mãos retorcidas tremiam tanto nos fechos de seu vestido que ela mesma teve de afrouxá-los. Num fio de voz ele disse:

- Fico contente de que esteja escuro... que meu corpo desafortunado não vá aterrorizá-la. .

- Nada em você me pode aterrorizar, amor - sussurrou Nimue e estendeu-lhe as mãos. Naquele momento, estava sendo sincera, arrebatada pelo encantamento que a havia envolvido também, sabendo que aquele homem, de corpo, coração e alma estava em suas mãos. Entretanto, apesar de toda a magia ela era inexperiente e encolheu-se com medo real, o toque de sua rígida masculinidade. Ele beijou-a, confortou-a e acariciou-a e ela sentiu-se queimar pelo lento fluxo, a espessa escuridão da hora da magia. No exato momento em que a lua definhava ela puxou-o para si, sabendo que, se demorasse até que a lua nova surgisse no céu, perderia muitos dos seus poderes.

Ele murmurou, sentindo-a tremer:

- Nimue, Nimue... meu amor... você é uma donzela... Se quiser, podemos dar prazer um ao outro e eu não lhe tirarei a virgindade...

Alguma coisa nessas palavras provocou-lhe o desejo de chorar... que ele enlouquecido pelo desejo, aquela coisa forte que se insinuava entre eles, ainda pudesse ter tanta consideração por ela... Mas gritou:

- Não! Não! Eu o quero. - Puxou-o selvagememente, guiando para dentro de si com as mãos, quase que bendizendo a súbita dor; a dor, o sangue, o perfurar de seu desejo frenético, acordou nela algo como que um frenesi e ela agarrou-se a ele, ofegante encorajando-o com seus gritos selvagens. E então, no último momento, afastou-o, enquanto ele ofegava e suplicava, e sussurrou :

- Jure ! Você é meu?

- Juro! Ah, não posso suportar... Não posso, deixe-me...

- Espere! Jure! Você é meu! Diga!

- Juro, juro pela minha alma...

- Ainda uma terceira vez... Você é meu...

- Eu sou seu! Juro! - Ela sentiu seu súbito espasmo de medo, sabendo o que tinha acontecido mas então ele estava preso ao seu próprio frenesi, movendo-se dentro dela com desespero, arfando, ofegando, gritando como se estivesse em insuportável agonia e ela sentiu o mágico encantamento descer sobre si no exato momento quando ele gritou e caiu pesadamente sobre seu corpo inerte; e ela sentiu o jato de sua semente dentro de si. Ele estava parado como a morte e ela tremia, sentindo sua respiração carregada como que por exaustão não houve nada naquele prazer que ela ouvira falar mas havia algo maior que o prazer... um enorme triunfo. Porque o encantamento era pesado em torno deles e ela era dona do seu espírito, sua alma, sua essência. Sentiu nas mãos o esperma que se misturara com o sangue de sua virgindade, no exato momento da mudança da lua. Tomou a mistura nos dedos e mareou as sobancelhas dele e a este toque o encantamento o atingiu e ele se sentou, frouxo e sem vida.

- Kevin - ordenou ela -, suba em seu cavalo e ande.

Ele levantou-se vagarosamente, virou-se na direção do cavalo e ela sabia que, com este encantamento, devia ser precisa.

- Vista-se primeiro - continuou e mecanicamente ele vestiu a túnica, amarrando-a a cintura. Movia-se rigidamente e, sob a luz das estrelas ela viu o brilho de seus olhos; ele sabia então, sob o efeito da magia, que ela o traíra. Sua garganta apertou-se com agonia e selvagem ternura; ela poderia puxá-lo para junto de si de novo, desfazer o

encantamento e cobrir seu rosto alquebrado com beijos e chorar, chorar a traição do seu amor. Mas eu também estou jurada e é o destino.

Ela cobriu-se com as vestes, pegou seu cavalo e eles partiram silenciosamente, tomando a estrada para Avalon. Ao nascer do dia, Morgana teria um, barco esperando por eles na praia.

Algumas horas antes do alvorecer, Morgana acordou de um sono inquieto, sentindo que o trabalho de Nimue tinha sido realizado. Vestiu-se silenciosamente, acordando Niniane e as sacerdotisas assistentes, que a seguiram até a praia, envoltas em mantos escuros e túnicas de pele de veado malhado. Tinham o cabelo atado em uma única trança, que lhes caía as costas e levavam uma foice com cabo negro amarrada a cintura. Elas esperaram, silenciosamente. Niniane e Morgana estavam à frente. Logo que o céu começou a tingir-se de rosa com as primeiras luzes, Morgana moveu-se para a barca a fim de soltá-la e observou-a desaparecer na bruma. Elas esperaram. A luz aumentava e, quando o sol surgiu, o barco voltou a aparecer em meio a bruma. Morgana podia ver Nimue em pé, na proa do barco, com o manto puxado sobre a cabeça, alta e ereta; mas a face estava escondida na escuridão do manto. Havia um grande volume no fundo do barco.

O que ela fez? Estará ele morto ou enfeitiçado? Morgana surpreendeu-se desejando que ele estivesse mesmo morto, que se tivesse matado de desespero ou terror. Duas vezes, enfurecera-se contra esse homem e o chamara de traidor de Avalon e na terceira vez ele realmente fora um traidor, sem dúvida, levando as Sagradas Insígnias para longe de seu esconderijo. Ah, sim ele merecia a morte, até mesmo morte que teria nessa manhã. Ela falara com os druidas e eles tinham concordado, unanimemente, que ele deveria morrer no bosque de carvalhos e que não deveria ter a suave morte da misericórdia. Traição de tal sorte não era conhecida em toda a Bretanha desde os dias de Eilan, que secretamente se casara com o procônsul e revelara falsos oráculos para impedir a rebelião das Tribos contra os romanos. Eilan morreria na fogueira e três de suas sacerdotisas com ela. O feito de Kevin não era apenas traição era blasfêmia, tal como quando Eilan interferira na voz da Deusa. E precisava ser punido.

Dois dos tripulantes da balsa ajudaram o Merlim a ficar de pé. Ele estava meio vestido, com a túnica frouxamente atada a sua volta, mal escondendo a nudez. Os cabelos estavam desgrenhados, as faces, inexpressivas... drogado ou encantado? Ele tentou andar mas, sem suas muletas, cambaleou e procurou apoio no lugar mais próximo. Nimue, de pé, estava paralisada, sem olhar para ele, com a face ainda escondida pelo manto mas, aos primeiros raios de sol ela puxou o capuz para trás e nesse momento, tocado pela primeira luz do sol, o encantamento desapareceu das faces de Kevin e Morgana viu, surpresa, a compreensão aparecer em seus olhos; ele sabia onde estava e o que tinha acontecido.

Morgana viu-o olhar para Nimue, piscando a vista da Barca de Avalon. E então, de uma só vez, o total conhecimento de sua traição apareceu em sua face e ele baixou a cabeça, chocado e envergonhado. Então agora ele sabe não só o que é trair mas o que é ser traído.

Mas depois ela olhou para Nimue. A moça estava pálida, lívida, com os longos cabelos desarrumados embora tivesse tentado prendê-los impacientemente. Nimue olhava para Kevin e os lábios tremiam quando desviou os olhos dele.

Ela amou-o também; o encantamento recaiu sobre ela. Eu deveria ter sabido, pensou Morgana, que um encantamento tão poderoso recairia sobre o encantador.

Mas Nimue inclinou-se para ela como mandavam os costumes de Avalon.

- Senhora e Mãe - disse, com voz inexpressiva -, trouxe o homem que traiu as Sagradas Insígnias.

Morgana dirigiu-se para a moça e abraçou-a mas ela esquivou-se do abraço. Morgana saudou-a:

- Bem-vinda de volta a nós, Nimue, sacerdotisa e irmã. - Beijou-lhe as faces úmidas. Ela podia sentir o sofrimento de Nimue através de todo o seu corpo. Ah, Deusa, isto a destruiu também? Se assim foi, compramos a vida de Kevin por um preço muito alto.

- Vá agora, Nimue - acrescentou com compaixão. - Deixe que elas a levem de volta a Casa das Moças, seu trabalho já está feito. Você não precisa testemunhar o que acontecerá após isso; já fez a sua parte e já sofreu bastante.

- O que será de... dele? - sussurrou Nimue.

- Criança, criança, isso não lhe diz respeito. Já fez sua parte com força e coragem, é o quanto basta - disse Morgana e apertou-a contra si.

Nimue prendeu a respiração como se fosse chorar mas não o fez. Olhou para Kevin mas ele não respondeu ao olhar e enfim, tremendo tanto que mal podia caminhar, deixou-se levar por duas sacerdotisas. Morgana disse-lhes em voz baixa:

- Não a atormentem com perguntas. O que está feito está feito. Deixem-na em paz.

Quando Nimue se foi, Morgana voltou-se para Kevin. Seus olhos se encontraram e a dor a assaltou. Este homem tinha sido não só seu amante mas também o único homem que nunca tentou enredá-la em qualquer manobra política, nunca tentou usar seu nascimento ou alta posição, jamais he pediu nada, a não ser amor. Ele a trouxera de volta do inferno em Tintagel ele viera para ela como Deus, havia sido, talvez, seu único amigo, homem ou mulher em toda a sua vida.

Ela forçou as palavras através da garganta com uma tremenda dor.

- Bem, Harpista Kevin, falso Merlim, Mensageiro renegado, tem algo a dizer para Ela antes que encontre seu julgamento.

Kevin meneou a cabeça.

- Nada que considere importante, Senhora do Lago.

Ela lembrou-se, através de uma névoa de dor, de que ele havia sido o primeiro a dar-lhe este título.

- Sendo assim - e sentiu o rosto rígido como pedra - levem-no para o julgamento.

Ele deu um passo vacilante entre seus captores e depois se virou e a encarou, com a cabeça jogada para trás em desafio.

- Não espere, lembrei que tenho algo a dizer, afinal, Morgana de Avalon. Eu lhe disse uma vez que minha vida era algo pequeno para penhorar a Deusa e quero que saiba que foi por Ela que eu fiz isto.

- Está dizendo que pela Deusa você traiu as Sagradas Insígnias e as entregou nas mãos dos padres? - perguntou Niniane e sua voz era cortante com o desprezo nela contido.

- Então, é louco, além de renegado! Levem o traidor! - disse ela mas Morgana ordenou que esperassem.

- Deixem-no falar.

- E assim é - começou Kevin. - Senhora eu lhe disse isto antes: os dias de Avalon acabaram-se. O Nazareno triunfou e precisamos nos perder mais e mais nas brumas, até que não sejamos mais do que uma lenda, um sonho. Levaria então, as Sagradas Insígnias consigo para a escuridão, preservando-as cuidadosamente do raiar de um novo dia que agora não vir jamais? Ainda que Avalon pereça, senti que era justo que as

coisas sagradas fossem passadas adiante para o mundo, a serviço do Divino, por qualquer que seja o nome que Deus ou os deuses sejam chamados. E por causa do que fiz, a Deusa manifestou-se, pelo menos uma vez, para além do mundo, de um modo que jamais será esquecido. A passagem do Graal será lembrada, minha Morgana, quando você e eu formos apenas lendas contadas ao pé do fogo ou histórias para crianças. Não considero isso um desperdício e você também não devia considerá-lo, você que segurou o cálice como sacerdotisa. Agora faça comigo o que quiser.

Morgana baixou a cabeça. A lembrança daquele momento de êxtase e revelação, quando ela havia segurado o Graal na forma da Deusa, ficaria com ela até a morte; e a vida daqueles que haviam experimentado a Visão, o que quer que tenham visto, jamais seria a mesma. Mas, agora, precisava enfrentar Kevin na pessoa da Deusa vingadora, a coroa da Morte, a leitoa voraz que devorará sua própria juventude, o Grande Corvo, a Destruidora...

Todavia ele tinha dado a Deusa este tanto. Ela estendeu as mãos para ele... e parou, porque em suas mãos ela viu de novo o que já vira uma vez antes, o esqueleto sob a pele dos dedos ... agora ele está as portas da morte ele vê sua própria arte e eu a vejo também... todavia ele não deve sofrer ou ser torturado. Ele disse a verdade; fez o que a Deusa lhe ordenou e agora precisa proceder do mesmo modo... Esperou até que sua voz estivesse firme para falar. Ouvia uma leve trovoadas a distância e disse enfim:

- A Deusa é piedosa. Levem-no para o bosque de carvalhos, como é ordenado mas, lá chegando, matem-no com um único golpe. Enterrem-no sob o grande carvalho e deixem que daqui por diante ele seja evitado agora e para sempre por todos os homens. Kevin, o último dos Mensageiros da Deusa eu o condeno a tudo esquecer, a renascer sem sacerdócio ou iluminação. Que tudo o que tiver feito em suas vidas passadas seja apagado e a sua alma volte a ser a daqueles que só viveram uma vez. Uma centena de vidas você voltará, Harpista Kevin, sempre buscando a Deusa e nunca a encontrando. No entanto, no final, Kevin, outrora Merlim eu lhe digo: se Ela o quiser esteja bem certo de que Ela o encontrará outra vez.

Kevin olhou direto para ela. Sorriu, aquele sorriso curioso e suave e sussurrou:

- Adeus então, Senhora do Lago. Diga a Nimue que eu a amei... ou talvez eu mesmo lhe diga. Porque acredito que levará muito tempo até que você e eu nos encontremos outra vez, Morgana. - E de novo um suave trovão pontuou suas palavras.

Morgana estremeceu enquanto ele coxeava sem olhar para trás, seguro pelos braços de seus captores. Por que me sinto tão envergonhada? Fui misericordiosa; poderia tê-lo feito torturar. Eles também me chamarão de fraca, traidora, porque não fiz com que o levassem até o bosque de carvalhos e o torturassem até que seus gritos e súplicas de morte fizessem com que as árvores se encolhessem com esse som... Serei fraca, por não haver torturado o homem que um dia amei? Sua morte foi tão fácil que a Deusa buscará a vingança contra mim? Então que seja assim, ainda que eu precise encontrar a morte eu não poderia entregá-lo.

Ela sobressaltou-se, olhando as nuvens cinzentas da tempestade no céu. Kevin sofreu toda a sua vida. Eu não acrescentarei nada, além da morte, ao seu destino. Um relâmpago brilhou no céu e, com um estremecimento - ou era apenas o vento frio que vinha com a tempestade? -, pensou: Assim se foi o último dos grandes Merlins, na tempestade que cai agora sobre Avalon.

Ela fez um gesto para Niniane.

- Vá. Faça com que minha sentença seja cumprida ao pé da letra, que eles o matem com um único golpe e não deixem seu corpo sobre a terra nem uma hora sequer. -



Viu a mulher mais jovem pousar o olhar sobre sua face; era sabido por todos então, que eles um dia haviam sido amantes?

Mas Niniane apenas perguntou:

- E você?

- Eu irei ter com Nimue. Ela precisará de mim.

Mas Nimue não estava em seu quarto na Casa das Moças nem em lugar algum da casa, nem, quando Morgana atravessou rapidamente os pátios varridos pela chuva, na casa de reclusão onde morara com Raven. Não estava em lugar algum do templo e uma das sacerdotisas assistentes disse a Morgana que Nimue recusara comida, vinho ou até mesmo banho. Morgana, com uma terrível apreensão que crescia dentro de si a cada relâmpago enquanto a tempestade aumentava e se enfurecia, chamou todos os criados do templo para procurá-la; mas antes que eles o fizessem, Niniane entrou, pálida, seguida pelo homem que executara Kevin, como fora decretado.

- O que é? - perguntou Morgana com frieza.- Por que minha sentença não foi executada?

- Ele foi morto com um só golpe, Senhora do Lago - contou Niniane. - Mas, no exato momento do golpe sobreveio um raio do céu e abateu-se sobre o grande carvalho, partindo-o em dois. Há uma grande fenda no carvalho sagrado, do céu a terra...

Morgana sentiu uma garra de aço comprimir-lhe a garganta. Não há nada de tão estranho; com a tempestade advém o raio e o raio sempre se abate sobre os pontos mais altos. Mas o fato de ter acontecido na mesma hora em que Kevin profetizou o fim de Avalon...

Estremeceu de novo encolhendo-se sob o manto, pois aqueles que a olhavam não a veriam tremer. Como poderia modificar essa profecia, pois era, certamente, uma profecia, para impedir a destruição de Avalon?

- Deus preparou um lugar para o traidor. Enterrem-no, então, dentro da fenda do carvalho...

Eles curvaram-se em aquiescência e saíram através do trovão e do tamborilar da chuva. Morgana, perturbada, percebeu que havia esquecido Nimue. Mas uma voz dentro dela dizia: Agora é muito tarde.

Encontraram-na quando a tarde já ia alta, assim que o sol surgiu após a tempestade, flutuando entre os juncos do lago. Os longos cabelos estavam espalhados pela superfície como plantas aquáticas e Morgana, paralisada pela dor, não podia deixar de lamentar que Kevin não tivesse partido só para as sombrias terras além da morte.

Não procurava olhar o espelho mágico, mas freqüentemente, quando a lua estava negra, ela ia beber no riacho e olhar suas águas. Contudo, tinha apenas visões tantalizantes: os Cavaleiros da Távola Redonda vagavam desorientados, seguindo sonhos, vislumbres e a Visão, sem terem encontrado o verdadeiro Graal. Alguns haviam esquecido a isca e cavalgavam atrás de aventuras; outros encontravam algo além da aventura com que não podiam lidar, e morriam; outros ainda realizavam boas ações, outros, más. Um ou dois, em agudos vislumbres de fé sonhavam com os seus próprios Graals, e assim morriam. Muitos, seguindo a mensagem de suas próprias visões, partiam em peregrinação à Terra Santa; e outros, seguindo uma aragem que soprava de outro mundo, retiravam-se, naqueles dias, para a solitária vida de ermitãos, buscando, em cavernas nuas e abrigos, silêncio e penitência - mas que visões haviam tido, se do Graal ou de alguma outra coisa, Morgana não sabia, nem se importava.

Morgana ficou convencida, nos dias desolados que se seguiram à morte de Kevin, de que a Deusa realmente tinha decidido destruir os Cavaleiros da Távola Redonda. Mas por que havia sido seu desejo destruir Avalon também?

Eu estou envelhecendo. Raven está morta. Nimue, que devia ser a Senhora depois de mim, também está morta. E a Deusa não indicou nenhuma outra para ser profetisa. Kevin repousa no carvalho. O que será de Avalon agora? Parecia que o mundo estava mudando, que, além das brumas, ele movia-se num passo sempre acelerado. Ninguém, a não ser ela e uma ou duas das antigas sacerdotisas, podia abrir caminho através das brumas e havia poucos motivos para se tentar fazê-lo. E houve momentos em que ela acordava no exterior e não podia ver o sol nem a lua e então sabia que tinha se desviado para fora do país das fadas; mas ela notava olhares cada vez mais raros do povo encantado entre as árvores e tampouco encontrara a rainha outra vez.

Uma ou duas vezes, via rostos que conhecia: Mordred em Camelot, ao lado de Arthur, Galahad, em busca do Graal. Entretanto, mais tarde, deixou de vê-lo, e imaginou se a procura o levaria à morte. E uma vez ela viu Lancelote, seminu, coberto de peles de animais, cabelos longos e desgrenhados, sem armadura ou espada, correndo na floresta, com o brilho da loucura nos olhos; bem ela havia adivinhado que aquela busca devia levá-lo apenas à loucura e ao desespero. Ela ainda procurou mais uma vez no espelho, de lua a lua, mas por um longo tempo não obteve sucesso. Depois viu-o dormindo, abandonado e nu, sobre a palha em algum lugar e paredes da prisão ou calabouço levantavam-se em torno dele... e então não o viu mais.

Ah, deuses, será que ele também se foi... como muitos dos homens de Arthur? Na verdade, o Graal não foi uma bênção para a corte e sim, mais uma maldição... Maldito seja também o traidor que o profanou. Agora Ele se foi para sempre de Avalon.

Ela imaginava que a Deusa a abandonara, uma vez que algumas damas da Casa das Moças voltaram para o mundo e outras se perderam no país das fadas e jamais voltaram. A Deusa aproximou-se, pela última vez, do mundo quando carregou o Graal do salão de Arthur em Camelot, pensou, e então, confusa, ela se perguntou se a Deusa realmente carregara o Graal ou se não fora prestidigitação dela e de Raven. Eu chamei pela Deusa e a encontrei em mim mesma. E Morgana sabia que nunca mais teria a possibilidade de procurar além de si mesma conforto ou conselhos, ela só poderia encontrá-los dentro de si. Nenhuma sacerdotisa, nenhuma profetisa, druida ou conselheiro, nenhuma Deusa para quem se voltar; ninguém, a não ser o ente desorientado que era ela própria. De vez em quando, como o hábito de toda uma vida a dominasse, ela procurava evocar a imagem da Deusa para guiá-la, e não via nada, ou via às vezes a face de Ygraine - não a velha mulher, viúva de Uther, dominada pelos padres, mas a jovem e bela mãe que pela primeira vez depositara sobre ela a carga de cuidar de Arthur e a entregara nas mãos de Viviane. E às vezes ela via o rosto de Viviane, que a mandara para a cama do Galhudo, ou o de Raven, que tinha estado ao seu lado durante aquele grande momento de invocação. Elas são a Deusa. E eu sou a Deusa. E não existe outra.

Por um longo tempo, Morgana acreditou que o Graal tinha sido levado pela Deusa para a terra dos deuses, assim sendo, a humanidade jamais o profanaria outra vez e ela alegrou-se que assim fosse, pois havia sido profanado com o vinho dos cristãos que era, de alguma forma, sangue e vinho e ela não sabia como purificá-lo.

Rumores chegavam do mundo exterior até Morgana através de alguma irmandade de padres que viera a Avalon naqueles dias: cristãos, alguns deles, os antigos que haviam outrora cultuado ao lado dos druidas, na firme crença de que seu Cristo vivera ali em Avalon e a sabedoria Lhe tinha sido transmitida. Agora, refugiando-se da submissão

forçada dessa nova raça de cristãos que varriam qualquer culto a não ser o seu eles vieram para Avalon e deles Morgana ouviu algo sobre o Graal.

Os padres diziam então, que era a verdadeira taça em que Cristo bebera na última ceia que fora levada para o céu e que jamais seria vista novamente pelo mundo. No entanto, também havia rumores de que se encontrava em outra ilha, Ynis Witrin, brilhando nas profundezas de seu poço, aquele poço que em Avalon, era o espelho sagrado da Deusa; e, portanto, os sacerdotes de Ynis Witrin começaram a chamá-lo de Poço do Cálice.

E quando os antigos sacerdotes moraram por um tempo em Avalon, Morgana começou a ouvir rumores de que, as vezes, o Graal era visto por eles. Tem que ser como a Deusa deseja. Eles não o profanarão. Mas ela não sabia se de fato isso ocorrera na antiga igreja da irmandade cristã... construída no lugar exato do templo na outra ilha; assim eles diziam que, quando as brumas se dissipassem, a antiga irmandade de Avalon poderia ouvir os monges no templo de Ynis Witrin. Morgana lembrou-se do dia em que as brumas se dissiparam para deixar Gwenhwyfar passar até Avalon.

O tempo corria estranhamente na Ilha Sagrada. Morgana não sabia se aqueles doze meses e um dia a que os Cavaleiros se consagraram haviam passado ou não e algumas vezes pensava que de fato haviam decorrido anos no mundo exterior. .

Pensou muito nas palavras de Kevin: ... as brumas estão se fechando sobre Avalon.

E então, um dia ela foi chamada as praias do lago mas não precisou de nenhuma Visão para saber quem estava na balsa. Avalon tinha sido outrora seu lar também. Os cabelos de Lancelote estavam agora embranquecidos e a face, magra e conturbada mas quando ele saltou do barco, a vista da sombra do andar gracioso ela se adiantou-se e tomou-lhe as mãos e não notou em suas faces nenhum sinal de loucura.

Ele a fitou nos olhos e subitamente lhe pareceu que ela era Morgana dos velhos tempos, quando Avalon era um templo vivo de sacerdotisas e druidas e não uma terra solitária, perdida nas brumas com uma pequena quantidade de sacerdotisas envelhecidas, alguns velhos druidas e uma porção de velhos cristãos meio esquecidos.

- Como pode ser que esteja tão intocada pelo tempo, Morgana? - perguntou-lhe Lancelote. - Tudo me parece mudado, até mesmo aqui em Avalon... Olhe, até as pedras estão ocultas nas brumas!

- Ora elas ainda estão lá embora alguns de nós pudessem se perder se as procurássemos agora. Com uma dor no coração, lhe adveio a lembrança de um dia... ah, ah uma vida atrás!. . em que ela e Lancelote se haviam deitado a sombra das pedras. - Creio que, talvez, um dia eles se perderão de todo nas brumas e assim jamais serão destruídas por mãos humanas ou pelos ventos do tempo. Não há ninguém para nelas cultuar agora... nem mesmo as fogueiras de Beltane são mais acesas em Avalon embora eu tenha ouvido que os velhos ritos ainda são mantidos nas costas selvagens de Gales do Norte e na Cornualha. O povo não os deixará morrer enquanto um deles ainda sobreviver. Estou surpresa de que tenha vindo até aqui, Cavaleiro.

Ele sorriu e Morgana pôde então ver-lhe os traços de dor e sofrimento - sim, até de loucura - em torno dos olhos.

- Ora eu mal sabia que era para cá que me dirigia, prima. Minha memória me prega peças, agora. Estive louco, Morgana. Pus de lado minha espada e vivi como um animal nas florestas e então houve uma época, não sei por quanto tempo em que estive confinado num estranho calabouço.

- Eu vi isso e não sabia o que significava.

- Nem eu, tampouco. Lembro-me muito vagamente desse tempo... é uma bênção de Deus, acho, que não possa me lembrar do que quer que tenha feito. Penso que

não foi a primeira vez; houve épocas durante aqueles anos com Elaine em que eu mal sabia o que fazia...

- Mas você está bem agora. Venha tomar o café da manhã comigo, primo... É muito cedo para qualquer outra coisa, para qualquer coisa que o tenha trazido até aqui.

Ele seguiu-a e Morgana levou-o a seus aposentos; exceto pelas suas sacerdotisas assistentes ele era a primeira pessoa que ali entrava há muitos anos. Havia peixe do lago naquela manhã e ela o serviu pessoalmente.

- Ah, isto está bom - disse ele e comeu de tudo com avidez.

Ela imaginou há quanto tempo ele não se lembrava de comer. Os cabelos cacheados, meticulosamente penteados, como sempre estavam embranquecidos então e grandes faixas brancas apareciam na barba, bem aparada. O manto embora enxovalhado e desgastado pela viagem estava perfeitamente escovado e limpo. Ele viu o olhar de Morgana pousar no manto e riu um pouco.

- Nos velhos tempos eu não usaria este manto nem para cobrir a sela. Perdi manto espada e armadura, não sei onde... pode ser que eu tenha sido roubado em alguma desafortunada aventura ou os tenha jogado fora durante minha loucura. Sei apenas que, um dia, ouvi alguém chamar meu nome e era um dos Cavaleiros... Lamorak, talvez embora isso ainda esteja muito enevoado em minha mente. Eu estava fraco demais para viajar mas ainda que ele tenha partido no dia seguinte, comecei a lembrar-me de quem eu era e eles me deram uma veste e deixaram-me sentar a mesa para comer com minha faca em vez de me atirarem os restos em uma telha de madeira... - Seu riso era trêmulo, nervoso. - Até mesmo quando eu não sabia que era Lancelote, ainda tinha minha maldita força e creio que lhes causei alguns danos.

Acho que perdi a melhor parte de um ano de minha vida... Só me lembro de pequenas coisas e o principal pensamento em minha mente era não deixá-los saber nunca que eu era Lancelote, caso contrário isso levaria a vergonha para os Cavaleiros e para Arthur... - Ficou silencioso e Morgana adivinhou seu tormento pelo que ele não disse: - Bem, lentamente me fortaleci o bastante para viajar e Lamorak havia deixado dinheiro para um cavalo e mantimentos para mim. Mas a maior parte desses anos é escuridão.

Ele pegou as sobras de pão do prato e resolutamente limpou os restos de peixe. Morgana perguntou-lhe:

- O que aconteceu com a busca?

- O que aconteceu de fato? Ouvi alguma coisa a esse respeito, aqui e ali, a medida que cavalgava pelas terras. Gawaine foi o primeiro a voltar a Camelot.

Morgana sorriu, quase a contragosto:

- Ele sempre foi volúvel para com tudo e para com todos.

- Exceto para com Arthur. Ele é mais leal a Arthur do que qualquer de seus cães! E encontrei-me com Gareth, quando vinha para cá.

Morgana sorriu :

- Querido Gareth, o melhor dos filhos de Morgause. O que lhe disse ele?

- Disse que tinha tido uma visão - disse Lancelote lentamente - que o obrigava a voltar a corte e cumprir sua missão junto a seu rei e suas terras e não demorar-se, a vagar ociosamente e procurar coisas sagradas. Falou por um longo tempo comigo, implorando-me que abandonasse a busca do Graal e voltasse com ele a Camelot.

- Estou surpresa de que não o tenha feito!

Ele sorriu.

- Eu também me surpreendi, companheira. E prometi que voltaria assim que pudesse. - De repente, sua face ficou séria. - Gareth me contou que Mordred está sempre perto de Arthur agora. E quando eu não quis voltar com ele para a corte, disse-me que o que

eu poderia fazer de melhor por Arthur seria encontrar Galahad e fazê-lo voltar de uma vez para Camelot, pois não confiava em Mordred e em sua influência sobre Arthur... Sinto muito falar mal de seu filho... Morgana.

- Ele falou, certa vez, que Galahad não viveria para reinar. . entretanto, jurou-me e este juramento ele não ousaria quebrar, que nada teria a ver com essa morte.

Lancelote parecia confuso.

- Tenho visto muitas desventuras que sobrevieram dessa malfadada busca. Deus permita que eu encontre Galahad antes que ele caia presa de uma delas! - Um silêncio caiu entre os dois enquanto Morgana pensava: Eu sabia disso no meu coração... essa foi a razão pela qual Mordred recusou-se a partir na busca. Percebeu, de repente, que cessara de acreditar que seu filho Gwydion... Mordred... seria rei de Avalon. E perguntou-se quando havia começado a aceitar isso no coração. Talvez tenha sido quando Acolon morreu e a Deusa nada fizera para proteger seu escolhido. E Galahad será rei e será um rei cristão. E isso pode bem significar que ele matará Gwydion. O que será do Gamo-Rei, quando o jovem gamo for adulto? Mas se o tempo de Avalon tinha passado, talvez Galahad tomasse seu trono em paz, sem necessidade de matar seu rival.

Lancelote depôs o resto de um pedaço de pão e mel e olhou além dela para o canto da sala.

- Aquela é a harpa de Viviane?

- Sim, deixei a minha em Tintagel. Mas suponho que seja sua por direito de herança, se a quiser.

- Eu não toco mais, nem desejo voltar a fazer música, Morgana. Por direito é sua, como são todas as outras coisas que pertenceram a minha mãe.

Morgana lembrou-se de palavras que lhe tinham cortado o coração - de novo, há uma vida!. . Eu gostaria que você não se parecesse tanto com minha mãe, Morgana! Agora a lembrança não guardava em si nenhuma dor e sim calor. Viviane não tinha partido de todo deste mundo, se algo sobrevivera dela. Ele disse, hesitante:

- Há poucos de nós agora... há tão poucos que se lembram dos velhos tempos em Caerleon... até mesmo em Camelot...

- Arthur lá está e Gawaine e Gareth e Cai e muitos outros, meu caro. E não há dúvida de que se perguntam todo dia: Onde está Lancelote? Por que está aqui e não lá?

- Eu lhe contei que minha mente me prega peças... eu mal sabia que vinha para cá. No entanto, cá estou. Soube que Nimue estava aqui... - E ela lembrou : contara-lhe isso, uma vez, quando ele pensava que sua filha estava no convento em que Gwenhwyfar já estivera. - E o que sucedeu com ela... está bem? Obteve sucesso entre as sacerdotisas?

- Sinto muito. Parece que nada tenho a não ser más notícias para dar-lhe... Nimue morreu há um ano.

Ela não contaria nada além disso. Lancelote ignorava a traição do Merlim ou a última visita de Nimue a corte. Só poderia entristecê-lo saber do resto. Ele nada perguntou, apenas suspirou pesadamente e fixou o chão. Enfim, disse, sem levantar pôs olhos:

- E o bebê... a pequena Gwenhwyfar... está casada, na Bretanha Menor e esta busca engoliu Galahad. Jamais conheci qualquer de meus filhos... Nunca tentei conhecê-los... Parecia que eles eram tudo o que eu podia dar a Elaine e por isso deixei-os quase totalmente para ela, até mesmo o garoto. Cavalguei por um tempo com Galahad, assim que ele partiu de Camelot e aprendi mais com ele em dez dias e dez noites, quando cavalgamos juntos, do que nos seus dezesseis anos de vida. Creio que talvez ele venha a ser um bom rei, se viver...

Lançou um olhar súplice para Morgana. Ela sabia que ele precisava ser tranqüilizado mas não tinha nenhum conforto para ele. Enfim ela disse:

- Se ele viver, será um bom rei mas creio que será um rei cristão. - Pareceu que por um momento todos os sons de Avalon desapareceram em torno dela, como se as próprias ondas do lago e o sussurro dos juncos nas margens se tivessem calado para ouvi-la falar. - Se ele sobreviver a busca do Graal... ou se ele a abandonar, ainda assim, seu reinado será limitado pelos padres e por toda a terra haverá um só deus e uma só religião.

- Seria isso uma tragédia, Morgana? - perguntou Lancelote, mansamente. - Por toda esta terra o deus cristão está trazendo um renascimento espiritual... Isso será mau, quando a humanidade se esqueceu dos Mistérios?

- Eles não esqueceram os Mistérios - interrompeu Morgana. - Eles os acharam muito difíceis. Querem um deus que tome conta deles, que não exija que lutem pela iluminação mas que os aceite como são, com todos os seus pecados e os livre deles pelo arrependimento. Não é assim, jamais será assim mas talvez esta seja a única maneira pela qual os consigam pensar em Deus.

Lancelote sorriu amargamente:

- Talvez a religião que exige que todo homem trabalhe por vidas e vidas para sua salvação seja demais para a humanidade. Eles não querem esperar pela justiça divina, mas querem tê-la agora. E este é o chamariz que esta nova raça de sacerdotes lhes prometeu.

Morgana sabia que ele falava a verdade e baixou a cabeça, angustiada.

- E uma vez que sua visão de Deus é o que molda sua realidade, assim será ... A Deusa era real enquanto a humanidade ainda lhe prestava homenagem e criava suas formas para si mesma. Agora eles farão para si próprios a espécie de Deus que acham que querem... a espécie de Deus que merecem, talvez.

Bem, assim devia ser, porque, como o homem via a realidade, assim ela aconteceria. Enquanto os velhos deuses, a Deusa eram vistos como benevolentes e doadores de vida, assim, de fato, havia a natureza sido para eles; e, depois, como os padres os ensinaram a pensar em toda a natureza como uma estranha, hostil e nos antigos deuses como demônios, assim eles seriam, vindos daquela parte do homem que ele agora queria sacrificar e controlar em vez de deixar-se levar por ela.

Lembrando-se ao acaso de algo que lera nos livros dos padres, quando estudara na casa de Uriens em Gales do Norte ela disse:

- E assim, todos os homens serão como aquele apóstolo que escreveu que deviam vir a ser eunucos para o reino de Deus... Acho que não me importo de viver neste mundo, Lancelote.

O fatigado cavaleiro balançou a cabeça, suspirando.

- Creio que também não me importo com isso, Morgana. No entanto, talvez venha a ser um mundo mais simples do que o nosso e ser mais fácil saber o que é certo fazer. Assim, vim para procurar Galahad, porque embora ele venha a ser um rei cristão, acredito que seria um rei melhor do que Mordred.

Morgana apertou as mãos sob a barra das mangas. Eu não sou a Deusa! Não sou... não sou eu quem devo escolher!

- Você veio aqui para procurá-lo, Lancelote? Ele nunca foi um de nós. Meu filho Gwydion... Mordred... ele foi criado em Avalon. Se ele deixar a corte de Arthur, é possível que venha até aqui. Mas Galahad? Ele é tão piedoso quanto Elaine... Desdenharia a possibilidade de pôr os pés neste mundo de magia e encantamento!

- Mas, como lhe disse eu não sabia que vinha para cá - tornou Lancelote. - Buscava alcançar Ynis Witrin e a ilha dos Padres, pois ouvi rumores do mágico brilho que vai e vem na igreja lá e eles tornaram seu poço famoso. Chamam-no Poço do Cálice...

Pensei que talvez Galahad cavalgasse para estes lados. Um outro velho hábito me trouxe até aqui.

Ela perguntou-lhe seriamente então, face a face:

- O que pensa desta busca, Lancelote?

- Não sei, realmente, prima. Quando empreendi essa busca, parti do mesmo modo que o fizera para matar o velho dragão de Pellinore... lembra, Morgana? Nenhum de nós acreditava nele então e, no entanto eu finalmente o encontrei e o matei. Entretanto eu sei que algo, algo de grande santidade chegou a Camelot no dia em que vimos o Graal.

- Quando ela ameaçou retrucar ele foi veemente: - Não, não me diga que imaginei isto, Morgana... você não estava lá, não sabe como foi! Pela primeira vez senti que havia um Mistério em algum lugar além da vida. E assim, parti nesta busca embora metade de mim sentisse que era loucura. Cavalguei algum tempo com Galahad e pareceu-me que sua fé zombava da minha, porque ele era tão puro e sua fé tão simples e boa e eu estava velho e corrompido. - Lancelote fixou seu olhar no chão e ela o viu engolir com dificuldade. - Foi por isso, no final, que eu o deixei, caso contrário estragaria aquela fé brilhante... Então não sei aonde fui, porque a neblina me sobreveio a minha mente e veio a escuridão e pareceu que Galahad devia... devia saber todos os pecados de minha vida e desprezar-me por causa deles.

Sua voz havia se elevado com a excitação e por um momento Morgana notou que o brilho insano voltava-lhe aos olhos, como já notara quando o tinha visto correndo na floresta. Por isso, disse rapidamente:

- Não pense nesse tempo, meu caro. Acabou-se.

Ele respirou longa e profundamente e seus olhos clarearam-se.

- Minha meta agora é encontrar Galahad. Não sei o que ele viu... um anjo, talvez... ou por que a chamada do Graal veio tão forte para alguns e tão menos intensa para outros. De todos os Cavaleiros, creio que só Mordred nada viu, ou, se o viu, manteve-o para si.

Meu filho foi criado em Avalon; ele jamais se deixaria enganar pela magia da Deusa, pensou Morgana e quase contou a Lancelote o que ele tinha visto... Ele havia sido, na juventude, um iniciado em Avalon e a ele não era permitido pensar nisso como algum mistério dos cristãos. Mas, ouvindo de novo aquela estranha nota na voz de Lancelote, ela inclinou a cabeça e calou-se. A Deusa dera a ele uma visão reconfortante; não cabia a ela destruí-la com uma palavra.

Ela buscara isso, trabalhara para isso. Arthur abandonara a Deusa e Ela espalhara seus companheiros com um sopro, expulsando-os de Seu lugar sagrado. E a ironia final era esta: que a mais sagrada de suas visões tinha inspirado as mais apaixonadas lendas dos cultos cristãos. Morgana disse afinal, estendendo-lhe a mão:

- Algumas vezes creio, Lancelote, que não importa o que façamos. Os Deuses nos movem a sua vontade, o que quer que pensemos estar fazendo. Nada mais somos do que seus fantoches.

- Se eu acreditasse nisso enlouqueceria de uma vez por todas.

Morgana sorriu tristemente:

- E se eu não acreditasse nisso, provavelmente enlouqueceria. Tenho de acreditar que não possuo o poder de fazer nada do que tenho feito... preciso crer que nunca tive escolha... a escolha de recusar-me a fazer um rei; a escolha de destruir Mordred ainda em meu ventre, a escolha de recusar quando Arthur me deu a Uriens, a escolha de afastar a mão da morte de Avaloch, a escolha de manter Acolon ao meu lado... a escolha de poupar o Harpista Kevin da morte destinada a um traidor e Nimue...

Lancelote continuou :

- E eu preciso acreditar que o homem tem o poder de saber o que é certo, de escolher entre o bem e o mal e saber que sua escolha fez diferença...

- Oh, sim, se ele sabe o que é bom. Mas não lhe parece, primo, que sempre, neste mundo, o mal usa a máscara do bem? Algumas vezes sinto que é a Deusa quem faz o errado parecer o certo e a única coisa que podemos fazer...

- Bem então a Deusa seria apenas o demônio que os padres dizem ser.

- Lancelote - implorou Morgana, inclinando-se para a frente -, nunca se culpe. Você fez o que devia! Basta acreditar que era seu destino e sua sina...

- Não ou eu devia matar-me de uma vez; assim, a Deusa não poderia usar-me para trazer mais o mal - disse Lancelote, veemente. - Morgana, você tem a Visão e eu não posso... não posso crer que seja a vontade de Deus que Arthur e sua corte caíam nas mãos de Mordred! Eu lhe contei que vim até aqui porque minha mente me prega peças. Sem pensar, chamei a Barca de Avalon para mim e aqui vim ter mas, agora, creio que talvez tenha feito melhor do que pensei. Você, que tem a Visão, pode olhar no espelho e ver para mim aonde foi Galahad! Sob pena de incorrer em sua ira, pedirei a ele que abandone a busca e volte para Camelot...

O chão pareceu fugir sob os pés de Morgana. Uma vez ela havia pisado inadvertidamente num pedaço de areia movediça e sentira a lama fugir de sob seus pés e escorregar para os lados; era assim então, como se ela tivesse de lançar-se a um solo seguro... Ela ouviu-se dizer, como se estivesse muito distante: `Você voltará, de fato, para Camelot com seu filho, Lancelote... e imaginava por que o frio parecia sugar-lhe as partes mais vitais.

- Eu olharei no espelho para você, Cavaleiro. Mas não conheço Galahad, posso não ver nada que lhe seja útil.

- Todavia, prometa-me que fará tudo o que puder - pediu Lancelote e ela respondeu:

- Eu lhe disse que olharei no espelho. Mas será o que a Deusa quiser. Venha.

O sol estava alto agora e enquanto eles desciam a colina na direção do Poço Sagrado, um corvo crocitou uma vez sobre eles. Lancelote persignou-se contra o mal augúrio mas Morgana olhou para cima e perguntou:

- O que disse, irmã?

A voz de Raven (\* A palavra raven em inglês, significa corvo. - N. do T.) disse em sua mente: Não tenha medo. Mordred não matará Galahad. E Arthur matar Mordred.

Ela disse em voz alta:

- Arthur será o Gamo-Rei ainda...

Raven continuou em sua mente: Não para o Poço Sagrado mas para a capela e agora. É o tempo ordenado.

Lancelote perguntou :

- Aonde vamos? Ser que esqueci o caminho do Poço Sagrado?

E Morgana, levantando a cabeça, percebeu que seus passos os levaram não para o poço mas para a pequena capela onde a antiga irmandade cristã realizava seus serviços. Eles disseram que havia sido construída perto da irmandade, quando o velho José empurrara seus seguidores para dentro da terra nas colinas chamadas Wearyall. Ela esticou a mão e pegou um ramo do espinheiro sagrado; este a espetou até o osso; sem saber exatamente o que fazia ela estendeu a mão e marcou a testa de Lancelote com um risco de sangue.

Ele olhou-a, atônito. Ela podia ouvir os padres cantando suavemente: Kyrie eleison, Christie eleison. Entrou silenciosamente e ajoelhou-se, para sua própria surpresa. A capela estava repleta de bruma, através da qual Morgana pareceu ver uma outra capela, a



de Ynis Witrin e ouvir ambos os grupos de vozes cantando... Kyrie eleison... e vozes de mulheres também; sim, isto tem de ser em Ynis Witrin, pois na capela de Avalon não há mulheres; são, provavelmente, as freiras do convento de lá. Pareceu por um instante que Ygraine estava ajoelhada ao seu lado; ouvia sua voz, clara e suave, cantando Christie eleison. O padre estava no altar e pareceu-lhe ver também Nimue. Os cabelos dourados caíam-lhe nas costas e sua presença era doce e adorável como a de Gwenhwyfar quando jovem, no convento. Mas em vez de fúria violenta, Morgana olhou-a com o mais puro amor pela sua beleza... As brumas espessaram-se; ela mal podia ver Lancelote ajoelhando-se ao seu lado mas em frente a ela ajoelhando-se no altar da outra capela, via Galahad com o rosto levantado, brilhando e refletindo o brilho... Ela sabia que ele também via através das brumas, ali, na capela de Avalon, onde o Graal estava...

Percebeu o retinir de pequenos sinos da outra capela e ouviu... ela nunca soube qual dos padres, o de Avalon ou o de Ynis Witrin... mas em sua mente era a voz gentil de Taliesin... murmurando:

- Naquela noite em que Cristo foi traído, nosso Mestre tomou o cálice, abençoou e disse: Todos vós bebeis isso que é o meu sangue derramado por vós. Toda vez que beberdes deste cálice, fazei-o em minha memória.

Ela podia ver a sombra do padre que levantava o cálice da comunhão; no entanto era a donzela do Graal, Nimue... ou era ela mesma que levava o cálice aos lábios dele? Lancelote correu para a frente, gritando:

- Ah! a luz, a luz! - Caiu de joelhos, protegendo os olhos com as mãos e depois escorregou mais para diante e prostrou-se no chão.

Ao toque do Graal, a face sombria do jovem clareou, tornou-se sólida, real e as brumas dissiparam-se; Galahad ajoelhou-se e bebeu do cálice.

- Como o sumo de muitas uvas foi espremido para fazer um único vinho, assim nos unimos neste perfeito e incruento sacrifício então deveremos todos ser Um na Grande Luz que é Infinita...

E até quando o êxtase iluminou-lhe o rosto ele respirou de pura alegria e olhou direto para ela. Estendeu as mãos para pegar o cálice... e caiu para a frente escorregando para o chão da capela, onde se prostrou, imóvel.

É mortal tocar as coisas sagradas sem preparação... Morgana viu Nimue - seria ela mesma? - cobrir as faces de Galahad com um véu branco. E então Nimue desapareceu e o cálice estava no altar, apenas o cálice de ouro dos Mistérios, sem qualquer traço da luz etérea... Não tinha certeza se estava lá... estava envolto em bruma. E Galahad jazia morto no chão da capela de Avalon, frio e imóvel ao lado de Lancelote.

Demorou muito para que Lancelote se movesse e assim que ele levantou a cabeça Morgana viu-lhe as faces ensombrecidas com a tragédia. Ele murmurou:

- E eu não fui digno de segui-lo.

- Precisa levá-lo de volta a Camelot - aconselhou Morgana gentilmente. - Ele venceu a busca do Graal... mas foi sua busca final. Ele não pôde suportar a luz.

- Nem eu pude. Olhe, a luz ainda está em sua face. O que ser que ele viu?

Lentamente ela abanou a cabeça, sentindo o frio subir-lhe pelos braços:

- Nem eu nem você jamais saberemos, Lancelote. Só tenho certeza de que ele morreu com o Graal nos lábios. Lancelote olhou para o altar. Os padres já tinham saído silenciosamente, deixando Morgana só com o morto e o vivo e o cálice envolto em bruma, ainda brilhava, suavemente.

Lancelote levantou-se:

- Sim. E este deverá voltar comigo para Camelot, para que todos os homens saibam que a busca acabou... Nenhum outro Cavaleiro morrerá ou enlouquecerá em busca do desconhecido...

Ele dirigiu-se ao altar onde o Graal reluzia mas Morgana enlaçou-o com os braços e o impediu.

- Não! Não! Não é por você! A simples visão dele derrubou-o! Tocar as coisas sagradas despreparado é mortal...

- Então, morrerei por isso - disse mas ela o segurou e logo sentiu que ele desistira. - Por quê, Morgana? Por que essa loucura suicida deve continuar?

- Não, a busca do Graal acabou. Você foi poupado para voltar a Camelot e contar-lhes isso. Mas não pode levá-lo de volta. Ninguém pode tocá-lo e confiná-lo. Aqueles que o buscam com fé - ouviu sua própria voz embora não soubesse o que diria até que o disse - sempre o encontrarão aqui, além das terras dos mortais. Mas se ele voltasse com você para Camelot, cairia nas mãos dos mais estreitos dos padres e seria um títere nelas...

- As lágrimas embargaram-lhe a voz: - Eu lhe imploro, Lancelote. Deixe-o aqui em Avalon. Deixe-o ficar, neste novo mundo sem magia, um Mistério que os padres não poderão descrever e definir de uma vez por todas, nem colocar em seu estreito dogma do que é o que não é... - Sua voz partiu-se. - No dia que está por vir, os padres dirão a humanidade o que é bom e o que é mau, o que pensar, o que rezar em que acreditar. Não sei qual será o fim... Talvez a humanidade tenha que ter uma época de trevas, para só assim tornar a conhecer a bênção da luz. Mas nas trevas, Lancelote, deixe que haja um brilho de esperança. O Graal foi outrora para Camelot. Não deixe que a memória desse fato se esvaia fazendo-a cativa em algum altar mundano. Deixe um Mistério e uma fonte de visão para o homem seguir...

- Ouviu a voz tornar-se áspera, como o crocitar do último dos corvos.

Lancelote inclinou-se diante dela:

- Morgana, você é mesmo Morgana? Creio que não sei o que ou quem você é. Mas o que diz é a verdade. Deixe o Graal ficar para sempre em Avalon.

Morgana levantou a mão e o povo de Avalon veio e alçou o corpo de Galahad, carregando-o silenciosamente para a balsa. Segurando ainda a mão de Lancelote, Morgana desceu até a praia, onde olhou para o corpo estendido; então a visão se esvaneceu, desapareceu e ali estava apenas Galahad com aquela paz imperturbável e a luz em suas faces.

- Agora cavalgará para Camelot com seu filho mas não como eu previ. Acho que a Visão nos é dada para rir-se de nós... vemos o que os Deuses nos dão a ver mas nunca sabemos o que significa. Creio que jamais usarei a Visão outra vez.

- Deus o permita. - Lancelote tomou-lhe as mãos entre as dele por um momento; então inclinou-se e beijou-as.

- E assim, finalmente, partimos - disse mansamente. E depois, a despeito do que dissera sobre recusar a Visão, ela viu em seus olhos o que ele vira quando a olhou... a jovem com quem se deitara no círculo de pedras e de quem ele se afastara por medo da Deusa; a mulher a quem ele recorrera em um frenesi de desejo, tentando sublimar a culpa de seu amor por Gwenhwyfar e Arthur; a mulher que ele vira pálida e terrível, segurando a tocha quando o levaram para a cama de Elaine; e agora a sombria, quieta Senhora, ofuscada pelas luzes, que afastara seu filho do Graal e lhe implorara para deixá-lo fora do mundo.

Ela inclinou-se para a frente e beijou-o na testa. Não houve necessidade de palavras; ambos sabiam que era um adeus e uma bênção. Quando ele se afastava lentamente dela e pisava na balsa mágica, Morgana olhou seus ombros arqueados e viu o

brilho do pôr-do-sol em seus cabelos. Estava todo branco e Morgana, vendo-se outra vez em seus olhos, pensou: Eu estou muito velha.

E ela sabia então porque nunca mais vislumbrara a rainha no país das fadas. Eu sou a rainha agora. Não existe nenhuma Deusa a não ser esta e eu sou ela... E, no entanto, além disso ela é, como é em Ygraine e Viviane e Morgause em Nimue e na rainha. E elas vivem em mim também e ela...

E em Avalon elas vivem para sempre.

Longe, ao norte, no país de Lot, chegavam, rara e imprecisamente, as notícias sobre a busca do Graal. Morgause esperou pela volta de seu jovem amante, Lamorak. E então, seis meses mais tarde, deram-lhe a notícia de que ele morrera na busca. Ele não foi o primeiro, pensou e não será o último a morrer desta loucura monstruosa, levando os homens a buscar o desconhecido. Sempre pensei que aquelas religiões e deuses eram uma forma de loucura. Olhem o que fizeram com Arthur! E agora levaram-me meu Lamorak, ainda tão jovem.

Bem ele se fora e embora ela sentisse sua falta e sentiria sempre a sua maneira - ele estivera ao seu lado mais tempo do que qualquer outro exceto Lot - ela não devia resignar-se com a velhice e um leito solitário. Mirou-se no velho espelho de bronze, limpou as marcas de lágrimas, depois olhou de novo. Se não era mais aquela beleza estonteante que mantivera Lamorak apaixonado a seus pés, ainda era uma mulher bonita; ainda havia muitos homens na terra e nem todos tomados por essa loucura da busca. Ela era rica, era a rainha do reino de Lot e tinha suas armas femininas - ainda era bela, com todos os seus dentes embora tivesse que escurecer as sobrancelhas e pestanas... tão desbotadas.

Bem, sempre haveria homens; todos eram tolos e uma mulher inteligente podia fazer deles o que quisesse. Ela não era boba como Morgana, para se prender a devoção ou a virtude, nem sonhadora idiota como Gwenhwyfar, para sempre pensar em sua alma.

De tempos em tempos, alguma história sobre a busca, cada qual mais fantástica do que a última, chegava até ela. Ouvira dizer que Lamorak voltara afinal para as terras de Pellinore, levado por um antigo rumor sobre um prato mágico que era mantido na cripta sob o castelo e lá morrera, gritando que o Graal fluuava a sua volta nas mãos de donzelas, na mão de sua irmã, Elaine, tal como ela tinha sido na infância. Morgause imaginava o que ele realmente vira. Do país próximo as muralhas romanas também vieram notícias de que Lancelote estava enclausurado como louco em algum lugar no país de Sir Ectório e que ninguém ousava mandar dizer-lo ao rei Arthur; então ela soube que seu irmão Bors viera e o reconheceu e ele voltara a razão e fugira, se para levar a busca adiante ou para voltar a Camelot - ela não sabia, nem se importava com isso. Talvez, pensou, com sorte ele também morra na busca, senão os encantos de Gwenhwyfar o levarão de volta a Arthur e sua corte.

Apenas seu sensato Gwydion não partira na busca mas ficara em Camelot, perto de Arthur. Se Gawaine e Gareth tivessem procedido da mesma forma! Agora, afinal, seus filhos haviam chegado ao lugar que sempre lhes pertencera com Arthur. No entanto, o seu modo de saber o que estava acontecendo era outro. Viviane dissera-lhe em sua juventude em Avalon, que não tinha a paciência e a firmeza necessárias para a iniciação nos Mistérios e Viviane - ela sabia nesse momento - estava certa; quem desejaria abandonar a vida por tanto tempo. Por vários anos acreditara que as portas da magia e da Visão estivessem fechadas para ela exceto por alguns truques que ela aprendera. E então começara a compreender, quando pela primeira vez usara sua magia para descobrir o

parentesco de Gwydion, que a arte da magia estava lá esperando-a, não necessitando que ela fizesse nada a não ser querer, não tendo nada a ver com as complexas regras druidas e as limitações sobre seus usos ou mentiras sobre os deuses. Era simplesmente uma parte da vida, lá, acessível, não se relacionando com o bem ou o mal mas disponível para qualquer um que tivesse o desejo e a crueldade para usá-lo.

Todos aqueles que se fingem religiosos, pensou Morgause, só querem manter as fontes do poder em suas próprias mãos. Mas agora eu as tenho livremente e por minhas próprias mãos, sem me limitar por juramentos sobre seus usos ou destino.

Então, nesta noite, trancada longe dos criados, fez suas preparações. Sentiu uma simpatia desapaixonada pelo cão branco que trouxera para dentro e um momento de genuína repulsa quando lhe cortou a garganta e colocou o prato para recolher-lhe o sangue quente mas, apesar de tudo, era seu próprio cão, tão dela quanto qualquer porco que tivesse sacrificado pelo prazer de sua mesa e o poder do sangue derramado era mais forte e mais direto do que o poder conseguido por longas preces e pela disciplina do sacerdócio de Avalon. Diante da lareira, uma de suas criadas estava deitada, drogada e pronta; não uma, desta vez, por quem ela tivesse qualquer afeição ou necessidade real. Aprendera aquela lição quando tentara isso da última vez. Poupano um pensamento de arrependimento pelo desperdício de uma boa fiandeira daquela vez; pelo menos esta não seria uma perda para ninguém, nem mesmo para a cozinheira, que tinha meia dúzia de ajudantes além do que precisava.

Ainda sentia um certo escrúpulo nas preliminares. O sangue manchando-lhes as mãos e a testa estava desagradavelmente pegajoso mas parecia-lhe que se poderia ver elevando-se dele como fumaça, os finos fluxos de poder mágico. A lua minguara, até tornar-se uma faixa muito estreita no céu e ela sabia que aquela que esperara por sua chamada em Camelot estava pronta. No preciso momento em que a lua se moveu para o seu quarto adequado no céu, despejou o resto do sangue no fogo e chamou três vezes em voz alta:

- Morag! Morag! Morag!

A mulher drogada ao pé do fogo - Morgause lembrava-se vagamente de que seu nome era Becca ou algo parecido - moveu-se, seus olhos vagos assumiram profundidade e propósito e por um momento, quando se levantou, pareceu que ela vestia as roupas elegantes de uma das damas de Gwenhwyfar. Não falava o áspero dialeto das pouco instruídas camponesas mas a linguagem cuidada das damas da corte do sul.

- Cá estou, a seu chamado. O que quer de mim, Rainha das Trevas?

- Conte-me sobre a corte. Que é da rainha?

- Ela está mais solitária desde que Lancelote partiu mas freqüentemente chama o jovem Gwydion a sua presença. Já ouviram dizer que é como se fosse o filho que nunca teve. Creio que ela se esqueceu de que ele é o filho da rainha Morgana - disse a jovem, falando de um modo incompatível com a ajudante de cozinha de olhos vazios, em sua bata amorfa.

- Ainda põe remédio em seu vinho na hora de dormir?

- Não é necessário, Majestade - disse a voz da estrangeira que vinha através da ajudante de cozinha. - As regras da rainha não lhe vêm, agora, há mais de um ano, portanto parei de dar-lhe a droga. Mas, de qualquer forma, o rei só muito raramente partilha com ela o leito.

Assim o último dos temores de Morgause podia aquietar-se então - de que, de algum modo, contra todas as probabilidades, Gwenhwyfar desse a luz uma criança para colocar em perigo a posição de Gwydion na corte. Além disso, os súditos de Arthur jamais aceitariam uma criança como rei, após os longos anos de seu pacífico reinado. Nem, supunha, Gwydion teria escrúpulos em aniquilar um pequeno e indesejável rival. O melhor,

porém era não facilitar para Arthur mesmo, afinal de contas, tinha escapado do complô que ela e Lot haviam urdido e vivera para ser coroado.

Eu esperei demais. Lot devia ter sido rei daquelas terras anos atrás e eu, rainha. Agora não há ninguém para impedir-me. Viviane se foi; Morgana está velha. Gwydion far-me-á rainha. Eu sou a única mulher viva a quem ele dará ouvidos.

- O que houve com Sir Mordred, Morag? A rainha e o rei confiam nele? - Mas a voz avolumou-se e tornou-se grossa e pesada. - Não posso ficar... Mordred está constantemente com o rei... uma vez ouvi o rei dizer-lhe... eh, minha cabeça dói; o que faço aqui ao pé do fogo? A cozi nheira me esfolará viva... - Era a voz idiota de Becca, grosseira e sombria e Morgause sabia que lá longe em Camelot, Morag se afundara em seu sonho bizarro de que se encontrava face a face com a longínqua rainha do reino de Lot ou a Rainha das Fadas...

Morgause segurou a panela de sangue, despejando as gotas restantes no fogo e disse:

- Morag, Morag! Ouça-me, fique eu ordeno!

- Minha rainha - veio a voz longínqua da dama - Sir Mordred tem sempre ao seu lado uma das donzelas da Dama do Lago. Dizem que ela é, de certa forma, aparentada com Arthur...

Niniane, filha de Taliesin, pensou Morgause. Eu não sabia que tinha deixado Avalon. Mas por que ela ficaria agora?

- Sir Mordred foi nomeado capitão de cavalaria enquanto Lancelote estiver fora da corte. Existem rumores... Eh, o fogo, minha senhora, por fogo em todo o castelo?

Becca esfregava os olhos e choramingava perto do fogo. Enfurecida, Morgause empurrou-a selvagememente e a garota caiu, gritando, no fogo mas ela ainda estava sob encantamento e não conseguiu fugir das chamas.

- Maldita seja ela acordará a casa toda! - Morgause estendeu a mão para afastar a garota das chamas mas suas roupas pegaram fogo: Seus gritos eram terríveis e espetavam os ouvidos de Morgause como alfinetes incandescentes. Com um traço de piedade pensou: Pobre moça, não há nada a fazer por ela agora... vai ficar tão queimada que não poderemos ajudá-la ainda que viva! Ela puxou a garota, que gritava e lutava, para fora do fogo esquecendo-se das queimaduras nas próprias mãos e aproximou-se por um momento, pousando a cabeça na testa da garota como se quisesse consolá-la; então, com um só golpe, cortou-lhe o pescoço, de orelha a orelha. O sangue jorrou no fogo e a fumaça saiu rápida pela chaminé.

Morgause ficou tremendo pelo poder inesperado, como se ele se espalhasse por todo o aposento, por todo o reino de Lot, por todo o mundo... Jamais ousara tanto mas ele viera até ela, sem que o buscasse. Parecia estar pairando da terra, incorpórea. De novo, após anos de paz, havia exércitos nas estradas e, na costa oeste, homens cabeludos em barcos com proas em forma de dragão aportavam nas praias, saqueando e queimando cidades, destruindo mosteiros, raptando mulheres dos conventos. . como um vento purpúreo, correndo até as fronteiras de Camelot... ela não estava certa se o que via agora estava acontecendo naquele exato momento ou ainda estava por vir.

Ela gritou através da crescente escuridão:

- Deixe-me ver meus filhos na busca do Graal!

A escuridão encheu o aposento, negra e espessa, com um curioso cheiro de queimado enquanto Morgause permanecia abaixada, abatida sobre os joelhos pela força do poder. A fumaça clareou um pouco, com um pequeno movimento na escuridão, como a efervescência de uma panela. Então ela viu, a luz que se ampliava, a face de seu filho mais novo, Gareth. Ele estava sujo e abatido pela viagem, com as vestes enxovalhadas mas

sorria com sua antiga jovialidade e quando a luz aumentou pôde perceber o que ele olhava - a face de Lancelote.

Ah, Gwenhwyfar não lhe prestaria atenção neste momento, não a esse homem doentio e acabado, de cabelos prateados e os traços de loucura e sofrimento nas linhas em torno dos olhos... ele parece de fato um espantalho! O antigo ódio surgiu nela: era intolerável que seu filho mais jovem e o melhor; admirasse esse homem, o amasse e o seguisse, como o fizera quando era uma criança que conversava de modo infantil com cavaleiros de madeira...

- Não, Gareth - ouviu a voz de Lancelote; suave, no silêncio do quarto - sabe por que não voltarei a corte. Não falarei da paz da minha própria alma, nem da paz da rainha mas jurei seguir o Graal por um ano e um dia.

- Mas isso é loucura! Que diabo é o Graal em comparação com as necessidades do rei? Prestei-lhe juramento e você também, anos antes de qualquer de nós termos ouvido falar do Graal! Quando penso em nosso rei Arthur na corte, sem nenhum de seus homens leais exceto aleijados enfermos ou covardes... as vezes me pergunto se não foi obra do Demônio mascarando tudo como se fosse obra de Deus e vindo para separar os Cavaleiros de Arthur e levá-los para longe dele!

Lancelote replicou mansamente:

- Eu sei que veio de Deus, Gareth. Não tente me tirar isso - e por um momento um lampejo de loucura brilhou em seus olhos.

Gareth teimou e sua voz era estranhamente branda:

- Mas quando Deus faz o mesmo trabalho do Diabo? Não posso pensar que seja vontade divina que tudo aquilo que Arthur fez em mais de um quarto de século possa ser destruído assim! Você sabe que existem bárbaros do norte desembarcando nas praias e que quando os homens destas terras chamarem pela ajuda das legiões de Arthur, não haverá ninguém para enviar em seu auxílio? E assim os exércitos saxões unem-se outra vez enquanto Arthur permanece sentado, inútil em Camelot e busca sua alma... Lancelote, suplico-lhe, se não retornar a corte, pelo menos procure Galahad e faça com que ele volte para o lado de Arthur! Se o rei está velho e sua vontade enfraquece e Deus permita que eu jamais tenha que falar tanto então talvez seu filho possa tomar seu lugar, pois todos os homens sabem que ele é o filho adotivo e herdeiro do rei! .

- Galahad? - A voz de Lancelote estava sombria. - Pensa que tenho alguma influência sobre meu filho? Você e os outros juraram buscar o Graal, por um ano e um dia, no entanto, cavalguei por algum tempo com Galahad e sei que o juramento o persegue como naquele dia e que, se for preciso ele o buscará até o fim da vida.

- Não! - Gareth inclinou-se no cavalo e agarrou Lancelote pelos ombros. - Isso é o que você tem que mostrar-lhe, Lancelote, que a todo custo ele deve voltar a Camelot! Ah, Deus, Gwydion chamar-me-ia de traidor de meu próprio sangue e eu o amo muito mas... como posso dizer-lhe até mesmo a você, meu primo e meu irmão de coração? Não confio no poder daquele homem sobre nosso rei! Os saxões que vão ter com Arthur sempre falam com ele, pensam que é o filho da irmã de Arthur e entre eles, se não sabia, o filho da irmã é o herdeiro...

Lancelote disse, com um sorriso gentil:

- Então você se lembra, Gareth, que sempre foi assim com as Tribos, antes que viessem os romanos. Nós não somos romanos, você e eu.

- Mas você não lutará pelos direitos de seu próprio filho? - perguntou Gareth.

- Cabe a Arthur dizer quem dever herdar seu trono, se de fato tiver de haver algum rei após ele. Às vezes parecia-me, quando vagava entre as visões da loucura - não,

não quero falar sobre isso mas acho que talvez fosse parecido com a Visão - que uma escuridão cairá sobre toda esta terra quando Arthur se for.

- E então, deve ser como se Arthur jamais tivesse existido? O que houve com o seu voto a Arthur? - perguntou Gareth e Lancelote suspirou:

- Se for sua vontade, Gareth, procurarei Galahad.

- Faça-o tão rápido quanto puder. Precisa persuadi-lo de que sua lealdade para com o rei está acima de todas as buscas, graais ou deuses...

Lancelote perguntou tristemente :

- E o que acontecerá se ele não quiser vir?

- Se ele não quiser então, talvez não seja o rei de que precisaremos depois de Arthur. E, neste caso estamos nas mãos de Deus e que Ele nos ajude a todos!

- Primo e mais que um irmão - abraçou-o Lancelote - estaremos nas mãos de Deus, não importa o que aconteça. Mas, juro a você, procurarei Galahad e trá-lo-ei comigo para Camelot eu juro...

E então, o movimento e o brilho desapareceram, o rosto de Gareth esvaneceu-se e perdeu-se na escuridão e, por um momento, havia apenas os olhos de Lancelote, brilhantes e tão parecidos com os de Viviane que, por um instante, Morgause sentiu que sua irmã e sacerdotisa a olhava com desdenhosa desaprovação, como se dissesse: Morgause, o que fez você agora? Depois essa visão também desapareceu e Morgause ficou só com o fogo, que ainda vomitava fumaça, já sem qualquer sinal das nuvens de poder mágico e o corpo flácido e exangue da mulher morta deitada na lareira.

Lancelote! Lancelote, maldito seja ele ainda podia destruir seus planos! Morgause sentiu o ódio como uma dor que lhe corroía o corpo, um aperto na garganta que lhe varava o corpo até o útero. Sua cabeça doía e ela sentiu-se mortalmente nauseada com as conseqüências da magia. Não desejava mais do que afundar-se perto da lareira e dormir horas a fio mas precisava ser forte, forte com os poderes da feitiçaria que havia conseguido ela era a rainha do reino de Lot, Rainha das Trevas! Abriu a porta e atirou o corpo do cão num monturo de esterco, desprezando o cheiro repugnante que dali se exalava.

Sozinha, não podia lidar com o corpo da ajudante de cozinha. Ela estava prestes a pedir ajuda quando parou, com as mãos no rosto ainda marcado e pegajoso de sangue; ninguém podia vê-la assim. Foi até a bacia e o jarro de água, lavou as faces, mãos e trançou o cabelo. Nada podia fazer quanto as manchas de sangue em suas vestes mas o fogo já se apagara e quase não havia luz no quarto. Por fim, chamou o criado e ele veio até a porta com vida curiosidade no olhar.

- O que se passa, Majestade? Ouvi gritos. Há alguma irregularidade por aqui?

- Ele segurou o lume e Morgause sabia bem como ela lhe parecia, bela e desgrehada, como se pudesse ver-se através de seus olhos, nos resultados da Visão. Eu poderia estender a mão e tê-lo agora sobre o corpo da garota, pensou, sentindo a estranha câibra de prazer do desejo e interiormente riu mas expulsou a idéia vigorosamente, haveria tempo para isso.

- Sim, há um grave problema. Pobre Becca... - disse, indicando o cadáver flácido. - Ela caiu no fogo e quando eu a ajudava a salvar-se, tomou a faca de minhas mãos e cortou a própria garganta... Deve ter enlouquecido com a agonia, pobrezinha. Veja, seu sangue manchou todas as minhas roupas.

O homem gritou de consternação e foi examinar a forma sem vida da garota:

- Bem, bem, a pobre moça não era lá muito certa. Não devia tê-la deixado entrar, senhora.

Morgause estava perturbada com o leve tom de reprovação que ouvia na voz do homem, pensara mesmo em levá-lo para a cama?

- Não lhe chamei aqui para questionar o que faço. Leve-a daqui enterre-a decentemente e chame minhas damas. Partirei ao alvorecer para Camelot.

A noite caía e uma espessa névoa cobria a estrada. Morgause sentiu frio e estava molhada e quando seu capitão de cavalaria veio perguntar-lhe: - Tem certeza, senhora, de que estamos na estrada certa? -, isso serviu para aborrecê-la ainda mais. Ela o tinha desejado por meses; seu nome era Cormac, era alto e jovem, com uma face parecida com a de um falcão, ombros e quadris fortes. Mas pareceu a Morgause então, que todos os homens eram estúpidos, teria sido melhor se tivesse deixado Cormac em casa e liderado ela mesma esta caravana. Mas havia coisas que nem a rainha do reino de Lot podia fazer.

- Não reconheço nenhuma dessas estradas. No entanto, sei que, pela distância que percorremos hoje, devemos estar próximos de Camelot, a menos que você tenha, de algum modo, se perdido na reblina e estejamos seguindo para o norte de novo, Cormac!

Em condições normais ela teria adorado passar uma outra noite na estrada em seu maravilhoso pavilhão, com todos os confortos que podia se dar e talvez enquanto todas as suas damas dormissem, ter Cormac para aquecer-lhe a cama.

Desde que trilhei o caminho da feitiçaria todos os homens estão a meus pés. No entanto, agora, parece que não quero nenhum deles... Estranho, não busquei companhia de nenhum homem desde que a notícia da morte de Lamorak me chegou. Será que estou ficando velha? Descartou esses pensamentos e decidiu ter Cormac com ela aquela noite... mas antes precisava chegar a Camelot; devia agir para proteger os interesses de Gwydion e aconselhá-lo. Por isso, disse, com impaciência :

- A estrada tem de ser esta, tolo. Fiz esta jornada tantas vezes quantos são meus dedos! Pensa que sou idiota?

- Deus me livre, senhora. Eu também já cavalguei nessas estradas muitas vezes; no entanto, seja como for, parece-me que nos perdemos - respondeu Cormac e ela sentiu que sufocaria de exasperação. Mentalmente retraiu o caminho em que viajara com tanta freqüência, abandonando a estrada romana e tomando a movimentada rota a beira do pântano para a ilha do Dragão, seguindo ao longo da serra até alcançar a reta para Camelot, que Arthur alargara e repavimentara a ponto de ficar tão boa quanto a antiga estrada romana.

- No entanto, de alguma maneira você deixou passar a estrada de Camelot; tolo, que tem aquelas ruínas da muralha romana... De uma forma ou de outra estamos a pelo menos meia hora de distância da entrada de Camelot! - repreendeu-o Morgause. Nada mais se podia fazer agora a não ser voltar com toda a caravana e a escuridão já caía sobre eles. Morgause puxou o capuz sobre a cabeça e incitou seu cavalo através do crepúsculo acinzentado. Nesta época do ano deveria haver mais uma hora de sol, porém notava-se apenas um brilho pálido de luz a oeste.

- Cá está ! - Mostrou uma das mulheres. - Veja aquela moita de quatro macieiras... Estive aqui num verão para pegar mudas de maçã para os jardins da rainha mas não havia estrada, apenas uma trilhazinha que subia uma colina reta, onde devia estar o largo caminho e acima dele, mesmo através da bruma, as luzes de Camelot.

- Tolice, por uma razão qualquer, nos perdemos. Está querendo dizer-me que não há mais do que uma moita de quatro macieiras no reino de Arthur?

- No entanto, é aqui que a estrada devia estar, juro - resmungou Cormac mas colocou toda a fila de cavalos em movimento de novo e eles voltaram a trotar, sob a chuva que continuava desabando como se caísse desde o começo dos tempos esquecida de parar. Morgause tinha frio e estava deprimida, ansiando por uma ceia quente a mesa de



Gwenhwyfar, vinho aquecido com especiarias e uma cama macia e, quando Cormac cavalgou de volta para ela, perguntou-lhe, cortante:

- O que houve agora, idiota? Consegui fazer com que nos perdêssemos de novo e passássemos, sem ver, uma estrada larga como uma carroça, mais uma vez?

- Minha rainha, sinto muito mas, de certo modo... olhe... estamos de volta outra vez ao lugar onde paramos para descansar os cavalos, depois de sairmos da estrada romana... Aquele trapo que deixei cair eu o estivera usando para limpar a sujeira de um dos fardos.

Sua ira explodiu.

- Será que já houve uma rainha tão amaldiçoada a carregar consigo tantos malditos idiotas como vocês? - gritou. - Precisamos procurar pela maior cidade de Londinio por todo o País do Verão? Ou devemos voltar e passar a noite toda nesta estrada? Se não podemos ver as luzes de Camelot na escuridão, podíamos pelo menos ouvir seus sons, um castelo com mais de cem cavaleiros e criados, cavalos e gado, com os homens de Arthur patrulhando toda a área. Tudo o que se move nesta estrada pode claramente ser visto das torres de vigia!

No entanto, não havia mesmo nada a fazer senão acender as lanternas e voltar em direção ao sul outra vez; Morgause cavalgava, a frente da fila, ao lado de Cormac. A neblina e a chuva pareciam encharcar todos os sons e mesmo os ecos, até que em meio a chuva encontraram-se de novo nas ruínas da muralha romana, por onde haviam passado antes. Cormac praguejou, mas estava atemorizado também.

- Senhora, sinto muito, não compreendo...

- Danem-se todos vocês! - gritou-lhe Morgause. - Teremos que cavalgar de um lado a outro nesta estrada a noite toda? - Entretanto ela também reconhecia a muralha arruinada. Suspirou fundo exasperada e resignada ao mesmo tempo. - Pela manhã a chuva já terá passado e assim poderemos reconstituir nossos planos até a muralha romana. Pelo menos, saberemos onde estamos.

- Se de fato chegamos a algum lugar e não estamos vagando, de algum modo, pelo país das fadas - murmurou uma das mulheres, persignando-se sub-repticiamente. Morgause notou o gesto mas disse apenas:

- Não quero ouvir nada disso! Já é suficientemente ruim estarmos perdidos na chuva e na neblina, sem essas tolices absurdas! Bem, por que estão aí parados? Não podemos cavalgar mais esta noite. Pararemos aqui para acampar e pela manhã decidiremos o que fazer.

Pretendia chamar Cormac para ficar com ela, só assim poderia livrar-se do medo que começava a invadi-la... Teriam eles, de fato, saído do mundo real para se aventurarem no desconhecido? Todavia não o chamou, foi deitar-se entre as mulheres e permaneceu inquieta, repassando mentalmente cada passo da jornada. Não havia sons na noite, nem mesmo o coaxar das rãs no pântano. Não era possível perder a cidade inteira de Camelot; no entanto ela desaparecera no nada. Ou teria sido ela, com todos os seus homens, damas e cavalos, que se havia perdido no mundo da feitiçaria? E toda vez que seus pensamentos chegavam aquele ponto ela desejava que não tivesse permitido que sua ira a levasse a colocar Cormac de vigia, pois, se ele estivesse deitado ao seu lado, não estaria com a impressão de que o mundo permanecia insanamente fora dos eixos... Tentou dormir muitas vezes e encontrou-se fixando a escuridão, agitada, insone.

De repente, durante a noite, a chuva parou; quando o dia clareou embora uma névoa úmida parecesse cobrir tudo, o céu estava sem nuvens. Morgause acordou de um sono leve e angustiante, um sonho com Morgana encanecida e velha, mirando-se num espelho igual ao seu; saiu da tenda esperando, ao olhar para as colinas, descobrir Camelot

e constatar que estavam onde deviam, no caminho que levava as torres do castelo de Arthur ou, ainda, que tinham enveredado por alguma estrada desconhecida a milhas de distância da rota certa. Mas estavam acampados ao pé da muralha romana, que ela sabia estar aproximadamente a uma milha ao sul de Camelot e quando homens e cavalos estavam prontos para iniciar a viagem ela olhou para o alto da colina onde devia estar o castelo de Arthur mas a colina estava verde e o mato crescia desordenado.

Cavalgaram lentamente ao longo da estrada lamacenta, cheia de pegadas deixadas por eles mesmos na noite anterior. Um rebanho de ovelhas pastava no campo mas, quando o homem de Morgause foi falar com o pastor este se escondeu atrás de um muro de pedras e ali permaneceu.

- E esta é a paz de Arthur? - perguntou Morgause em voz alta.

- Creio, minha senhora - sugeriu Cormac com deferência - que deve haver algum encantamento aqui... O que quer que seja esta não é Camelot.

- Então em nome de Deus, o que é? - perguntou Morgause. Mas ele apenas murmurou:

- Em nome de Deus, o que é realmente isto? - E não lhe deu melhor resposta.

Ela olhou para cima de novo, ouvindo a lamúria assustada de uma de suas damas. Por um momento era como se Viviane se comunicasse mentalmente com ela, dizendo algo em que Morgause não acreditara que Avalon se perdera nas brumas e que se alguém para lá se dirigisse, druida ou sacerdotisa e não soubesse o caminho, chegaria apenas a ilha de Glastonbury que pertencia aos padres...

Poderiam reconstituir seus passos até a estrada romana... mas Morgause sentiu um medo cada vez maior: descobririam que a estrada romana também desaparecera, assim como o reino de Lot? Estaria ela só sobre a terra, apenas com aqueles poucos homens e mulheres? Estremecendo, lembrou-se de umas palavras das Escrituras que ouvira na pregação do padre na casa de Gwenhwyfar, sobre o fim do mundo... Eu vos digo, duas mulheres estarão moendo lado a lado no moinho e uma será levada e a outra será deixada para trás. . Será que Camelot e todos os seus habitantes haviam sido levados para o céu dos cristãos, teria o mundo acabado, deixando apenas alguns lutadores, como ela própria, a vagar nesse mundo devastado?

Mas eles não poderiam ficar ali parados olhando para a trilha vazia. Ela propôs:

- Vamos refazer nosso caminho para a estrada romana. - Se, pensou, ainda estiver lá, se houver algo lá. Parecia, quando olhou para as brumas que se levantavam como uma fumaça mágica dos pântanos que o mundo desaparecera e até mesmo o sol que se erguia era algo insólito. Morgause não era uma mulher caprichosa; disse a si mesma que era melhor ir adiante e tentar descobrir o caminho de volta do que permanecer naquele silêncio de outro mundo. Camelot era real, um lugar do mundo real, não poderia desaparecer completamente.

Todavia, se eu tivesse tido a minha chance, se Lot e eu tivéssemos tido sucesso em nossa revolta contra Arthur, talvez a terra toda estivesse assim, silenciosa, desolada, cheia de medos...

Por que tudo estava tão quieto? Parecia que em todo o mundo, não havia outro som a não ser o dos cascos dos cavalos e até mesmo estes pareciam soar como pedras jogadas na água, amortecidos, perdendo-se em círculos. Tinham quase alcançado a estrada romana - ou onde deveria estar a estrada romana - quando ouviram o som de cascos na estrada; um cavaleiro vinha vindo lenta e cautelosamente de Glastonbury. Eles podiam distinguir uma figura escura em meio a neblina, seguida por um animal muito carregado.

Após alguns momentos, um de seus homens gritou:

- Ora, vejam lá, é Sir Lancelote do Lago! Deus lhe dê um bom dia senhor!

- Olá! Quem vem lá? - Era de fato a conhecida voz de Lancelote e, quando ele se aproximou, o som familiar dos cascos do cavalo e da mula carregada pareceu desprender algo no mundo em torno deles: sons trazidos de longe pela neblina, sons simples, de cães latindo em algum lugar, uma matilha inteira, talvez brigando por causa de comida após uma longa noite de fome, sons que quebraram a quietude, instalando de volta a normalidade..

- É a rainha do reino de Lot - disse Cormac e Lancelote adiantou-se para eles, parando seu cavalo a frente dela.

- Bem, tia, não esperava encontrá-los aqui. Meus primos estão com vocês, talvez Gawaine ou Gareth?

- Não, vim só para Camelot. - Se é que tal lugar ainda existe na face da terra, pensou, irritada. Seus olhos repousaram ansiosos no rosto de Lancelote quando ele disse algumas palavras polidas de saudação. Parecia exausto e desgastado pela viagem, as roupas estavam enxovalhadas e não muito limpas e o manto de veludo num estado tal que não o daria nem a seu valete. Ah, o belo Lancelote... Gwenhwyfar não o achará tão elegante agora, nem mesmo eu lhe estenderia a mão para convidá-lo para a minha cama.

E então ela sorriu e considerou: apesar de tudo ele é belo.

- Devemos então, prosseguir juntos, tia? Porque, de fato, venho na mais triste das missões.

- Ouvi dizer que buscava o Graal. Descobriu então ou falhou? Você me parece desapontado...

- Não é para um homem como eu encontrar o maior dos Mistérios. Entretanto, trago comigo alguém que, de fato, segurou o Graal nas mãos. E assim, vim dizer que a busca terminou e que o Graal foi-se para sempre deste mundo.

Então, Morgause viu que na mula carregada, coberto por uma mortalha estava o corpo de um homem. Perguntou:

- Quem... ?

- Galahad - esclareceu Lancelote, calmamente. - Foi meu filho quem encontrou o Graal e agora sabemos que homem algum pode olhá-lo e continuar a viver. Quisera ter sido eu... ainda mais porque tenho notícias e muito amargas para meu rei: aquele que seria rei depois dele foi-se, antes de nós, para o mundo onde seguirá para sempre sua busca, imaculado...

Morgause estremeceu. Agora, sim, será como se Arthur jamais houvesse existido, a terra não terá outro rei a não ser o que está nos céus, governado pelos padres que tiveram Arthur nas mãos... Mas afastou com raiva tais conjeturas. Galahad se foi. Arthur terá que escolher Gwydion para governar depois dele.

Lancelote olhou com pesar para a mula que carregava o corpo de Galahad mas foi lacônico:

- Podemos prosseguir? Não pretendia passar a noite na estrada mas as brumas estavam muito espessas e temi perder-me. Cheguei a pensar que era Avalon!

- Não podemos encontrar Camelot na névoa, tanto quanto Avalon... - começou Cormac a dizer mas Morgause interrompeu-o de mau humor.

- Acabe com essa tolice. Perdemos o caminho na escuridão e cavalgamos para lá e para cá, metade da noite! Também temos pressa de alcançar Camelot, sobrinho.

Um ou dois de seus homens ali presentes que conheciam Lancelote tinham conhecido Galahad e agora se reuniam perto do corpo, com expressões de simpatia e

palavras gentis. Lancelote, compungido, ouvia o que todos tinham a dizer e então, com algumas palavras suaves, deu o assunto por encerrado.

- Mais tarde, meus rapazes, mais tarde, haverá muito tempo para pranteá-lo. Não tenho pressa, Deus sabe em levar tal notícia a Arthur mas a demora não a fará menos cruel. Vamos.

A névoa dissipara-se rapidamente, a medida que o sol subia no céu. Puseram-se a caminho pela estrada que Morgause e seus homens tinham percorrido várias vezes em busca de Camelot mas, antes que fossem mais longe, um som quebrou o silêncio da manhã assombrada. Era uma trombeta que soava clara e alta no ar parado, do alto de Camelot. E, a sua frente, na moita de quatro macieiras, larga e inconfundível a luz do sol estendia-se a estrada construída por Arthur para que suas legiões ali passassem.

Parecia adequado que o primeiro homem que Morgause visse nas proximidades de Camelot fosse o seu filho Gareth. Ele adiantou-se para escoltá-los até os grandes portões do castelo; então, reconhecendo Lancelote, correu para ele.

O Paladino da rainha curvou-se na sela e atirou-se para Gareth, apertando-o num forte abraço.

- Então, primo, é você...

- Sim, acontece que Cai está muito velho e manco, para patrulhar as muralhas de Camelot atualmente. Ah este é um bom dia, pois você retorna para Camelot, meu primo. Mas vejo que não encontrou Galahad, Lance.

- Sim eu o encontrei - respondeu ele com pesar e o rosto franco e ainda infantil de Gareth foi tomado de desalento ao olhar para os contornos do homem que estava sob a mortalha. - Preciso levar logo esta notícia para Arthur. Leve-me até ele, Gareth.

Gareth inclinou a cabeça, pousando a mão no ombro de Lancelote.

- Ah este é um mau dia para Camelot. Uma vez eu disse que, por trás do Graal, parecia estar a obra de algum demônio e não de Deus!

Lancelote meneou a cabeça e pareceu a Morgause que algo brilhante surgia através dele, como se seu corpo fosse transparente e atrás de seu sorriso triste, havia uma alegria oculta.

- Não, meu caro primo, não deve pensar assim. Galahad teve o que Deus lhe deu e Deus nos ajude para que o tenhamos também. Mas este dia acabou e ele está livre do destino humano. O nosso ainda está por vir, caro Gareth... Deus permita que encontremos a morte com a mesma coragem que ele.

- Amém - disse Gareth e, para surpresa horrorizada de Morgause, persignou-se. Então ele a olhou.

- Mãe, é você? Perdoe-me, não esperava encontrá-la na companhia de Lancelote - disse e inclinou-se sobre sua mão com um beijo respeitoso. - Venha, deixe-me chamar um criado para levá-la até a rainha. Ela lhe dará as boas-vindas entre suas damas enquanto Lancelote está com o rei.

Morgause deixou-se levar, perguntando-se por que viera. No reino de Lot ela governava como rainha segundo suas próprias regras mas em Camelot, podia apenas sentar-se entre as damas de Gwenhwyfar e só conseguiria saber o que um de seus filhos se dignasse a contar-lhe.

Ela ordenou ao criado:

- Diga a meu filho, Gwydion - Sir Mordred - que sua mãe está aqui e peça-lhe que venha ver-me logo que possa. - Mas ela perguntava-se, mergulhada em desalento, se nesta corte estranha ele se daria ao trabalho de prestar-lhe tal mostra de respeito, como Gareth o fizera. E ainda uma vez sentiu que errara ao vir a Camelot.

Por muitos anos, Gwenhwyfar sentira que quando os Cavaleiros da Távola Redonda estavam presentes Arthur não lhe pertencia mas sim a eles. Ressentia-se das intromissões em sua vida, da presença deles em Camelot; freqüentemente sentia que, se Arthur não estivesse cercado pela corte, talvez eles pudessem ter tido uma vida mais feliz do que a que levavam como rei e rainha de Camelot.

E no entanto, neste ano de busca do Graal, começou a perceber que tivera sorte, apesar de tudo, porque Camelot era como uma aldeia de fantasmas com todos os Cavaleiros longe enquanto Arthur, o fantasma que assombrava Camelot, perambulava silenciosamente pelo castelo deserto.

Não que não sentisse prazer na companhia do rei, quando afinal ele lhe pertencia inteiramente. O que ocorria era que só agora começara a compreender quanto de si mesmo ele pusera em suas legiões e na construção de Camelot. Ele era cortês e gentil e ela desfrutava a companhia dele mais do que nunca em todos os longos anos de guerra ou nos anos de paz que os seguiram. Mas era como se parte dele estivesse ausente com seus Cavaleiros onde quer que se encontrassem e apenas uma pequena fração do homem propriamente dito permanecesse ali com ela. Ela amava Arthur, o homem, tanto quanto amava Arthur, o rei mas percebia agora como parecia diminuído o homem sem os negócios do reino, a que dedicava tanto de sua vida. E envergonhou-se de percebê-lo.

Nunca falavam daqueles que estavam ausentes. Naquele ano da busca do Graal, viviam calmamente e em paz, dia após dia, falando apenas de coisas cotidianas, de pão e carne, das frutas do pomar ou do vinho das adegas, de um manto novo ou da fivela de um novo sapato. E uma vez, olhando a volta a sala vazia da Távola Redonda ele disse:

- Deveríamos guardar isto até que eles voltem, meu amor. Até mesmo nesta grande sala há pouco espaço para se mover e agora que está completamente vazia...

- Não - respondeu ela, rapidamente -, não, meu querido, deixa como está. Está grande sala foi construída para a Távola Redonda e sem ela seria como um celeiro vazio. Deixe-a. Você eu e o pessoal da casa podemos comer a uma mesa menor. - Arthur sorriu-lhe e ela viu que ele ficara contente com a sua resposta. - E quando os Cavaleiros voltarem da busca poderemos mais uma vez fazer um grande banquete lá - concluiu mas Arthur ficou calado. Ela sabia que ele se perguntava quando voltariam.

Cai estava com eles, assim como o velho Lucan e dois ou três dos Cavaleiros que estavam velhos e doentes ou restabelecendo-se de velhas feridas. E Gwydion - Mordred, como era agora chamado - sempre lhes fazia companhia, como um filho crescido; freqüentemente Gwenhwyfar olhava-o e pensava: Este é o filho que eu poderia ter dado a Lancelote e o calor invadia-lhe e consumia todo o corpo, deixando-a banhada de um suor quente, quando recordava aquela noite em que o próprio Arthur a confiara aos braços de Lancelote.

E de fato este calor ia e vinha com freqüência; portanto, ela nunca sabia quando um cômodo estava quente ou frio, ou se era este estranho calor que lhe vinha de dentro. Gwydion era gentil e deferente para com ela, tratando-a de senhora ou, as vezes, timidamente, de tia; a grande timidez com que usava esse termo de laço familiar a reconfortava e o fazia querido por ela. Ele era como Lancelote também mas mais calado e menos jovial; enquanto Lancelote se mostrava sempre disposto a um gracejo ou um trocadilho, Gwydion sorria e fazia um comentário sarcástico, semelhante a picada de um alfinete. Seu humor era maldoso mas ela não podia deixar de rir quando ele fazia algum gracejo perverso.

Uma noite, quando suas parcas companhias jantavam, Arthur declarou-lhe :

- Até que Lancelote volte para nós, sobrinho, você será meu capitão da cavalaria.

Gwydion riu.

- Esta será uma tarefa bastante leve, meu tio e meu senhor; há poucos cavalos no estábulo agora. Seus melhores animais se foram com seus Cavaleiros e, quem sabe, algum cavalo encontrará o Graal que eles procuram!

- Ah, cale-se - disse Gwenhwyfar, zangada. - Você não deve debochar da busca.

- Por que não, tia? Vezes sem conta, os padres dizem que somos os cordeiros nas pastagens do Senhor e se um cordeiro deve buscar a presença espiritual, bem, sempre acreditei que um cavalo era um animal mais nobre do que um cordeiro. Então quem pode afirmar que um animal, nobre ou não, não alcance o resultado da busca? Até mesmo algum velho cavalo de guerra assustado pode buscar repouso espiritual, assim como dizem que o leão se deitará com o cordeiro e nunca pensar na hora do jantar.

Arthur riu sem muito gosto.

- Será que precisaremos de nossos cavalos para a guerra outra vez? Desde o monte Badon, Deus seja louvado, temos tido paz nestas terras...

- Exceto por Lucius - retrucou Gwydion - e se eu aprendi alguma coisa em minha vida foi que a paz é algo que não pode durar. Os selvagens nortistas estão aportando na costa em navios-dragões e quando os homens chamarem pelas legiões de Arthur para defendê-los, a resposta que receberão será apenas a de que os Cavaleiros de Arthur cavalgaram para longe em busca da paz para a alma. E isso os fará procurar a ajuda dos reis saxões do sul. Mas não há dúvida de que, quando a busca estiver terminada eles voltarão seus olhos uma vez mais para Arthur e Camelot e parece-me que haverá escassez de cavalos de guerra quando este dia chegar. Lancelote está tão ocupado com o Graal e seus outros feitos que tem pouco tempo para olhar pelos estábulos do rei.

- Bem eu já lhe disse que queria que preenchesse este cargo - insistiu Arthur e ocorreu a Gwenhwyfar que seu tom parecia entediado e envelhecido, sem a força de outrora. - Como capitão da cavalaria terá autoridade para procurar cavalos em meu nome. Lancelote costumava negociar com os comerciantes de algum lugar ao sul, além da Bretanha...

- Assim devo fazê-lo também. Não havia cavalos como os da Espanha mas agora, meu tio e senhor, os melhores vêm de mais longe ainda. Os próprios espanhóis compram seus animais na África em um país desértico. Agora estes sarracenos estão começando a superar a própria Espanha. Ouvi isto do cavaleiro Palomides, que, vindo de terras mais longínquas que a dos sarracenos, se hospedou entre nós por uns tempos e partiu para buscar mais aventuras entre os saxões. Ele não era cristão e pareceu-lhe estranho que todos os seus cavaleiros partissem em busca do Graal quando nossas terras estavam em guerra.

- Falei com Palomides - disse Arthur. - Ele tinha uma espada de aço espanhol... Eu ficaria contente de ter uma como aquela embora acredite que não é mais fina que a Excalibur. Nenhuma espada em nosso país terá tal fio que é como o de uma navalha. Fico contente de não ter de enfrentar tal espada nas lutas. Os homens do norte têm grandes machados e maças mas suas armas não são tão boas quanto as dos saxões.

- No entanto eles são guerreiros mais ferozes, que se perdem na loucura da luta, como algumas vezes o faziam os homens das tribos do reino de Lot, jogando fora seus escudos na luta... Não, meu rei, podemos ter tido paz por um bom tempo mas assim como os sarracenos começam a conquista da Espanha, também os homens do norte estão em nossas costas e os selvagens irlandeses. No final, não há dúvida, os sarracenos serão bons para a Espanha, assim como os saxões foram bons para estas terras...

- Bons para estas terras? - Arthur parecia mais jovem em sua surpresa. - O que está dizendo, sobrinho?

- Quando os roxianos nos deixaram, meu senhor Arthur estávamos isolados no fim do mundo, sozinhos como tribos meio selvagens. A guerra com os saxões nos forçou a buscar algo de nós mesmos. Negociamos com a Bretanha Menor, a Espanha e com países ao sul, tivemos de negociar cavalos e armas, construímos novas cidades... bem como sua própria Camelot, senhor, para mostrar isso. Sem falar do movimento dos padres, que agora se espalharam entre os saxões e fizeram dos selvagens homens tribais, sem pêlos nas faces, que adoravam deuses bárbaros, homens civilizados que são seus súditos. Por que mais esperava esta terra? Até mesmo agora eles têm monastérios e homens letrados escrevendo livros e... ainda mais... sem as guerras contra os saxões, meu senhor Arthur, o velho reino de Uther estaria agora esquecido como o de Máximo.

Arthur perguntou com ar divertido:

- Então, não há dúvida, pensa que estes vinte anos ou mais de paz colocaram Camelot em perigo e precisamos de mais guerras e lutas que nos levem de volta ao mundo outra vez? Fácil ver que você não é um guerreiro, jovem. Não tenho uma visão tão romântica da guerra!

Gwydion sorriu por sua vez.

- O que o faz pensar que não sou um guerreiro, senhor? Lutei entre seus homens contra Lucius, que teria sido imperador e tive muito tempo para me decidir sobre as guerras e os seus valores. Sem guerras o senhor estaria mais esquecido do que o menor dos reis de Gales do Norte e Eire. Quem agora poderia recitar a lista dos reis de Tara?

- E pensa que um dia será assim em Camelot, meu rapaz?

- Ah, meu tio e meu rei, o senhor terá a sabedoria de um druida ou a lisonja de um cortesão?

Arthur riu :

- Ora, ouçamos os conselhos astuciosos de um Mordred.

- O cortesão diria, meu senhor, que o reino de Arthur viverá para sempre e sua memória estará sempre viva no mundo. E o druida diria que os homens perecem e um dia serão, apesar de toda a sua sabedoria e glória, como a Atlântida, tragados pelas ondas. Só os Deuses perduram.

- E o que diria meu sobrinho e amigo então?

- Seu sobrinho - pôs tanta ênfase na palavra que Gwenhwyfar percebeu que ele queria dizer seu filho - diria, meu tio e senhor, que estamos vivendo para este dia e não para o que a história dirá de nós, milhares de anos mais tarde. E então, seu sobrinho o aconselharia a fazer com que seus estábulos refletissem uma vez mais os nobres dias em que os cavalos de Arthur e seus guerreiros eram conhecidos e temidos por todos. Nenhum homem deveria poder dizer que o rei envelheceu e que, com todos os seus Cavaleiros na busca, não se preocupa em manter seus homens e cavalos preparados para a luta.

Arthur deu-lhe um tapa amigável nos ombros.

- Então deixe estar, caro rapaz. Confio em seu julgamento. Mande buscar na Espanha, África, onde queira, cavalos que melhor correspondam a reputação da legião de Arthur. Deixo-o encarregar-se do treinamento.

- Deveria procurar saxões para esta missão e os saxões sabem pouco de nossos segredos de luta a cavalo. O senhor sempre disse que eles não deveriam sabê-lo: É seu desejo que, uma vez que os saxões são nossos aliados agora, sejam treinados para a luta?

Arthur pareceu perturbado:

- Temo que tenhamos que deixar isto também em suas mãos.

- Tentarei dar-lhe o melhor de mim e agora, meu senhor, já falamos demais sobre isto e aborrecemos as senhoras... perdoe-me, senhora - acrescentou; inclinando a cabeça para Gwenthwyfar, com aquele sorriso cativante. - Podemos ouvir música? A senhora Niniane estou certo, ficaria feliz em trazer sua harpa e cantar para nós, meu senhor e rei.

- Sempre me alegra ouvir a música de minha parenta - disse Arthur gravemente - se isto agrada a minha senhora.

Gwenthwyfar acenou para Niniane que tomou de sua harpa e sentou-se diante deles e começou a cantar. Gwenthwyfar ouviu com prazer a música - Niniane tocava maravilhosamente e sua voz era suave embora não tão pura ou forte quanto a de Morgana. Mas quando observou Gwydion com os olhos sobre a filha de Taliesin ela pensou: Por que será que nós, uma corte cristã, sempre temos que ter em nosso meio uma das donzelas da Dama do Lago? Isso a preocupou, embora Gwydion parecesse ser tão bom cristão quanto qualquer outro membro da corte, comparecendo sempre a missa dominical, assim como Niniane. Não conseguia lembrar-se de como Niniane se tornara uma de suas damas exceto de que Gwydion a trouxera para a corte e pedira a rainha que desse sua hospitalidade a uma parenta de Arthur e filha de Taliesin. Gwenthwyfar tinha apenas boas recordações de Taliesin e ficara satisfeita em dar as boas-vindas a sua filha mas, de algum modo, parecia-lhe agora que, sem jamais se impor, Niniane assumira o primeiro lugar entre suas damas.

Arthur sempre a tratava com deferência especial e chamava-a amiúde para cantar e por vezes Gwenthwyfar, observando-os, imaginava que ele a olhava com um interesse maior do que o que se tem por uma parenta.

Mas não, certamente que não. Se Niniane tivesse um amante ali na corte, seria mais provável que este fosse o próprio Gwydion. Ela notou que ele a observava... No entanto, seu coração confrangia-se dentro dela; aquela mulher era bela, bela como ela própria fora; hoje não passava de uma mulher envelhecida, de cabelos esmaecidos, faces descoradas, o corpo encurvando-se... E então, quando Niniane guardou sua harpa e ergueu-se ela olhou com desagrado Arthur levantar-se para acompanhá-la para fora do salão.

- Você parece aborrecida, minha esposa, por quê?

- Gwydion disse que você está velho...

- Minha querida esposa, ocupo o trono da Bretanha há trinta e um anos; com você a meu lado. Pensa que existe alguém neste reino que ainda nos possa achar jovens? A maioria de nossos súditos ainda não era nascida quando subimos ao trono. Embora, na verdade, minha querida eu não saiba como você possa parecer tão jovem.

- Oh, meu marido eu não procurava elogios - disse ela com impaciência.

- Devia sentir-se lisonjeada, minha Gwen, porque Gwydion não a dularia um rei envelhecido enganando-o com mentiras. Ele fala honestamente e eu o estimo por isso. Quisera...

- Sei o que queria - interrompeu-o, irritada - Queria poder reconhecê-lo como seu filho, assim ele e não Galahad, teria o seu trono quando você se for...

Ele corou.

- Gwenthwyfar, precisamos sempre ser tão duros um com o outro quando falamos neste assunto? Os sacerdotes não o aceitariam como rei e isto põe fim a questão.

- Não posso deixar de lembrar-me de quem ele é filho. .

- Não posso deixar de lembrar-me. de que ele é meu filho - completou Arthur gentilmente.

- Não confio em Morgana e você mesmo descobriu que ela.

Sua face endureceu-se e ela percebeu que o rei não desejava falar desse assunto.



- Gwenhwyfar, meu filho foi criado pela rainha do reino de Lot e seus filhos têm sido o suporte e o esteio do meu reino. O que teria feito sem Gareth e Gawaine? E agora Gwydion parece ser como eles, o mais gentil e melhor amigo de todos os Cavaleiros. Não me fará menosprezar Gwydion que ficou ao meu lado, quando todos os meus outros Cavaleiros me trocaram por esta busca.

Gwenhwyfar não queria discutir com ele. Disse então, deslizando as mãos por entre as dele:

- Creia-me, meu senhor, amo-o mais do que qualquer coisa neste mundo.

- Bem, creia-me, meu amor, os saxões têm um ditado: o homem que tem um bom amigo, uma boa esposa e uma boa espada é abençoado. E tudo isto eu tive, minha Gwenhwyfar.

- Oh, os saxões - disse ela, rindo. - Todos esses anos, lutando contra eles e agora cita seus ditos de sabedoria...

- Bem, de que serve a guerra, como diz Gwydion, se não podemos aprender a sabedoria dos nossos inimigos? Há muito tempo, alguém, Gawaine, talvez, disse algo sobre os saxões e seus homens letrados nos monastérios. Ele os comparou a uma mulher estuprada, que, depois da retirada dos invasores, dá a luz um bom filho. É melhor ficar apenas com o mal, ou, quando o mal está feito e não há mais conserto, tomar o que de bom pode advir do mal?

Gwenhwyfar fez uma careta:

- Apenas um homem, creio; poderia ter feito tal piada!

- Não eu não pretendi trazer a tona velhos ressentimentos, querida - protestou ele - mas o dano foi feito por mim e Morgana, há muitos anos. - Gwenhwyfar percebeu que, pela primeira vez ele pronunciava o nome de sua irmã sem aquela fria tensão nas feições. - Teria sido melhor se nada de bom proviesse do pecado que ambos cometemos... pois você sabe que foi um pecado... ou deveria eu ser grato porque, desde que o pecado estava feito e não se podia recuperar a inocência, Deus deu-me um bom filho em troca do mal? Morgana e eu nos despedimos como inimigos e não sei onde ela está ou o que foi feito dela, nem, suponho, jamais olharei seu rosto antes do dia do Juízo Final. Mas seu filho é agora o verdadeiro esteio do meu trono. Devo desconfiar dele por causa da mãe que o deu a luz?

Gwenhwyfar teria dito: Não confio nele porque foi criado em Avalon mas não quis fazer isso e calou-se. A porta de seus aposentos ele tomou-lhe a mão e perguntou suavemente :

- É seu desejo que eu me junte a você esta noite, senhora? - Ela evitou seus olhos e respondeu:

- Não, não estou cansada. - Tentou não ver o olhar de alívio em seus olhos.

Perguntou-se se era Niniane ou alguma outra que compartilhava de sua cama ultimamente. Ela não se rebaixaria a ponto de perguntar ao criado dele. Se não sou eu, por que devo importar-me com quem possa ser?

O ano moveu-se para a escuridão do inverno e depois para outra primavera. Um dia, Gwenhwyfar expressou impetuosamente:

- Gostaria que esta busca estivesse terminada e que os Cavaleiros tivessem retornado, com ou sem Graal!

- Cale-se, minha querida eles fizeram um juramento - disse Arthur mas mais tarde, neste mesmo dia, um cavaleiro surgiu na trilha para Camelot e eles viram que era Gawaine:

- É você, primo? - Arthur abraçou-o e beijou-o nas faces. - Eu não esperava vê-lo antes que o ano se completasse... Não jurou buscar o Graal por um ano e um dia?

- Sim, jurei - disse Gawaine - mas não estou sendo falso ao meu juramento, senhor e padre algum deve olhar-me como se eu tivesse cometido perjúrio... porque eu vi o Graal pela última vez, aqui neste mesmo castelo, Arthur e é provável que eu o veja aqui, outra vez, neste ou naquele canto do mundo. Cavalei para cima e para baixo, aqui e ali e nunca ouvi uma palavra sobre ele. Um dia ocorreu-me que era melhor procurá-lo onde já o tinha visto, em Camelot e na presença de meu rei, até mesmo se precisar procurá-lo todos os domingos na missa e em nenhum outro lugar.

Arthur sorriu e abraçou-o e Gwenhwyfar viu que seus olhos estavam úmidos: - Entre, primo - disse simplesmente. - Bem-vindo ao lar.

Alguns dias mais tarde, Gareth também voltou.

- Tive uma visão, de fato e acho que pode ter vindo de Deus - disse ele ao se sentarem para a ceia, no salão.

- Sonhei que vi o Graal descoberto e belo diante de mim e então uma voz falou-me, vinda da luz em torno dele: Gareth, Cavaleiro de Arthur, isto é tudo o que verás do Graal em toda a tua vida. Por que procurar mais por visões e glórias, quando teu rei necessita de ti em Camelot? Podes servir a Deus quando alcançares o Céu mas enquanto vives aqui na terra, volta a Camelot e serve a teu rei. Quando acordei lembrei-me de que até Cristo disse que se devia dar a César o que era de César; assim, voltei para casa. Encontrei Lancelote quando cavalgava e pedi-lhe que procedesse da mesma maneira.

- Você pensa então, que encontrou o Graal? - perguntou Gwydion.

Gareth riu.

- Talvez o Graal propriamente dito seja apenas um sonho. E quando sonhei com o Graal este me ordenou que cumprisse com o meu dever para com meu senhor e rei.

- Suponho então que devemos esperar ver Lancelote, brevemente entre nós.

- Espero que ele possa ouvir o chamado de seu coração e voltar, pois, de fato, precisamos dele aqui. Mas a Páscoa chegar em breve; podemos, pois esperar vê-los todos de volta para casa.

Mais tarde, Gareth pediu a Gwydion que trouxesse sua harpa e cantasse para eles.

- Não tenho ouvido nem sequer as músicas grosseiras que já ouvi na corte dos saxões - explicou - e você, que ficou em casa, teve sem dúvida tempo de aperfeiçoar suas canções, Gwydion.

Gwenhwyfar não ficaria surpresa se ele tivesse cedido seu lugar a Niniane mas em vez disso ele trouxe a harpa e Gwenhwyfar reconheceu-a.

- Essa não é a harpa de Morgana?

- Sim, é. Ela deixou-a em Camelot quando se foi; se ela a quiser pode mandar buscá-la, ou vir e tomá-la de mim. E até que esse dia chegue ela será minha. Duvido que ela me prive da harpa quando não me deu mais nada.

- Exceto sua vida - reprovou Arthur suavemente e Gwydion olhou-o com tal amargura que Gwenhwyfar ficou angustiada. O tom selvagem de sua voz não podia ser ouvido a um metro de distância.

- Devo então, ser grato por isso, meu senhor e rei? - Antes que Arthur pudesse falar, colocou os dedos sobre as cordas e começou a tocar. Mas a canção chocou Gwenhwyfar.

Ele cantou a balada do Rei-Pescador que vivia em um castelo no meio de um grande campo inculto. Quando o rei envelheceu e seus poderes diminuíram, a terra também se tornou estéril e não havia mais colheitas, até que um homem mais jovem veio e deu-lhe o golpe de misericórdia, derramando o sangue do velho rei sobre a terra. Então a terra voltou a ser jovem com o jovem rei e floresceu com sua juventude.

- Acredita nisso? - perguntou Arthur pouco a vontade. - Que uma terra onde um velho rei governa pode apenas ser uma terra estéril?

- Não é verdade, meu senhor. O que faríamos sem a sabedoria de seus muitos anos? No entanto, nos antigos tempos das tribos era de fato assim, quando apenas a Deusa da Terra permanecia e o rei governava enquanto lhe agradava. E quando o Gamo-Rei envelhecia, um outro vinha da manada e o derrubava... Mas esta é uma corte cristã, o senhor não tem maneiras tão bárbaras, meu rei. Creio que a balada do Rei-Pescador talvez não passe de um símbolo da relva, que, como dizem as Escrituras, é como a carne humana, que dura apenas uma estação e o rei do campo inculto não é mais que um símbolo do mundo que anualmente morre com a relva e é renovado com a primavera, como dizem todos os religiosos... Até Cristo enfraqueceu como o Rei-Pescador, quando morreu na cruz e voltou de novo com a Páscoa, sempre novo... - Tocou as cordas e cantou suavemente:

- "Olha, todos os dias do homem são como as folhas que caem e como a relva que seca. Vós também sereis esquecidos, como a flor que cai sobre a relva, como o vinho que é derramado e encharca a terra. E, no entanto, quando vem a primavera, assim a terra floresça e assim a vida florescente virá outra vez... "

- Isto é a Escritura, Gwydion? Um verso talvez de um salmo? - perguntou Gwenthwyfar.

Gwydion meneou a cabeça.

- É um antigo hino dos druidas e há quem diga que é mais velho ainda, trazido, talvez, daquelas terras que agora repousam sob o mar. Mas toda religião tem alguns hinos como esse. Talvez, de fato, todas as religiões sejam Uma.

Arthur perguntou-lhe calmamente:

- Você é cristão, meu rapaz?

Gwydion não respondeu por algum tempo. Afinal disse:

- Fui criado como um druida e não quebro os juramentos que fiz. Meu nome não é Kevin, meu rei. Mas o senhor não sabe de todos os meus votos. - Silenciosamente, levantou-se de seu lugar e saiu do salão. Arthur, fixando o olhar nele, não falou, nem mesmo para reprovar sua descortesia mas Gawaine estava carrancudo.

- Vai deixá-lo sair assim, sem nenhuma cerimônia, senhor?

- Ora, deixe estar, deixe estar. Somos todos parentes aqui, não peço que me tratem sempre como se eu estivesse no trono! Ele sabe que é meu filho, bem como todos os homens desta sala! Em meu lugar, você o trataria sempre como um cortesão?

Gareth também estava carrancudo. No entanto desejou suavemente :

- Gostaria de todo o coração que Galahad voltasse para a corte. Que Deus lhe dê uma visão como a minha, porque você precisa dele mais do que de mim, Arthur e se ele não vier logo, irei eu mesmo procurá-lo.

Foi apenas alguns dias antes do Pentecostes que Lancelote finalmente voltou para casa. Viram a procissão que se aproximava - homens, senhoras, cavalos e animais de carga. Gareth, nos portões, requisitara a presença de todos os homens para lhes dar as boas-vindas. Gwenthwyfar em pé ao lado de Arthur, prestou pouca atenção a rainha Morgause exceto para se perguntar por que a rainha do reino de Lot viera. Lancelote ajoelhou-se diante do rei trazendo-lhe as tristes notícias e Gwenthwyfar também sentiu a dor que havia em seus olhos... Sempre fora assim, o que afetava seu coração era como um açoite que se abatia sobre o dela. Arthur inclinou-se, levantou Lancelote e o abraçou, com os olhos úmidos.

- Perdi um filho, tanto quanto você, caro amigo. Sua falta será profundamente sentida - disse ele. Gwenthwyfar não pôde suportar mais e adiantou-se para dar a mão a Lancelote diante de todos, dizendo com voz trêmula:

- Eu ansiava que você voltasse para nós mas sinto que tivesse que chegar com notícias tão tristes.

Arthur ordenou suavemente a seus homens:

- Levai-o para a capela onde ele foi sagrado cavaleiro. Ele será velado esta noite e amanhã será enterrado com as honras de meu filho e herdeiro.

Quando se voltou, vacilava um pouco e Gwydion colocou rapidamente os braços em torno dele e o amparou.

Gwenhwyfar não chorava agora com freqüência mas sentiu que precisava fazê-lo, pelo que vira no rosto de Lancelote, tão desfigurado e abatido. O que lhe acontecera neste ano em que perseguira o Graal? Uma longa doença; jejum, sofrimento, ferimentos? Nunca o vira tão triste, nem mesmo quando viera contar-lhe de seu casamento com Elaine. Observando Arthur inclinar-se pesadamente nos braços de Gwydion ela suspirou e Lancelote apertou-lhe a mão suavemente:

- Posso até alegrar-me, agora que Arthur veio a reconhecer e valorizar seu próprio filho. Isso suavizará sua dor.

Gwenhwyfar meneou a cabeça, não querendo pensar no que o fato significaria para Gwydion e Arthur. O filho de Morgana! O filho de Morgana sucederia Arthur... Não, não havia como evitá-lo agora!

Gareth aproximou-se e inclinou-se diante dela:

- Senhora, minha mãe está aqui... - Gwenhwyfar lembrou-se de que não estava livre para permanecer entre os homens, que seu lugar era com as damas, que não podia pronunciar uma palavra de conforto para Arthur ou Lancelote.

Ela disse, impassível :

- Estou contente em lhe dar as boas-vindas, rainha Morgause - veio-lhe, porém, a mente: Devo confessar isto como pecado, que minto para a rainha? Seria, de algum modo, mais virtuoso se lhe dissesse: eu lhe dou as boas-vindas como me ordena o dever, rainha Morgause mas não estou contente em vê-la e quisera que tivesse ficado no reino de Lot ou no inferno, peio que me diz respeito! Notou Niniane ao lado de Arthur, que estava entre ela e Gwydion e aborreceu-se com isso.

- Senhora Niniane - disse, ainda impassível - creio que as mulheres se retirarão agora. Providencie um quarto de hóspedes para a rainha Morgause e cuide para que tudo esteja pronto para recebê-la.

Gwydion parecia zangado mas não havia nada para se dizer e Gwenhwyfar refletiu, quando ela e as damas saíram do pátio, que havia vantagens em ser rainha.

Por todo aquele dia, os Cavaleiros da Távola Redonda correram de volta a corte de Arthur. Gwenhwyfar ocupava-se dos preparativos do banquete do dia seguinte em que se daria o funeral. No dia de Pentecostes, os homens de Arthur que tivessem retornado da busca estariam reunidos. Reconheceu muitos rostos mas alguns, já o sabia, nunca voltariam: Persival, Bors, Lamorak - olhou para Morgause, que, adivinhava-o, pranteava sinceramente Lamorak. Sentira que a velha mulher fizera papel de tola com seu jovem amante mas dor é dor e quando, durante a missa do funeral de Galahad, o padre lembrou de todos os outros que haviam perecido na busca, observou que Morgause escondia as lágrimas atrás do véu e que seu rosto estava vermelho e inchado.

Na noite anterior, Lancelote velara o corpo do filho na capela e ela não tivera oportunidade de falar-lhe a sós. Após a missa do funeral, convidou-o a sentar-se ao seu lado e de Arthur, ao jantar e, quando encheu sua taça, desejou que ele bebesse até ficar embriagado e esquecer o luto. Entristecia-lhe ver-lhe o rosto vincado, tão marcado pela dor, privação e os cabelos encanecidos. E ela, que mais o amava. não podia abraçá-lo e chorar

com ele em público. Durante muitos anos sentira uma profunda dor por nunca ter o direito de voltar-se para ele diante de outros homens; podia apenas sentar-se ao seu lado como uma parenta e sua rainha. Esse sofrimento parecia-lhe agora mais terrível do que nunca mas ele não se virou para ela e nem sequer olhou-a nos olhos.

De pé, Arthur bebeu a saúde dos Cavaleiros que jamais voltariam da busca.

- Aqui, diante de todos vocês, juro que nenhuma de suas esposas ou filhos conhecer a privação enquanto eu viver e Camelot ainda estiver de pé. Compartilho de sua dor. O herdeiro do meu trono morreu na busca do Graal. Virou-se e segurou a mão de Gwydion, que veio lentamente para seu lado. Parecia mais jovem do que era em uma túnica branca e despojada, com os cabelos escuros presos por uma faixa dourada.

- Um rei não pode, como os outros homens, permitir-se um longo luto, meus Cavaleiros. Peço-lhes para prantear comigo a perda do meu sobrinho e filho adotivo, que agora jamais reinará ao meu lado. Mas, mesmo assim, nosso luto não é tão pesado, peço-lhes que aceitem Gwydion - Sir Mordred, o filho de minha única irmã, Morgana de Avalon, como meu herdeiro. Gwydion é jovem mas tornou-se um de meus sábios conselheiros. Levantou a taça, bebendo em seguida. - Bebo a você, meu filho e a seu reinado quando o meu terminar.

Gwydion veio e ajoelhou-se diante de Arthur.

- Que seu reinado seja longo, meu pai.

Pareceu a Gwenhwyfar que ele piscava para evitar as lágrimas e amou-o mais por isso. Os Cavaleiros beberam e então, liderados por Gareth, os saudaram.

Mas Gwenhwyfar sentava-se, silenciosa. Ela sabia que isso tinha de acontecer mas não esperava que fosse exatamente no banquete funerário de Galahad! Neste momento, voltou-se para Lancelote e murmurou:

- Quisera que ele tivesse esperado! Quisera que ele tivesse ouvido seus conselheiros!

- Não sabia que ele pretendia isto? - perguntou Lancelote. Ele estendeu a mão e tomou a dela, pressionando-a suavemente, tocando-lhe os dedos sob os anéis que ela usava. Os dedos pareceram-lhe ossudos e finos, não jovens e suaves como antes; ela sentiu-se envergonhada e teria retirado as mãos mas ele não deixou que o fizesse. Ele comentou; ainda tocando-lhe as mãos: - Arthur não devia ter feito isto com você sem avisá-la.

- Deus sabe que não tenho o direito de reclamar, pois não fui capaz de dar-lhe um filho. Assim ele teve que fazê-lo com Morgana...

- Ainda assim ele devia tê-la avisado - retrucou Lancelote. Pela primeira vez Gwenhwyfar pensou friamente que ele jamais, ainda que por um momento, parecera criticar Arthur. Ele levou as mãos dela até os lábios, deixando que ela as retirasse, quando Arthur se aproximou deles com Gwydion. Os criados traziam pratos de carne fumegante, bandejas de frutas frescas e pão quente, colocando compotas aqui e ali, ao longo da mesa. Gwenhwyfar deixou o criado servi-la de carne e frutas mas mal tocou o prato. Notou, com um sorriso, que fora arranjado para que ela partilhasse seu prato com Lancelote, como muitas vezes fizera em outros banquetes de Pentecostes; e que, Niniane, ao lado de Arthur, compartilhava o prato do rei. Uma vez ele a chamara de filha, o que aliviou de alguma forma o coração de Gwenhwyfar - talvez ele a aceitasse como esposa potencial de seu filho. Para sua surpresa, Lancelote pareceu adivinhar-lhe o pensamento.

- Será que no próximo festival na corte haverá um casamento? Creio que o parentesco é muito próximo...

- Será que isso importa em Avalon? - perguntou Gwenhwyfar com voz um pouco mais áspera do que pretendia; a velha dor ainda se fazia sentir.

Lancelote deu de ombros.

- Não sei... em Avalon, quando eu era menino, ouvi sobre um país ao sul, onde a casa real sempre casava irmãos com irmãs, fazendo, assim, que o sangue real não se misturasse ao sangue de gente comum e que a dinastia durasse por milênios.

- Homens bárbaros - comentou Gwenhwyfar - Nada sabiam sobre Deus e não sabiam que pecavam.

Todavia Gwydion não parecia ter sofrido com o pecado de seus pais; por que devia ele, neto de Taliesin - não, seu bisneto -, hesitar em casar-se com a filha de seu bisavô?

Deus punirá Camelot por esse pecado, pensou de repente. Pelo pecado de Arthur, pelo meu... e pelo de Lancelote... Ouviu Arthur dizer a Gwydion, com uma voz que lhe pareceu distante dela:

- Você afirmou uma vez, na minha presença, que Galahad talvez não vivesse para a coroação.

- E agora me lembro, meu pai e senhor, que lhe jurei que não tomaria parte em sua morte mas que ele morreria honradamente pela cruz que adorava e assim foi.

- O que mais prevê, meu filho?

- Não me pergunte, senhor Arthur. Os Deuses são gentis quando dizem que nenhum homem conhece seu próprio fim. Ainda que eu soubesse - e não digo que o saiba - nada lhe diria.

Talvez, pensou Gwenhwyfar, com súbito tremor, Deus já nos tenha punido bastante por nossos pecados quando nos enviou este Mordred... e então, olhando para o jovem, sentiu-se culpada. Como posso pensar assim daquele que tem sido para Arthur um verdadeiro filho? Ele não tem culpa de sua filiação!

Dirigiu-se então a Lancelote:

- Arthur não devia ter feito isso antes que Galahad esfriasse em seu túmulo!

- Não se trata disso, minha senhora. Arthur conhece seus deveres de rei. Pensa que importa a Galahad, agora que já se foi, quem se sentará no trono que ele nunca desejou? Teria feito melhor se tivesse feito de meu filho um padre, Gwenhwyfar.

Ela olhou-o e notou-lhe a expressão carregada, a milhares de léguas de distância dela encerrado dentro de si, inacessível e perguntou estranhamente, alcançando-o da melhor maneira que pôde:

- E não conseguiu encontrar o Graal?

Ela o viu voltar lentamente através da longa distância:

- Estive mais próximo dele do que qualquer pecador podia estar e sobreviver.

Mas fui poupado, para contar aos homens da corte de Arthur que o Graal se foi para sempre, para além deste mundo. - Caiu de novo em silêncio e depois disse, através daquela vasta distância: - Eu o teria perseguido além deste mundo mas não me deram escolha.

Ela perguntou-se: Não queria então, voltar a corte por minha causa? E pareceu-lhe claro que Lancelote se assemelhava mais a Arthur do que jamais notara e que ela não fora para nenhum deles mais do que uma distração entre a guerra e a busca, que a vida real de um homem era vivida em um mundo em que o amor nada significava. Toda a sua vida ele se devotara as guerras ao lado de Arthur e agora, quando não mais havia guerra, dedicara-se a um grande Mistério. O Graal interusera-se entre eles, como Arthur se interusera uma vez entre ambos e a própria honra de Lancelote.

Até mesmo Lancelote voltara-se para Deus e sem dúvida pensava que ela o levava a cometer um grave pecado. A dor era insuportável. Em toda a vida não tivera nada além disso. Sem poder evitá-lo estendeu as mãos para ele e agarrou-lhe as suas.

- Eu ansiei por você - sussurrou e chocou-se com a ansiedade em sua voz. Ele pensará que não valho mais do que Morgause, atirando-me em seus braços... Ele olhou para ela e confessou suavemente:

- E eu senti sua falta, Gwen. - E, como se lhe pudesse ler o coração sequioso, disse em voz baixa: - Com o Graal ou sem ele, amor, nada me traria de volta a corte, a não ser sua lembrança. Teria ficado lá, rezando pelo resto da vida se pudesse ver de novo o Mistério que foi oculto de meus olhos. Mas eu não passo de um homem, querida..

Ela sabia o que ele queria dizer e apertou-lhe as mãos.

- Devo dispensar minhas damas então?

Ele hesitou um momento e Gwenthwyfar sentiu o antigo medo... Como ousara ser tão arrojada, tão carente da modéstia feminina?. . Aquele momento sempre fora como a morte. Ele então apertou-lhe os dedos e disse:

- Sim, meu amor.

Mas enquanto o esperava, sozinha na escuridão, imaginou com amargura se o 'sim' dele fora como o de Arthur, uma oferta feita de tempos em tempos, levada pela piedade ou o desejo de poupar-lhe o orgulho. Agora que não havia mais a menor possibilidade de dar a luz uma criança de Arthur ele podia deixar de procurá-la mas era muito gentil para dar as suas damas motivo de riso. Ainda assim, partia-lhe o coração o fato de Arthur sempre parecer aliviado quando ela o dispensava; havia até ocasiões em que ela o convidava e eles conversavam ou ela se deitava em seus braços, contente de ser abraçada e confortada mas não exigindo mais nada dele. Pensava então que Arthur talvez imaginasse que seus abraços não seriam gratificantes para ela; por isso, raramente os oferecia e ela ignorava se, na realidade ele a desejava. Imaginou se ele alguma vez a desejara ou se sempre viera procurá-la por ser a esposa que tomara, sendo seu dever dar-lhe filhos.

Todos os homens apreciaram minha beleza e me desejaram exceto o marido que me deram. E agora, pensou, talvez até mesmo Lancelote venha para mim - por ser demasiado gentil para abandonar-me ou repudiar-me. Sentia-se febril, parecia-lhe que sua leve camisola estava superaquecida, pois todo o seu corpo transpirava. Levantou-se e passou uma esponja com água fria da jarra de seu toucador, tocando no peito úmido com desgosto. Ah estou muito velha, certamente lhe desagradará o fato de minha velha carne ainda o desejar da mesma forma que quando eu era jovem e bela...

E então ouviu seus passos atrás dela; ele tomou-a nos braços e a rainha esqueceu seus anseios. Mas depois que ele se foi, ficou deitada, insone.

Não devia ter arriscado. Antigamente era diferente, agora somos uma corte cristã e os olhos do bispo estão sempre me observando. Mas nada mais me resta... e lhe ocorreu, de repente, nem Lancelote... Seu filho e sua esposa estavam mortos e sua antiga intimidade com Arthur se fora, sem possibilidade de retorno.

Seria melhor se eu fosse como Morgana, a quem não é necessário o amor de um homem para sentir-se viva e real... E no entanto Gwenthwyfar sabia que até mesmo se ela não precisasse do amor de Lancelote ele precisaria do dela e sem um o outro estaria completamente só. Ele voltara para a corte porque necessitava dela tanto quanto ela necessitava dele.

E assim, ainda que fosse pecado, parecia um pecado maior deixar Lancelote sem conforto.

Ainda que nós sejamos amaldiçoados por isso, nunca me afastarei dele. Deus é um Deus de Amor, pensou: como poderia Ele condenar a única coisa em sua vida que nasceu do amor? E se Ele o fizesse, continuou, aterrorizada com sua blasfêmia, não era o Deus que sempre adorara e não se importava com a Seu julgamento!

Naquele verão houve guerra outra vez. Os homens do norte atacaram a costa oeste e as legiões de Arthur cavalgaram para a batalha, dessa vez a frente dos reis saxões dos países do sul, Ceardig e seus homens. A rainha Morgause permaneceu em Camelot; não era seguro pegar a estrada para o reino de Lot sozinha e ninguém poderia ser dispensado para escoltá-la.

Voltaram mais tarde naquele verão. Morgause estava no salão das mulheres com Gwenhwyfar e suas damas quando se ouviram as trombetas que soavam nas colinas.

- É Arthur que volta! - Gwenhwyfar levantou-se de sua cadeira. Imediatamente, todas as mulheres deixaram as rocas para se aglomerarem em torno dela.

- Como sabe?

Gwenhwyfar riu.

- Um mensageiro trouxe-me as notícias a noite passada. Pensam que estou envolvida em feitiçaria na minha idade? - Olhou a sua volta, para as moças excitadas. Parecia a Morgause que todas as damas de Gwenhwyfar não passavam de jovencinhas, de catorze ou quinze anos, buscando qualquer desculpa para abandonar a roca. Então, a rainha disse indulgentemente: - Vamos vê-los chegar de lá do alto?

Tagarelando e dando risadinhas, reunidas em grupos de duas ou três elas saíram e abandonaram as rocas onde estavam. Bem-humorada, a rainha chamou uma das criadas para arrumar a sala e, ao lado de Morgause, seguiu em um passo mais digno até a borda da colina, onde se podia ver a larga estrada que levava a Camelot.

- Veja, lá está o rei...

- E Sir Mordred, cavalgando a seu lado..

- E lá está Sir Lancelote... Oh, veja ele tem uma atadura em torno da cabeça e o braço está em uma tipóia.

- Deixem-me ver - Gwenhwyfar afastou-as. Enquanto as jovens olhavam, Morgause divisou Gwydion que cavalgava ao lado de Arthur, não parecia ferido e ela suspirou de alívio. Viu Cormac de volta entre os homens também. Ele fora para a guerra com os outros e, pelo visto, não fora ferido. Era fácil encontrar Gareth entre eles: era o mais alto de toda a companhia de Arthur e o cabelo brilhava como um halo. Gawaine, também, estava atrás de Arthur, como sempre ereto na sela mas quando se aproximaram, notou-lhe um grande hematoma na face que escurecia a pele em volta dos olhos, a boca inchada como se tivesse tido um ou dois dentes arrancados por um soco.

- Veja como Sir Mordred é elegante... - disse uma das jovens. - Ouvi a rainha dizer que ele se parece exatamente com Lancelote quando este era jovem. - Deu uma risadinha, cutucando a vizinha nas costelas. Elas juntavam-se, cochichando e Morgause suspirou ao vê-las. Pareciam tão jovens, todas elas, tão belas com seus cabelos macios como seda, presos em tranças e cachos, castanhos, ruivos ou dourados, as faces macias e suaves como as de um bebê, a cintura fina, as mãos delicadas e brancas. Sentiu, subitamente, uma inveja selvagem; outrora ela fora mais linda que todas elas. Nesse momento elas se acotovelavam e cochichavam sobre este ou aquele cavaleiro.

- Olhe como todos os cavaleiros saxões têm barba. Por que desejam eles parecer cabeludos como cães?

- Minha mãe diz que beijar um homem sem barba é como beijar uma outra donzela ou seu irmão caçula - contou sem pudor uma donzela, filha de um dos nobres saxões, cujo nome bárbaro Morgause mal podia pronunciar, Alfreth ou qualquer coisa assim.

- Todavia, Sir Mordred barbeia-se, e não há nada de feminino nele - argumentou uma das moças, que se voltou, rindo, para Niniane, de pé, silenciosa entre as outras damas - há, senhora Niniane?



Niniane respondeu com um riso suave:

- Todos estes homens barbados me parecem velhos; quando eu era garota, apenas meu pai e o mais velho dos druidas usavam barba.

- Até mesmo o bispo Patrício agora usa barba - opinou outra das damas. - Ovi-o dizer que no tempo dos pagãos os homens deformavam o rosto tirando a barba e que se devia usar barba como o fez o Senhor Deus. Talvez os saxões pensem assim.

- Ora, é apenas uma nova moda - intrometeu-se Morgause. - Elas vêm e vão. Quando eu era jovem, cristãos e pagãos se barbeavam do mesmo modo e agora a moda mudou. Não creio que tenha algo a ver com santidade nem de um nem de outro. Não duvido que um dia Gwydion usará barba. Você o desprezaria por isso, Niniane?

A mulher mais jovem tornou a rir:

- Não, prima. Ele é o mesmo, com ou sem barba. Ah, olhe, lá está o rei Ceardig e outros. Serão todos hóspedes de Camelot? Devo avisar os criados, senhora?

- Por favor, faça-o, minha cara - assentiu Gwenthwyfar e Niniane dirigiu-se ao salão. As moças empurravam-se para conseguir uma visão melhor e Gwenthwyfar chamou-as: - Venham, venham, todas vocês, vamos voltar para as rocas. É indecoroso olhar para os rapazes desta forma. Não têm nada melhor a fazer do que falar dos homens, de maneira tão indiscreta? Todas vocês, agora, andem, poderão vê-los hoje a noite, no grande salão. Haverá um banquete, o que significa trabalho para todas.

Elas pareciam desapontadas mas obedeceram a rainha e Gwenthwyfar suspirou e meneou a cabeça enquanto caminhava ao lado de Morgause:

- Em nome dos céus, ser que há um grupo mais indisciplinado de moças? E, de alguma forma, preciso mantê-las todas castas e bem orientadas... Parece que passam todo o seu tempo com maledicências e risinhos em vez de cuidarem de sua roca. Envergonho-me de que em minha corte, haja tantas moças fúteis e indiscretas como estas!

- Ora, minha cara - consolou-a Morgause preguiçosamente - certamente você também teve quinze anos uma vez. Tenho certeza de que você não era uma donzela exemplar tampouco. Nunca roubou um olhar de um belo homem ou pensou e conversou com suas amigas sobre como seria bom ser beijada por ele, barbeado ou com barba?

- Não sei o que você fazia aos quinze anos - retrucou Gwenthwyfar, ríspida - mas eu estava atrás dos muros de um convento! Parece-me que este seria um bom lugar para donzelinhas sem modos!

Morgause riu.

- Quando eu tinha catorze anos, olhava para qualquer coisa que usasse calças. Lembro-me de que costumava sentar-me no colo de Gorlois - ele era casado com Ygraine antes que os olhos de Uther caíssem sobre ela - e Ygraine sabia disso muito bem, pois, nem bem se casou com Uther, a primeira coisa que fez foi casar-me com Lot, que vivia tão longe da corte quanto ela desejava, sem, assim, ser preciso que eu tivesse que cruzar o oceano para manter-me distante! Ora, Gwenthwyfar, mesmo atrás das paredes de seu convento, pode jurar que nunca deu uma olhada em algum jovem que viesse domar os cavalos de seu pai ou no manto púrpura de um jovem cavaleiro?

Gwenthwyfar baixou o olhar.

- Parece-me que foi há muito tempo... - Então, lembrando-se de si mesma, disse bruscamente: - Os caçadores que trouxeram o veado a noite passada... devo dar-lhes ordens para que seja cortado e assado para o jantar, é talvez possamos mandar matar um leitão também, se todos esses saxões vão ficar hospedados aqui. E também mandar espalhar palha fresca no chão dos quartos onde dormirão, pois creio que não haverá número suficiente de camas para toda essa gente!

- Mande que as suas damas façam isso, também - aconselhou Morgause. - Precisam aprender a lidar com hóspedes em um grande castelo. Por que, senão para isso, estão elas a seu serviço, Gwenthwyfar? É dever da rainha dar as boas-vindas a seu senhor quando ele volta da guerra.

- Tem razão.

Gwenthwyfar enviou seu pajem para dar as ordens enquanto elas se dirigiam juntas para os grandes portões de Camelot. Morgause pensou: Bem, é exatamente como se tivéssemos sido amigas toda a vida. E lembrou que são poucas as que passam a juventude juntas.

Ela ainda pensava nisso quando se sentou naquela noite no grande salão decorado, que brilhava com as roupas das damas e dos cavaleiros. Era quase como se estivessem nos grandes dias de Camelot. Todavia, quantos velhos Cavaleiros foram-se nas guerras, na busca do Graal e jamais voltaram! Morgause não se lembrava, com freqüência, de que estava velha e isso a assustou. Metade dos assentos da Távola Redonda parecia-lhe tomada por saxões de grandes barbas e mantos grosseiros ou por jovens que não pareciam ter idade suficiente para segurar armas. Até mesmo seu bebê, Gareth era um dos mais velhos Cavaleiros da Távola Redonda e os mais novos divertidamente dispensavam-lhe deferências, chamando-o de senhor e pedindo seus conselhos ou hesitando em discutir com ele, se suas opiniões diferissem. Quanto a Gwydion - a maioria chamava-o Sir Mordred -, parecia-se mais com um líder entre os jovens homens, novos cavaleiros e saxões a quem Arthur escolhera para seus Cavaleiros.

- As damas de Gwenthwyfar e os criados haviam cumprido bem sua tarefa; havia carne assada e cozida em quantidade e grandes tortas de carne com molho, bandejas de maçãs e uvas frescas, pão quente e lentilha. Na mesa alta, quando o banquete terminou e os saxões bebiam e praticavam seus jogos favoritos de fazer charadas, Arthur chamou Niniane para cantar para eles. Gwenthwyfar estava ao lado de Lancelote, que tinha a cabeça envolta em bandagens e o braço em uma tipóia - ele fora ferido pelo machado de um homem do norte. Como não pudesse usar o braço, Gwenthwyfar cortava a carne para ele. Ninguém, pensou Morgause, lhes prestava a menor atenção.

Gareth e Gawaine sentavam-se mais longe a mesa e Gwydion perto deles, compartilhando o prato com Niniane. Morgause foi saudá-los. Gwydion havia se banhado e cacheado os cabelos mas uma de suas pernas estava com bandagens, pousada em um escabelo.

- Está machucado, meu filho?

- Não foi nada. Já sou bem grande agora, mãe, para não correr e sentar-me no seu colo quando dou uma topada!

- Parece-me pior do que um dedo machucado - notou as bandagens e o sangue coagulado nas bordas - mas vou deixá-lo a sós, se quiser. Esta túnica é nova?

Tinha sido feita de um modo que ela vira muitos dos saxões usarem, com mangas tão compridas que passavam do pulso e quase cobriam os nós da mão. A de Gwydion era azul, com bordados em cor púrpura.

- Foi um presente de Ceardig. Disse-me que é uma boa moda para uma corte cristã, porque oculta as serpentes de Avalon. - Sua boca retorcia-se. - Talvez eu devesse dar esta túnica a meu senhor Arthur como presente de ano novo neste inverno!

- Duvido que alguém notasse a diferença - interrompeu Gawaine. - Ninguém agora pensa em Avalon e os pulsos de Arthur estão tão desbotados que ninguém as vê ou, se as visse, criticaria.

Morgause olhou para a face e os para olhos machucados de Gawaine. Ele perdera efetivamente mais de um dente e as mãos também pareciam cortadas e machucadas.

- Você também está machucado, meu filho?

- Não foi o inimigo - resmungou Gawaine - Consegui isso de nossos amigos saxões, um dos homens do exército de Ceardig. Danem-se todos eles, aqueles grosseiros miseráveis! Creio que preferia quando eram nossos inimigos!

- Lutou com ele então?

- Sim e o farei outra vez se ele ousar abrir aquela boca tagarela contra meu rei. Nem precisava que Gareth viesse em meu auxílio, como se eu não fosse suficientemente grande para lutar em minhas próprias batalhas sem que meu irmãozinho viesse me ajudar.

- Ele era duas vezes maior que você - disse Gareth, repousando a colher - e o havia derrubado e pensei que iria quebrar suas costas ou as costelas... Ainda não tenho certeza se não o fez. Devia sentar-me enquanto aquele linguarudo batia em meu irmão e caluniava meus parentes? Ele pensará duas ou três vezes antes de abrir a boca malévola para proferir tais palavras.

- Ainda assim - continuou Gwydion calmamente - não pode silenciar todo o exército saxão, Gareth, particularmente quando falam a verdade. Existe um nome e não é um nome bonito, para um homem, mesmo quando este homem é um rei que fica sentado e nada diz enquanto outro cumpre seus deveres de marido no leito da esposa...

- Como ousa! - Gareth levantou-se, virando-se para Gwydion e agarrando-o pelo colarinho da túnica saxônia.

Gwydion levantou as mãos para se esquivar das de Gareth.

- Calma, irmão adotivo! - Ele parecia uma criança nas enormes mãos de Gareth. - Você me tratará como tratou aquele saxão porque entre parentes, falo a verdade ou também devo manter a mentira desta corte, quando todos vêm a rainha com seu amante e nada dizem?

Gareth lentamente afrouxou as mãos e sentou-se:

- Se Arthur não tem do que reclamar da conduta da senhora, quem sou eu para falar?

Gawaine murmurou :

- Maldita mulher! Maldita de qualquer forma! Quisera que Arthur a tivesse repudiado quando era tempo! Não por uma corte cristã como esta aqui se tornou e estou farto dos saxões. Quando me tornei cavaleiro ao lado de Arthur não havia um saxão em toda esta terra que fosse mais religioso que um porco!

Gwydion soltou uma imprecação, e Gawaine virou-se para ele.

- Conheço-os melhor que você. Já lutava contra os saxões enquanto você molhava as fraldas! Devemos governar a corte de Arthur pelo que estes porcos cabeludos pensam de nós?

- Não conhece os saxões tão bem quanto eu - insistiu Gwydion. - Você não fica conhecendo um homem pela ponta de um machado de batalha. Vivi em suas cortes e bebi com eles, cortejei suas mulheres e aventurei-me a dizer que os conheço bem o que você já não pode fazer. E uma coisa é verdade: eles consideram Arthur e sua corte corruptos, por demais pagãos.

- Mas foram eles que vieram para cá - protestou Gawaine.

- Ainda assim - insistiu Gwydion -, não é motivo de riso o fato de esses homens, irrepreensíveis; poderem chamar Arthur de corrupto.

- Irrepreensíveis, você diz? - rosou Gareth - Creio que Gawaine e eu os repreendemos!

- Lutará contra toda a corte saxônia? Melhor seria reparar a causa da calúnia - propôs Gwydion. - Será que Arthur não pode controlar melhor sua esposa?

- Seria preciso um homem mais corajoso do que eu para falar mal de Gwenthwyfar com Arthur - disse Gawaine.

- Todavia, isso precisa ser feito. Se Arthur tem de ser o rei supremo sobre todos os homens, não deve ser objeto de riso. Se o chamam de corno, será que jurarão segui-lo na guerra e na paz? De algum modo ele terá de lidar com a corrupção em sua corte. Talvez mandar a mulher para um convento ou banir Lancelote.

Gawaine olhou ansiosamente a volta:

- Por Deus, baixe a voz. Tais coisas não devem nem sequer ser sussurradas neste lugar!

- É melhor que sussurremos essas coisas do que eles a sussurrem com todo o fôlego através de toda a terra - continuou Gwydion. - Em nome de Deus, lá estão eles sentados próximos de Arthur e ambos sorriem! Será que Camelot deve tornar-se uma piada e a Távola Redonda, um bordel?

- Agora cale sua boca imunda ou a calarei eu - rosnou Gawaine, apertando os ombros de Gwydion com dedos de aço.

- Se eu mentisse, Gawaine, você poderia querer calar-me mas pode impedir a verdade com os punhos? Ou ainda afirma que Gwenthwyfar e Lancelote são inocentes? Você, Gareth, que por toda a vida tem sido seu favorito, acredito que não julgará mal seu amigo...

Gareth admitiu, rangendo os dentes.

- É verdade que eu gostaria de ver essa mulher no fundo do mar ou atrás das muralhas de um convento na Cornualha. Mas enquanto Arthur nada disser, refrearei a língua. E ambos estão suficientemente velhos para serem discretos. Todos os homens têm sabido durante anos que ele foi o seu defensor a vida inteira...

- Se eu tivesse alguma prova, Arthur talvez me ouvisse - murmurou Gwydion.

- Maldito seja, tenho certeza de que Arthur o sabe. Mas cabe a ele consentir ou interferir... E não ouvirá nem uma palavra sequer contra nenhum dos dois. - Gawaine engoliu em seco e prosseguiu: - Lancelote é meu parente e meu amigo também. Mas, maldito seja, pensa que não tentei?

- E o que disse Arthur?

- Ele respondeu-me que a rainha está acima das minhas críticas e o que quer que ela tenha escolhido fazer está bem feito. Foi cortês mas pude perceber que sabia do que eu estava falando e avisava-me para não interferir.

- Mas se fosse levado a notá-lo de uma forma que não pudesse ignorar... - disse Gwydion, calmo e pensativo, levantando a mão e acenando. Niniane, que estava sentada ao pé de Arthur, ainda tocando a harpa, pediu suavemente ao rei licença para retirar-se, levantou-se e foi até ele.

- Minha senhora, não é verdade que ela - e inclinou a cabeça ligeiramente em direção de Gwenthwyfar - dispensa suas damas quase sempre a noite?

Niniane respondeu calmamente:

- Ela não fez isso enquanto a legião estava fora.

- Então pelo menos sabemos que a senhora é leal - insistiu Gwydion cinicamente - e não distribui seus favores a qualquer um.

- Ninguém jamais a acusou de ser promíscua - zangou-se Gareth - e na idade deles; pois ambos estão mais velhos que você, Gawaine, seja lá o que façam, não trarão muito dano para quem quer que seja, creio.

- Não, falo sério - disse Gwydion com igual calor - Se Arthur quiser permanecer rei supremo...

- Não quererá dizer - perguntou Gareth, zangado - que você será rei supremo depois dele?

- O que você quer, irmão? Que, quando Arthur se for, eu entregue estas terras aos saxões? - Tinham a cabeça unida e falavam num sussurro furioso. Morgause estava consciente de que haviam esquecido não só sua presença mas até sua existência.

- Ora, pensei que amava os saxões - zombou Gareth com desprezo. - Não ficaria contente se eles governassem então?

- Não, ouça-me - explodiu Gwydion mas Gareth agarrou-o:

- Toda a corte ouvirá se não moderar a voz. Olhe, Arthur tem os olhos fixos em você ele notou quando Niniane veio até aqui! Talvez Arthur não seja o único que deva tomar conta de sua senhora ou...

- Cale-se! - disse Gwydion quase gritando enquanto lutava para livrar-se das mãos de Gareth.

Arthur perguntou, numa advertência:

- Sobre o que discutem meus leais primos? Desejo paz em minha casa primos! Venha, Gawaine eis aqui o rei Ceardig perguntando se você quer fazer charadas com ele.

Gawaine levantou-se mas Gwydion expôs suavemente:

- Eis uma charada para você: quando um homem não cuida de sua propriedade, o que deve ser feito por aqueles que estão interessados nela?

Gawaine afastou-se, fingindo que não o ouvira e Niniane inclinou-se para Gwydion:

- Deixe estar por ora. Há muitos ouvidos e olhos. Você plantou a semente. Fale agora com alguns dos outros Cavaleiros. Pensa que é o único a ver isso? - Moveu um pouco o cotovelo. Morgause, seguindo o discreto gesto, observou Gwenthwyfar inclinando-se com Lancelote sobre um tabuleiro de jogos em seu colo, tinham a cabeça próxima um do outro.

- Creio que muitos pensam que isso desonra a Camelot de Arthur - murmurou Niniane - Precisa apenas descobrir quem é menos escrupuloso do que seus irmãos do reino de Lot, Gwydion.

Mas Gwydion olhava zangado para Gareth:

- Lancelote - resmungou - sempre Lancelote.

E Morgause, olhando de Gwydion para seu filho mais novo, lembrou-se de uma criança conversando com um cavaleiro de brinquedo, pintado de azul e vermelho, a quem chamava Lancelote.

Então pensou em Gwydion mais jovem, seguindo Gareth para todos os lugares, como um cãozinho de estimação. Gareth é o seu Lancelote, pensou, o que advirá disto? Mas sua inquietação foi engolida pela malícia. Decerto, já é tempo de Lancelote ter uma resposta a tudo o que fez.

Niniane estava no cimo da colina de Camelot, olhando as brumas que a circundavam. Ouviu passos atrás de si e adivinhou, sem se voltar:

- Gwydion?

- Quem mais? - Seus braços a enlaçaram e apertaram-na de encontro ao peito e ela virou o rosto e beijou-o. Ele perguntou, sem afrouxar o abraço: - Arthur beija você assim?

Ela soltou-se de seus braços e olhou-o de frente.

- Está com ciúmes do rei? Não foi você que me aconselhou a ganhar sua confiança?

- Arthur já teve mais do que o suficiente daquilo que é meu..

- Arthur é cristão. Não lhe direi nada além disso - disse Niniane - e você é meu querido amor. Mas sou Niniane de Avalon e não presto contas a nenhum homem sobre a terra do que faço com o que é meu. Meu e não seu. Não sou romana, para deixar qualquer homem dizer-me o que posso fazer com o que a Deusa me deu. E se você não gosta, Gwydion então devo voltar a Avalon.

Gwydion deu aquele sorriso cínico que era o que ela menos gostava nele.

- Se encontrar o caminho... Pode ser que não o encontre com tanta facilidade agora. - Então o cinismo se afastou de seu rosto e ele segurou levemente a mão de Niniane. - Não me importo com o que Arthur faz com o tempo que lhe resta. Como Galahad ele pode ter seus momentos porque ficará sem eles por muito tempo - Fincou o olhar no que parecia um oceano de bruma envolvendo Camelot. - Quando a bruma se dissipar, nós veremos Avalon daqui, talvez, assim como a ilha do Dragão. - Suspirou e disse:

- Saiba que alguns dos saxões estão se mudando para esse país agora e já houve caça ao veado na ilha do Dragão embora Arthur a tenha proibido.

O rosto de Niniane endureceu-se de raiva.

- É preciso que isso acabe. O lugar é sagrado e o veado...

- E o povo que possui o veado. Mas Aedwyn, o saxão, os matou. Ele contou a Arthur que eles atiraram em seus homens com flechas envenenadas e que, por isso, liberou seus homens para matar quantos encontrassem. E agora caçam veados... e Arthur guerreará com Aedwyn, se precisar. Quisera que Aedwyn tivesse uma causa melhor. Pela minha honra, tenho que lutar para proteger os que espreitam Avalon.

- E Arthur guerreará por causa deles? - Niniane estava surpresa. Pensei que tivesse renegado Avalon.

- Avalon, talvez mas não o povo indefeso da ilha. - Gwydion estava calado e Niniane sabia que ele se lembrava de certo dia na ilha do Dragão. Ele passou os dedos ao longo das serpentes tatuadas nos pulsos, depois puxou as mangas da túnica saxônia sobre eles.

- Duvida que eu ainda possa derrubar o Gamo-Rei com as mãos e uma faca?

- Não duvido que possa, se for desafiado a fazê-lo - afirmou Niniane. - A questão é se Arthur poderia! Pois se ele não puder...

Ela deixou a pergunta pairar no ar e ele completou sombriamente, observando a densa bruma:

- Não creio que se desvanecer. A bruma sempre paira aqui, tão densa, agora, que alguns mensageiros de reis saxões não puderam encontrar o caminho... Niniane! Será que Camelot também se perderá nas brumas?

Ela tentou dizer-lhe alguma palavra de conforto ou fazer uma piada mas desistiu:

- Não sei. A ilha do Dragão foi profanada, seu povo está morrendo ou já está morto, o rebanho sagrado é presa dos caçadores saxões. Os homens do norte atacam a costa. Será que um dia saquearão Camelot, como os godos derrubaram Roma?

- Se eu tivesse sabido em tempo - disse Gwydion com reprimida violência, batendo um punho contra o outro - se os saxões tivessem avisado Arthur ele poderia ter-me enviado ou a algum outro, para proteger aquele solo sagrado onde foi feito Gamo-Rei e onde se comprometeu em sagrado matrimônio com a terra! Agora, o santuário da Deusa foi derrubado e como ele não morreu para protegê-lo, seu reinado está perdido.

Niniane ouviu o final da sua frase: - E o meu. Ela completou:

- E você não sabia que estava em perigo.

- E por isso também censuro Arthur. Não lhe parece que o fato de os saxões não se preocuparem em consultá-lo demonstra que têm pouca consideração por sua Suprema Realeza? E por que eles o menosprezam tanto? Eu lhe direi, Niniane: eles menosprezam qualquer rei que é traído, que não pode dominar suas mulheres...

- Você, que foi criado em Avalon, julgará Arthur pelos padrões saxões, piores dos que os dos romanos? Deixará o reino ascender ou cair por causa de algum julgamento de como o homem deve manter suas mulheres sob seu domínio? Será rei, Gwydion, porque carrega o sangue real de Avalon e porque é filho da Deusa...

- Bah! - Gwydion cuspiu e fez um gesto obsceno. - Nunca lhe ocorreu, Niniane, que talvez Avalon tenha caído tão tarde quanto Roma, porque havia corrupção no coração de seu reino? Pelas leis de Avalon, Gwenhwyfar não tem feito nada além do que é correto: uma dama deve escolher quem quiser como consorte e Arthur deveria ser destronado por Lancelote! Ora, Lancelote é filho da Suma Sacerdotisa; por que não elevá-lo a rei no lugar de Arthur? Mas nosso rei tem que se encolher porque alguma mulher o quer em sua cama?- De novo ele cuspiu. - Não, Niniane este doce mundo feminino acabou: primeiro, os romanos e agora os saxões sabem como o mundo deve ser. O mundo não é mais um grande útero carregando homens. Atualmente o movimento dos homens e exércitos determina as coisas.

Que povo aceitaria agora meu reinado porque sou o filho desta ou daquela mulher? Hoje é o filho do rei que toma a terra. Devemos recusar uma coisa boa apenas porque os romanos a usaram antes de nós? Temos melhores navios agora e descobriremos terras além das antigas terras que afundaram no mar. Seguir-nos-á uma Deusa amarrada a este pedaço de terra e a suas colheitas? Observe os homens do norte que atacam nossas costas: serão eles impedidos pelas maldições da Mãe? As poucas sacerdotisas que restaram em Avalon, nenhum saxão ou nortista as violará, porque Avalon não faz mais parte do mundo em que vivem os invasores. As mulheres que vivem no mundo que está por vir precisarão de homens para guardá-las. O mundo, agora, Niniane, não é o das Deusas mas dos Deuses, talvez de um Deus. Não devo tentar derrubar Arthur. O tempo e a mudança o farão.

As costas de Niniane formigavam como se ela estivesse tendo a Visão.

- E o que será de você, Gamo-Rei de Avalon? O que será da Mãe que o enviou em seu nome?

- Pensa que pretendo perder-me nas brumas com Avalon e Camelot? Pretendo ser o rei supremo após Arthur e para fazê-lo, tenho que manter a glória de sua corte ao máximo. Assim, Lancelote deve ir-se, o que significa que Arthur será forçado a bani-lo e talvez também a Gwenhwyfar. Está do meu lado, Niniane, ou não?

Seu rosto estava coberto de uma palidez mortal. Ela cerrou os punhos, desejando ter o poder de Morgana, o poder da Deusa, para levantar-se como uma ponte entre a terra e o céu e abatê-lo com a força de um raio da Deusa ultrajada. A raiva fazia queimar-lhe a lua crescente na testa.

- Devo ajudá-lo a trair uma mulher que usou o direito que a Deusa deu a todas as mulheres de escolher o homem que quiser?

Gwydion riu escarninho:

- Gwenhwyfar abdicou desse direito quando se ajoelhou aos pés dos servos de Deus.

- Entretanto, não quero participar da traição que você trama contra ela.

- Então, não me contará quando ela dispensar suas damas a noite?

- Não - disse Niniane com firmeza - Pela Deusa, não o farei. E a traição de Arthur a Avalon não é nada comparada com a sua! - Ela deu-lhe as costas e teria saído se ele não a detivesse.

- Você fará o que eu mandar!

Ela lutou para libertar-se, até conseguir arrancar os pulsos machucados das mãos dele.

- Mandar em mim? Nem em um milhão de anos! - respondeu sem fôlego, furiosa. - Tenha cuidado, você que ousou pôr as mãos sobre a Dama de Avalon! Arthur saberá que espécie de víbora tomou junto de si!

Com fúria cada vez maior, Gwydion agarrou-lhe novamente os pulsos, puxou-a para si e bateu-lhe com toda a força nas têmporas. Ela caiu ao chão sem um lamento. Ele estava tão encolerizado que a deixou cair, sem mover-se para ampará-la.

- Bem que os saxões o chamaram de Mau Conselho, Mordred - assassino! - disse uma voz baixa e selvagem, vinda da neblina.

Ele voltou-se, apavorado e olhou para o corpo caído de Niniane a seus pés.

- Assassino? Não! Eu estava apenas zangado com ela... Eu não a machucaria... - Olhou a sua volta, incapaz de distinguir qualquer coisa na densa neblina mas reconhecendo a voz.

- Morgana! Senhora... minha mãe!

Ele ajoelhou-se, com a garganta apertada pelo pânico, levantou Niniane, buscando as batidas de seu coração mas lá estava ela, sem respirar, sem vida.

- Morgana? Onde está? Onde está? Maldita seja, mostre-se! - Mas havia apenas Niniane, sem vida e imóvel a seus pés. Ele abraçou-a, implorando: - Niniane! Niniane, meu amor, fale comigo...

- Ela não falará outra vez - sentenciou a voz incorpórea mas quando Gwydion se virou, a figura sólida de uma mulher materializou-se na neblina. - Oh, o que você fez, meu filho?

- Foi você? Foi você? - perguntou Gwydion, histérico. - Foi você quem me chamou de assassino?

Gwydion jogou-se sobre ela e ela o segurou, afagando-o como quando ele tinha doze anos.

- Niniane enraiveceu-me... ameaçou-me... Como os Deuses são testemunhas, mãe, não pretendia machucá-la mas ela ameaçou ir contar a Arthur que eu tramava contra seu precioso Lancelote - balbuciou Gwydion. - Eu bati nela, juro que pretendia apenas assustá-la mas ela caiu...

Morgause soltou Gwydion e ajoelhou-se ao lado de Niniane.

- Você deu um golpe desafortunado, meu filho... Ela está morta. Nada pode fazer agora. Precisamos contar aos chefes da guarda de Arthur e aos criados.

Suas faces ficaram lívidas.

- Mãe! Os chefes da guarda... o que dirá Arthur?

Morgause sentiu o coração desfalecer. Ele estava em suas mãos, como quando era uma criança indefesa que Lot teria matado. Sua vida lhe pertencia e ele o sabia. Ela o abraçou.

- Não importa, meu amor; não deve sofrer por essa morte mais do que por qualquer outra que você causou no campo de batalha - disse, olhando para o corpo sem vida de Niniane. - Ela poderia ter caído por causa da neblina... é uma distância longa até o pé da colina. - Olhou por sobre as bordas de Camelot, onde a colina descia íngreme em meio a bruma. - Assim, agarrou-se a seus pés. O que está feito, está feito e nada do que acontecer com ela agora fará diferença. - O antigo ódio por Arthur ressurgia, Gwydion



haveria de derrubá-lo e o faria com a sua ajuda... E quando tudo terminasse ela estaria ao seu lado, a senhora que o havia colocado no trono! Niniane não mais estava entre eles, ela sozinha seria o seu apoio e a sua ajuda.

Silenciosamente, na neblina, o vulto da Senhora de Avalon desapareceu nas brumas. Mais tarde Arthur a chamaria e como ela não aparecesse enviaria homens para procurá-la mas Gwydion, olhando fixamente, como que hipnotizado, para as brumas, pensou ver, por um momento, as formas negras da barca de Avalon em algum lugar nas águas entre Camelot e a ilha do Dragão. Pareceu-lhe que Niniane, vestida de negro como a morte, lhe acenara da barca... e então desaparecera.

- Venha, meu filho - disse Morgause. - Você passou toda a manhã em seus aposentos e o resto do dia deve passar com Arthur em sua sala. Lembre-se, você não viu Niniane hoje... Quando for ter com Arthur, deve perguntar-lhe por ela, até parecer um pouco ciumento, como se temesse encontrá-la em sua cama.

E foi um bálsamo para seu coração quando ele a abraçou e murmurou:

- Eu o farei. Eu o farei, minha mãe. Você é, sem dúvida, a melhor de todas as mães, a melhor de todas as mulheres!

E ela abraçou-o por um instante e beijou-o de novo, saboreando seu poder antes de soltá-lo.

Gwenhwyfar jazia com os olhos abertos na escuridão, esperando os passos de Lancelote mas pensava em Morgause, rindo sorratamente - quando murmurou:

- Ah, invejo-a, minha cara! Cormac é um bom jovem e bastante vigoroso mas não tem a graça e a beleza de seu amante.

Gwenhwyfar inclinara a cabeça e nada dissera. Quem era ela para desprezar Morgause, quando fazia o mesmo? Mas era perigoso demais. O bispo, no último domingo, pregara um sermão sobre o mandamento do adultério, dizendo que a castidade das esposas repousava na própria raiz do modo de vida cristão, uma vez que apenas a castidade das mulheres casadas redimia o pecado de Eva. Gwenhwyfar lembrou-se da lenda da mulher surpreendida em adultério, de quem eles levaram a presença de Cristo; ele dissera: 'Aquele dentre vós que não tiver pecado atire a primeira pedra'.

Não houvera ninguém inocente o bastante para fazê-lo, mas aqui em sua corte havia muitas pessoas que não tinham pecado, como o próprio Arthur, para atirar a primeira pedra. Cristo dissera para a mulher: 'Vai e não peques mais'. E isso era o que ela devia fazer...

Não era o seu corpo que ela desejava. Morgause, rindo-se da luxúria do jovem que era seu amante, não acreditaria quão pouca diferença isso fazia para qualquer dos dois. Raramente, de fato ele a tomara daquela forma pecaminosa e desonrosa - só naqueles primeiros anos, quando tiveram a aquiescência de Arthur para tentar e ver se Gwenhwyfar poderia dar um filho ao reino. Houvera outras maneiras de encontrar prazer que ela pensava serem menos pecaminosas, menos violadoras dos direitos conjugais de Arthur sobre o seu corpo. E, ainda assim, não era isso o que ela desejava tanto, queria apenas estar com ele... Era algo, pensou, mais da alma do que do corpo. Por que devia um Deus de Amor condenar isso? Ele talvez condenasse o pecado que haviam cometido, pelo qual ela se penitenciará várias vezes mas como podia Ele condenar aquilo que era o mais verdadeiro amor?

Não privei Arthur de nada que ele desejasse ou precisasse de mim. Ele tinha de ter uma rainha, uma dama para manter seu castelo; de resto ele não desejava nada de mim a não ser um filho e não fui eu mas Deus, quem lhe negou isso.

Ouviu um ruído de passos suaves na escuridão e sussurrou :

- Lancelote ?

- Não. - O brilho de uma pequena lâmpada na escuridão a confundiu; por um momento viu o que lhe pareceu ser o rosto amado, rejuvenescido. Soube então, quem era.

- Como ousa? Minhas damas não estão tão distantes que eu não possa chamá-las e ninguém acreditará que eu o convidei a vir ter comigo!

- Fique quieta - disse ele. - Há uma faca em sua garganta, senhora - Ela se encolheu, agarrando-se as cobertas - Oh, não fique lisonjeada, senhora eu não vim até aqui para violentá-la. Seu charme está muito gasto para mim, minha senhora e já por demais provado.

- Isto é o bastante - disse uma voz grossa na escuridão atrás de Gwydion. - Não deboche dela, homem! Este é um negócio sujo, bisbilhotar a porta das câmaras e quisera jamais ter ouvido falar disso! Quietos todos você e escondam-se na câmara!

Ela reconheceu o rosto de Gawaine quando seus olhos se adaptaram a luz mortíça, além de sua forma familiar.

- Gareth? Que faz aqui? - perguntou, amargurada. - Pensei que você fosse o melhor amigo de Lancelote.

- E o sou - afirmou severamente. - Vim para evitar que nada além da justiça, lhe acontecesse.. - Ele - apontou para Gwydion - cortaria sua garganta... e a deixaria que a acusassem de assassinato.

- Quietos - disse Gwydion e a luz apagou-se.

Gwenhwyfar sentiu a faca espertar-lhe a garganta. - Se disser uma palavra para avisá-lo, senhora, cortarei sua garganta e aproveitarei para explicar minhas razões ao senhor Arthur.

- A ponta afundou-se na carne de Gwenhwyfar até que ela recuou com a dor, imaginando que fora ferida. Ouvia pequenos ruídos: o roçar de trajes, o bater de armas rapidamente abafados; quantos homens teria ele trazido para essa emboscada? Ficou quieta, torcendo as mãos com desespero. Se ao menos pudesse avisar Lancelote... Mas estava presa a uma armadilha como um animalzinho indefeso.

Os minutos arrastaram-se para a mulher que, acuada entre seus travesseiros e a faca, permanecia silenciosa. Depois de muito tempo ela ouviu um som, um suave assobio como o de um pássaro. Gwydion sentiu-lhe os músculos tensos e perguntou em um murmúrio irritado:

- É o sinal de Lancelote? - Afundou-lhe outra vez a faca na garganta. E murmurou, suando de terror:

- Sim.

Sentiu a palha farfalhar sob seu corpo quando ele retirou seu peso e afastou-se.

- Há um dúzia de homens neste quarto: Tente avisá-lo e não viverá três segundos.

Ela ouviu sons na antecâmara; a túnica de Lancelote, sua espada. Ah, Deus, pegá-lo-iam nu e desarmado? Ficou tensa de novo, sentindo, por antecipação, a faca penetrar-lhe o corpo mas, de algum modo, precisava avisá-lo, precisava gritar... Ela abriu os lábios mas Gwydion - fora a Visão, como ele soubera? - tapou-lhe a boca cruelmente, afogando-lhe o grito. Ela retorceu-se sob sua mão sufocante e depois sentiu o peso de Lancelote na cama.

- Gwen? - murmurou ele. - O que se passa aqui? Ouvi você gritar, meu amor?

Ela conseguiu escapar da mão que a prendia.

- Corra! - gritou. - É um truque, uma armadilha...

- Pelas portas do Inferno! - Ela podia senti-lo como um gato, arqueando as costas.

O lume de Gwydion cintilou; de alguma forma a luz passou de mão em mão até que o quarto estivesse completamente iluminado e Gawaine, Cai e Gareth, com uma dúzia de formas ensombrecidas por trás, adiantaram-se. Gwenhwyfar tremeu sob as cobertas e Lancelote lá estava parado, nu, desarmado.

- Mordred - disse, com desprezo. - Tal truque é bem próprio de você!

Gawaine disse formalmente:

- Em nome do rei, Lancelote, acuso-o de traição. Dê-me sua espada.

- Isso não importa - ordenou Gwydion - vá e tome-a.

- Gareth! Em nome de Deus, por que se prestou a isso?

Os olhos de Gareth brilhavam com lágrimas a luz do lume.

- Nunca acreditei que pudesse fazê-lo, Lancelote. Quisera Deus que eu perecesse numa batalha antes de ver este dia.

Lancelote baixou a cabeça e Gwenhwyfar viu-lhe os olhos em pânico, moverem-se em torno do quarto. Ele murmurou:

- Oh, Deus, Pellinore me olhou assim quando eles vieram com as tochas para tirar-me da cama de Elaine... Devo trair a todos, todos.

Ela queria estender-lhe a mão, dizer da sua pena e dor, abrigá-lo em seus braços. Mas ele não a olhava.

- Sua espada - pediu Gawaine calmamente. - E vista-se, Lancelote. Não o levarei nu e desonrado a presença de Arthur. Muitos homens já testemunharam sua vergonha.

- Não deixe que ele pegue sua espada... - protestou uma voz sem rosto na escuridão mas Gawaine obrigou o falante a calar-se. Lancelote afastou-se lentamente, foi para a pequenina antecâmara onde deixara as roupas, a armadura, as armas. Ela ouviu-o vestir-se. Gareth estava com a mão na espada, quando Lancelote entrou no aposento; vestido mas desarmado, com as mãos a vista.

- Fico contente que venha conosco sem lutar - comentou Gwydion - Mãe - virou-se para as sombras e Gwenhwyfar viu, consternada, a rainha Morgause ali - tome conta da rainha. Ela ficará a seu cargo até que Arthur a chame.

Morgause avançou até o lado da cama. Gwenhwyfar nunca notara antes como ela era alta e como a linha de seu queixo era agressiva.

- Venha, minha senhora, vista-se. Vou ajudá-la a prender os cabelos... Não vai querer aparecer nua e despuddorada diante do rei. E fique feliz por haver aqui uma mulher. Estes homens - olhou com desprezo para eles - pretendiam pegá-lo quando estivesse realmente dentro da senhora.

Gwenhwyfar encolheu-se com a brutalidade das palavras, lentamente, com dedos trêmulos, começou a colocar as vestes.

- Devo vestir-me diante de todos esses homens?

Gwydion não esperou que Morgause respondesse:

- Não tente nos enganar, mulher despuddorada! Ousa fingir que ainda tem alguma decência ou modéstia? Vista esta roupa, senhora, ou minha mãe vai enfiá-la em seu corpo como um saco!

Ele a chama de mãe. Não admira que Gwydion seja tão cruel e agressivo, se foi criado pela rainha do reino de Lot. Entretanto, Gwenhwyfar sempre considerara Morgause apenas uma mulher preguiçosa, alegre e divertida - o que a levava a isso? Ela estava sentada e quieta, calçando-se.

Lancelote perguntou calmamente:

- É a minha espada que quer então?

- Sabe que sim - confirmou Gawaine.

- Ora então - movendo-se mais rápido do que os olhos poderiam acompanhar, Lancelote atracou-se com Gawaine e com um outro movimento semelhante ao de um gato, pegou a espada do próprio Gawaine de suas mãos - venha e pegue, maldito! - E, com a espada de Gawaine, golpeou Gwydion que caiu na cama, lamentando-se, com um grande corte sangrando nas costas; então, quando Cai se adiantou empunhando a espada, Lancelote pegou uma almofada da cama e empurrou Cai para trás com ela e este desabou sobre os homens que avançavam e tropeçaram nele. Ele pulou na cama e disse baixo e rápido para Gwenhwyfar: - Fique quieta e apronte-se!

Ela suspirou encolhendo-se a um canto. Todos vinham contra ele outra vez; ele atravessou um com a espada, derrubou outro e, sobre o corpo do último, brandia a espada contra os atacantes cobertos pelas sombras. A forma gigantesca de Gareth arrastou-se lentamente no chão. Lancelote já lutava com mais um, porém Gwydion, sangrando, gritou:

- Gareth! - E atirou-se sobre o corpo do irmão adotivo. Naquele momento de dor, Gwydion ajoelhou-se, soluçando sobre o cadáver de Gareth. Gwenhwyfar sentiu Lancelote pegá-la nos braços, girar, matar alguém a porta - nunca soube quem era - e então, já de pé no corredor, empurrá-la com uma pressa frenética para a frente. Alguém o atacou, Lancelote matou-o e eles continuaram a correr.

- Vá para os estábulos - ordenou-lhe. - Traga cavalos e fora daqui, rápido.

- Espere! - disse ela, segurando-lhe o braço. - Se nos entregarmos a misericórdia de Arthur... ou se você escapar e eu ficar para enfrentá-lo...

- Gareth talvez quisesse justiça. Mas com as mãos de Gwydion nisso, pensa que um de nós alcançará o rei com vida? Bem fiz eu ao lhe dar o nome de Mordred!

- Ele correu com ela para os estábulos, atirando-se agilmente sobre a sela do cavalo. - Não há tempo para procurar o seu cavalo. Você cavalgará na minha garupa e segure-se bem, pois terei de passar pelos guardas no portão. - Gwenhwyfar deu-se conta de que estava diante de um novo Lancelote - não o seu amante mas o guerreiro endurecido. Quantos homens matara nessa noite? Não teve tempo de ter medo enquanto ele a levantava e a colocava na sela.

- Agarre-se a mim. Não terei tempo de tomar conta de você. - Virou-se então e deu-lhe um longo beijo. - Este é meu erro; devia saber que aquele bastardo infernal estaria espionando. Bem, o que quer que aconteça, agora pelo menos acabou-se. Nada de mentiras e nada mais de esconder-nos. Você é minha para sempre... - e partiu. Gwenhwyfar podia senti-lo tremer mas ele voltou-se selvagememente para segurar as rédeas. - E agora, vamos!

Morgause olhava com horror enquanto Gwydion, chorando, inclinava-se sobre o corpo de seu filho mais novo. Palavras ditas anos atrás, com sinceridade - Gwydion - recupera-se a lutar contra Gareth, até mesmo em uma batalha de faz-de-conta. Pareceu-me que você morria, dissera... e eu sabia que era por minha culpa que jazia sem vida. Não desafiarei o destino.

Lancelote o matara, Lancelote, a quem Gareth sempre amara mais do que qualquer outro homem.

Um dos homens no quarto adiantou-se:

- Eles estão fugindo...

- Pensa que me importo com isso? - Gwydion estremeceu e Morgause percebeu que ele sangrava, que seu sangue escorria e misturava-se com o de Gareth no

chão da câmara. Pegou o lençol de linho da cama, rasgou-o e colocou-o sobre o ferimento de Gareth.

Gawaine disse sombriamente:

- Nenhum homem de toda a Bretanha os ocultará agora. Lancelote é um renegado. Ele foi surpreendido em traição a seu rei e sua própria vida está condenada. Deus! Como eu gostaria que não tivéssemos chegado a este ponto!

- Aproximou-se, olhou a ferida de Gwydion e depois deu de ombros. - Nada além de carne cortada. Veja, o sangramento já está diminuindo, curar-se-á mas não poder sentar-se sem sentir dor por uns tempos. Gareth... - Sua voz falhou, o grande e duro homem começou a chorar como uma criança. - Gareth teve pior sorte e tomarei a vida de Lancelote por causa disso, nem que eu próprio morra em suas mãos. Ah, Deus, Gareth, meu pequeno, meu irmãozinho... - E Gawaine inclinou-se e aninhou o enorme corpo contra o seu. Disse pesadamente, através dos soluços: - Valeu a pena, Gwydion, valeu a vida de Gareth?

- Venha, meu rapaz - pediu Morgause, com um aperto na garganta, Gareth, seu bebê, seu último filho... ela o perdera há muito para Arthur mas ainda se lembrava do garotinho de cabelos macios, brincando com cavaleiros de madeira pintada. E um dia, você e eu partiremos juntos na busca, Sir Lancelote... sempre Lancelote. Mas agora Lancelote sobrepujara a si mesmo e em todos os lugares da terra todas as mães se ergueriam contra ele. E ela ainda tinha Gwydion, seu amado, aquele que um dia seria rei e ela estaria ao seu lado.

- Venha, meu rapaz, venha, você não pode fazer mais nada por Gareth agora. Deixe-me cuidar do ferimento, depois iremos ter com Arthur para lhe contar o que aconteceu. Assim ele poderá enviar seus homens para procurar os traidores...

Gwydion livrou-se dela.

- Afaste-se de mim, maldita! - disse, com uma voz terrível. - Gareth era o melhor de nós e eu não o teria sacrificado por uma dúzia de reis! Foram você e seu ódio contra Arthur, sempre me incitando a continuar, como se me importasse em que cama a rainha dormia. Como se Gwenhwyfar fosse pior do que você, que, de tempos em tempos, quando eu tinha dez anos, dormia com qualquer um...

- Oh, meu querido. . - murmurou ela, magoada. - Como pode falar assim comigo? Gareth era meu filho também...

- O que lhe importa Gareth ou qualquer um de nós ou o que quer que seja exceto o seu próprio prazer e ambição? Você me instigava a tomar o trono, não por minha causa mas para ter poder! - Afastou-se dela, retorcendo as mãos. - Volte para o reino de Lot ou para o inferno, se o Diabo a quiser mas se eu puser os olhos em você outra vez, juro que esquecerei tudo exceto que você foi a assassina daquele a quem amei, o meu irmão... - E quando Gawaine empurrou a mãe para fora da câmara, ela podia ouvir Gwydion chorando de novo:

- Oh, Gareth, Gareth, preferia ter morrido...

Gawaine disse rápido:

- Cormac, leve a rainha para seus aposentos.

Os braços fortes de Cormac abraçaram-na e depois que eles desceram para o salão, depois que aquele terrível lamento ficou para trás, Morgause começou a respirar livremente outra vez. Como pudera ele rejeitá-la assim? Quando fizera algo que não fosse por causa dele? Precisava mostrar um luto decente por Gareth mas Gareth era um homem de Arthur e certamente Gwydion se daria conta disso, mais cedo ou mais tarde. Ela olhou para Cormac.

- Não consigo andar tão rápido... ande um pouco mais devagar.

- Certamente, senhora - ela estava muito consciente do braço que a enlaçava e amparava. Deixou-se recostar um pouco nele. Ela se vangloriara com Gwenhwyfar de seu jovem amante mas jamais o levara para sua cama; mantivera-o esperando, incerto. Repousou a cabeça em seus ombros. - Você tem sido leal a sua rainha, Cormac.

- Sou leal a minha casa real, como todo o meu povo sempre tem sido - disse o jovem em sua própria língua e ela sorriu.

- Eis meu quarto. Ajude-me a entrar, sim? Eu mal posso andar.

Ele apoiou-a e colocou-a na cama.

- É seu desejo que eu chame suas damas?

- Não - murmurou, segurando-lhe as mãos, consciente de que suas lágrimas eram sedutoras. - Tem sido leal para comigo, Cormac e agora essa lealdade deve ser recompensada... Venha cá ...

Ela estendeu os braços, fechando os olhos, depois os abriu, chocada, quando ele a empurrou para longe.

- Acho que está perturbada, senhora - balbuciou. - O que pensa que sou? Por quem me toma? Ora, senhora, tenho tanto respeito pela senhora quanto pela minha avó! Devo tirar vantagem de uma mulher velha como a senhora, quando está sofrendo? Deixe-me chamar sua camareira e ela lhe dará uma boa poção e eu esquecerei que disse na loucura da dor, senhora.

Morgause podia sentir o golpe na boca do estômago, golpes repetidos em seu coração - minha própria avó. . velha... loucura da dor... O mundo todo de repente enlouquecera: Gwydion com sua ingratidão insana este homem que a desejara por tanto tempo e que agora a rejeitava... Queria gritar, chamar os criados e fazer com que ele fosse chicoteado até que suas costas se avermelhassem com o sangue e as paredes ressoassem com seus gritos de misericórdia. Mas até mesmo quando abriu a boca para fazer isso, todo o peso de sua vida desceu sobre ela junto com a exaustão.

- Sim - concordou entorpecida. Não sabia o que dizer. - Chame minhas damas, Cormac e diga-lhes que me tragam vinho. Partiremos ao amanhecer para o reino de Lot.

Quando ele saiu ela sentou-se na cama, sem forças para levantar as mãos. Estou velha. Perdi meu filho Gareth, perdi Gwydion e jamais serei rainha em Camelot. Já vivi demais.

Agarrando-se as costas de Lancelote, com o vestido puxado acima dos joelhos e as pernas nuas penduradas, Gwenhwyfar fechou os olhos enquanto cavalgavam com dificuldade pela noite. Não tinha a mínima idéia de para onde estavam indo. Lancelote lhe parecia um estranho, um guerreiro com a face endurecida, um homem que ela jamais conhecera. Houve um tempo, pensou em que eu teria ficado horrorizada de ficar ao relento, assim a noite... Mas sentia-se excitada, bem-disposta. No seu íntimo, havia dor, também luto pelo gentil Gareth, que fora como um filho para Arthur e merecia uma vida melhor do que ter sido abatido daquela forma e se perguntava se Lancelote sabia, ao menos, a quem matara! Lamentou o fim dos seus anos com Arthur e todos aqueles com quem eles os haviam compartilhado por tanto tempo. Mas para o que acontecera essa noite não havia retorno. Inclinou-se para a frente a fim de ouvir Lancelote acima da corrente do vento.

- Temos que parar em algum lugar logo, o cavalo precisa descansar... e se cavalgarmos durante o dia... meu rosto e o seu são conhecidos em toda esta região do país.

Ela assentiu com a cabeça, não tinha fôlego para falar. Depois de algum tempo entraram em uma floresta pequena, onde ele parou e apoiou-a gentilmente. Conduziu

o cavalo para a água e depois estendeu a túnica no chão para ela sentar-se. Lancelote fixou o olhar na espada ao seu lado.

- Eu ainda tenho a espada de Gawaine. Quando eu era rapaz, ouvi lendas sobre a loucura da luta mas não sabia que estava em nosso sangue... - Suspirou pesadamente.

- Há sangue na espada. Quem eu matei, Gwen?

Ela não podia suportar a mágoa e a culpa que via nele.

- Houve mais de um...

- Sei que golpeei Gwydion - Mordred - maldito seja. Sei que o feri, quando ainda estava em meu juízo perfeito. Suponho. . - sua voz emudeceu - que não tenha tido a sorte de matá-lo.

Silenciosamente ela meneou a cabeça.

- Então, quem? - Ela não disse e ele inclinou-se e tomou-lhe os ombros tão rudemente que, por um momento, Gwenthwyfar teve medo do guerreiro que jamais fora seu amante. - Gwen, conte-me! Em nome de Deus... matei meu primo Gawaine?

A isso ela podia responder sem hesitação, contente por ele ter perguntado por Gawaine.

- Não. Eu juro, não foi Gawaine.

- Podia ter sido qualquer um - disse ele, olhando a espada e estremeando. - Juro-lhe, Gwen, eu nem sabia que tinha uma espada na mão. Golpeei Gwydion como se ele fosse um cão e depois, não me lembro de nada, até estarmos cavalgando... - Ajoelhou-se diante dela, trêmulo, murmurando: - Estou louco de novo, creio que é como da outra vez em que estive louco...

Ela estendeu-lhe a mão, segurou-o contra si com uma selvagem ternura.

- Não, não - murmurou -, ah, não, meu amor... eu lhe trouxe tudo isso, desgraça e exílio...

- Diz isso, quando eu lhe trouxe esses infortúnios, afastando-a de todas as coisas que tanto significam para você...

Desesperada ela apertou-se contra ele e suspirou:

- Quisera Deus que o tivesse feito antes!

- Ah, não é demasiado tarde: sou jovem outra vez, com você ao meu lado e você jamais foi tão bela, meu querido amor... - Ele empurrou-a para a túnica, rindo em abandono: - Ah, agora não há nada para se interpor entre mim e você, ninguém para nos interromper, ah, Gwen, Gwen...

Quando ela se aconchegou em seus braços, lembrou-se de um nascer do sol no quarto do castelo de Meleagant. Era como nesse momento; e agarrou-se a ele, como se nada mais houvesse no mundo, nada além dos dois.

Eles dormiram um pouco, aconchegados sobre a túnica e acordaram ainda um nos braços do outro; o sol procurava-os entre os galhos verdes. Ele sorriu, tocando-lhe o rosto:

- Sabe... nunca antes acordei em seus braços sem medo. Apesar de tudo estou feliz... - Riu e uma nota de selvageria perpassou-lhe o riso. Havia folhas em seus cabelos brancos e em sua barba, sua túnica estava amarrotada. Gwenthwyfar levantou as mãos e sentiu a grama e as folhas em seus cabelos, que estavam soltos. Não tinha jeito de penteá-los mas trançou-os, prendendo-os com uma faixa tirada da borda da saia. Com voz tomada pelo riso, disse:

- Que belo par de maltrapilhos somos! Quem reconheceria a Rainha Suprema e o bravo Lancelote?

- Isso lhe importa?

- Não, meu amor. Nem um pouco.

Ele tirou as folhas e a grama dos cabelos e da barba.

- Preciso levantar-me e pegar o cavalo. Talvez haja uma fazenda nas proximidades onde possamos encontrar pão e beber cerveja. Não tenho uma única moeda comigo, nem nada que valha dinheiro exceto minha espada e isto... - Tocou um pequeno alfinete de ouro da túnica. - Por um momento, pelo menos, seremos mendigos, até que alcancemos o castelo de Pellinore, ainda tenho uma casa lá, onde vivi com Elaine e os criados... e ouro, também, para pagar nossas passagens para além-mar. Virá comigo para a Bretanha Menor, Gwenhwyfar?

- Para qualquer lugar - murmurou com voz trêmula e, naquele momento, realmente tinha essa intenção; iria para a Bretanha Menor, ou Roma, ou para o país além do fim do mundo. Apenas queria estar com ele para sempre. Puxou-o para si outra vez e esqueceu tudo em seus braços.

Mas quando, horas mais tarde ele colocou-a sobre o cavalo e partiram em trote mais lento ela ficou silenciosa, perturbada. Sim, sem dúvida eles poderiam ir para além-mar. Entretanto, quando os acontecimentos da noite anterior se espalhassem, vergonha e desdém cairiam sobre Arthur, de forma que, para salvar sua honra ele teria de procurá-los onde quer que estivessem. E, mais cedo ou mais tarde, Lancelote descobriria que matara o amigo mais amado, com exceção de Arthur. Ele o fizera num momento de loucura mas ela sabia quanto o sofrimento e a culpa o consumiriam e que, com o tempo, lembraria, quando a olhasse, não que ela era seu amor mas, sim, que matara o amigo, sem o saber, por sua causa e que traía Arthur por culpa dela: Se tivesse que lutar contra Arthur por causa dela, acabaria odiando-a...

Não. Ele ainda a amaria mas jamais esqueceria o preço em sangue que alguém pagara para que a possuísse. Jamais qualquer dos dois - amor ou ódio - o dominaria; mas ele viveria com ambos a lhe corroerem o coração duplamente. Um dia lhe destroçariam a mente e ele enlouqueceria outra vez. Ela aconchegou-se ao calor de seu corpo, repousou a cabeça em suas costas e chorou. Sabia, pela primeira vez, que era mais forte do que ele e isso cortou seu coração como uma espada mortal.

E assim, quando eles pararam de novo, seus olhos estavam secos; embora ela soubesse que o pranto se instalara em seu coração e jamais cessaria.

- Não irei para além-mar com você, Lancelote, nem semearei discórdia entre os Cavaleiros da Távola Redonda. Quando... quando Mordred conseguir o que pretende eles todos estarão em perigo e dia virá em que Arthur precisará de todos os seus amigos. Não serei como aquela dama dos velhos tempos... seu nome era Helena, aquela bela mulher da lenda que você contou, que fez com que todos os reis e cavaleiros lutassem por ela em Tróia.

- Mas o que fará? - Ela tentou não perceber que, mesmo em meio a dor e ao espanto de sua voz, havia um tênue fio de alívio.

- Você me levará a ilha de Glastonbury. Existe um convento lá, onde estudei. Ao chegar, contar-lhes-ei apenas que as más-línguas trouxeram a desavença entre Lancelote e Arthur por minha causa. Quando algum tempo tiver passado enviarei notícias a Arthur para que ele saiba onde estou e que não segui com você. E assim vocês poderão fazer as pazes com honra.

Ele protestou:

- Não! Não, não posso deixá-la ir... - Mas ela sabia, com dor no coração, que não teria dificuldades em persuadi-lo. Talvez, contra todas as probabilidades, tivesse esperado que ele lutasse por ela, que a levasse para a Bretanha Menor, com a força absoluta de sua vontade e paixão. Mas este não era o feitio de Lancelote. Ele era como era



e o que quer que fosse era assim e de nenhum outro modo. Ele já era assim quando começara a amá-lo e assim o amaria pelo resto da vida. E, por fim ele parou de lutar contra ela, virando o cavalo em direção a Glastonbury.

A longa sombra do templo se estendia sobre as águas quando eles pisaram afinal no barco que os levaria a ilha e os sinos da igreja soavam o ângelus. Gwenhwyfar inclinou a cabeça e murmurou uma prece.

- Maria, Santa Mãe de Deus, tende piedade de mim, uma pecadora... e então, por um instante, pareceu-lhe que estava sob uma grande luz, como no dia em que o Graal atravessara o salão. Lancelote estava sentado, na proa do barco. Ele não mais a tocara desde que ela lhe comunicara o que decidira e ela alegrou-se; um simples toque de sua mão lhe teria destruído a vontade. A bruma pairava sobre o lago e por um momento pareceu-lhe ver uma sombra, como se fosse a sombra de seu próprio barco, uma barca ornada de preto, com uma figura escura na proa... mas não era. Era apenas uma sombra, uma sombra...

O barco tocou a praia. Ele ajudou-a a saltar.

- Gwenhwyfar, tem certeza?

- Tenho - afirmou, tentando parecer mais segura do que se sentia.

- Então irei com você até a porta do convento - disse ele e de repente ela percebeu que isso exigia mais coragem dele do que toda a matança que cometera por sua causa.

A velha abadessa reconheceu a rainha suprema e ficou intimidada e surpresa de que ela tivesse voltado mas Gwenhwyfar contou-lhe a história que decidira: que as má-línguas haviam provocado discórdia entre Arthur e Lancelote por sua causa e ela escolhera refugiar-se ali, para que eles se reconciliassem.

A velha mulher acariciou-lhe o rosto como se ela fosse a pequena Gwenhwyfar que conhecera quando criança.

- A senhora é bem-vinda. Na casa de Deus não recusamos ninguém. Mas aqui não será rainha - avisou -, apenas uma de nossas irmãs.

Gwenhwyfar suspirou com profundo alívio. Ela não sabia, até então, quão pesado lhe era ser rainha.

- Devo despedir-me do meu cavaleiro, desejar-lhe boa sorte e instá-lo a fazer as pazes com meu marido.

A abadessa concordou gravemente:

- Nestes dias, nosso bom rei Arthur não pode dispensar um único de seus Cavaleiros e sobretudo o bom Sir Lancelote.

Gwenhwyfar foi para a ante-sala do convento. Lancelote lá estava, vagando sem descanso. Ele tomou-lhe as mãos.

- Não posso suportar dizer-lhe adeus aqui, Gwenhwyfar... ah, minha senhora, meu amor, tem de ser assim?

- Tem - afirmou impiedosamente, sabendo que pela primeira vez agia sem pensar em si mesma. - Seu coração sempre esteve com Arthur, meu querido. Frequentemente pensei que o maior pecado que cometemos não foi nos amarmos mas o fato de eu me interpor entre o amor que vocês tinham um pelo outro. Se pudesse sempre ser como na noite de Beltane, com o encantamento de Morgana entre nós três, pensou, teria sido um pecado menor. O pecado não foi dormirmos juntos mas o fato de ter havido discórdia e menos amor daí por diante. Devolvo-o a Arthur com todo o meu coração, querido. Diga-lhe que sempre o amei muito.

Seu rosto estava quase transfigurado.

- Sei disto agora - disse ele. - E sei também que sempre o amei e senti que estava errado em amá-lo - Ele a teria beijado mas não podia fazê-lo ali. Em vez disso, inclinou-se sobre sua mão. - Enquanto estiver na casa de Deus, reze por mim, senhora.

- Meu amor por você é uma prece. O amor é a única prece que conheço. Ela pensou que jamais o amara tanto quanto naquele momento quando ouviu a porta do convento bater-se, inflexível e sentiu as paredes fecharem-se ao seu redor.

Pelo meu amor. E pelo amor de Deus, pensou e sentiu uma sementinha de conforto brotando em seu íntimo. Lancelote iria à capela onde Galahad morrera e ali rezaria. Talvez se lembrasse do dia em que as brumas de Avalon se abriram e ela, ele e Morgana estavam juntos, perdidos, mergulhados nas águas do lago até os joelhos. Pensou em Morgana também, com uma súbita ternura e amor. Maria, Santa Mãe de Deus, ficai com ela também e trazei-a para vós um dia...

As paredes, as paredes haveriam de levá-la a loucura, fechando-a... ela jamais se libertaria outra vez... Não. Pelo seu amor, pelo amor de Deus ela até aprenderia a amá-las mais uma vez. Com as mãos juntas em prece, Gwenhwyfar foi para a clausura, onde ficou para sempre.

Morgana fala...

Pensei que estivesse além da Visão; Viviane, ainda mais jovem do que eu, renunciara a ela escolhera uma nova Senhora em seu lugar. Não havia ninguém para sentar-se no santuário da Senhora depois de mim e ninguém para aproximar-se da Deusa. Compreendi isso, indefesa, quando Niniane morreu e não pude estender a mão para impedi-lo. Liberei este monstro no mundo e consenti no movimento que o faria derrubar o Gamo-Rei. E vi de longe quando, na ilha do Dragão, o santuário foi derrubado e o veado caçado nas florestas, sem amor, sem desafio, sem pedir a Ela, que era a guardiã do veado, apenas flechas ao longe e a lâmina da lança, seu povo caçado como o seu animal. As mudanças ocorriam no mundo. Houve um tempo em que ela viu Camelot, também, deslizando nas brumas e as guerras destruindo o país outra vez, os homens do norte, que eram seus novos adversários, saqueando e queimando... um novo mundo e novos deuses.

A Deusa partira com certeza, até mesmo de Avalon e eu, mortal como sou, fiquei lá, sozinha...

E no entanto, uma noite, um sonho, um pressentimento, algum fragmento da Visão levou-me, na hora da lua negra, ao espelho.

Primeiro vi apenas guerras destruindo o país. Jamais soube o que aconteceu com Arthur e Gwydion embora, após Lancelote ter fugido com Gwenhwyfar, houvesse inimizade entre os velhos Cavaleiros, pois uma luta sangrenta fora declarada entre Gawaine e Lancelote. Mais tarde, Gawaine, esse homem de coração grande em seu último suspiro, pedira a Arthur para reconciliar-se com Lancelote e chamá-lo de volta a Camelot. Mas era tarde demais; nem mesmo Lancelote poderia voltar a chefiar as legiões de Arthur, não quando tantos seguiam Gwydion, que agora liderava metade dos homens de Arthur, a maioria dos saxões e até alguns renegados do norte contra o rei. E, antes do amanhecer, o espelho clareou e na luz sobrenatural eu vi o rosto de meu filho com a espada em punho, circulando lentamente, na escuridão, procurando...

Procurando, como Arthur um dia procurara, o Gamo-Rei. Esquecera-me de quão pequeno Gwydion fora, como Lancelote. Flecha do Duende era como os saxões chamavam Lancelote; pequeno escuro e mortal. Arthur elevava-se mais do que uma cabeça acima dele.

Ah, nos tempos da Deusa os homens lutavam contra o Gamo-Rei para tomá-lhe a realeza; Arthur contentara-se em esperar a morte de seu pai mas agora algo novo estava por vir sobre este país: pai e filho inimigos, filhos desafiando os pais pela coroa... parecia-me que eu podia ver a terra, onde os filhos não se contentavam em esperar pelo dia da coroação, tingir-se de sangue. E agora, na escuridão circundante, parecia que eu podia ver Arthur também, alto, belo e solitário, repudiado por seus homens... e a Excalibur nua em suas mãos.

Em torno das figuras, à espreita, eu podia ver Arthur em sua tenda, inquietantemente adormecido, Lancelote guardando-o no seu sono; e em algum lugar, também eu sabia que Gwydion dormia entre seu próprio exército. Ainda assim, uma parte deles estava de vigília as margens do lago, procurando na escuridão, as espadas nuas, uma contra a outra.

- Arthur! Arthur, levante-se para o desafio, ou tem tanto medo de mim?

- Nenhum homem pode dizer que fugi a um desafio. - Arthur virou-se, quando Gwydion saiu da floresta. - Então - disse -, é você, Mordred. Jamais acreditei muito que tinha se voltado contra mim e nem mesmo agora, quando o vejo com meus próprios olhos. Pensei que aqueles que me contaram isso queriam minar minha coragem, insuflando-me o que de pior podia acontecer. O que fiz? Por que virou meu inimigo? Por quê, meu filho ?

- Acredita que alguma vez fui outra coisa senão seu inimigo, meu pai? Para o que mais fui concebido, a não ser para este momento em que o desafio por uma causa que está além das fronteiras deste mundo? Não sei mais por que devo desafiá-lo, a não ser que não me reste mais nada na vida que este ódio.

Arthur perguntou mansamente:

- Eu sabia que Morgana me odiava mas não imaginava quanto. Tem que fazer a sua vontade, Gwydion?

- Pensa que faço o que ela deseja, seu tolo? Se algo me fizesse poupá-lo seria isto: o fato de saber que Morgana assim o deseja, que ela quer vê-lo destronado. Não sei se odeio mais a você do que a ela...

E então, avancei no seu sonho ou visão ou o que quer que fosse e sabia que estava as margens do lago, onde eles se desafiavam, de pé entre eles, vestida com as roupas de sacerdotisa.

- Tem que ser assim? - Pedi a ambos em nome da Deusa, que parassem com a luta. - Pequei contra você, Arthur e contra você, Gwydion mas seu ódio é por mim, não um pelo outro e em nome da Deusa eu lhes imploro...

- O que significa a Deusa para mim? - Arthur agarrou o punho da Excalibur. - Eu a vi sempre em seu rosto mas você se afastou de mim e quando a Deusa me rejeitou, busquei um outro deus.

E Gwydion disse, olhando-me com desprezo:

- Não preciso da Deusa mas da mulher que me criou e você me entregou nas mãos de alguém que não temia a Deusa ou qualquer deus.

Tentei gritar: - Não tive escolha ! Não a escolhi! - mas eles atacaram-se com as espadas, passando por mim como se eu fosse feita de ar e parecia que suas espadas se encontravam em meu corpo... E então eu estava outra vez em Avalon, olhando com horror no espelho onde não podia ver nada, nada mais que a enorme mancha de sangue nas águas sagradas do poço. Minha boca estava seca, meu coração batia como se quisesse furar as paredes do meu peito e o gosto da ruína e da morte era amargo em meus lábios.

Eu falhara, falhara, falhara! Fora falsa com a Deusa, se de fato havia alguma Deusa, a não ser eu mesma; falhara a Avalon, falhara a Arthur, falhara a meu irmão, filho e tudo o que eu buscara estava em ruínas. No céu havia uma faixa avermelhada, onde logo o

sol nasceria; eu estava certa de que em algum lugar, Arthur e Gwydion se encontrariam, nesse dia, pela última vez.

Quando me dirigia para a praia para chamar a barca, pareceu-me que todo o povo pequeno e escuro estava a minha volta e que eu andava entre eles como a sacerdotisa que fora. Estava sozinha na barca, porém sabia que outras estavam comigo, vestidas e coroadas. Morgana, a Donzela, que levava Arthur à caça ao veado e ao desafio ao Gamo-Rei, Morgana, a Mãe, que se partira em pedaços quando Gwydion nasceu e a rainha de Gales do Norte exortando o eclipse para incitar Acolon enfurecido contra Arthur, a sombria rainha das fadas, ou era a Morte que estava ao meu lado? E quando a balsa se aproximava das margens, ouvi o último de seus seguidores gritar:

- Veja. . veja lá, a balsa com as quatro fadas-rainhas no alvorecer, a balsa mágica de Avalon. .

Ele jazia lá, com os cabelos manchados de sangue, meu Arthur, meu amante, meu filho... e a seus pés jazia morto Gwydion, meu filho, a criança que jamais conhecera. Inclinei-me e cobri seu rosto com meu próprio véu. E eu sabia que era o fim de uma era. No passado, o jovem gamo derrubara o Gamo-Rei e tornara-se Gamo-Rei em seu lugar mas o gamo fora morto e o Gamo-Rei matara o jovem gamo e não haveria ninguém depois dele.

E o Gamo-Rei precisava morrer, por sua vez. Ajoelhei-me ao seu lado. - A espada, Arthur, a Excalibur. Segure-a em suas mãos. E atire-a nas águas do lago.

As Sagradas Insígnias foram-se para sempre deste mundo e a última delas, a espada Excalibur, precisava partir com ela. Mas ele murmurou, protestando, segurando-a firme: - Não, precisa ser mantida para aqueles que vierem depois, para lutar por suas causas, a espada de Arthur.

- Olhou nos olhos de Lancelote. - Tome-a, Galahad. Não ouve as trombetas de Camelot chamando a legião de Arthur? Tome... pelos Cavaleiros...

- Não - disse a ele com serenidade. - Esse dia acabou. Ninguém depois de você deve pretender ou reclamar a espada de Arthur. - Afroxei-lhe os dedos gentilmente. Tome, Lancelote - murmurei suave - lance-a bem longe nas águas do lago. Deixe que as brumas de Avalon a escondam para sempre.

Lancelote fez o que eu lhe dissera, silenciosamente. Não sei se ele me via ou quem ele pensava que eu era. E aninhei Arthur contra o peito. Sua vida desaparecia rápido, eu sabia disso mas não tinha mais lágrimas.

- Morgana - sussurrou ele. Seus olhos estavam intrigados e cheios de dor. - Morgana, tudo isso, o que fizemos e tudo o que tentamos fazer foi por nada? Por que falhamos?

Esta era minha própria pergunta e eu não tinha nenhuma resposta mas ela veio de algum lugar:

- Você não falhou, meu irmão, meu amor, meu filho. Você manteve esta terra em paz por muitos anos; por isso os saxões não a destruíram. Afastou a escuridão de uma geração inteira, até que eles fossem homens civilizados, com estudo, música e fé em Deus, que lutarão para salvar a beleza dos tempos passados. Se esta terra tivesse caído nas mãos dos saxões quando Uther morreu então tudo o que havia de belo e bom teria perecido na Bretanha. Então, você não falhou, meu amor. Nenhum de nós sabe como Ela fará cumprir os seus desígnios... apenas que ser feito.

E eu não sabia, mesmo então, se o que eu falava era a verdade ou se o dizia para confortá-lo com amor, como o fizera com a pequena criança que Ygraine me pusera nos braços quando eu mesma era uma criança. - Morgana - dissera ela -, tome conta do seu irmãozinho. - E assim eu o fiz sempre, assim eu o faria sempre, agora e além da vida... ou fora a própria Deusa quem me colocara Arthur nos braços?

Ele apertou os dedos enfraquecidos sobre o corte profundo no peito.

- Se eu tivesse ao menos a bainha que você fez para mim, Morgana, não estaria aqui com a vida esvaindo-se em sangue... Morgana eu sonhei e em meu sonho eu a chamava mas não conseguia alcançá-la...

Segurei-o junto a mim. Na primeira luz do sol nascente, vi Lancelote levantar a Excalibur nas mãos e atirá-la tão longe quanto podia. Ela voou no ar, caiu, rodopiando e eu não vi mais nada; meus olhos estavam enevoados com as lágrimas e o brilho da luz.

Então, ouvi Lancelote dizer: - Eu vi uma mão elevar-se do lago segurar a espada e brandi-la três vezes no ar, antes de submergir...

Eu nada percebera, apenas o brilho da Luz sobre um peixe que aparecera na superfície do lago mas não duvido que ele tenha visto o que disse que viu.

- Morgana - murmurou Arthur - é você realmente? Não posso vê-la, Morgana está tão escuro aqui... O sol está se pondo? Morgana, leve-me para Avalon, onde pode curar minha ferida... leve-me para casa, Morgana...

Sua cabeça pesava em meu peito, pesada como a criança em meus próprios braços infantis, pesada como o Gamo-Rei que viera para mim triunfante. - Morgana - chamara minha mãe, impaciente - tome conta do bebê. - E toda a minha vida eu o carregara comigo. Segurei-o junto a mim e limpei as lágrimas de seu rosto com o véu e ele tomou-me a mão entre as suas.

- Mas é você realmente, é você, Morgana... Voltou para mim. . e está tão jovem e bela... sempre verei a Deusa em seu rosto... Morgana, você não me deixará de novo, não é?

- Nunca mais o deixarei, meu irmão, meu bebê, meu amor - sussurrei e beijei-lhe os olhos. Ele morreu logo que a bruma se levantou e o sol raiou sobre as praias de Avalon.

## Epilogo

Na primavera do ano seguinte Morgana teve um sonho curioso.

Ela sonhou que estava na antiga capela cristã de Avalon, construída, nos velhos tempos, por José de Arimatéia que ali viera, proveniente da Terra Santa. Lá, diante do altar onde Galahad morreria, estava Lancelote. Em seu sonho, ela dirigiu-se, como jamais o fizera em uma igreja cristã, ao altar, para a partilha do pão e do vinho. Lancelote inclinou-se e colocou-lhe a taça nos lábios e ela bebeu. E então, pareceu-lhe que ele se ajoelhava por sua vez e lhe dizia:

- Tome deste cálice, você, que serviu a Deusa. Pois que todos os Deuses são apenas Um e todos somos Um, que O serve. - E quando ela tomou o cálice nas mãos para colocá-lo nos lábios de Lancelote, por sua vez, a sacerdotisa para o padre, ele estava jovem e belo como fora há muitos anos. E ela viu que o cálice que estava em suas mãos era o Graal.

E então ele gritou, como o fizera quando Galahad se ajoelhara diante dele: - Ah, a luz... a luz... - E tombou para a frente, deitando-se nas pedras sem se mover. Morgana acordou em seu aposento isolado em Avalon com aquele grito de ruptura ainda soando em seus ouvidos e estava só.

Era muito cedo e sobre Avalon repousava cerrada neblina. Ela levantou-se e vestiu-se com a roupa escura de sacerdotisa mas jogou a mantilha em torno da cabeça de modo que a tatuagem do crescente se tornasse invisível.

Saiu silenciosamente para a quietude do amanhecer, tomando o atalho ao lado do Poço Sagrado. Através da quietude podia sentir passos silenciosos, silenciosos

como as sombras, atrás dela. Ela nunca estava só; o pequeno povo escuro sempre a servia embora raramente os visse - era sua mãe e sua sacerdotisa e eles jamais a deixariam. Mas quando se aproximou das sombras da antiga capela cristã, os passos cessaram gradualmente; eles não a seguiriam nesse solo. Morgana parou a porta.

Dentro da capela havia um brilho de luz, a luz que eles sempre mantinham em seu santuário. Por um momento a lembrança do sonho era tão real que Morgana foi tentada a entrar... Ela mal podia acreditar que não veria Lancelote lá, abatido pelo brilho mágico do Graal... mas enganara-se. Ela nada tinha a fazer ali, estava fora de seu alcance.

Todavia, o sonho permanecia com ela. Fora um aviso? Lancelote era mais jovem do que ela mesma... Ela não sabia quanto tempo se passara no mundo exterior. Avalon então, perdera-se nas brumas que estavam ali como tinham estado uma vez no país das fadas, quando ela era jovem - enquanto um único ano se passava em Avalon, três ou cinco ou até mesmo sete se passavam no mundo exterior. E assim, o que lhe restava fazer devia ser feito logo enquanto ainda podia ir e vir entre os mundos.

Morgana ajoelhou-se diante da Sarça Sagrada e murmurou uma prece a Deusa, pedindo-lhe a liberação da árvore, então cortou um galho para plantar. Não era a primeira vez que o fazia, nos últimos anos, sempre que alguém chegava a Avalon e voltava ao mundo lá de fora, um druida andarilho ou um padre peregrino... pois que alguns deles ainda podiam vir a antiga capela de Avalon... ela mandava com eles um galho da Sarça Sagrada, para que assim pudesse florescer no mundo exterior. Mas esta ela plantaria com as próprias mãos.

Nunca exceto na coroação de Arthur ela pisara o chão da outra ilha... a não ser, talvez, naquele dia em que as brumas se abriram e Gwenhwyfar, de algum modo, caíra ou se perdera nelas. Mas agora, deliberadamente ela chamava a barca e quando estava no meio do lago enviou-a para dentro das brumas, de forma que, quando voltasse a deslizar em direção a luz do sol, pudesse ver a longa sombra da igreja repousando sobre o lago e ouvir o suave dobre de um sino. Observou seus seguidores encolherem-se com o som e sabia que ali também eles não a seguiriam. Então, que fosse a última coisa que desejou foi ver os padres daquela ilha olhando com medo e pavor para a barca de Avalon. Invisível, deslizou para a praia e, sem ser vista, pisou-a, observando a barca enfeitada de negro desaparecer de novo nas brumas. E então, com a cesta nos braços - como qualquer mercadora ou velha caminhante em peregrinação, pensou - subiu silenciosamente o atalho que a levaria para fora da praia.

Apenas uma centena de anos ou menos, certamente menos em Avalon, estes mundos divergem entre si, entretanto o mundo já difere aqui. As árvores e os caminhos estavam diferentes e ela parou, intrigada, ao pé de uma pequena colina - não havia nada que se parecesse com Avalon? Ela pensara que, de algum modo, a terra seria a mesma, que só as construções estariam mudadas; afinal de contas era a mesma ilha, separada somente por mágica mudança... Mas agora via que elas eram muito diferentes.

E vislumbrou, descendo a colina em direção a pequena igreja, uma procissão de monges que seguravam consigo, caminhando em direção a igreja, um corpo num caixão.

Então eu vi, até mesmo o que pensei ser um sonho. Ela parou e a medida que os monges pousavam o corpo antes de levá-lo para dentro da igreja, adiantou-se e retirou a mortalha de sobre a face do morto.

O rosto de Lancelote estava calmo e marcado, muito mais velho do que quando se haviam separado... Ela não queria pensar em quanto ele estava mais velho. Mas sua visão durou um momento; depois lhe descobriu no rosto uma doce e maravilhosa paz. Ele jazia, sorrindo, olhando para além dela e ela sabia sobre o que seus olhos repousavam.

- Então enfim encontramos o Graal - murmurou ela.

Um dos monges que o carregava disse:

- Porventura você o conheceu no mundo, irmã? - Ela sabia que, com sua roupa escura, podia-se pensar que era uma deles.

- Ele era um. . um parente meu.

Primo, amante, amiga... mas foi há muito tempo. E, no fim, nós éramos sacerdote e sacerdotisa.

- Eu pensei que assim fosse, porque eles o chamavam Lancelote na corte de Arthur, nos velhos tempos mas aqui entre nós era chamado de Galahad. Ele esteve conosco por muito tempo e fez-se padre apenas há alguns anos.

Você veio tão longe em sua busca de Deus que Ele não poderia desprezá-lo, meu primo!

Os monges carregaram-no e levantaram-no aos ombros. Aquele que lhe falara pediu :

- Reze por sua alma, irmã. - Ela inclinou a cabeça. Não podia sofrer, não nesse momento, quando vira o reflexo daquela luz distante em seu rosto. Mas não o seguiria até a igreja. Aqui o véu é tênue. Aqui Galahad se ajoelhou e viu a luz do Graal na outra capela, a capela de Avalon e alcançou-o, alcançou-o através dos mundos e morreu... E enfim Lancelote seguira seu filho.

Morgana andava vagarosamente, ao longo do caminho, aprontando-se para o que viera fazer. Que diferença fazia então? Mas quando parou, irresoluta, um velho jardineiro, ajoelhado perto do canteiro de flores atrás do caminho ergueu a cabeça e lhe perguntou:

- Eu não a conheço, irmã, não é uma das que moram aqui. É uma peregrina?

Não como o homem pensava mas assim o era, de certa forma.

- Eu busco o jazigo de uma parenta... Ela foi a Senhora do Lago...

- Ah, sim, foi há muitos, muitos anos, no reinado do bom rei Arthur. Fica lá adiante, onde os peregrinos que vêm a ilha podem vê-lo. E, de lá, o caminho leva para o convento das irmãs e se estiver com fome, irmã, lhe darão algo para comer.

Chegamos a isto eu pareço uma mendiga? Mas o homem não tinha más intenções, assim ela agradeceu-lhe e caminhou na direção para onde ele tinha apontado.

De fato, Arthur construía para Viviane um túmulo nobre. Mas quem repousava ali não era Viviane; nada jazia ali, a não ser os ossos, lentamente retornando a terra de onde tinham vindo... E todas as coisas, afinal, abandonam o corpo e o espírito a guarda da Senhora outra vez... Por que fazia tanta diferença para ela? Viviane não estava ali. Todavia, quando se levantou estava chorando.

Depois de algum tempo, uma mulher com vestes escuras, muito parecida com ela mesma, com um véu branco na cabeça, aproximou-se.

- Por que chora, irmã? Aquela que descansa aqui está em paz e nas mãos de Deus. Ela não precisa do seu pranto. Seria talvez parenta sua?

Morgana assentiu, inclinando a cabeça para esconder as lágrimas.

- Rezamos sempre por ela - contou a freira - pois embora não saibamos seu nome, disseram-nos que era amiga e benfeitora do bom rei Arthur nos longínquos dias.

- Baixou a cabeça e murmurou algumas preces e enquanto rezava os sinos ainda tocavam. Morgana afastou-se. Então, no lugar das harpas de Avalon, Viviane tinha apenas esses sinos e salmos monótonos?

Nunca pensei que estaria lado a lado com uma dessas freiras, unindo-me a ela na prece. Mas lembrou-se do que Lancelote dissera em seu sonho.

Leve este cálice, você que serviu a Deusa. Pois que todos os Deuses são Um...

- Venha ao claustro, irmã - convidou a freira, sorrindo e pousando a mão em seus braços. - Deve estar com fome e cansada.

Morgana foi com ela até os portões do claustro mas não podia entrar.

- Não estou com fome mas se puder dar-me um pouco de água...

- Claro. - A mulher de preto entrou e uma jovem veio e trouxe a jarra de água, que despejou em um copo.

Quando Morgana a levou aos lábios ela disse:

- Bebemos apenas a água do poço, é um lugar santo, sabe? Era como se a voz de Viviane lhe soasse nos ouvidos: - A sacerdotisa bebe apenas água do Poço Sagrado.

A freira e a jovem, vestidas de negro, voltaram-se e inclinaram a cabeça diante de uma mulher que saía do claustro e a religiosa que a guiara disse-lhe:

- Esta é nossa abadessa.

Morgana pensou: Eu já a vi em algum lugar. Mas enquanto pensava, a mulher disse:

- Morgana, não me reconhece? Pensamos que já estivesse morta há muito tempo...

Morgana sorriu-lhe, confusa :

- Sinto muito. Não...

- Não, não se lembraria de mim embora a tenha visto algumas vezes em Camelot; eu era muito mais jovem. Meu nome é Lionors. Fui casada com Gareth e depois que todos os meus filhos cresceram, vim para cá a fim de terminar meus dias. Veio para o funeral de Lancelote então? - Ela sorriu: - Ou devia ter dito Padre Galahad mas é difícil lembrar e agora ele está no Céu e não importa. - Sorriu de novo. - Nem sei quem é o rei agora ou se Camelot ainda está de pé... há guerra no país de novo e não é como nos tempos de Arthur. Tudo me parece muito distante - acrescentou com desprendimento.

- Vim para visitar o túmulo de Viviane. Ela foi enterrada aqui... lembra-se?

- Eu vi o túmulo - disse a abadessa - mas foi antes mesmo de eu ter chegado a Camelot.

- Tenho um favor para lhe pedir - disse Morgana, tocando a cesta que trazia nos braços. - Isto é a Sarça Sagrada que cresce nas colinas de Avalon, onde dizem que o pai adotivo de Cristo enterrou seus seguidores que morreram. Naquele solo ela nasceu. Gostaria de plantar um ramo da sarça em seu túmulo.

- Plante-a, se assim o quiser - concordou Lionors.

- Não vejo como alguém poderia objetar a isso. Parece-me certo que deva estar aqui no mundo e não escondido em Avalon.

Ela olhou para Morgana, desapontada:

- Avalon! Veio daquela terra impura?

Morgana pensou: Em outros tempos eu teria me zangado com ela.

- Não é impura, o que quer que os padres digam Lionors - disse gentilmente. - Pense bem... teria o pai adotivo de Cristo enterrado seus seguidores lá, se a terra não lhe parecesse boa? O Espírito Santo não está em toda parte?

A mulher inclinou a cabeça.

- Tem razão. Mandarei que as noviças a ajudem a plantá-la.

Morgana preferia estar só mas sabia que a intenção era gentil. As noviças pareciam-lhe não passar de crianças, eram moças de dezenove ou vinte anos, tão jovens que ela se perguntou - esquecendo-se de que ela própria se tornara sacerdotisa quando tinha dezoito anos - como podiam elas saber o suficiente sobre as coisas espirituais para escolherem aquele tipo de vida. Pensava que as freiras de um convento deviam ser tristes e



sombrias, sempre conscientes daquilo que os padres falavam sobre o pecado de ter nascido mulher mas essas eram inocentes e alegres como pardais, falando alegremente com Morgana de sua nova capeia e convidando-a a repousar enquanto cavavam elas próprias o buraco com as pás.

- E é algum parente seu que está enterrado aqui - perguntou uma das moças.

- Pode ler o que diz? Jamais pensei que aprenderia a ler, pois minha mãe disse que não era apropriado mas, quando vim para cá eles me disseram que eu precisava ser capaz de ler o missal que agora leio em latim! - E orgulhosamente, leu: - O rei Arthur mandou erigir este túmulo para sua parenta e benfeitora, a Senhora do Lago, morta por traição na corte de Camelot, não posso ver a data mas foi há muito tempo.

- Ela deve ter sido uma mulher muito santa - disse outra moça -, pois Arthur, dizem, foi o melhor e o mais cristão de todos os reis. Ele jamais enterraria uma mulher aqui, a menos que fosse uma santa!

Morgana sorriu; elas a faziam lembrar as donzelas da Casa das Moças.

- Eu não a chamaria de santa embora a amasse. Em seu tempo, havia quem a chamasse de feiticeira perversa.

- O rei Arthur nunca enterraria uma feiticeira perversa entre as pessoas santas - afirmou a moça. - E quanto a feitiçaria... bem, há padres ignorantes e gente ignorante, que estavam sempre prontos a acusar uma mulher de bruxaria se ela fosse apenas um pouco mais sábia do que eles também! Ficar aqui e tomará o véu, mãe? - perguntou e Morgana, por um momento, surpresa com a pergunta, deu-se conta de que falavam com ela com a mesma deferência e respeito com que as suas próprias donzelas o faziam na Casa das Moças, como se fosse uma anciã.

- Fiz votos em outro lugar, minha filha.

- O seu convento é tão agradável como este? Madre Lionors é uma mulher gentil e somos muito felizes aqui... Uma vez tivemos entre nossas irmãs uma mulher que fora rainha. E sei que vamos para o Céu, todas nós - a moça sorriu - mas se a senhora fez votos em outro lugar, tenho certeza de que é um bom lugar também. Apenas pensei que pudesse querer ficar aqui, para, assim, poder rezar pela alma de sua parenta. - E levantou-se, limpando o hábito escuro. - Agora pode plantar sua muda, mãe... ou quer que eu a ponha na terra?

- Não, eu o farei - disse Morgana, ajoelhando-se para pressionar a terra macia em volta das raízes da planta. Quando ela se levantou, a outra lhe propôs:

- Se quiser, mãe, prometo vir aqui e dizer uma prece todos os domingos por sua parenta.

Por alguma razão absurda, Morgana sentiu que as lágrimas lhe assomavam aos olhos.

- Orações são sempre boas. Sou-lhe grata, filha.

- E poderá em seu convento, onde quer que seja, rezar por nós também - completou a outra com simplicidade, tomando a mão de Morgana quando ela se levantou.

- Deixe-me tirar a terra de suas vestes, mãe. Agora precisa vir ver nossa capela.

Por um momento Morgana sentiu-se inclinada a protestar. Ela jurara, ao deixar a corte de Arthur pela última vez, que jamais entraria de novo em nenhuma igreja cristã mas a moça era tão parecida com suas próprias jovens sacerdotisas que ela não profanaria o nome pelo qual conhecia seu Deus. Deixou-se levar para o interior da igreja.

Nesse outro mundo, pensou, aquela igreja onde os antigos cristãos adoravam seu Deus tinha de ficar neste mesmo lugar; alguma santidade de Avalon tinha, certamente,

transposto o mundo através das brumas... Não se ajoelhou nem se persignou mas inclinou a cabeça diante do altar da igreja e então a moça puxou-a gentilmente pela mão.

- Venha. O altar principal é de Deus e eu tenho um pouco de medo daqui, sempre... Mas se não viu nossa capela... a capela das irmãs... Venha, mãe.

Morgana seguiu a jovem para dentro da pequena capela lateral. Havia flores, braçadas de botões de flor de macieira diante da estátua de uma mulher com um véu, coroada por um halo de luz e em seus braços ela carregava uma criança Morgana respirou, trêmula e baixou a cabeça diante da Deusa.

A moça contou:

- Aqui temos a Mãe de Cristo, Maria Santíssima. Deus é tão grande e terrível que sempre sinto medo diante de Seu altar mas aqui na capela de Maria, nós, que fizemos votos de castidade, podemos considerá-la nossa Mãe também. E, veja, aqui temos as pequenas imagens dos santos: Maria, que amou Jesus e lavou-lhe os pés com seus cabelos e Marta, que cozinhou para ele e brigava com sua irmã quando ela também não o fazia. Gosto de pensar em Jesus quando ele era um homem real, capaz de fazer tudo pela mãe, quando ele transformou água em vinho nas bodas, pois assim não haveria tristeza porque não havia vinho para todos. E aqui está a velha imagem que o bispo nos deu, de seu país natal... um de seus santos, seu nome é Brígida...

Morgana olhou a imagem de Brígida e sentiu o poder que emanava em grandes ondas, permeando a capela. Inclinou a cabeça. Mas Brígida não é uma santa cristã, pensou, ainda que Patrício assim o pense. Essa é a Deusa como é adorada na Irlanda. E sei disso e mesmo que eles pensem de outra forma estas mulheres conhecem o poder do Imortal. Exila-a, como pode acontecer, não a impedirá de fazer o que tiver que ser feito. A Deusa jamais se retirará do meio da humanidade. E Morgana inclinou a cabeça e sussurrou a primeira prece sincera que jamais dissera em uma igreja cristã.

- Ora, veja - mostrou a noviça, quando a levou para fora, para a luz do dia - temos uma das Sarças Sagradas aqui também, não aquela que plantou no túmulo de sua parenta.

E pensei que podia intrometer-me nisso, pensou Morgana. Certamente, a Sarça Sagrada viera, por si só, de Avalon, movendo-se, como as coisas sagradas que haviam sido retiradas de Avalon para o mundo dos homens onde eram mais necessárias. Permaneceria oculta em Avalon mas seria mostrada no mundo também. - Sim, vocês têm a Sarça Sagrada e nos dias que estão por vir, tanto tempo quanto durar esta terra, no Natal toda rainha receberá a Sarça Sagrada como símbolo Dela, que é rainha tanto no Céu como em Avalon.

- Não sei do que está falando, mãe mas agradeço por sua bênção - disse a jovem noviça, sorrindo. - A abadessa a espera na casa de hóspedes... Tomará o desjejum com a senhora. Mas se quiser, talvez possa ficar na Capela de Nossa Senhora antes e rezar um pouco. Algumas vezes, quando se está só com a Santa Mãe ela pode tornarmos as coisas claras.

Morgana assentiu, incapaz de falar e a jovem continuou:

- Muito bem. Quando estiver pronta, venha para a casa de hóspedes. - Ela apontou e Morgana voltou para o interior da capela, inclinou a cabeça e entregando-se afinal, afundou-se sobre os joelhos.

- Mãe - murmurou - perdoe-me. Pensei que tinha de fazer o que, agora vejo, pode fazer por si mesma. A Deusa está dentro de nós, sim mas agora sei que está no mundo também, agora e sempre, tanto quanto está em Avalon e no coração dos homens e

das mulheres. Fique comigo também, guie-me, diga-me o momento em que deverei deixar-me levar por sua vontade...

Ela estava quieta, ajoelhada por um longo tempo, de cabeça baixa mas então, como que compelida, olhou para cima e, como tal vira no altar da antiga irmandade cristã em Avalon, como vira quando o carregara no salão de Arthur, viu uma luz no altar e, nas mãos da Senhora, a sombra, apenas a sombra, de um cálice...

Está em Avalon mas está aqui. Está em toda parte. E aqueles que precisam de um sinal neste mundo sempre o verão.

Havia um doce perfume que não vinha das flores e por um instante pareceu a Morgana que era a voz de Ygraine que lhe murmurava mas ela não podia ouvir as palavras e as mãos de Ygraine que lhe tocavam a cabeça. Quando se levantou, cega pelas lágrimas, algo caiu sobre ela, de repente, como uma grande luz.

Não, não falhamos. O que disse para confortar Arthur na hora de sua morte era verdade. Cumpri a tarefa da Mãe em Avalon até que o último daqueles que vieram depois de nós pôde trazê-la para o mundo. Não falhei. Fiz o que me foi dado fazer. Não era Ela mas eu, com meu orgulho, quem pensava que devia ter feito mais.

Fora da capela, o sol pousava sobre a terra e havia um cheiro fresco de primavera no ar. Onde as macieiras se moviam com a brisa da manhã ela podia ver os botões que trariam os frutos na estação devida.

Virou o rosto em direção a casa de hóspedes. Devia ir lá e tomar o desjejum com as freiras, falar talvez dos velhos tempos de Camelot? Morgana sorriu gentilmente. Não, ela estava cheia de ternura por elas, como pelas macieiras em flor mas aquele tempo passara. Virou as costas para o convento e desceu para o lago, ao longo do caminho. Aquele era um lugar onde o véu que existia entre os mundos era tênue. Não precisava mais chamar a barca - só precisava caminhar através das brumas e chegar a Avalon.

Sua tarefa estava cumprida.

## A autora e sua obra

Autora de "As brumas de Avalon", um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos anos, Marion Zimmer Bradley é uma senhora simpática que foi casada duas vezes e tem dois filhos. Mora atualmente em Berkeley, na Califórnia, numa casa simples e confortável, onde tem como companhia uma vasta biblioteca, uma coleção de discos de ópera e um gato, batizado com o nome de Mozart. Acorda quase sempre as cinco horas da manhã, faz lanche bem forte, assiste ao noticiário da TV e depois trabalha durante cinco horas seguidas. Após o almoço, conversa com seus editores pelo telefone, visita o atual marido (que mora em outra casa) e passa o resto do dia vendo televisão ou filmes no videocassete. Não se considera adepta do feminismo, embora seus livros sejam narrados sob a ótica das mulheres.

Todavia, a vida de Marion Bradley nem sempre foi assim. Nascida num subúrbio de Nova York em 1930, no auge da grande depressão econômica, seus pais eram muito pobres, impossibilitados, portanto, de propiciar-lhe uma educação esmerada. Teve que começar a trabalhar muito cedo, chegando a ser garçonete e faxineira. Ao completar dezesseis anos, ganhou uma máquina de escrever da mãe, que pretendia vê-la uma datilógrafa e, posteriormente, secretária de alguma grande empresa. Mas Marion utilizou o presente para outros fins: começou a escrever histórias. No início, para sobreviver, sujeitou-se a produzir uma série de romances sensacionalistas, folhetinescos. Traziam traços de homossexualismo feminino (o que era um escândalo na época) e eram assinados com pseudônimos masculinos.

Marion Bradley começou a ficar mais conhecida como escritora de ficção científica com os dezesseis volumes da série "Darkover", de boa aceitação popular mas pouco valor literário. "As brumas de Avalon" levou quase vinte anos para ser concluído, depois de uma exaustiva pesquisa que incluiu a geografia de Somerset e a localização de Camelot, passando por trechos das Escrituras (especialmente traduzidos para a autora do Testamento Grego). Mas a descoberta desse mundo mágico começou muitos anos antes - exatamente aos dez anos de idade - quando ganhou do avô um velho exemplar de "As fábulas do rei Arthur", de Sidney Lamier que Marion quase chegou a conhecer de cor de tanto reler.

Em "As brumas de Avalon", pela primeira vez o mundo do rei Arthur é revelado através de suas heroínas: a rainha Guinevere, ou Gwenhwyfar, sua mulher; Ygraine, sua mãe; Viviane, a impressionante Senhora do Lago; e a fada Morgana, a bruxa que - desempenha papel crucial nessa versão da saga. O livro obteve impressionante sucesso desde o lançamento em 1982, tanto nos Estados Unidos como no resto do mundo.

Em 1985, Marion Bradley lançou um novo livro especialmente destinado ao público infantil embora seja lido com igual prazer por adultos: "A filha da noite", baseado na ópera "A flauta mágica", de Mozart.

# Projeto Democratização da Leitura

[www.projetopdl.cjb.net](http://www.projetopdl.cjb.net)

Agradecimentos à toda a equipe do projeto, em especial [GISELE](#), que fez um trabalho excelente de correção desse volume, e a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuem conosco. Agradecimentos especiais aos nossos visitantes, que estão sempre enviando críticas, sugestões e votando no site.

OKIDOKI E EQUIPE  
[detonandohp@bol.com.br](mailto:detonandohp@bol.com.br)